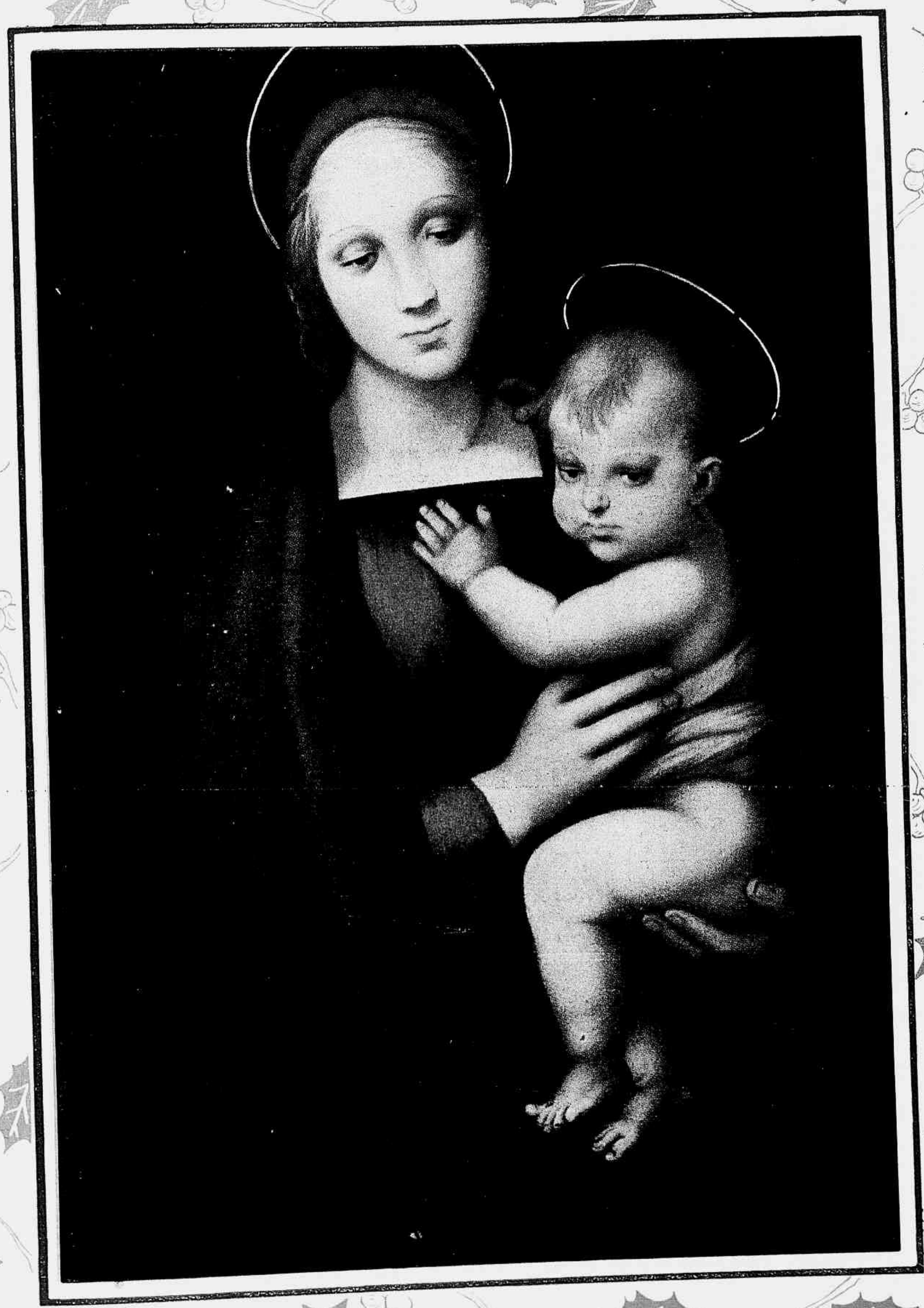
REVISTA DA SEMANA

N.º 51 CR$ 5,00 EM TODO O BRASIL 18-12-48

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL



EDIÇÃO DE NATAL

É um *Prazer* voar pela *PAA*

...E EIS AQUI 6.600 RAZÕES !

6.600 é o número de empregados atenciosos, bem treinados e *experientes* que a PAA põe ao seu dispor, para serví-lo: a tripulação de vôo... o agente que faz sua reserva... o pessoal de terra que mantém os Clippers em forma, dentro dos horários e atendem a múltiplos outros detalhes indispensáveis ao seu conforto, seja na agência, no aeroporto ou no ar.

É por isso que, desde o instante em que V. S. embarca num possante e luxuoso Clipper da PAA, até sua chegada ao destino, pode ficar descansado... e gozar realmente todas as fases de sua viagem. Porque V. S. sabe que está voando nas azas da *experiência*... do momento da partida ao momento da chegada.

E pode compreender também porque afirmamos com justificado orgulho...

Viaje pela PAA... melhor maneira não há!

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rêde dos Clippers Voadores

10.121 - BP - 241

Votos de NATAL

"EIS que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e chamá-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é Deus conosco."

Deus conosco! Pudessem os homens meditar cinco minutos por ano na magnitude do Natal e veriam quão inúteis se tornam perante o Eterno suas explosões de orgulho, ódio e vaidades. Jesus, que ao nascer numa mangedoura arrastou estrêlas do céu para iluminar-lhe o berço humilde; que atraiu com os halos de sua luz celestial os mais poderosos reis daqueles impérios para adorá-lo; que teve no firmamento coros de anjos a cantar a glória de Deus nas alturas, veio ao mundo para cumprir-se a profecia e tornar-se a Árvore da Vida.

Menino, extasiou os sábios com a sua dialética irrespondível: "De onde Lhe vêm estas coisas? Que sabedoria é esta?". Homem, evangelizou o mundo até ser crucificado.

E quando chega o Natal, em todos os lares da terra cristianizada se reverencia o dia do nascimento do Senhor. Há festas, votos de felicidade, luzes e árvores pejadas de brinquedos. Neste Natal de 1948, graças aos céus, o passamos em paz, não voltando os horrores da guerra a turbar o ambiente do mundo já cansado de sofrer. Embora jorre sangue em algumas nações, essas lutas são restritas e de caráter civil, na disputa de poderes locais. Queira Deus que Jesus ilumine a sabedoria dos homens que dirigem a humanidade e que uma nova guerra seja evitada, não mais perturbando a vida dos povos, banhando de sangue e lágrimas as noites de Natal.

A REVISTA DA SEMANA se congratula com todo o povo brasileiro pela paz que desfruta, e faz votos ao Criador para que o Brasil se robusteça na seara do trabalho fecundo e construtivo, jamais sendo envolvido em lutas fratricidas e em guerras externas, abatendo nas aras de Marte a flor de sua juventude, os fautores de seu porvir.

Vivemos numa terra onde não há os problemas do inverno cobrindo de neve os campos, gelando os rios, invadindo os lares. Enquanto na Europa, exausta e cheia de chagas que o veneno dos abuses não deixa cicatrizarem, populações famintas e andrajosas estão ameaçadas de morrer de frio, aqui, sob o calor fulgurante do sol tropical, podemos festejar o nascimento de Jesus sem as angústias de outros povos martirizados pela guerra das paixões. Agradeçamos a Deus o privilégio dessa felicidade e façamos preces ao Grande Arquiteto do Universo para que a todos os povos aflitos e torturados pela catástrofe da guerra volte a paz, a abundância, a felicidade fraterna, de forma que em todos os fins de ano fulgure um Natal de hinos e cânticos, de alegria e felicidade, de paz e trabalho, como êste que abençoa os lares do Brasil.

Sumario

SEÇÕES PERMANENTES

Votos de Natal 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 78

REPORTAGENS

Visões de uma Grécia pacífica (J. B. Kobe) 4/7
Por que amamos Portugal (Ruy Saulo) 16/17
Tournant decisivo na França (Celso Furtado) 44/46
Construindo a capital do mundo 27/28
Com os inglêses em sua casa (Nelson Vainer) 40/43
Reabrem-se os museus da Holanda 51/53
Austrália, paraíso dos botânicos (C. A. Gardner) 54/55
Assis, cidade do silêncio e da meditação (Gino Palmisano) 56/57
Na solidão dos Alpes austríacos (H. Schaffelhofer) 92/93

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) 11/14

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max) 84

VIDA LITERÁRIA

Livros Novos (João Luso) 10
Sôbre dois sonetos (Edmundo Lys) 20/21
Meio século de uma noite de glória (Arnauld de Corbie) 70
Oração do Natal (Aloísio de Castro) 71
Pianos e músicas (Mario Sette) 72
História e lenda do bolo de Natal (Ignez Mariz) 73
Saudades do Natal (Valdomiro Silveira) 74
Literatura do Natal (Eça de Queiroz) 80
Natal dos que amam, Natal dos que sofrem (Edgar Proença) 86

BIOGRAFIA

A vida de Flaubert (Henry Thomas e Dana Lee Thomas) 18

CONTOS

O aleijadinho da rua Sete (João Luso) 23
O Natal de um ladrão (A. T. Quiller Couch) 49
Saudades do Natal (Valdomiro Silveira) 74

RÁDIO

Broadcast (Armando Migueis) 94
Cancioneiro internacional 94
O ano cinematográfico 22
Boas-Festas de Hollywood 24/25

SUPLEMENTO DA MULHER

Bastidores femininos (O. B.) 31
A consoada 32/33
Para sua formatura 34/35
Para esperar Papai Noel 36/37
Penteados de verão 38/39
Decorações de Natal 58
A elegância não tem idade 59
Chapéus 60
Detalhes e novidades 61
Mães e filhos (Anamaria Célia) 62
"Maillots" 63
"Reveillon" 64/65
"Jeune-filles" 66/67
"Week-end" na cozinha 68

FOLHETIM

Drago 89/90

ILUSTRADORES

Armando Pacheco
Armando Moura
Jerônimo Ribeiro
Orlando Matos
Fernando Pereira
V. Tapajós
Théo

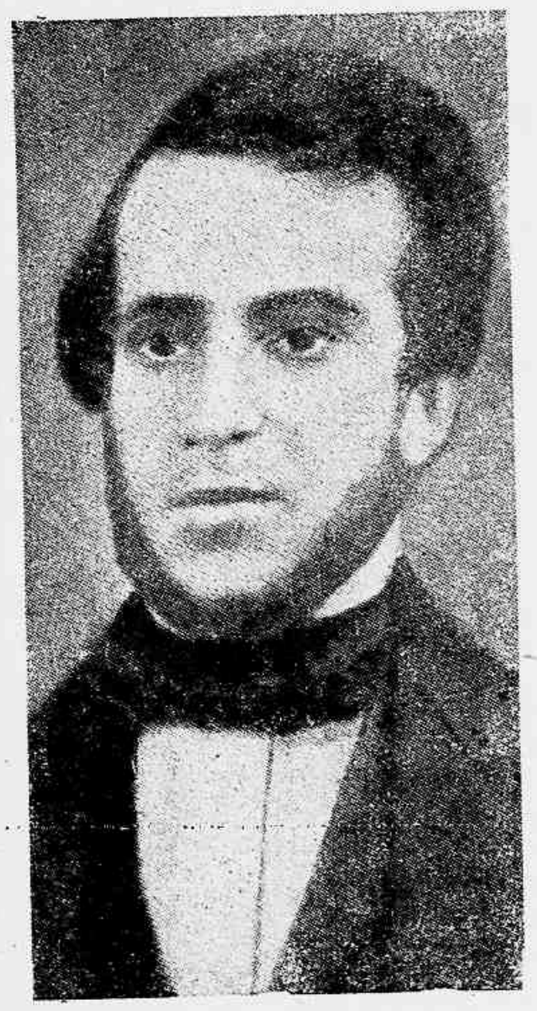
NOSSA CAPA

Em homenagem ao maior dia do Cristianismo, a data do nascimento de Jesus, dedicamos a capa desta edição à magnífica tela de Raphael Sanzio, pintor italiano que viveu de 1483 a 1520, e que deixou mais de quarenta telas de **Madonas** em louvor da Mãe de Cristo. Um dêsses famosos quadros ilustra a nossa capa do Natal, apresentando Nossa Senhora com o Menino Jesus recém-nascido.

Dizem que os mortos são depressa esquecidos. Nem sempre. O que se está verificando com o centenário do passamento de Luiz Carlos Martins Pena, é prova do que afirmamos. Seu nome é relembrado em todos os meios intelectuais do país e na imprensa lhe entoam hinos de vitória nas letras.

Esta revista, cumprindo seu programa de exaltação aos nomes que mais se destaquem no sentido do bem público, da cultura e do progresso, no decurso de suas edições, sente-se feliz em incluir na coluna dêste número o nome de Martins Pena, o criador da Comédia Brasileira, quando o mundo mental de sua pátria lhe desfolha na campa as flôres de suas homenagens.

Indiscutivelmente, a personalidade de Martins Pena é para os brasileiros um paradigma de perseverança e fé no poder da cultura literária e artística. Pobre, muito pobre ainda, é encerrado nos trabalhos de simples caixeiro de balcão no comércio do Rio, o que era muito comum naqueles tempos em que não se podia mandar os filhos estudar a Coimbra ou Paris.



Martins Pena, aproveitando os momentos de folga, obedeceu aos seus pendores para a literatura teatral, e escreveu "O juiz de Paz na Roça". Àquele tempo o autor teatral brasileiro não tinha público, nem empresários. O palco só representava peças estrangeiras traduzidas. Era chique. Mas o caixeiro que também era obrigado a tocar a bomba para encher tinas para o banho da mulher do patrão, viu com grande alegria sua peça de estréia iluminada pela luz das gambiarras. O povo a recebeu com aplausos.

Dali por diante, o autor auto-ditada avançou vertiginosamente na estrada do triunfo terminando na carreira diplomática. Sedento de saber, aperfeiçoou-se em línguas estrangeiras, cursando o inglês, o francês e o italiano.

Deixando o lugar de amanuense da Secretaria do Estrangeiro, foi distinguido com um pôsto diplomático em Londres, onde, infelizmente, o clima lhe foi hostil, produzindo sérios distúrbios em sua saúde a ponto de desiludi-lo de continuar na Inglaterra, de onde poderia conhecer outras grandes capitais da Europa.

Voltando para o Brasil, depois de enriquecer sua bagagem artística com outras obras de valor, morre quando chegava à capital portuguêsa, a 7 de dezembro de 1848, aos 33 anos de idade.

a Semana EM REVISTA

SÊCA NA AMAZÔNIA

Quando a gente fala ou ouve falar de Amazônia, vê em espírito o manancial hidrográfico que já foi considerado por Humboldt, como a região mais nova do Planeta. Tão nova que as águas ainda predominam sôbre a terra. À embocadura do Rio-Mar, enorme estuário com 300 quilômetros de largura e onde há ilhas diluvianas tão grandes como a Suíça, há indecifrável dedalo de terras e águas, canais, gargantas, igapós, igarapés, lagoas, charcos, pântanos, tudo um mundo aquático de intraduzível beleza quando visto do alto, de avião. Sim, porque de baixo, em meio do labirinto de tradições hidrográficas, o cidadão se arrepia de medo e não se anima a repetir certas façanhas, que só a mocidade justifica e estimula. A ilha de Marajó, por exemplo, que poderia ser um país, tanto na Europa como na América, encerra considerável quantidade de gado vacum, e jacarés aos milhões. Pasto abundante e rico, a ilha de inspirações marajoaras era o paraíso dos criadores e pecurasitas. Contudo, por mais incrível que pareça, acaba essa ilha de ser torturada pela mais terrível das calamidades: a sêca! A sêca, sim senhores. Na pátria da potamogenia, na ilha que parecia ter sido uma invenção de Noé para ancorar sua barca e que ainda mantinha o aspecto de emersa do dilúvio, verificar-se a tortura da sêca, é de duvidar dos nossos próprios olhos. Não somos supersticiosos, nem acreditamos em invenções do povo; mas, há certas cousas que nos deixam com a pulga atrás da orelha. Diz a História pela voz de Suetônio que, poucos dias antes de cair trucidado pelos seus inimigos no Senado Romano, Caio Júlio Cesar foi advertido da catástrofe pelos aurúspices; quem sabe se não veio essa sêca em Marajó com aquela praga aos jacarés: "deixa-te estar, jacaré, a lagoa vai secar"... E não secou mesmo?

CINEMA NACIONAL

Criaram também, entre nós, o "Dia do Cinema Nacional", a 5 de novembro, que, por sinal, êste ano caiu numa sexta-feira. A Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos da Capital Federal, organizou um programa de festas comemorativas de ambiente nacional, devendo ser comemorada a data por tôdas as formas e em todo o país. Não sabemos se assim aconteceu. Parece-nos que êsse "Dia" não recebeu as homenagens programadas e se escoou vulgarmente, imperceptivelmente, como o "Dia" das Mães ou qualquer desprestigiado. E foi pena. Já possuímos um Cinema Nacional. Com alguma dedicação e ligeira dose de boa vontade, os poderes públicos poderiam tornar êsse "Dia" num motivo de júbilo entre os brasileiros; mas, para começar, era necessário que a Prefeitura se recordasse de que há um Decreto-lei instituindo prêmio de cem mil cruzeiros ao melhor filme de longa metragem, e, se não estamos enganados, também o govêrno federal prometeu estimular nossos produtores com prêmios iguais. A quantos já foram entregues êsses Prêmios? Parece que ninguém viu a côr do dinheiro. E já é tempo de os poderes públicos prestigiarem o Cinema Nacional, concedendo-lhe auxílios, a exemplo do que acaba de fazer o govêrno inglês com a indústria fílmica britânica. Foi apresentado ao Parlamento um projeto que constituirá importante fator de progresso do Cinema Inglês, com a criação da "Sociedade de Financiamento do Filme Nacional", para empréstimos a produtores e distribuidores do valor inicial de cinco milhões de libras esterlinas, substituindo a Film Finance Co.., cujo capital é reduzido. Que tal se imitássemos os inglêses?

DOIS DESTINOS

A senhora H. Mawpy, da Inglaterra, nasceu no mesmo dia em que também veio ao mundo a Princesa Elizabeth; no mesmo dia em que se casou a Princesa, a sra. Mawpy se consorciou com o seu amado; continuando êsse páreo vida em fora, na mesma data em que a Princesa deu a luz o primogênito, no mesmo dia, 14 de novembro, a sra. Mawpy também aumentava a população de Londres com o primeiro rebento de seu amor. Dizem os telegramas que só houve uma diferença: o filho da princesa é um menino, e o de sua patrícia é uma menina. Só essa diferença? Não, há muitas: a menina da sra. Mawpy se batizará mesmo com água do Tamisa, enquanto o filho da princesa receberá aspersão de águas do Jordão; quando a sra. Mawpy sentiu sinais de parto, não houve dúvidas de que iria dar à luz; já com os herdeiros da corôa britânica êsse ato é cercado de protocolos e é preciso um ministro estar presente, numa câmara junto à alcova da delivrance, a fim de atestar que não houve fraude; quando o futuro Rei da Inglaterra veio ao mundo, 41 salvas de canhão troaram os ares londrinos anunciando o acontecimento que não sucedia há oitocentos anos; ao nascer a filha de Mrs. Mawpy ninguém fez barulho; quando nasceu o filho da Princesa, os Reis da Inglaterra passaram a ser avós, e, naturalmente a filha da sra. Mawpy não terá nenhum avô real; o primogênito da Princesa Elizabeth, quando crescer, não poderá abraçar o catolicismo, nem convolar núpcias com uma mulher católica, sob pena de perder o direito à Corôa da Inglaterra; já com a filha da sra. Mawpy nada disso sucederá. Poderá ser espírita, católica, protestante, materialista, enfim, o que lhe vier à vontade ou à vocação filosófica, não precisando dar contas a ninguém. Poderá amar, passear, viajar livremente. E o futuro Príncipe de Gales? Dois destinos, e o dela não é o pior...

VIVER EM PAZ

Informam telegramas de Joinvile, Santa Catarina, que duas moças daquela cidade, tornando-se inimigas, resolveram decidir a diferença a murros. "Amigos da Onça" aconselharam-nas a que o fizesse pùblicamente num "ring" de box. Logo que as duas desavindas concordaram, surgiu um sabidão e procurou tirar proveito do "match" inédito na região do "Babitonga", e começou a vender ingressos a cinco cruzeiros. O caso assumiu proporções de sensacionalismo e tôda a cidade se interessava pelo duelo feminino à luva de box.

Mas, ambas eram empregadas no comércio e os seus respectivos patrões, depois de muitos cálculos matemáticos, chegaram à conclusão de que suas auxiliares não deviam resolver suas questões particulares numa luta escandalosamente pública e paga a tantos cruzeiros por espectador.

Infelizmente, porém, as moças estavam firmes no seu propósito e não se conformaram com a intervenção dos seus chefes, mantendo-se inflexíveis no propósito de decidir a guerra de nervos com o auxílio dos músculos.

E o resultado foi o mais desastroso possível: seus patrões lhes deram o bilhete azul, e elas passaram a ver tudo preto. Divulgada a notícia de tão inesperado desfecho, o povo de Joinville comentou desfavoràvelmente aquela atitude dos chefes das mocinhas, vendo nisso falta de compreensão entre o capital e o trabalho.

Mas, aqui para nós, leitores, os patrões tiveram razão. Depois da luta, na certa essas meninas ficariam imprestáveis para o trabalho cotidiano, e a derrota de um delas refletiria, inevitàvelmente, no bom nome do estabelecimento. E lá vinha a conta da farmácia, ou do hospital... Não, meninas. E' melhor viver em paz.

ROSAS DA HOLANDA

Na convulsa e inquieta Europa, a Holanda se destaca como pátria do trabalho e da paz. Na paisagem pitoresca de seus moinhos, montada sôbre canais cujas terras são dos holandêses na conquista do mar, a Holanda fecha ouvidos às intrigas internacionais e trata de trabalhar para viver honestamente. Seus campos culticores de tulipas tão admiradas pelos inglêses, são como que um tapête mágico de felicidade e sonhos de mil e uma noites. Povo simples, religioso, com a devoção do trabalho, homens, mulheres, velhos e crianças têm todos sua participação no desenvolvimento do país, na estrutura de sua alta civilização. O prestígio da Holanda já era grande por tôdas as partes dêste mundo, e agora ainda mais avulta no conceito dos povos. Dizem notícias de Mook, que, nessa cidade da província de Limburgo, acabam de inaugurar uma fábrica de óleo de rosas. E' a primeira, no gênero, em tôda a Holanda, e sua fundação foi possível em virtude do apoio de pessoas que compreenderam a importância de produzir êsse óleo no próprio país. Os primeiros litros serão empregados a título de experiência; se houver êxito, outra fábrica será levantada na cidade de Drontho. O óleo de rosas de Mook será acondicionado em cápsulas. Muito bem. Quando em tôda a Europa só se ouve falar em lutas políticas internacionais, com imensos movimentos pregistas, arregimentação de tropas, experiências de aviões de bombardeio e de novas armas de guerra, vem-nos da Holanda privilegiada e feliz esta comovente notícia: — inaugura-se uma fábrica de óleo de rosas e outra mais será construída se der certo o negócio. E' mais uma prova de que possui o holandês o verdadeiro sentimento de humanidade: a candura do espírito.

CRISTIANISMO

E' da Inglaterra que, de quando em quando, nos vêm notícias desconcertantes. Agora mesmo nos diz o telégrafo que uma grande organização industrial dali, baixou sensivelmente os preços de seus artigos de exportação, a fim de que os lucros da emprêsa não fôssem tão elevados, diante do volume de suas vendas no estrangeiro, cada vez mais crescente. O lucro bruto dos laboratórios da Companhia em apreço será muito menor do que o anterior, obtendo-se isso deliberada e espontaneamente, com a fim de auxiliar o govêrno na sua política contra a inflação. Não é de abismar? Quando sabemos que, em geral, as grandes firmas comerciais, bancárias ou industriais, procuram aumentar seus lucros, essa emprêsa inglêsa os reduz voluntàriamente, dando inusitado exemplo de colaboração com o govêrno trabalhista de sua pátria. Segundo os estudiosos dêsses fenômenos, tudo isso é produto da evolução por que passa a humanidade no sentido do cristianismo, em oposição à filosofia do demonismo, que exige fabulosos lucros em favor de poucos e prejuízo da coletividade. Não podemos afirmar que os sentimentos de renúncia dos sócios da Companhia inglêsa se basearam nêsses princípios cristãos: mas, que simbolizam a evolução de uma época, não resta a menor dúvida. O exemplo não poderá frutificar, porquanto a base da sociedade humana ainda é o egoísmo. O govêrno inglês, porém, seguindo o seu programa, começa a despertar no espírito dos industriais e capitalistas britânicos, movimenta os de solidariedade que só costumam repontar por ocasião de guerras devastadoras ou de catástrofes nacionais. Seja como fôr, já sentimos que há luzes na tempestade.

ANO XLVII — REVISTA DA SEMANA — N.º 51 — 18-12-1948

Propriedade da CIA EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..... Cr$ 140,00 — Seis meses ..... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 170,00 — Seis meses ..... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 270,00 — Seis meses ..... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituyentes 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires.

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação.
Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados
Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ÊSTE NÚMERO CONSTA DE 96 PÁGINAS

Em baixo — Camponesa grega dos campos pedregosos de Megara, com suas mãos calosas pelo trabalho da terra. Em baixo — Trabalhadores de um campo de trigo, sulle ao fotógrafo os seus esforços dos campos de Megara

não o agricultor. A terra, porém, quem se não ter água, é castigada pela falta de água. Quando esta reportagem fotográfica foi tirada havia cerca de sessenta dias que não caía uma gota de chuva. Para que se consiga pequeno número de pessoas que trabalham de sol a sol — homens, mulheres e crianças — constantemente. Como não há maquinaria moderna tudo é feito pelos primitivos processos e as colheitas realizadas a mão. Não há transporte e toda a colheita é removida ao lombo de humildes jumentos. Um dos maiores problemas é a água. Para não perder plantações o lavrador tem que pagar lanceamento de água a preços elevados na base de aluguer de modo que em virtude dêsse dispêndio no final das contas e dificilmente o lucro que lhe resta após a venda de seus produtos agrícolas. Os que podem possuem modesto sistema de irrigação que consiste numa espécie de dique o qual aberta como se fosse uma torneira doméstica uma água de que o agricultor se aproveita e vai dirigindo pequenos canais com uma enxada. Êsse suprimento de água porém só é utilizado durante algumas horas e no trabalho diário e provém de um poço do povoado situado na cidade pagando cada lavrador uma taxa extra para ter direito a êsse serviço. Muitas plantações de milho e trigo são perdidas por falta de água crescendo murchadas e atrofiadas raízulas de seis a oito polegadas.

Há também extrema falta de leite de vaca. Durante a ocupação permitiu os soldados de Hitler destruírem o gado ou o levarem de forma que é a coisa mais rara dêste mundo ver-se uma criada nos campos da Grécia.

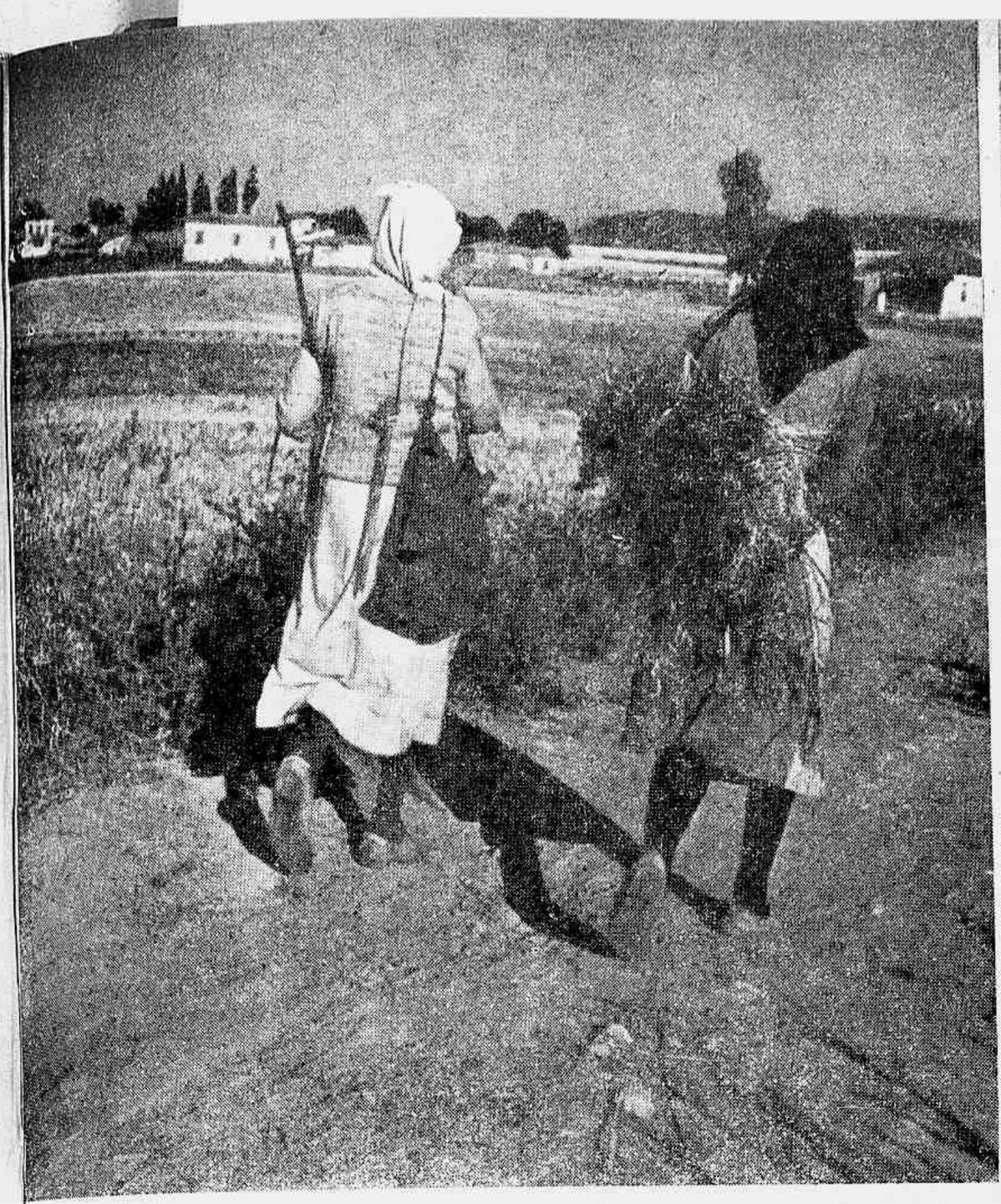
Por esse motivo o leite só é permitido para o consumo das crianças e isto mesmo em casos especiais. O próprio leite de cabra que também é consumido, torna-se difícil e não dá para nada.

Entretanto todas estas dificuldades não representam nada de novo para o povo grego dos campos seu período de vida não tem sido interrupto em centenas de anos e sua luta pela vida ultrapassa todas as dificuldades bem sua esta mesma na atitude perante as adversidades da Natureza e a paciência dos homens.

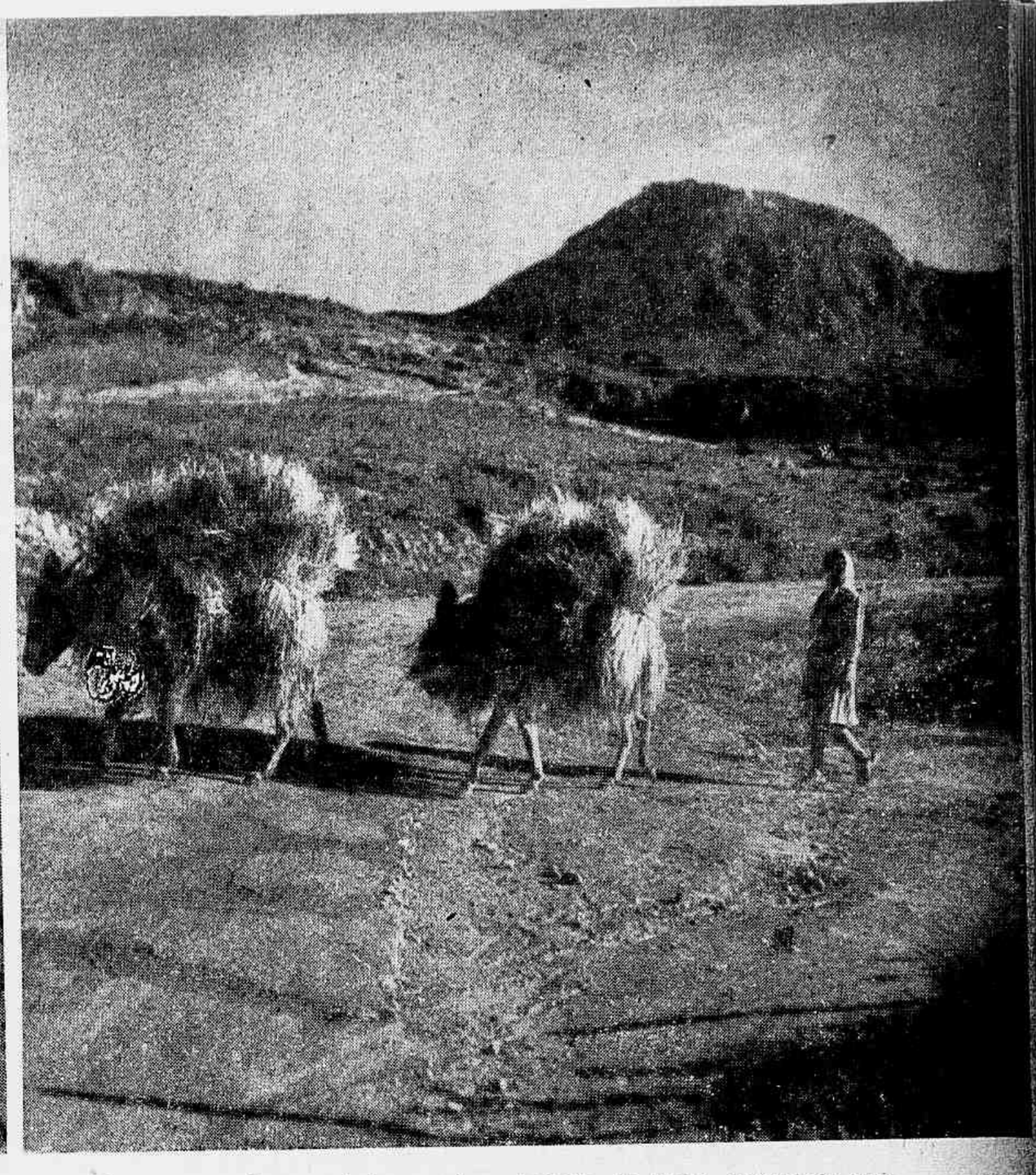
Nada nos pode por sucessivas guerras atlântica e desde [illegible] de lutas [illegible] a Grécia [illegible] sempre [illegible] de [illegible].

[illegible] entregadamente [illegible] deve ser [illegible] possíveis por [illegible] e [illegible] desenvolvimento [illegible] e [illegible] contra [illegible] em es[illegible] [illegible] controlável.

[illegible] êsse [illegible] e de



Mulheres trabalhadoras vêm de longe, tostadas pelo sol e ansiosas por um descanso em 24 horas de luta



Jovem camponêsa que ajuda os pais no trabalho do campo, conduzindo seus jericos no transporte de trigo

segurança e prosperidade interna? Sua população das zonas do norte e leste estão convulsionadas pelos exércitos do general Markos, líder dos guerrilheiros gregos na campanha contra o govêrno constituído. Através da U.N.R.R.A. o povo grego vinha recebendo trigo para matar a fome; o Departamento de Estado norte-americano vem fornecendo armas e munições ao exército regular da Grécia para vencer a guerra civil, estando ainda presentes junto ao govêrno de Atenas assessores militares e conselheiros experimentados, para que o êxito da legalidade não se faça demorar.

Infelizmente, porém, não somente os resultados de safras agrícolas e dos produtos da pecuária são insuficientes, como a contribuição da U.N.R.R.A. foi suprimida e não estão sendo satisfatórias as vitórias do exército regular nos campos de batalha da guerra civil.

Faz pouco tempo foram anunciadas ofensivas definitivas para esmagar os guerrilheiros de Markos; imprensa e cinema divulgaram as investidas dos soldados legais nas montanhas gregas, destruindo acampamentos e bases guerrilheiras; mas qual foi o final dessas ofensivas? Parece que tudo se mantém como dantes, isto é, os revolucionários a viver em seus ataques e sortidas e o exército legal sem poder determinar a situação grega.

Seus campônios lutam contra as desgraças advindas de guerras externas, de lutas internas e hostilidades da Natureza. Fazem sacrifícios de heróis, lembrando os soldados da velha Grécia diante dos inimigos; mas a resistência física também tem o seu limite e, quando êste chega, a resistência espiritual não pode persistir.

O drama da Grécia de nossos dias é uma página épica e merece a consideração do mundo.

Protegendo as cabeças contra o sol ardente, camponesas gregas colhem a safra do trigo

Cena muito comum em nossos sertões do nordeste, mas que foi obtida na Grécia

Na página ao lado — Mulheres que estão salvando a Grécia da fome, entregam-se de sol a sol à batalha das colheitas. Ao alto — Com seus instrumentos agrícolas primitivos, estas mulheres gregas colhem o trigo enchendo os aventais

VISÕES DE UMA GRÉCIA PACÍFICA

Texto de J. B. KOBE ★ **Fotos KEYSTONE**

APESAR da tremenda luta da guerra civil na Grécia, com suas tempestades de fogo e sangue, combalindo cada vez mais uma nação às portas da fome, mantêm os gregos a batalha quotidiana na luta pela vida.

Além do grande inimigo que é a guerra interna, sufocam a Grécia os desenfreados especuladores do mercado negro, que, com todas as suas manobras, impedem por todos os meios a restauração do país. Programas de ressurgimento material da Grécia não passam de sonhos, quando poderiam tornar-se possíveis não fossem a ganância e o impatriotismo.

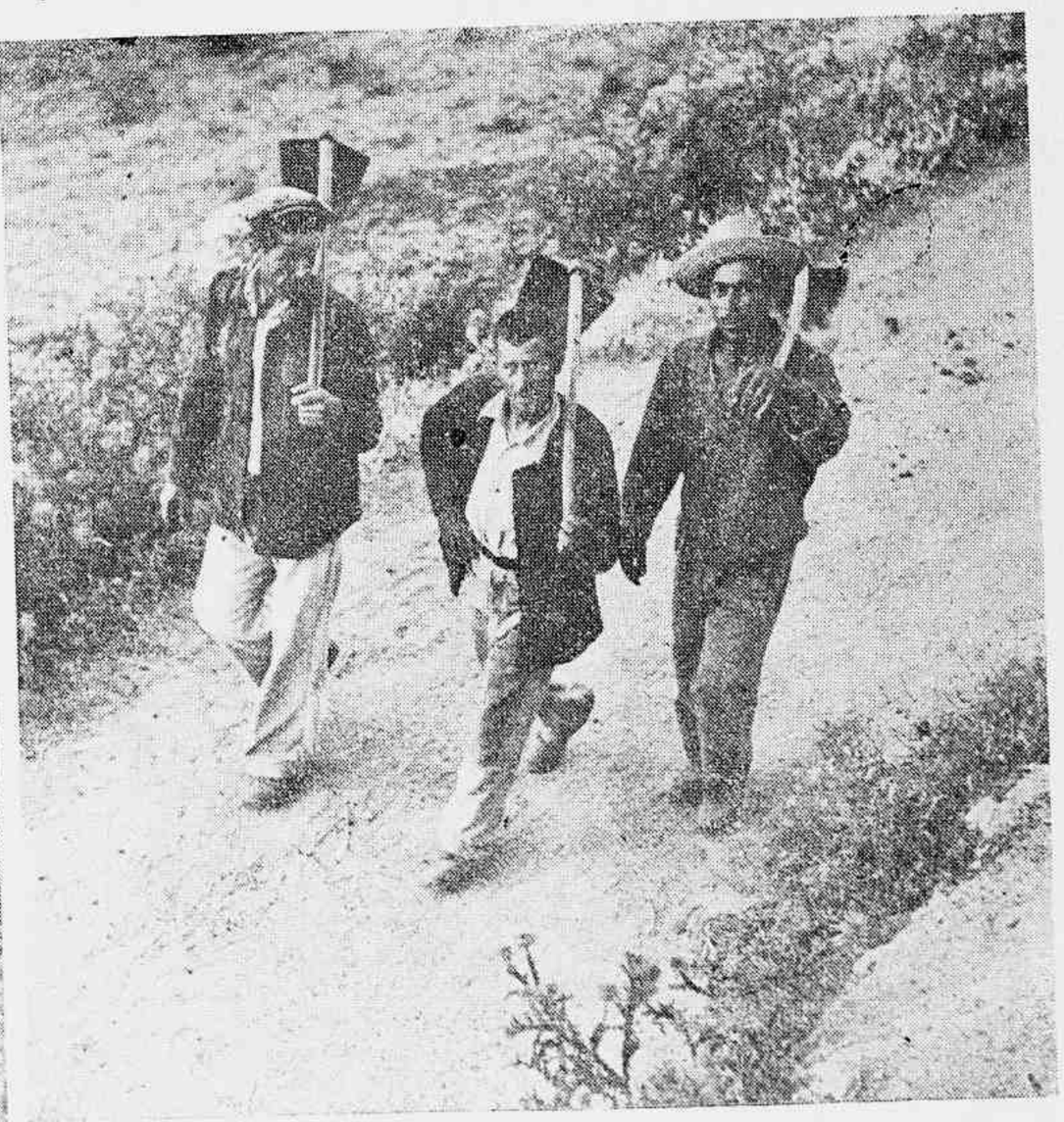
O homem do interior, porém, o simplório camponês, continua a faina diária na conquista do pão de cada dia. A maior dificuldade está na aquisição de terra boa para a semeadura, coisa hoje mais importante e indispensável do que em todo o passado histórico daquela nação. Toda a Grécia está hoje em dia na situação de viver **da mão para a bôca,** sendo dificílimo formar reservas para o dia de amanhã, com grandes **stocks** de gêneros alimentícios.

Até certo ponto foi evitada a miséria geral com a chegada de suprimentos enviados pela U. N. R. R. A., constantes de navios carregados de trigo em grão que foi imediatamente armazenado e em seguida transformado em pão e distribuído pelas populações necessitadas.

Agora, porém, cessou todo o auxílio da U. N. R. R. A., e cada grego chegou à conclusão de que para sobreviver tem que se voltar para a terra e trabalhar duramente para salvar-se.

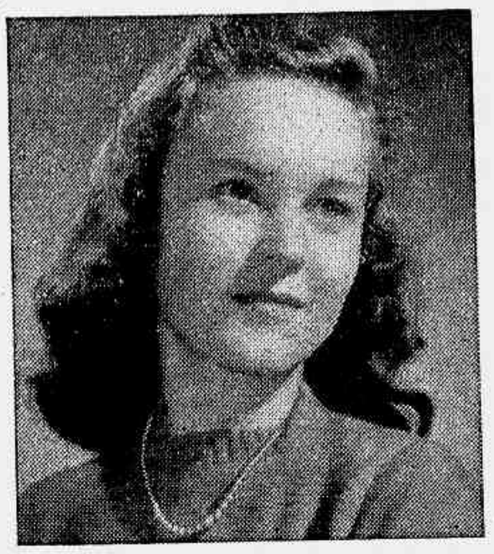
A estrada para Corinto se desenvolve através de zona desti-

Água! Este lavrador aproveita os momentos do jorro e abre canais para fertilizar sua plantação de batatas



Lavradores gregos de volta às suas casas depois de um dia de trabalho nos campos de Megara

Ao ex-presidente da Venezuela, Romulo Gallegos, deposto por um golpe militar, ofereceu a Universidade de Pôrto Rico uma cátedra cuja remuneração fica à vontade do homenageado. Chega aos Estados Unidos o chanceler da Argentina, sr. Bramuglia. Noticia-se que foram executados em Berlim indivíduos acusados de câmbio negro. A bordo do "Alcântara" partiu de Lisboa para o Brasil o sr. Raul Fernandes acompanhado de sua comitiva à Assembléia Geral da O.N.U. Quatrocentos mil homens estão empenhados na maior batalha da guerra civil chinesa e da qual resultará a sorte de Nanquim. Foi operado num dos rins o general Marshall. Estuda o govêrno brasileiro a encampação da "Leopoldina Railway". Comemora-se no Brasil o primeiro centenário do nascimento de Joaquim Murtinho. Pela Assembléia Fluminense foi considerado inconstitucional o ato da Câmara Municipal de Magé que cassou mandatos de vereadores comunistas eleitos pela legenda do P.T.B. Agitações entre os ferroviários da Central do Brasil em tôrno do abono de Natal. Ficou absolutamente provado, pelo relatório do capitão Michael Musmanno, que Hitler se suicidou a 30 de abril de 1945. Mme. Chiang-Kai-Shek se esforça junto ao govêrno dos Estados Unidos para conseguir ajuda ao govêrno nacionalista chinês. O embaixador da Venezuela em Washington dirigiu vibrante carta à Junta Militar de Caracas condenando a deposição de Gallegos. Declaração de Bevin na Câmara dos Comuns comunicando que a Inglaterra estava impossibilitada de fornecer qualquer auxílio a Chiang-Kai-Shek. Cuba ratificou o Tratado do Rio de Janeiro. Crise ministerial na Hungria com a renúncia do "premier". Cesar Rubirosa, encarregado de Negócios da República Dominicana, foi prêso em Atenas quando desembarcava de um avião. Rejeitado o projeto que mandava lotear os terrenos do Palácio Guanabara. Foi retirado da Ordem do Dia o projeto de preenchimento das vagas deixadas pelos legisladores comunistas. Na eleição para emendas à Constituição da Argentina, os peronistas continuam com vantagem de 3 para 1. O presidente Truman atacou o "Comité de Investigações das Atividades Anti-Americanas". Chega ao Rio, sendo recebido condignamente, o jovem cientista patrício César Lattes. Devido ser ano bissexto, houve sensível queda de casamentos no dia 8 de dezembro no Rio e em outras capitais do País. Comemora-se nos Estados Unidos o cinquentenário da introdução no país das máquinas de votar. Foi aprovado pela Câmara dos Deputados o aumento dos subsídios do legislativo federal. Está no Rio um industrial norte-americano que vem estudar a instalação de uma fábrica de tratores e caminhões no Brasil. Churchill prega a necessidade de um acôrdo com os russos. Encerrou-se na França a Assembléia Geral da O.N.U. Ficou estancado, no Conselho de Segurança, o conflito de Berlim. Vishinsky atacou a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos ao discursar na Assembléia Geral das Nações Unidas sôbre a "Declaração dos Direitos Humanos". Estuda-se a inclusão da Itália no Tratado de Defesa do Atlântico. Foi proclamada por Chiang-Kai-Shek a lei marcial para toda a China, com exceção de Formosa, Tibet e três províncias semi-independentes. O Departamento de Estado Norte-Americano desmentiu as declarações de Romulo Gallegos acêrca da intervenção de representante diplomático americano no golpe militar que o depôs. Protestam os russos contra atos do govêrno finlandês considerados ofensivos à U.R.S.S. Prestou juramento o novo govêrno húngaro. Aprovada a declaração universal dos Direitos Humanos. Dissolvido o Partido da Ação Democrática da Venezuela. Foi fechado, altas horas da noite, e ocupado por fôrças policiais o jornal "El País", de Caracas. — O Comité dos Líderes Civis de Washington, que reúne membros de todos os pontos do país, declarou que a segregação racial nos Estados Unidos mancha a reputação nacional. Israel anunciou que está pronta a negociar a libertação de 1.200 egípcios cercados em Faluja, no Negev. Serão devidamente apuradas as responsabilidades dos possíveis culpados do caso Borcioni. Luta parlamentar no legislativo brasileiro pelo reajustamento do seu funcionalismo. Providenciou o govêrno para que haja no exterior escritórios eficientes à nossa propaganda. Foi desmentida a notícia de que os médicos do rei Jorge VI cogitassem de amputar-lhe o pé. O exército da Nicarágua apoderou-se de um avião "Taca" ao descer em Manágua. Convocada extraordinariamente a Assembléia Fluminense. Processa-se na zona soviética de Berlim campanha de expurgo entre o funcionalismo municipal. Churchill está preocupado com os rumos da guerra civil na China. Um bombardeiro americano B-50 voou, sem parar, 9.400 milhas sendo reabastecido de combustível por aviões-tanques em pleno vôo. Cesar Rubirosa foi condenado pela justiça grega a 200 mil dólares de multa e seis meses de prisão. Foi retirada dos pontos-chave da Central do Brasil a tropa do exército e da Polícia Especial, em virtude de não se ter confirmado o movimento grevista daquela ferrovia. Descobriu-se grande desfalque na Prefeitura de S. Paulo. Falando sôbre política externa, Churchill defendeu o reconhecimento do Govêrno de Israel. Fala-se na possibilidade da saída do general Marshall do Departamento de Estado norte-americano. Foi entregue à Rússia o navio de guerra italiano "Giulio Cesare", de 23.959 toneladas, de acôrdo com os termos do tratado de paz entre essas duas nações. Rebentou uma greve na Rêde Mineira de Viação por motivo de aumento de salários.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anséio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicológicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* **Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* **Gesteira**.

A acção que o *Regulador* **Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* **Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

A VIAGEM AO REINO DO OURO

★

Histórias para crianças, de MARINA TRIANICO

★

Editora Brasiliense Ltda.
São Paulo
1948

"A Viagem ao Reino do Ouro" se intitula, como o livro, a primeira história. História longa, assinalemos, história bem além das dimensões habituais do gênero. Trata-se, como em tantas outras obras destinadas ao entendimento e à sensibilidade infantis, da aventura de um casal de crianças, Regina Maria e Rui, para desencantar a princesinha Sílvia, vítima da furibunda bruxa Carabosse, neste caso denominada a Feiticeira do Bosque. O empreendimento dos dois guris não se desenvolveu com a facilidade que seria de desejar. Correram êles perigos aterradores e tiveram que lutar como verdadeiros heróis. Mas os seus esforços se tornaram duplamente vitoriosos, porque salvaram, não apenas Sílvia, mas também a Feiticeira do Bosque, outra princesa que, uma vez desencantada, recuperou a verdadeira personalidade. São, no amplo formato do volume, trinta páginas, pelas quais a petizada certamente se interessará, para, com o desfêcho, deveras se entusiasmar.

Outras novelas ou contos completam o volume. E o desenhista Augustus o ilustra com interessantes composições.

★

A ZEBULEIDA

★

Poema herói-cômico de VITAL PACIFICO PASSOS

★

Rio de Janeiro
1948

São bem raros os versos herói-cômicos na poesia brasileira. E até os simplesmente chistosos, nestes últimos tempos, escasseiam. Os rimadores nacionais — sem já falar dos falsos versejadores sem respeito por qualquer regra ou condição da arte poética — têm abandonado a sátira, o epigrama, todas as formas do velho preceito **ridendo castigat mores.** Não cultivam os temas joviais e nem, ao que parece, se lembram disso. Se, na prosa, ainda se encontram humoristas de certa espontaneidade e de gôsto educado, dir-se-ia que os poetas do gênero estão desaparecendo... O sr. Vital Pacífico Passos vem agora, com o mais ligeiro direito, acamaradar com o mestre dos mestres, sr. Bastos Tigre, e os poucos mais afilhados de Apolo que ainda mantêm a chama sagrada da alegria.

A "Zebuleida", espirituosamente ilustrada pelo desenhista Luis Sá, é uma espécie de ode burlesca, hino entoado entre frouxos de riso e impulsos caçoistas, ao prestígio atual do Boi. Poder-se-á julgar, a princípio, que a sonoridade dos decassílabos envolva algum propósito de combate a certa instituição, certa individualidade. Tal, porém, se não dá. Sinceramente, e parafraseando o seu velho confrade, êste poeta pode dizer que, a rigor, não dá golpes nas pessoas e nem sequer nos costumes. O seu propósito consiste em nos fazer sorrir diante de inumeráveis caricaturas do ruminante, desde a sua divinização no Apis egípcio até a derradeira etapa, no açougue que pratica o câmbio negro e ainda rouba no pêso. Para essa elevação entre sublime e chocarreira, recorreu o autor à História, à Mitologia, à Fábula, às enciclopédias, a todos os possíveis repositórios de erudição. Assim nos apresenta o objeto inspirador em inumeráveis formas e aspectos; e, do modo sem dúvida mais apreciável, esgota o assunto. Versos plasticamente modelares e sempre de cativante canoridade. Eis os primeiros, pelos quais bem se pode fazer idéia do resto:

...Pois em Minas existe uma ordem nova,
A respeitável "Ordem da Corcova",
A que pertence, para o bem de Minas,
A fina flor de gerações bovinas.
Já não se fala em ouro, em manganês,
Cristal e ferro já não têm freguês,
O ciclo do café também se foi...
Quem manda então? Sua Excelência, o Boi.
E' o Gir, o Ongole, o Brama, o Guzerá,
O Indo-Brasil... e entre os criadores há
Quem meça a fôrça da fortuna sua
Pelos pares de chifres que possua...
Ai de nós, ai de ti, Minas Gerais,
Nem no Egito o boi Apis valeu mais!
Por um boi de barbela e palmo de hastes
Já te vais esquecendo do Eclesiastes...
No Antigo Testamento houve um bezerro,
Fonte de muita tentação e de êrro
Que, apesar de destruído a pontapés,
Teve mais cotação do que Moisés...
A fama de um zebu de gêba indiana
Passa além, muito além de Taprobana!

ALOCUÇÕES

★

De ANIBAL FREIRE DA FONSECA

★

Rio de Janeiro
1948

Não há muitas semanas aqui tratamos, com o alto respeito que o autor nos merecia, do livro do sr. Anibal Freire da Fonseca: "Discursos". Hoje êle nos manda uma obra à qual, em comparação com aquela, bem assenta o batismo relativamente modesto, restrito, de "Alocuções". São peças de oratória que, à exceção de uma única, vão a três, no máximo quatro páginas. Nem por isso, todavia, merecem menos atenção ou infundem menor acatamento que as amplas orações do volume anterior. O mesmo poder de pensamento as domina, na mesma linguagem nobre e erudita se desenvolvem.

O sr. Anibal Freire continua a usar da palavra, em nome de instituições ou corporações, já como seu chefe ou orientador, já como seu representante ou enviado, portador dos seus desígnios, intérprete dos seus ideais. Assim o ouvimos exaltando uma data festiva do "Diário de Pernambuco"; saudando o sr. José Maria Belo, homem de letras, político, representante da nação; recebendo o sr. Otávio Tarquínio de Sousa na Faculdade de Direito do Recife; rendendo preito aos mortos do levante comunista de 1935; comemorando a Proclamação da República, no seu cinquentenário, no Palácio Tiradentes; louvando o Exército em sessão realizada na Associação Brasileira de Imprensa; tomando parte em outras solenidades ou celebrações e dando sempre superior medida da sua inteligência como da sua cultura, do seu caráter como da sua sensibilidade.

No elogio do "Diário de Pernambuco" há uma bela síntese do jornalismo na elevada, legítima expressão do têrmo:

"O jornal será sempre um acelerador de fôrça intelectual. Mesmo que a volubilidade e a pressa de seus artífices possam prejudicar a correção e inteireza do conjunto, êle constituirá permanentemente garantia do destino das nacionalidades. Não importa que contra êle se acirrem os temores do poder, pressuroso em estancar esta fonte contínua de renovação mental. Os que conhecem e praticam a profissão sabem de ciência própria que os corretivos de ordem legal não sobressaltam nem atormentam o exercício do jornalismo, zeloso de seus créditos e fortalecido na consciência de seus deveres."

★

ANA KARENINA

★

Romance de LEON TOLSTOI
Tradução revista por MARQUES REBELO

★

Irmãos Pongetti Editores
Rio de Janeiro
1948

"Ressurreição", "A sonata a Kreutzer", "Guerra e paz", "Ana Karenina"... Quem não conhece, não admira êsses romances de Tolstoi? Por isso mesmo as suas reedições se impõem e em todos os idiomas civilizados se repetem. A fama do talento não é coisa que envelheça nem se limite. As gerações a transmitem para que os descendentes queiram verificar como é justa e se realmente deve perdurar. E em cada época, por entre os indivíduos de espírito pouco exigente, facilmente contentáveis, que, tratando-se da obra mais ampla ou mais profunda, não sentem a necessidade da segunda leitura, há aquêles que relêem porque sempre encontram grandezas tão surpreendentes como se pela primeira vez se lhes deparassem as belezas capazes de lhes darem a impressão de inéditas.

Quando da primeira publicação de "Ana Karenina", produziu esta obra, como outras de Tolstoi já haviam produzido e ainda outras haviam de produzir, o efeito da inventiva exagerada e da audácia paradoxal. Para o filósofo, o moralista, o sociólogo que êle era, se voltavam as atenções, como para um ente fenomenal mas em plena utopia, com a ambição platônica de transformar o caráter dos homens e revirar a face do mundo. Não havia, porém, naquelas páginas apenas observação e comentário, mas também alguma coisa de profecia. Perante a compreensão geral dos homens, eram verdades vindouras, quer dizer: que ainda, com o tempo, se viriam a confirmar. Depois, com efeito, se viu não constituir aquêle romance apenas o desenvolvimento arrojado de um caso de adultério que de pecaminoso passa a pungente, redunda em trágico e vai até ao suicídio... Os capítulos que formam as quase seiscentas páginas do presente volume criaram-se frementes de expressão humana e trouxeram em si magnífica lição do futuro.

A HISTÓRIA DO FERRO E DO AÇO

★

Monografia de MAUD e MISKA PETERSHAM, tradução de MARIO DONATO

★

Edições Melhoramentos
São Paulo

Em vez de fazer o "drama", como agora se diz, do metal utilíssimo e da sua "estilização", como também há quem escreva, quiseram os autores dêste livro compor uma história de episódios bem claros e em estilo ao alcance de todas as inteligências e todas as educações. História, sim, capaz de ser ouvida e apreciada pelos guris, embora nada tenha de Conto da Carochinha. E' a biografia sucinta mas, de algum modo, completa, do Ferro. Vem do seu aparecimento à face da Terra e a sua primeira serventia nas mãos do homem. Vão se revelando as armas, as ferramentas, os simples utensílios. Vê-se como surgiu o processo da fundição; e ficam-se conhecendo as fases industriais que chegaram até à locomotiva e a tantos outros engenhos, assombrosos a princípio, hoje comesinhos e à mercê do braço de uma criança.

Numerosas e vistosas gravuras adornam o livro que assim termina:

"Dificilmente poderemos imaginar como o nosso mundo de hoje seria sem o ferro e sem o aço. Se você contar quantos objetos de uso diário são fabricados com ferro e com aço — máquinas, utensílios domésticos, escolares, agrícolas, etc. — chegará à conclusão de que o ferro é, realmente, o maior tesouro que existe sôbre a terra."

★

LUZES DA ALVORADA

★

Versos de VITTO SANTOS

★

Rio de Janeiro
1948

Nem tudo são júbilos ou esplendores neste livro de poesia. Também há nele mágoas e crepúsculos, hostilidades do destino, visões de desespêro ou morte. Assim o poeta, a páginas tantas anseia por "fugir das sombras em que esteve sempre imerso"; em outra passagem se lamenta: "tendo sido um eterno peregrino — em desencontros com a felicidade"; e, mais adiante, nos declara: "na alma do artista trágico que eu sou — nenhuma vez o belo penetrou"... Momentos de pessimismo como têm todos os poetas e até qualquer de nós... Mas a feição que domina no livro alia à beleza singela a íntima doçura. Afirmações de amor correspondido e em tudo contente, louvores à formosura de crianças, enlevos e sonhos familiares... Entre algumas exceções, êste soneto que se intitula **Ciúmes** e em verdade é um bonito soneto:

Que teus gestos não sejam repartidos,
que apenas sejam meus os lábios teus,
tua voz só conheça os meus ouvidos
e teus olhos encontrem só os meus.

Que teus braços só sejam estendidos
para os meus, avarentos quais judeus...
E que eu seja senhor dos teus sentidos
que sejas minha que eu serei um deus!

Se não puderes dar-me o que te peço,
nem quiseres saciar amor tão louco
vai-te, pobre soberbo me confesso.

Foge, leva daqui o teu feitiço,
que eu te amo muito para ter tão pouco
e muito sofro para ter só isso!

★

RECEBEMOS:

Revista de Portugal, Série A — Língua Portuguêsa. O nº 69, volume XIII, do mensário de que é proprietário e diretor o sr. Alvaro Pinto, insere, além das seções da redação, trabalhos assinados por José Pedro Machado, Augusto Moreno, José Inês Louro, Francisco José Freire, José de Sá Nunes, Harry Meier e Afonso Álvares. Lisboa, 1948.

Saúde, ns. 7, 8 e 9 dêste mensário do Serviço Nacional de Educação Sanitária que trazem, além dos habituais conselhos de higiene e profilaxia, vários trabalhos em prosa ou verso. Rio de Janeiro, 1948.

Problemas de Petrópolis, publicação da Sociedade Amigos de Petrópolis, com o seguinte sumário: Sociedade Amigos de Petrópolis; Transladação dos despojos da Princesa Isabel e do Conde d'Eu para a Catedral de Petrópolis; Patronato Princesa Isabel; Sociedade Petropolitana Protetora dos Animais; Jockey Club de Petrópolis. Rio de Janeiro, 1948.

Outra estátua do Museu ao ar livre, em Oslo, simbolizando a maternidade, numa expressão maravilhosa

BILHETES DO MEIO DO MUNDO

PAISAGENS SIMBOLOS DE UM NATAL ETERNO

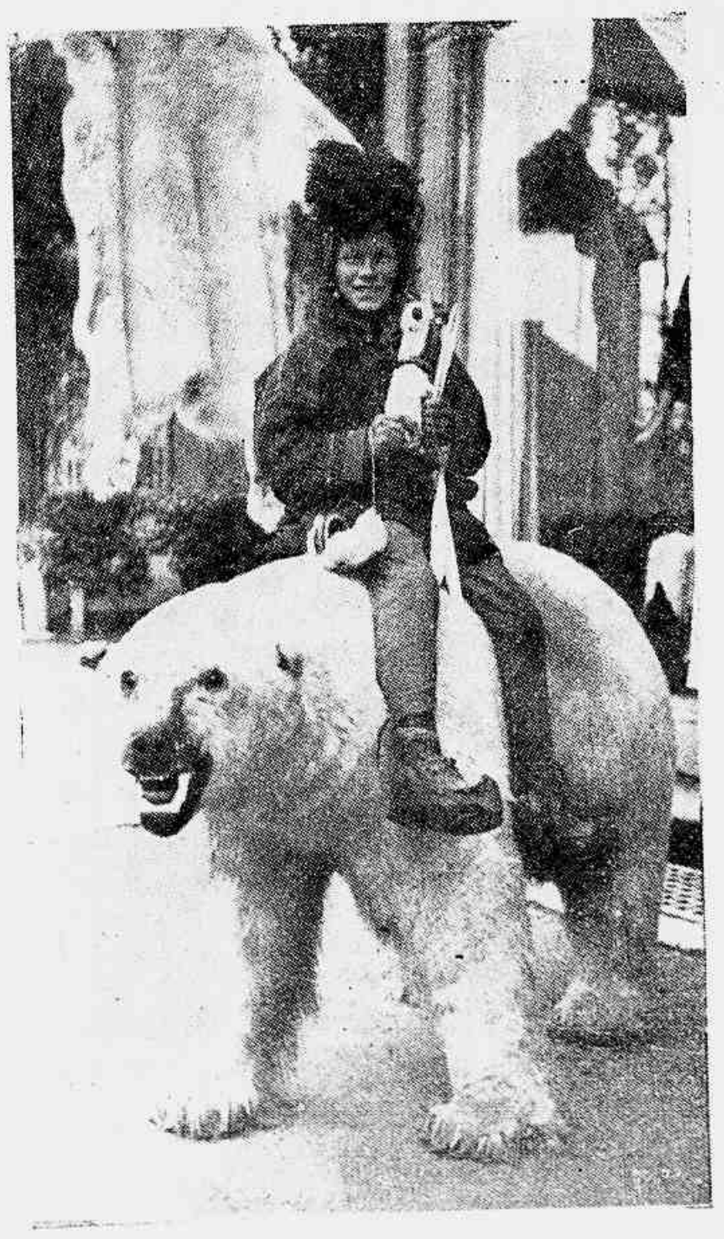
Por D. G. COIMBRA

★

PARA o homem que vive sob os trópicos, o símbolo do Natal é representado por um pinheiro coroado de neve. Todas as vêzes que seus olhos se fixam num quadro em que se ergue a figura heráldica das araucárias, em paisagem hibernal, vem-lhe à mente, por associação de idéias, a imagem emotiva do Natal de Jesus.

Quando percorremos, recentemente, várias regiões da Europa, de Londres à Alemanha ocidental, passando pela Bélgica e países escandinavos, e que atingimos, deslumbrados, as paragens frígidas do círculo polar ártico, em nossas representações mentais se estampa a imagem evocativa do Natal, com seus pinheiros eretos e seus flocos de neve a derramar-se como espumas do céu sôbre um mundo de aspectos fantásticos.

Revendo notas de viagens pelos países nórdicos, ofe-



Esta criança de Tronsoe está mais alegre sôbre o urso do que sua mamãe com a pele do mesmo

recemos nestas páginas da REVISTA DA SEMANA um punhado de impressões esparsas, colhidas na Suécia, Noruega e suas rotas marítimas. Estávamos ainda em meados de setembro, e ainda distantes as nossas paisagens do Natal, como as sonhamos no Brasil, quando comemoramos o nascimento de Cristo.

Ao visitar Estocolmo, bela capital da Suécia, chamou-nos a atenção o sistema de tráfego, todo pela esquerda. Êsse regime foi difundido pelos inglêses, e, até bem pouco tempo, na Argentina era assim que se usava. Circunstância curiosa é, ainda hoje, no próprio Brasil, cuja mão para tráfego é a direita, no movimento das estradas de ferro ainda persiste a mão esquerda, como se vê nas linhas duplas. Tudo isso recorda a origem inglêsa de nosso desenvolvimento ferroviário. Falamos algumas línguas civilizadas, graças a Deus; mas ficamos certos, depois de nos sentarmos num restaurante de Estocolmo, de que a língua universal é a pictórica. Veio servir-nos uma "garçonette" muito elegante e gentil. O cardápio estava todo em sueco. Experimentamos o inglês, mas a jovem não sabia êsse idioma, nem o português, nem o francês. Então recorremos às nossas habilidades mímicas e, para ilustrar nosso desejo, desenhamos um peixe e um boi. Foi um sucesso. A moça riu, discreta mas gostosamente, e foi mostrar às suas outras companheiras os resultados de nossas mútuas confabulações. O episódio nos fez recordar daquela anedota entre um americano e um garçon espa-

Secagem de bacalhau em Svolvaer, Noruega, vendo-se ao fundo a visão empolgante das neves eternas

★

veis e bicicletas abandonados junto ao meio-fio. Assim ficam até o dia seguinte, quando seus donos vêm buscar os veículos. Ninguém furta. O respeito à propriedade privada é um dogma que está entranhado no espírito do povo, e como as ruas são largas, de 26 a 60 metros, não embaraçam êsses autos e bicicletas o tráfego urbano. E' claro que quem dispõe de garagem guarda seus carros nas mesmas. Quando tivemos ocasião de assistir a uma corrida de "trote", vimos o elevado grau de respeito às bicicletas alheias. Lá estavam, sôbre a grama, milhares delas, abandonadas ao tempo, e seus donos a apreciar o esporte. Não havia "olheiros" nem guardas de sentinela para evitar gatunos. Notamos a elegância e a limpeza no trajar dos habitantes de Estocolmo. Não há país no mundo onde homens e mulheres se vistam tão bem e com tanto bom-gôsto, sem exageros de modelos e côres. São discretos, sóbrios, de elevada estatura, com grande esmero no trajar e na urbanidade. O operário e o patrão, o chefe e o subalterno se inter-compreendem e se respeitam, tratando-se com grande elevação e cortesia. Vimos isto ao visitarmos a gráfica "Esselte". Não há correrias, nem empurrões, neste país de elevado estalão de cultura e civilização. Os transportes urbanos são suficientes para o escoamento da população, mesmo nas horas do fechamento do expediente comercial. Há lugar para todos, quer nos bondes, quer nos trens, quer nos ônibus. Os restaurantes estão sempre prontos para receber o cliente, seja o modesto, seja o mais aristocrático. O povo é educado e êste estado de espírito se manifesta a cada passo. Nas corridas, seja de que for, não se nota a algazarra, a gritaria, a explosão, o excesso de liberdades tão comuns entre nós, os latinos. Aqui o povo se conserva calmo, fleugmático, e recebe os próprios vencedores com palmas discretas, sem exuberâncias. Por sua vez os vencedores agradecem ao público com inclinações de cabeça, sem olhar os que os aplaudem.

Só de uma coisa não gostei na belíssima Estocolmo: da demora que há nos pagamentos das "poules" nas corridas dos hipódromos, ou seja, uns 15 a 20 minutos

Os lapônios vivem nômades e em tendas. São pastores de renas e caçam animais silvestres

nhol. Vendo-se em dificuldade para pedir um "bife a cavalo", desenhou um boi e dois ovos. O espanhol saiu radiante lá para a cozinha, e quando o americano, já impaciente ,esperava que êle trouxesse o bife com os ovos estrelados, eis que volta o homem entregando-lhe dois bilhetes para as touradas do dia, cadeira par, do lado do sol...

Felizmente a menina sueca compreendeu muito bem meus sinais de surdo-mudo e meus desenhos forçados, e trouxe excelente peixe e bife saboroso. Depois do almôço, saímos para dar um giro pela cidade. O confôrto para atender o povo é visível por toda parte, havendo nas calçadas e nos mais distantes subúrbios cabines elegantes onde há telefones, livrinhos para notas, e que automaticamente acendem luzes quando, à noite, entramos e fechamos a porta. Tudo muito limpo, asseado, sem nomes escatológicos pelas paredes. Nos bondes, na parte traseira, há caixas do correio nas quais os habitantes vão colocando a correspondência, além dos milhares de outras espalhadas por todas as ruas da capital. A bicicleta é o veículo por excelência da cidade de Estocolmo, havendo mais de cem mil. Os carteiros, na sua faina diária de esvaziar as caixas coletoras nos bondes e ruas, onze vêzes por dia e três aos domingos, empregam a bicicleta. À noite vemos automó-

Dois tipos de beleza feminina de Bergen, Noruega, cada uma trajando modêlo de sua província

Monólito do Parque municipal de Estatuas em Oslo, simbolizando a luta pela vida

★

depois que acabe o espetáculo. Usam aqui uma espécie de totalizador, e isso me fez bancar o impaciente. Volta e meia eu passava pela janelinha envidraçada e fazia lá para o homem que ia pagar aos mais felizes um sinalzinho com o polegar esfregando a primeira falange do indicador. Êle compreendia e, na sua elegância, com gravata borboleta e camisa americana, me respondia com um movimento de cabeça que significava "Não". E na certa devia dizer com os seus botões: "Que camarada impaciente!".

Mas, confesso, deixamos Estocolmo com saudade, e a bordo de um comboio internacional fomos visitar as terras norueguesas.

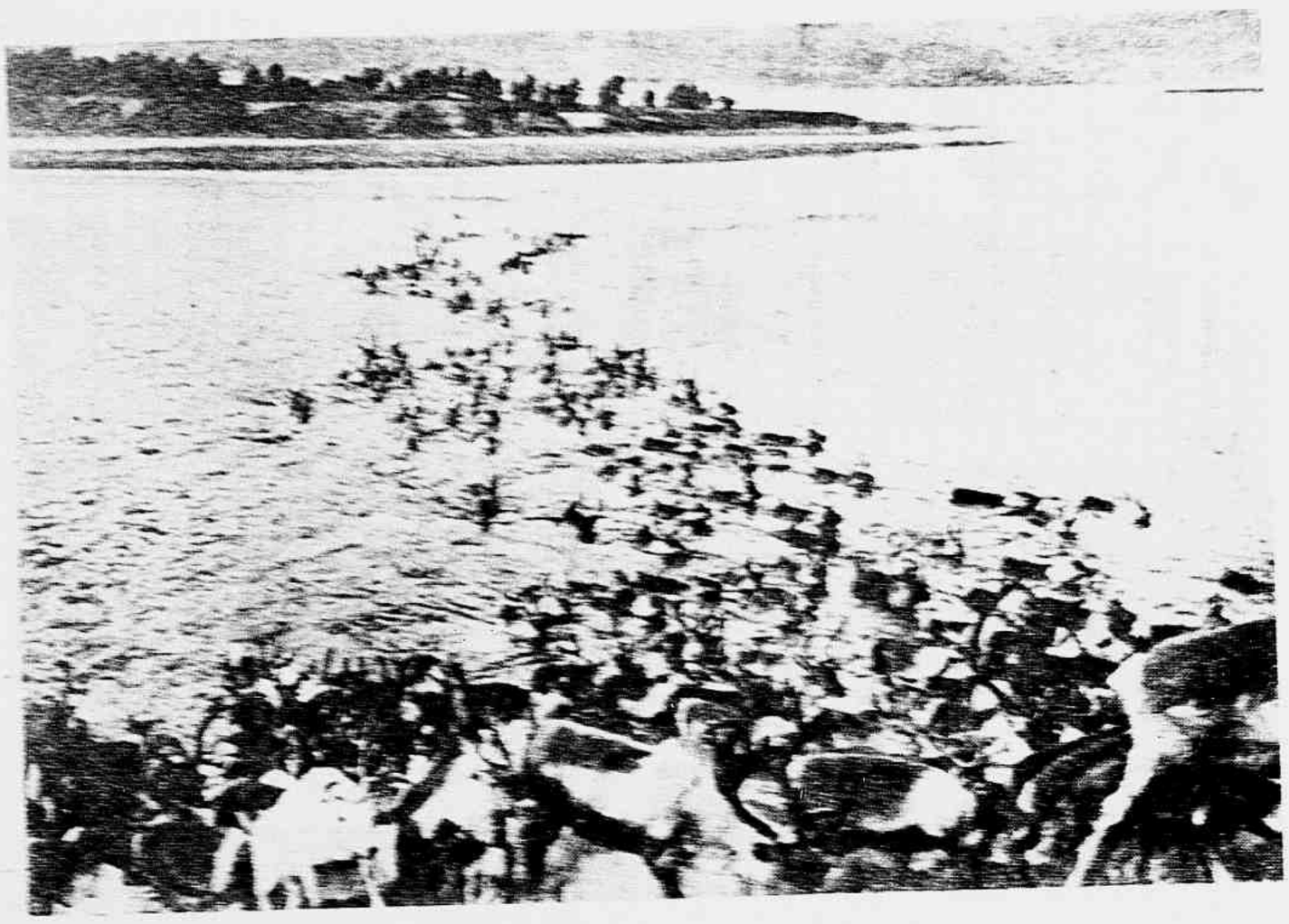
★

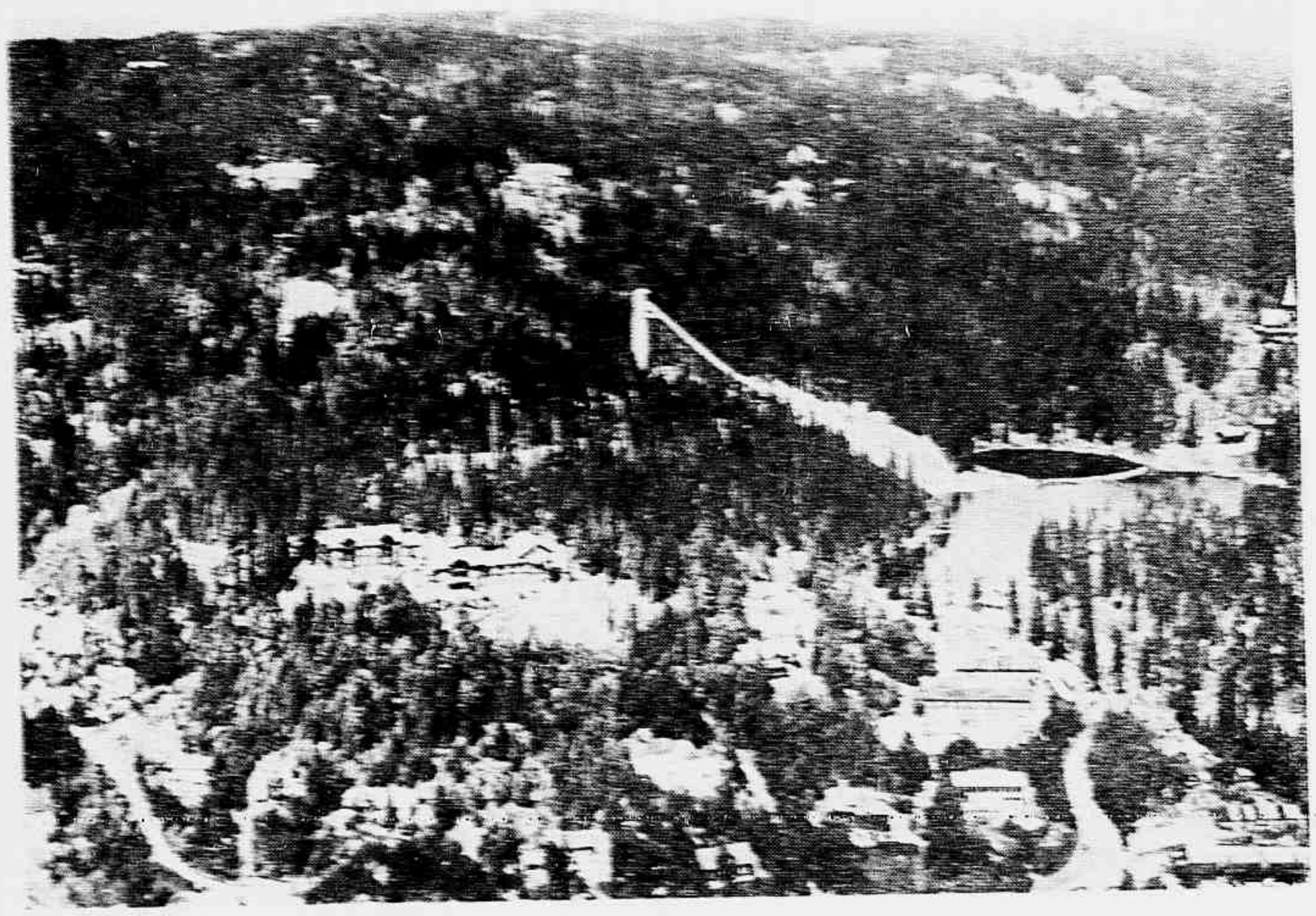
Ontem, 14 de setembro, saímos de nossa bela casa de Karlavagen, 43. Presenteamos sua proprietária com sabonetes do Brasil, artigo que não está muito fácil na Europa. Em Uppsala saltamos do trem, cidade antiga e onde está a mais velha universidade da Escandinávia. Aí, segundo soubemos depois, há um jovem bacharel brasileiro dirigindo uma cadeira. E' um moço de Belo Horizonte, em Minas Gerais dr. S. Pontes Nogueira, e que escolheu a Suécia como um país cuja civilização é um presente de felicidade. Se soubéssemos teríamos ido conhecer o nosso patrício, o que para nós seria motivo da maior alegria.

Durante os momentos que passamos em Uppsala, tivemos ocasião de, mais uma vez, admirar o espírito de ordem dos suecos, do asseio com que se vestem, do seu elevadíssimo grau de educação e civilização. Deixamos as malas na estação e fomos à procura de um café. Logo muito perto havia luxuoso restaurante, onde nos serviram café e doces finos. Como ainda havia bastante tempo, visitamos uma "Loja dos Dois Mil Réis", onde havia de tudo, e o mais curioso era o nome do estabelecimento: "Tempo". Mais adiante se nos deparou uma grande fila de jovens. Julgamos que esperavam algum ônibus: mas qual não foi nosso espanto ao verificarmos que todos êles aguardavam que se abrisse uma livraria para comprar livros, cadernos e lápis. Uppsala é uma cidade de uns 80.000 habitantes, rodeada de fazendas com moradas belíssimas e servida de excelentes estradas asfaltadas. O correio rural mantém o serviço de correspondência com a maior pontualidade. Aproveitando o tempo visitamos a catedral, grande templo com suas tôrres de mais de 80 metros, em cuja nave estão os túmulos de arcebispos, bispos e nobres. Numa rua sossegada perto da Prefeitura entramos num salão de bilhar. Havia uns quatro de "carambola" e um outro grande, espécie de snooker, onde três rapazes e uma moça jogavam "palito". Eram estudantes, como logo se conhece pelo boné que usam. Êsse jôgo é conhecido na Itália, Uruguai, Argentina com o nome de "Carolina". Depois do almôço no restaurante do "Tempo", muito bom e barato, passávamos a admirar os canais e ruas antigas da cidade quando vimos o Museu "Linneu", o grande naturalista que tanto estudou a flora brasileira. Entramos e admiramos muita coisa digna de ser vista. Lá fora, numa espécie de Jardim Botânico, havia espécimes americanos, como o milho, (com espigas), abóbora, girassol, etc. Depois dessa visita a Uppsala, o tempo se firmou e durante toda a tarde o sol esteve lindo e môrno. E foi assim que às 17,48 tomamos o trem para a longa viagem ao Círculo Polar Ártico e Narvik.

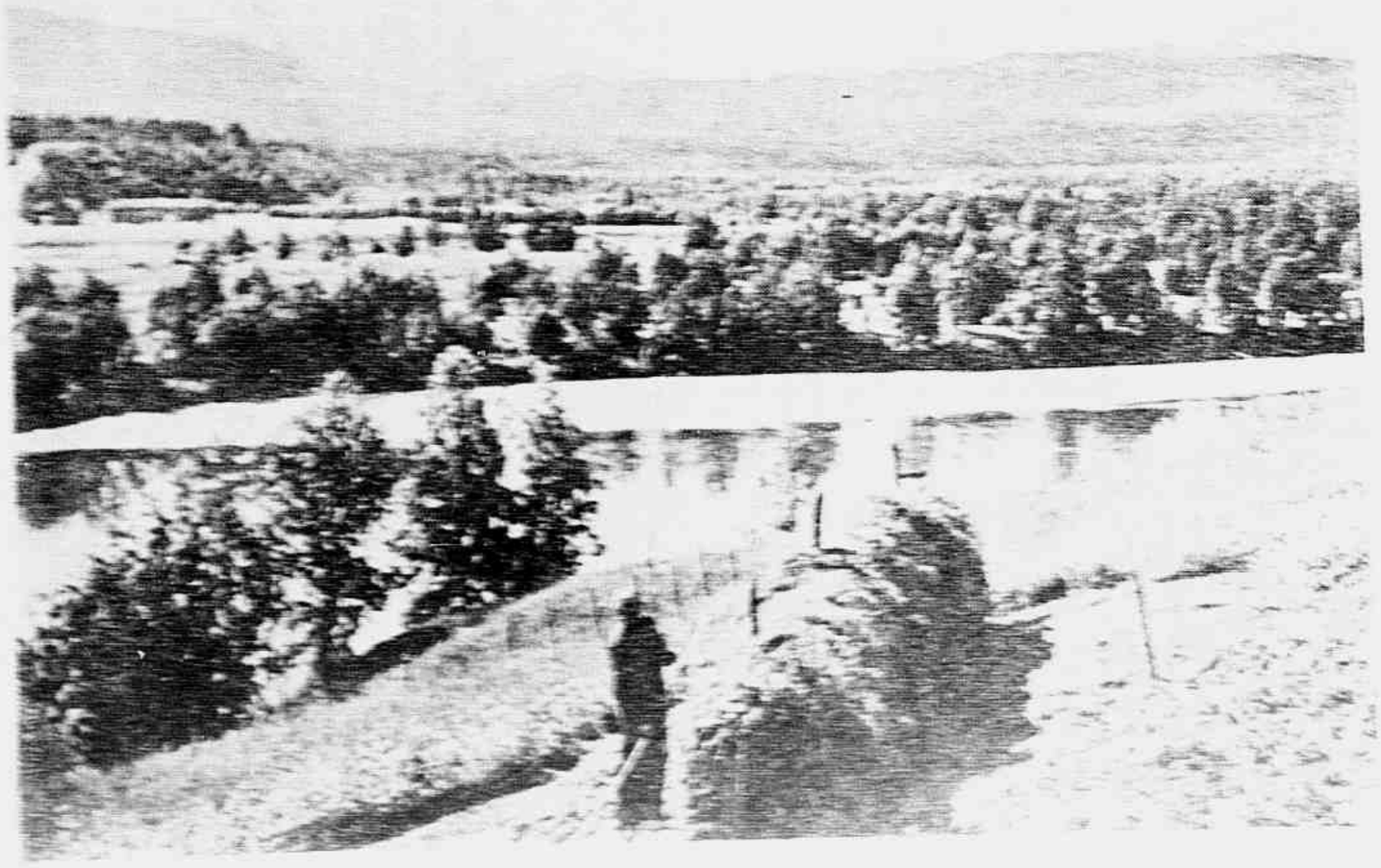
Uma família de lapônios na região do Círculo Ártico, em território norueguês

As mães lapônias protegem os filhinhos envolvendo-os em complicado sistema contra o frio





Vista em conjunto do hotel Holmenkollen, tendo à direita a pista para "saltos" do inverno



Nem tudo está perdido...

PORQUE AMBOS FORAM PREVIDENTES

UM curto circuito, uma ponta de cigarro acesa e mil outras causas podem provocar um incêndio. Um navio transportando as suas mercadorias pode ir ao fundo. Os acidentes pessoais são um perigo constante que nos espreita a todo momento — quedas, atropelamentos, queimaduras e tantas outras causas determinam despesas avultadas, podendo, ainda, torná-lo inválido para o trabalho, quando não resultam na morte. A Companhia de Seguros Minas Brasil, com sucursais e agências em todo o território nacional é a Companhia que deve merecer a sua preferência para os seus seguros.

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS BRASIL

Sucursais:

Minas Gerais (Belo Horizonte) — Itajubá — Bahia — Juiz de Fora — Brasil Central — Pernambuco — Niterói — Rio de Janeiro — São Paulo — Paraná — Santa Catarina — Rio Grande do Sul.

Capital subscrito . . . . . Cr$ 10.000.000,00
Capital realizado e reservas . . . . . Cr$ 25.579.504,50
Endereço telegráfico — BRAMINAS

Agências:

Pará — Maranhão — Piauí — Ceará — Alagoas — Rio Grande do Norte — Paraíba — Sergipe — Espírito Santo.

Trecho do centro de Lisboa, onde os edifícios, monumentos e o intenso tráfego denotam a modernização da capital lusitana, uma das mais atraentes cidades da Europa, tanto pelo clima, como pelo elevado grau de civilização

POR QUE AMAMOS PORTUGAL

Texto de **RUY SAULO**

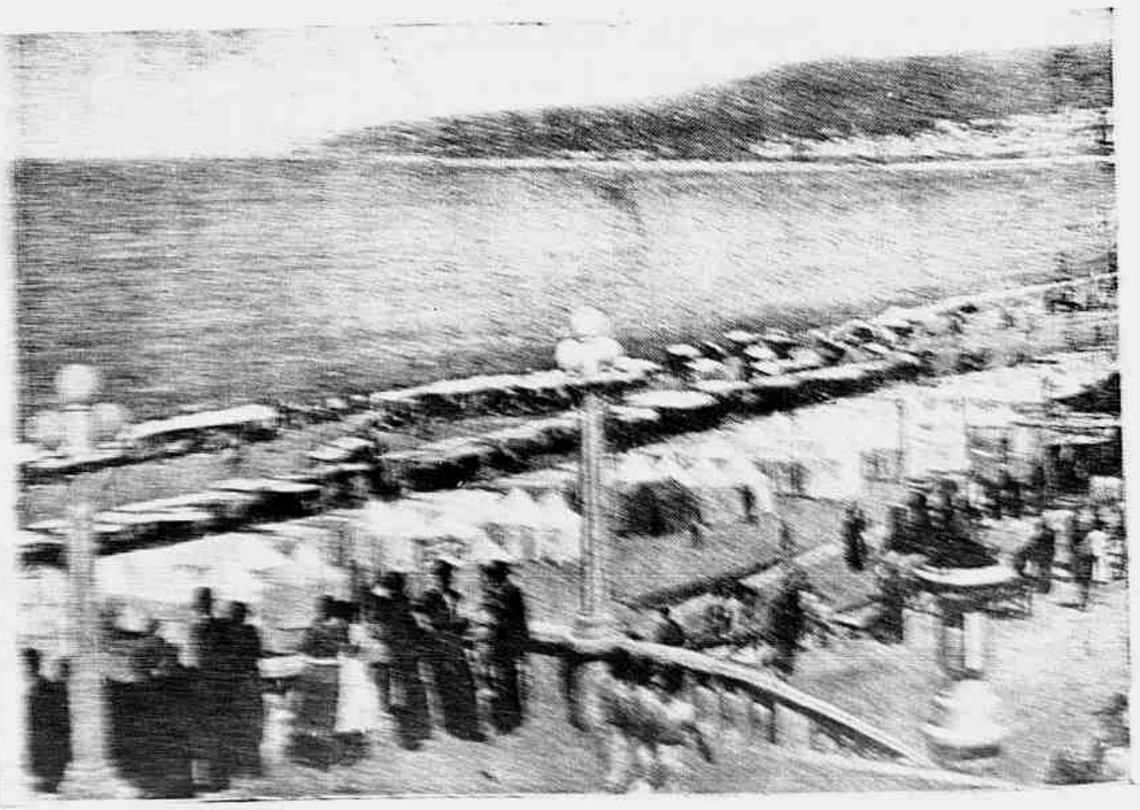
Nos últimos meses de cada ano, intensifica-se o comércio de especialidades de Portugal para o Brasil. Grandes encomendas são feitas e sobem a milhões de cruzeiros as embarques de frutas, ovos, cerâmicas, vividas na direção dos portos brasileiros nos importantes.

O velho hábito lusitano de festejar o Natal com doces de bons vinhos, frutas, figos secos, amêndoas e nozes etc. e de há muito se tornou também costume brasileiro.

O que nos fortalece os laços de amizade entre os povos e a unidade espiritual de seus destinos. Essa unidade se manifesta de muitas formas, porém, não das cartas para fortalecê-la está na religiosa preservação das tradições através dos séculos.

Portugal ajuda para o Brasil onde nos alcances de nosso desenvolvimento, a unidade idiomática, o espírito religioso, o exemplo da família, a unidade das consciências. De tal maneira o seu espírito se tornou no alma brasileira através dessas características, que nenhum outro povo, mesmo nos dias o poderoso norte-americano, empresa de filosofias e ideologias estranhas, conseguiu mudar o destino do Brasil e desviá-lo da influência lusitana.

No extremo norte, com a França fundando uma colônia, de pura iniciativa, ainda hoje temos uma prova com a cidade de São Luís, em homenagem ao Rei que então imperava na França; no nordeste, com o domínio holandês com sede no Recife, situado o fato é profundo que o soberano português de então, de novo, oficialmente, reconhecido a posse de Pernambuco pelos invasores; no Rio, com a França Antártica, tentou de novo para o domínio total de todo o sul do país de as águas do Prata, nenhum desses episódios ou todos eles reunidos, teve força bastante para separar os brasileiros do seu amizade portuguesa.



Todos os cruzeiros de turismo que incluem Portugal, ofertam excursões à terra de Almeida. Na da Madeira, onde não o governo dos Vinhos do Madeira, aqui vemos uma vista de Funchal e a festa de Apolónia da Rua

Emissários estrangeiros, auxiliados por **línguas** aborígenes, tudo fizeram para provocar as mais violentas dissenções entre os dois povos; armaram o braços dos índios para a guerra anti-lusitana, ofereciam prêmios e posições de mando; mas tudo foi em vão. Brasil e Portugal se irmanaram desde o momento em que à sombra do monte Pascoal, ergueram o cruzeiro, símbolo da fé, e frei Henrique celebrou a primeira missa em terras do continente.

Nossas cidades começaram a surgir sob o signo dessa fé inquebrantável. O idioma, sofrendo as influências do meio e do clima, abrandou-se, quebrou os cânones gramaticais do classicismo lusitano, mas não comprometeu a unidade vernacular. A língua é comum a ambos os povos, apesar de quatro séculos e meio de transplantação. Nossos sentimentos são interpretados como se o brasileiro fôsse português, e o português fôsse brasileiro. Com a evolução da sociedade nascente, era Portugal o sonho lindo de nossos jovens, que iam estudar a Coimbra e educar-se no Pôrto e Lisboa, trazendo de lá as mais carinhosas provas de amizade dos seus avós.

O fado, revivescência dos languorosos cânticos árabes, amenizado pela saudade e pelo amor portuguêses, deu nascimento à modinha no Brasil. Nosso lirismo é um lirismo lusitano, cheio daquele bucolismo romântico onde a saudade, o amor materno, o nome dos santos estão sempre como índices inspiradores de páginas imortais.

Com o descobrimento do ouro nas Minas Gerais, Portugal esteve a pique de despovoar-se, sendo publicadas leis severas proibindo a corrente migratória para as montanhas do centro, fechando o vale do Jequitinhonha, rio das Mortes e o inexgotável rio das Velhas.

Mas, se pelos laços do afeto, era incoercível o desejo de vir para o Brasil, com a visão das imensas riquezas das Minas Gerais, êsse impulso ainda foi maior.

E correntes ininterruptas de Portugal se manteve durante anos em direção das terras de Santa Cruz. Muitos pereceram; muitos voltaram, muitos ficaram ricos.

Com todos êles vinha um pedaço da terra mater. Do Minho, do Douro, do sul, do norte, vieram os novos colonizadores e aqui iam implantando seu hábitos, seus costumes, modos de falar. E' esta a origem da diversificação da pronúncia do alfabeto em certas zonas do Brasil. Deriva da procedência dos mestres-escolas lusitanos. E até hoje persiste a diferenciação entre Alagoas e Pernambuco, entre Ceará e Sergipe, entre Bahia e Pará. Mas nada aluiu a unidade do sentimento, da grandeza espiritual, do destino fraternizado das duas nações. O próprio Atlântico interpôsto entre ambas serviu mais de traço de união do que de hifem negativo afastando-nos uns dos outros.

No nordeste do Brasil, onde mais se fez sentir a tradição portuguêsa através dos primeiros povoadores, ainda hoje o folclore, as tradições de festejos populares nos versos e música das "Chegangas", dos "Pastoris", das "lapinhas", do "Bumba-meu-boi", dos "reisados" e "fandangos", refletem a alma de Portugal, no ingênuo e puro sincretismo de aculturações onde se traçam origens de outros povos unidos ao lusitano na obra majestosa da civilização do Brasil.

No mundo das letras, portuguêses e brasileiros se confundem. Não há estudante que não conheça Eça, Herculano, Guerra Junqueiro. Não há mulher brasileira que não recite versos de Júlio Dantas. João de Deus é ídolo, e Castilho, um marco de pureza vernácula. Em Portugal se venera Castro Alves e Casemiro de Abreu, e se adora o "lumen civitatis" que foi Ruy Barbosa. Nomes brasileiros e portuguêses se confundem, e, apesar de séculos, muita gente ainda julga que certos beletristas lusitanos são brasileiros, e alguns brasileiros são portuguêses. E' a prova provada da mais absoluta comunhão entre os dois povos, amalgamados, abraçados, unidos na marcha de um mesmo destino.

E' durante as festas do Natal que mais vem à lembrança do brasileiro a imagem de Portugal. Ambas as nações reverenciam e comemoram a vinda de Jesus com aquêle fervor que só o misticismo da crença pode inspirar. E quando à missa do galo os sinos enchem de harmonias os campanários, e se espraiam pelos vales e montanhas, nêsses poéticos povoados do sertão, os hinos da fé, é como se os mártires do nosso povoamento surgissem de suas tumbas e trouxessem do além, os estímulos de seu patriotismo, os brados de comando na batalha do porvir.

Tipo de beleza da população camponesa de Portugal, por ocasião do fim da colheita da uva na região do Douro, quando homens e mulheres em seus trajes característicos, encerram com festas e danças o êxito das vindimas

A VIDA DE FLAUBERT

(GUSTAVE FLAUBERT — 1821-1880)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

EM 1840 um jovem de 18 anos, estranho, tímido, mal humorado, simpático, desleixado, orgulhoso, sensível e mordaz, foi estudar direito em Paris. "Parecia-se com um deus grego vestido numa camisa de flanela vermelha e calças azuis". Falava pouco e quando abria a bôca "sua língua embebia-se num tonel de vinagre". Alardeava completo desprêzo pelas convenções; e tinha a todo o mundo, inclusive a si próprio, na conta de um rematado tolo. "O primeiro papalvo que vejo logo pela manhã sou eu mesmo, quando me ponho diante do espêlho para fazer a barba". E o último, acrescentava "é qualquer pessoa com quem por acaso falo antes de me recolher".

— Quem é êsse singular indivíduo? — indagavam os estudantes.

— Flaubert. Gustave Flaubert. Seu pai é o cirurgião-chefe do Hospital de Ruão.

— Deve ser estupendo — disse um dos estudantes a Flaubert — ser filho de uma grande celebridade.

— Que tem isso de estupendo?

— Oh! Pense no número de vidas que êle salva.

— Sim — bufou Flaubert. — Meu pai salva os estúpidos para que continuem com sua estupidez.

II

Foi sempre um excêntrico, sempre interessado no lado mórbido da vida. Quando criança, trepava no muro do hospital do pai para olhar os cadáveres no anfiteatro. Sentia uma fascinação especial pelos lunáticos e idiotas e imaginava que êstes encontravam nele uma fascinação especial. Observador nato, começou a tomar notas sôbre as pessoas mal aprendeu a escrever. Filho de um dissecador de corpos humanos, êle veio a tornar-se um dissecador de almas humanas. Ainda pirralho, compôs peças que representava com sua irmã num palco armado em casa — a mesa de refeições da família. Não contente com suas peças, escreveu também uma novela e dois ensaios "científicos" — sôbre Corneille e sôbre a constipação. Tudo isso antes de atingir os 13 anos.

Mas quando escrevia tinha de se esconder do pai. O dr. Flaubert mostrava-se decididamente avêsso a que seu filho seguisse a carreira literária. Quando Gustave tentou ler-lhe uma de suas "obras-primas", o doutor adormeceu. Queria fazer de Gustave um bom cirurgião, como êle próprio e como Achille, irmão de Gustave. "Nós, os Flaubert, somos uma família respeitável e não queremos entre nós nem vagabundos nem poetas".

E assim Gustave foi mandado para uma respeitável escola, onde durante oito anos sonhou, observou, escreveu, troçou dos colegas e os amparou amigavelmente, pois, como acontece com a maioria dos misantropos, no fundo êle era uma alma delicada, e aos dezoito anos comunicou terminantemente a seu pai que não queria ser médico.

O pai prontificou-se a transigir. "Se não queres ser médico, então terás de ser advogado". E despachou-o para Paris, a fim de estudar Direito.

Gustave, porém, era cabeçudo. "Sou um bárbaro", dizia. "Tenho a obstinação de um bárbaro". E o amor de um bárbaro pela aventura. "Sou descendente de piratas sicilianos". Também êle iria ser um pirata, um flibusteiro do espírito, um caçador do tesouro da frase perfeita. "Quero ser um escritor e nada mais".

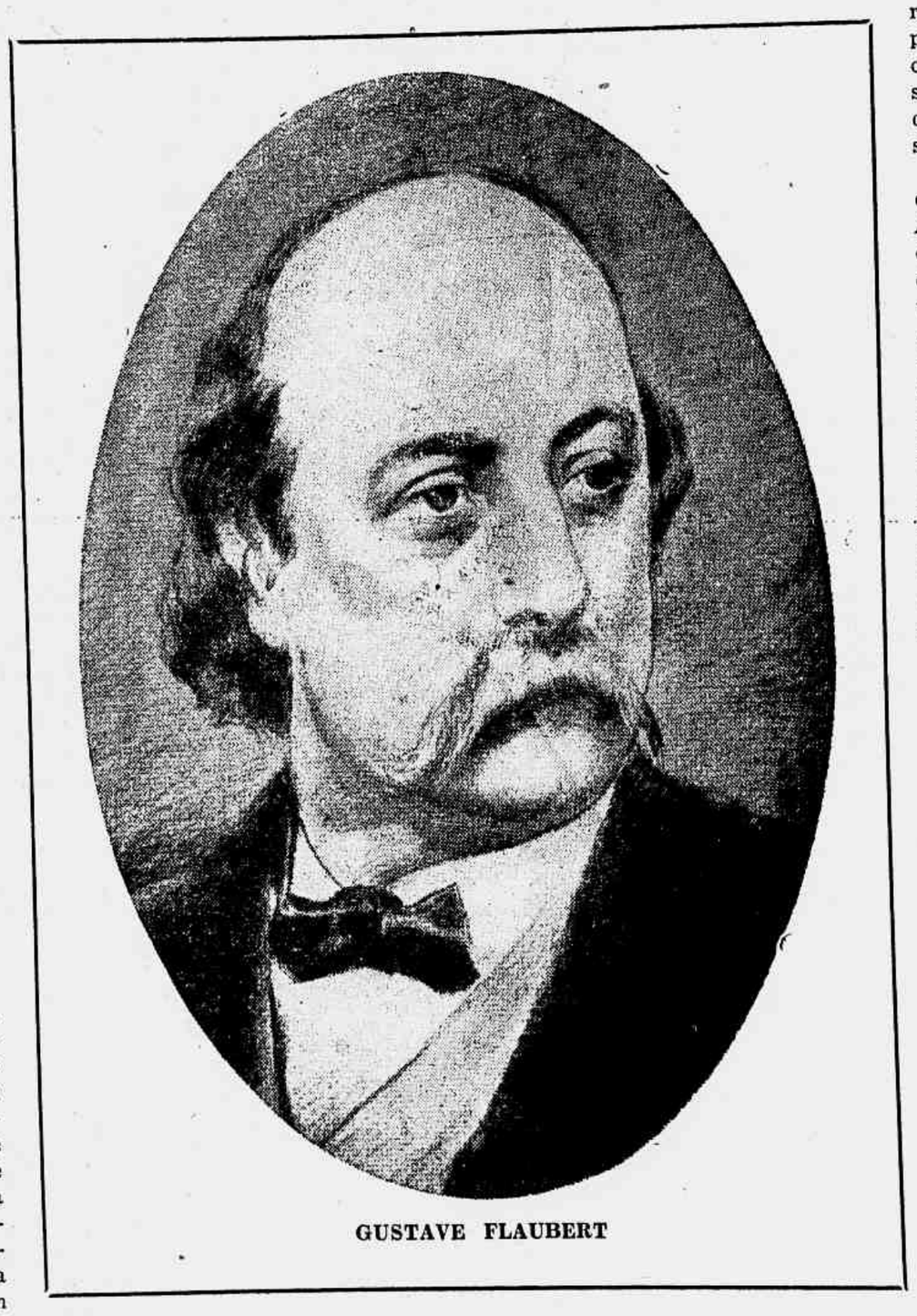
Seu pai abandonou-o como um caso perdido. E Gustave, aliviado, largou os livros de direito e voltou-se para o **Dom Quixote**, "a bíblia da loucura humana". Êste livro tornou-se a fonte principal da filosofia de Flaubert, o princípio cardeal de sua fé. "O defeito dos homens não é serem biltres, mas pacóvios". Imbuído dessa filosofia, escreveu várias peças e romances focalizando neles os aspectos mais sombrios da vida — a história de um homem que perdeu a alma assim como Peter Schlemil perdeu sua sombra, a tragédia de um catalético que é enterrado vivo e que morre blasfemando contra seu destino, as aventuras de uma criatura cuja mãe é um ser humano e cujo pai é um macaco — histórias fantásticas e ainda não amadurecidas que escreveu para seu entretenimento próprio e para divertir os amigos.

E êsses amigos de Flaubert ainda eram mais pessimistas que êle. "Éramos um grupo de jovens extravagantes a viver num mundo estranho... O caminho que nos era familiar ladeava a loucura e a morte... Alguns deles deram cabo da vida; outros tiveram morte natural; um enforcou-se com a própria gravata; vários outros deram para beber a fim de afugentar seus pensamentos sombrios.

Flaubert, entretanto, pôde manter um sadio equilíbrio entre a loucura e o suicídio. E isso devido a três dos seus amigos mais convencionais: Ernest Chevalier, Alfred le Poitevin e Maxime du Camp. Enquanto Gustave tinha um mórbido interêsse pela literatura e pela vida, êsses três jovens tinham um interêsse saudável pela literatura e pela vida. Chevalier era a combinação do poeta e do político — um homem que tinha a cabeça nas nuvens e os pés firmemente pregados no solo. Le Poitevin, filho de um negociante próspero, estava também fadado ao triunfo nos negócios. (E' interessante notar que a irmã de Le Poitevin foi a mãe de Guy de Maupassant.) Du Camp, diretor da **Revue de Paris**, arvorara-se em guia de Flaubert, não só nos vergéis da fantasia mas também nos caminhos do mundo. Arrancou-o da sua solidão e induziu-o a travar relações. Em 1849 levou-o consigo numa viagem ao Oriente.

Essa viagem foi um dos episódios mais encantadores da vida de Flaubert. "Jamais esquecerei aquelas aventuras — as côres e os sons do Egito, o Nilo, a Síria, a Palestina, Malta, Constantinopla". As Pirâmides sobretudo o fascinaram. "Quando alcançamos o sopé da colina onde estão as Pirâmides, lancei meu cavalo a todo o galope. Du Camp fez o mesmo... À vista daquela grandiosidade, meu cérebro rodopiava. Era ao entardecer. As três Pirâmides, todas côr-de-rosa, pareciam alagadas de luz...".

Três Pirâmides. Três amigos. E uma amante. Êle conheceu Louise Colet, a jovem que se tornaria sua amante, no atelier do artista Pradier. Era uma poetisa de pouco talento e de enorme encanto. Muitos dos luzeiros literários de Paris, conquanto ficassem frios diante da beleza da sua poesia, mostravam-se de fogo ante a poesia da sua beleza.



GUSTAVE FLAUBERT

Certa vez em que Victor Hugo lamentava a mutilação da Vênus de Milo, ela observou que os braços da famosa estátua tinham sido recuperados.

— Como assim? — perguntou, surprêso, Victor Hugo. — E onde estão?

— Dentro de minhas mangas — respondeu Louise Colet.

Quando o tímido Flaubert conheceu essa jovem e desenvolta cortesã, rendeu-lhe seu coração, sua mente e toda a sua faculdade de crítica. "Ela é não somente a mais bela mas a mais talentosa mulher de Paris", dizia êle numa cegueira de apaixonado.

Contudo, nunca se casou com ela. Entre outras coisas havia a desaprovação da mãe a êsse enlace. Seu pai morrera e Flaubert vivia nessa ocasião em Croisset, perto de Ruão, com sua mãe. Madame Flaubert, uma senhora pequenina e neurótica, era muito apegada ao filho. "Não o repartirei com nenhuma outra mulher, nem ainda com um anjo vindo do céu".

Mas o próprio Flaubert era avêsso ao casamento. Estava disposto a dar à sua amásia tudo que ela quisesse, menos a posse completa de seu corpo. Êste seu corpo era apenas a sua sombra. Vivia num mundo de idéias, não de coisas. "Na verdade", dise êle, "nunca abracei uma mulher. Nem mesmo Louise. O que tive nos braços foi a aparência do amor, mas não o verdadeiro amor".

Esta "aparência de amor" foi suficientemente forte, contudo, para exercer influência em todo o curso de sua vida. Pois foi com a inspiração de Louise que êle burilou seu estilo literário e se lançou a série de romances que o iriam colocar na primeira fila dos criadores da literatura mundial.

Todavia a inspiração do amor e o devotamento da amizade eram apenas sombras passageiras no mundo de suas idéias. Flaubert foi, essencialmente, um homem da solidão. Viveu sozinho com seus pensamentos. Rompeu com Louise, rompeu com seus três amigos, e retraiu-se para dentro da casca de eremita do seu gênio. Era terrível a sua língua satírica e não menos mordaz a sua pena. Quando Du Camp, movido por simples bondade lhe deu conselhos práticos referentes à publicação de um dos seus livros, Flaubert recebeu-os como uma afronta. "Não o censuro por publicar suas coisas e agradeço-lhe a boa intenção ao advertir-me quanto à publicação das minhas. Mas essa sua mania de cuidar do meu bem-estar parece-me um tanto ou quanto cômica. Não estamos mais na mesma estrada, você e eu. Não navegamos mais no mesmo barco. Deus nos conduza a cada um de nós aonde queremos chegar — você para um pôrto seguro, eu para o mar alto".

E assim deixou os amigos, ainda os mais íntimos, e os amôres e fez-se ao largo, em demanda de uma intransigente carreira literária.

III

Como escritor, Flaubert foi uma rara combinação do romântico com o realista. "Existem em mim dois homens diferentes", escreveu êle. "Um deles ama o barulho, o lirismo, os grandes vôos de águia, todas as retumbâncias do fraseado e todas as culminâncias das idéias. O outro investiga e perscruta a realidade o mais profundamente que pode, compraz-se em trazer a público os pequenos como os grandes fatos e gostaria que seus leitores sentissem quase que materialmente as coisas que êle reproduz. Êste último gosta de rir e sente prazer no animalismo da humanidade".

Durante toda a vida, Flaubert oscilou entre os dois mundos, o da fantasia e o da realidade. Às vêzes remontava-se nas asas da imaginação e outras vêzes reboleava-se no esterquilínio da existência material. E quando acontecia estar vivendo num dêsses dois mundos, no mesmo momento, o seu desejo era que estivesse vivendo no outro. Nunca falava do livro que estava escrevendo; referia-se constantemente ao que ia escrever. Daí a série dos seus livros ser uma invariável alternação entre o realístico e o romântico: **Madame Bovary, Salambô, A educação sentimental, A tentação de Santo Antão, Bouvard et Pécuchet.** A alternação não era apenas acidental; era a resultante do perpétuo conflito interior entre o artista e o cientista, o poeta e o misantropo, o consolador e o desprezador do gênero humano.

Mas no que êle escrevia, fosse o que fosse, estava sempre o artista consumado. "No começo é o Verbo". Para Flaubert uma palavra não era simplesmente o condutor de um pensamento. Era uma entidade viva com voz, perfume, personalidade, alma. Êle polia e repolia o que escrevia, dedicando às vêzes um dia inteiro a uma única frase até que a reunião das palavras naquelas páginas tivesse atingido uma perfeita unidade musical. Quando possível evitava usar a mesma palavra duas vêzes na mesma página. "Não devo ofender o ouvido como não devo ofender o coração dos meus leitores".

Todavia êle tinha pouco respeito pelo espírito dos seus leitores. "O espírito humano é tragicamente estúpido". Essa abismal estupidez humana repelia-o e ao mesmo tempo o atraía. Estudou-a como um médico consciencioso estuda uma doença repugnante, isto é, a fim de uma vez determinada a sua causa, poder atinar-lhe com a cura. Já se disse que Ernest Renan procurava encontrar um pouco de sabedoria ainda num idiota, mas que Gustave Flaubert sempre procurava encontrar um pouco de parvoice mesmo num sábio. Mas ainda aqui era o médico que existia em Flaubert (durante séculos seus antepassados haviam sido médicos), que gostava de sondar a personalidade humana, insistindo num exame periódico e completo para descobrir e eliminar a enfermidade em seus primeiros sintomas.

Foi nesse esfôrço para descobrir e eliminar a doença — a doença da insignificância burguesa — que êle concebeu e escreveu o maior dos seus romances, **Madame Bovary.** Êste livro, como o **Fausto** de Goethe, é a biografia de uma alma errada. Mas enquanto o herói de Goethe, apesar do seu proceder canhestro, é guiado por um instinto para o único e verdadeiro caminho, a heroína de Flaubert, com todos os seus planos, é desviada por um instinto para o único caminho falso — caminho que, partindo do aborrecimento, vai, através da transgressão, (Continua na pág. 82)

Casa das Novidades
CASA DAS NOVIDADES
Fazendas
E
armarinho
ELEGANTE SORTIMENTO DE TECIDOS DE ALTA MODA NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Artigos
PARA CRIANÇAS E UM SEM NÚMERO DE ARTIGOS PARA PRESENTES
★
A CASA DAS NOVIDADES agradece a preferência dos seus gentis clientes, desejando-lhes as maiores felicidades em 1949
BOAS FESTAS
FELIZ ANO NOVO
★
IMPORTAÇÃO DIRETA
PADRÕES EXCLUSIVOS
Casa das Novidades
Av. Nossa Senhora de Copacabana, 611
Telefones: 37-7122 e 37-7088

Melhor que um guarda sol...

oleo MATASOL

Único produto fabricado especialmente para proteger a epiderme contra os raios infra-vermelhos.

Evite as perigosas consequências das queimaduras causadas pelo sol, usando MATASOL!

Tonifica e bronzeia a pele

Embalagem muito prática, em ampolas de gelatina, o que facilita a sua aplicação.

À venda em todas as farmácias e drogarias.

FABRICA BRASILEIRA DE AMPOLAS

Rua Visc. de Parnaíba, 1182 — São Paulo

SÔBRE DOIS SONETOS

Por **EDMUNDO LYS**

(Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

HÁ trinta anos, numa primavera de Paris, distante da pátria e dos amigos, morria o poeta Raimundo Corrêa. O grande parnasiano que, com Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, constituiu a tríade máxima da escola, legava à posteridade uma obra pequena, mas das mais representativas de nosso gênio poético. Êsse príncipe da forma que trabalhava os seus sonetos exaustivamente, lapidando-os com o sentimento e a finura de um joalheiro que talhasse, no mundo minúsculo do diamante, orientes magníficos de luz e de refulgências, consumira a sua arte para deixar apenas algumas obras-primas, quase tôdas não excedendo os quatorze versos do soneto. Entre essas obras-primas, duas se destacam e se impõem, imortais criações dêsse poeta que foi um filósofo e um pensador e que, cultor apaixonado da forma, animava-a com o calor do seu estro e com a profundeza de seu pensamento; essas duas joias da poesia brasileira são: "Mal Secreto" e "As Pombas".

Não importa que Raimundo Corrêa seja assim conhecido como o poeta dêsses dois sonetos. Se todos os seus versos nos falam de um grande inspirado, os dois sonetos bastam para consagrá-lo. Felix d'Arvers foi imortalizado por um soneto apenas. Não importa, outro tanto, que êsses sonetos tenham sido inspirados — como se disse — em Gautier e Metastasio.

Muito sofreu o poeta com as acusações de plágio que lhe fizeram. Mas, ainda que faltasse a originalidade do pensamento, nêsses dois sonetos, nêles é que a idéia ganhou sua forma perfeita. Nêles é que os similes revestiram essa idéia da eternidade.

A glória dêsses sonetos, vem com certeza de seu sentimento.

Mais do que em quaisquer outros versos de Raimundo, do que em quaisquer outros versos brasileiros, encontramos aqui, com o pessimismo, o sentimento humano, a pungência de um coração, a dôr transubstanciada em arte. E essa notação sincera, eloquente a grave dá aos dois sonetos sua grandeza e sua eternidade.

Ainda há pouco, Antônio Constantino evocava a história triste das acusações feitas a Raimundo Corrêa por causa dêsses versos imortais. Recapitulava então as palavras de Valentim Magalhães, em defesa de seu amigo, acusado de ter plagiado em "As Pombas" um trecho em prosa, de Gautier: "Realmente os superficiais, os que lêm sem digerir e sem assimilar, os incapazes de penetrar além das letras e de descortinar outro horizonte além do da página do livro em que se recheiam inùtilmente de erudição, êsses, diante à confrontação do trecho de prosa francêsa com os últimos tercetos do soneto em questão, têm que se assanhar e de que vir a público trombetear acusações delirantes contra o primoroso poeta das "Sinfonias". Ora, Raimundo Corrêa dando de barato, por verdadeiro, que êle ao compôr o soneto conhecesse, ou tivesse presente à memória, a bela imagem de Gautier — que Gautier não podia garantir haver criado, que tem sido empregada, explorada, imitada, repetida por outros muitos escritores fez um soneto admirável, originalíssimo pelos encantos do verso, harmonioso, expressivo, singelo; originalíssimo pela música suave e melodia do ritmo; originalíssimo, enfim, pela forma que constitui a verdadeira originalidade, e que em Raimundo não se parece nem se confunde com a de nenhum poeta, nosso ou de fora. Tão original, êsse soneto acoimado de plágio, que tem sido imitado, plagiado uma, dez, cem vêzes, aqui como em Portugal. Quem é que já se lembrava dêsse pensamento de Gautier? E, hoje, quem há que possa esquecer o soneto de Raimundo? Por que? Porque êle, com o poder de seu talento, com a fôrça de sua poderosíssima individualidade artística, fez daquela límpida gota dágua um largo, sereno e cristalino lago!"

Aqui está o soneto "As Pombas":

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
de pombas vão-se dos pombais, apenas
raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
sopra, aos pombais de novo, elas, serenas
ruflando as asas, sacudindo as penas
voltam tôdas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
os sonhos, um por um, céleres voam,
como voam as pombas dos pombais;

no azul da adolescência as asas soltam,
fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
e êles, aos corações, não voltam mais...

Valentim faz a comparação entre o trecho de Gautier e o soneto de Raimundo: "Compare-se, além disso, o pensamento fundamental do soneto, a sua intenção literária, com a simples imagem de Gautier, e ver-se-á que a diferença é muito maior do que parece. Gautier diz: **ao seu ideal que venha depressa, porque, se êle se demorar, já êle, poeta, terá perdido a fôrça de amá-lo; porque a sua alma, cheia de desejos, é como um pombal, cheio de pombas; a cada hora do dia, voa um desejo, mas as pombas voltam ao pombal, e os desejos não lhe voltam ao coração.** No soneto de Raimundo compara-se o coração, na mocidade, com um pombal; a partida e a volta das pombas são descritos admirável, originalíssimamente: duas obras-primas êsses quartetos imortais! Gautier falou em "desejos", Raimundo diz "os sonhos" que, na primeira estação da vida, partem: "No azul da adolescência as asas soltam" — idéia que não se encontra na passagem de Gautier. Êste referiu-se à perda dos desejos; Raimundo à perda dos sonhos, na juventude. Não há, então, diferença no pensamento de um e do outro poeta? Negá-lo, agora, fôra demasiada teimosia e má fé".

Raimundo Corrêa foi o poeta das Pombas e do Mal Secreto. Ao "Mal Secreto", Martins Fontes chamou "O Soneto Supremo"... E Martins Fontes celebrou também num soneto, a glória do "Mal Secreto"...

O "Mal Secreto" faz-me, intimamente,
pensar naquele espêlho de ouro e jade,
que, segundo nos conta, Scheherazade,
reproduzia o coração da gente.

Nessa obra-prima da sinceridade,
que lembra a face de um cristal, se sente
a lama humana mostrar-se, de repente,
nua, em tôda a crueza da Verdade!

Quem não terá relido, fascinado,
o soneto supremo de Raimundo
Corrêa, e, ao ver-se nêle retratado,

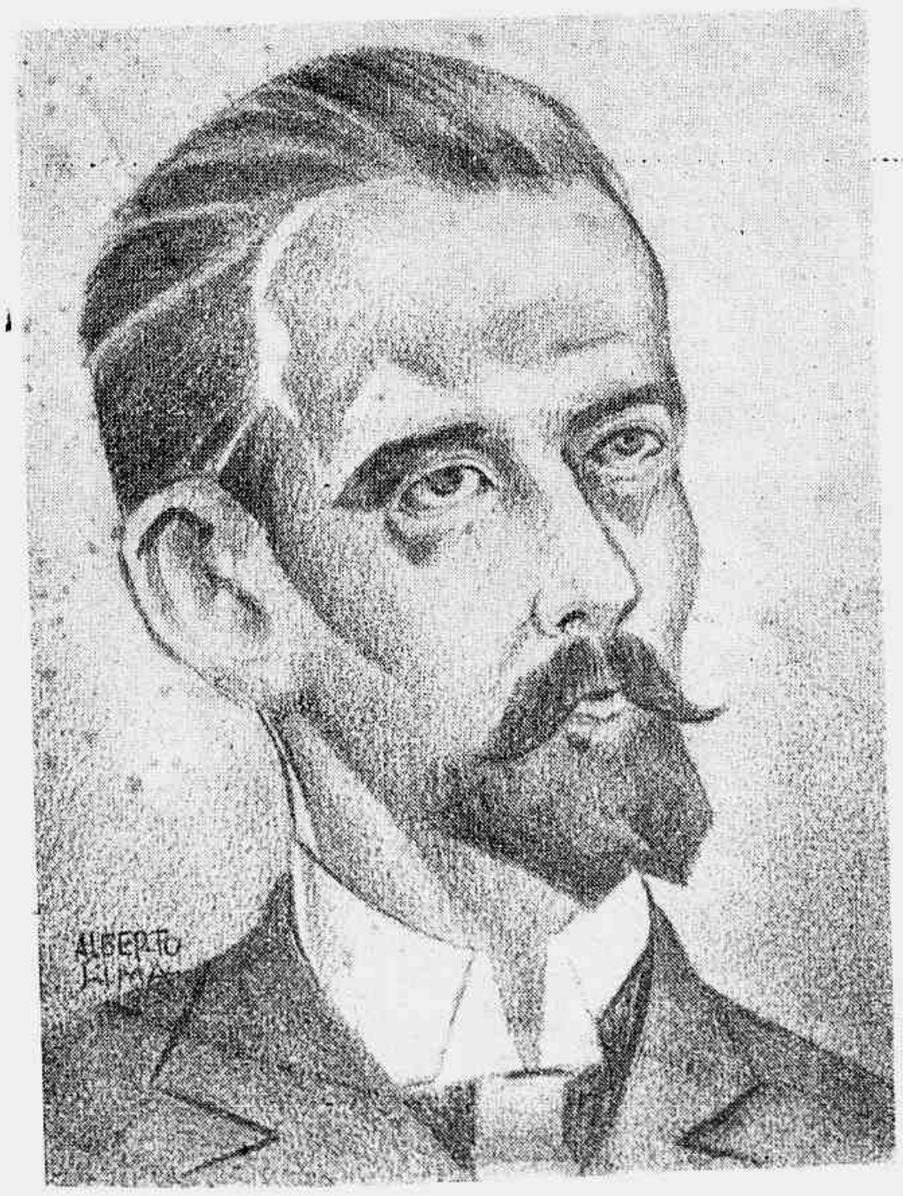
Mal disfarçado seu pesar profundo,
com terror, não se tem considerado
o homem mais desgraçado que há no mundo?

Antônio Constantino contou-nos também a história desta joia da inspiração, cuja origem se atribuiu a umas quadrinhas de Metastasio. O biógrafo de Raimundo assim escreve, sôbre a gênese do "Mal Secreto".

"Valentim Magalhães contava que Raimundo vivia transladando poetas estrangeiros, preocupações que se lhe transformou em mania. Razão teve Artur Mota ao dizer que, do hábito das traduções, resultou para Raimundo a acusação de plagiador e, também de buscar inspirações em obras de outrem. E' desolador se verem críticos de renome como José Veríssimo afirmar absurdos a respeito de Raimundo; "Os temas dos seus dois belos e mais justamente afamados poemas "As Pombas" e "Mal Secreto" não lhe pertencem, mas nem por isso êsses admiráveis sonetos são menos seus, tanto êle lhe recriou e ressentiu o sentimento original e tão formosamente os afeiçoou consoante com a sua índole poética".

Artur Mota narrou certa vez que havia apurado, através de pessoa digna e que falava de ciência própria, ter o estardalhaço sôbre os plágios de Raimundo, nascido à tradução de um poema de Jean Richepim, tradução divulgada sem ser mencionado o nome do autor francês. A falta proviera de descuido, pois o tipógrafo suprimiu o nome de Richepim que Raimundo escrevera, como sub-epígrafe, na tradução. O quanto chegou para incendiar a fúria dos invejosos proclamando a Raimundo reles surripiador de versos estranhos. A acusação, conforme sempre acontece, não se restringiu ao malsinado poema de Jean Richepim. Raimundo sofria as consequências de traduzir de mais. O tema de "Mal Secreto", não o colheu Raimundo em trabalhos alheios. Da celeuma provocada por Luís Marat, se originou a afirmativa de haver o poeta se valido de duas quadrinhas, descobertas em Metastasio, para transformá-las no soneto. Mas é capcioso isso. A presença foi casual, por que antes, muito antes de enviar o soneto aos jornais e de o incluir, em 1883, nas "Sinfonias", seu segundo livro, Raimundo já havia publicado outro, com o mesmo título, outro "Mal Secreto" portanto, com a mesma idéia fundamental e com boa parte das mesmas palavras. O primeiro "Mal Secreto" figura em "O Boêmio" de São Paulo, número 9, datado de 1 de outubro de 1881. "O Boêmio" foi a revista que Raimundo redatoriou com Valentim Magalhães e Eduardo Prado. Nêsse tempo frequentava êle o 4.º ano da Faculdade de Direito, e sòmente quase dois anos após é que se divulgou a segunda forma do soneto. No primeiro (e isto merece atenção por ser de importância) nenhuma reminiscência existe de Metastasio, das quadrinhas sem refulgência alguma, como se pretende aliás, em relação ao segundo "Mal Secreto". Verifica-se que o embrião do soneto se encontra nos versos de 1881, de inspiração raimundesca, não obstante serem de fatura nada recomendável para o talento do autor, versos fraquíssimos e descurados na forma. Entre um e outro, possível houvesse o poeta encontrado as rimas de Metastasio, e alguma coisa da impressão sentida passasse ao novo soneto. Não se pode contestar, pois, que o tema é seu, exclusivamente seu. Para negá-lo, necessário seria negar, antes de tudo, a autoria do primeiro soneto. Julgo, portanto, de suma relevância a revelação, liquidando, de vez, a imputação assacada e aceita por quem

(Continua na página 30)



RAYMUNDO CORRÊA

Natal
Festa das Famílias.
Festa da Cristandade

Sempre novidades em artigos de bom gôsto para cavalheiros e meninos

★

Grande variedade de artigos para as festas de NATAL e ANO BOM

A TORRE EIFFEL

Ouvidor
97 - 99

O ano cinematográfico de 1948

Por **LEON ELIACHAR** ★ (Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

ELEANOR POWELL — Esteve no Rio em setembro de 48

JOHN FORD — Dirigiu "A Pérola"

COMO sempre, as xaropadas cinematográficas invadiram as nossas telas em grande quantidade. Vimos comédias repetindo as mesmas piadas sem graça; dramas passionais com crimes de morte, e a eterna justificativa do distúrbio psíquico; novelas policiais com mistérios intrincados, resolvidos por detetives amadores; musicais coloridos com melodias nem sempre bonitas, como pretexto para nos mostrarem pernas — nem sempre bonitas; filmes de aventura em florestas improvisadas dentro do próprio estúdio; "westerns" em preto-e-branco, "westerns" em tecnicolor e "westerns" em cinecolor, que foi a pior "descoberta" que o americano poderia ter feito; histórias de amor sôbre o "eterno triângulo", peças teatrais de sucesso na Broadway e fracassadas na tela, etc., etc., etc.

Em compensação, os quarenta ou cinquenta filmes bons, metidos nessa produção em massa, oriunda de vários países, nos deram a satisfação de verificar que ainda existem homens como Emilio Fernandez, Michael Powell, Emeric Pressburger, John Ford, William Wellman, Jean Delanoy, Henry Hathaway, Henri-Georges Clouzot, e muitos outros, empenhados em fazer cinema. Porque se existe a concorrência entre os que fazem do cinema um simples comércio, é evidente que existe a concorrência também entre os que encaram o cinema como arte.

Uma vista d'olhos pelo mundo, e veremos perfeitamente que o cinema, nêste ano de 1948, tem sido olhado mais de perto, com muito mais simpatia. Em França, os produtores esforçam-se para apresentar ao mundo argumentos sólidos e inteligentes; na Inglaterra, Arthur Rank quase que monopoliza a indústria, tentando fazer concorrência forte a Hollywood — a capital do cinema no mundo; a Itália reforça o ritmo de sua produção de após-guerra; o México eleva o nível de suas realizações, ao ponto de apresentar um celulóide exclusivamente artístico, como "A Pérola"; a Argentina, a exemplo dos inglêses, limita a importação de filmes estrangeiros, a fim de obter melhores resultados pelos seus próprios filmes; Portugal manda seus diretores e produtores ao estrangeiro para filmagens fora do país, forçando, assim, a aceitação de seus filmes no além mar; o Brasil, sempre no início de sua "carreira", aumenta a quantidade de seus celulóides, mas mantém sempre o mesmo padrão de qualidade inferior, enquanto que Hollywood continua a mesma Hollywood de sempre, presa a fórmulas que fazem os seus filmes por atacado. Apesar disso, é justo que se reconheça, não só agora, mas por muito tempo mais, a supremacia técnica dos Estados Unidos na confecção de películas. Qualquer outro país do mundo que se encontrasse na liderança dos maiores produtores de filmes, ver-se-ia na contingência forçosa de elaborar filmes baratos, sem conteúdo artístico, devido à grande quantidade que abarrota o mundo inteiro. Contando, ainda, com o maior capital do mundo, Hollywood pode contratar quem quer que seja, pelo preço exigido, tornando-se uma cidade internacional, onde se encontram os maiores talentos do mundo, no que concerne à cinematografia. E a prova está em que os melhores filmes exibidos nêste ano de 1948, não tiveram simplesmente sua origem em França, Inglaterra e México, mas uma grande parte chegou dos Estados Unidos, dessa mesma Hollywood que todos combatem, que todos proclamam a sua decadência, mas que, ainda assim, possui verdadeiros cineastas, capazes de fazer filmes artísticos, embora em quantidade reduzida, relativamente ao número exorbitante de sua produção.

Assim, tivemos êste ano filmes realmente notáveis. "A Pérola", fabricado no México, teve sua origem numa belíssima novela de John Steinbeck, dirigido por Emilio Fernandez e fotografado por êsse poeta da câmera, que é Gabriel Figuerôa. Independente de sua história, singela e profundamente humana, cada quadro é uma composição de um verdadeiro artista, de um pintor de fina sensibilidade. "Nêste Mundo e no Outro" e "Narciso Negro", da dupla Michael Powell-Emeric Pressburger, escritores, produtores e diretores, forneceram à Inglaterra a honra de figurar entre os países que melhores trabalhos apresentaram êste ano. A França retomou o seu antigo pôsto, enviado-nos produções dignas de respeito e admiração, como "Crime em Paris", policial de alta classe, com Louis Jouvet, sob a direção de Henri-Georges Clouzot; "Angela e Satanaz", de Pierre Chenal, com o grande Von Stroheim; "Sinfonia Pastoral", baseado numa obra de André Gide, com Michèle Morgan, e direção de Pierre Chenal; "Trágica Inocência", dirigido por Henri Decoin e interpretado magistralmente por Michel Simon; "Torrente de Paixão", "Eterno Marido", "Monsieur Vincent", "Águas Tempestuosas" e vários outros. A Argentina e Portugal nada nos apresentaram de extraordinário, enquanto que o cinema nacional, embora lançando fitas em maior número, como "Êste Mundo é um Pandeiro", "Falta Alguém no Manicômio", "Obrigado, Doutor", "Mãe", "Cavalo 13", "Folias Cariocas", "Inconfidência Mineira", se bem que tenha revelado um ligeiro progresso técnico, especialmente na parte fotográfica, continuou mantendo o mesmo baixo nível de sempre. A mania dos "cartazes" radiofônicos ainda persiste. Livrando-se das cuícas e dos pandeiros, fugindo à rotina dos "shows" carnavalescos, foram cair nos dramalhões extraídos de peças radiofônicas. Continuam faltando bons argumentos, bons diretores, bons artistas — sem o que não se pode fazer um bom filme. A "nova fase" que andou se apregoando não passou, portanto, de mero boato...

Quanto a Hollywood, criando o novo gênero de filmagens "in-loco", intensificou a sua produção de semi-documentários, apresentando-nos êste ano filmes de valor como "Sublime Devoção", de Hathaway; "Cidade Nua", de Jules Dassin; "O Beijo da Morte", de Hathaway; "A Cortina de Ferro", de Wellman e "O Justiceiro", de Elia Kazan. Outros filmes dignos de nota foram "A Cruz de um Pecado", de Vincent Sherman; "Corpo e Alma, de Robert Rossen; "Brutalidade", de Siodmak; "A Dama de Shangai", de Orson Welles; "Prisioneiro do Passado", de Delmer Daves; "Domínio dos Bárbaros", de John Ford; "Ciumes", de Gustav Machaty; "Expresso para Berlim", de Jacques Tourneur; "O Vale do Destino", de Jean Negulesco; "O Tesouro de Serra Madre", de John Huston; "Monsieur Verdoux", de Chaplin; "Perdidos na Tormenta", de Fred Zineman; "A Vida de um Sonho", de George Stevens; "Sua Única Saída", de Raoul Walsh; "O Bêco das Almas Perdidas", de Edmond Goulding; "Meu único Amor", de Raoul Walsh; "Ninho de Abutres", de Delmer Daves; "O Homem Sem Coração", de Albert Lewin; "Fatalidade", de George Cukor; "Um Anjo Caído do Céu", de Henry Koster, e vários outros.

Das inúmeras "reprises" a que assistimos, destacamos as seguintes, que continuarão sendo sempre grandes filmes, qualquer que seja a época em que foram exibidas: "Em Cada Coração um Pecado", de Sam Wood; "Extase", de Gustav Machaty; "Caricia Fatal", de Lewis Milestone; "Mulher Oculta", de Alfred Hitchcock, e "39 Degraus", de Hitchcock.

Embora mil novecentos e quarenta e oito tenha sido, relativamente, um ano bom, não podemos deixar de registrar alguns acontecimentos tristes, que enlutaram a cinematografia mundial: a morte de Griffith, de Mark Hellinger, de Jacques Feyder, de Lumière, de Gregg Tolland, de Louis Salou, de Marguerite Moreno e o suicídio espetacular da jovem Carole Landis. Foram elementos preciosos para a sétima arte e o cinema só pode lamentar a sua perda.

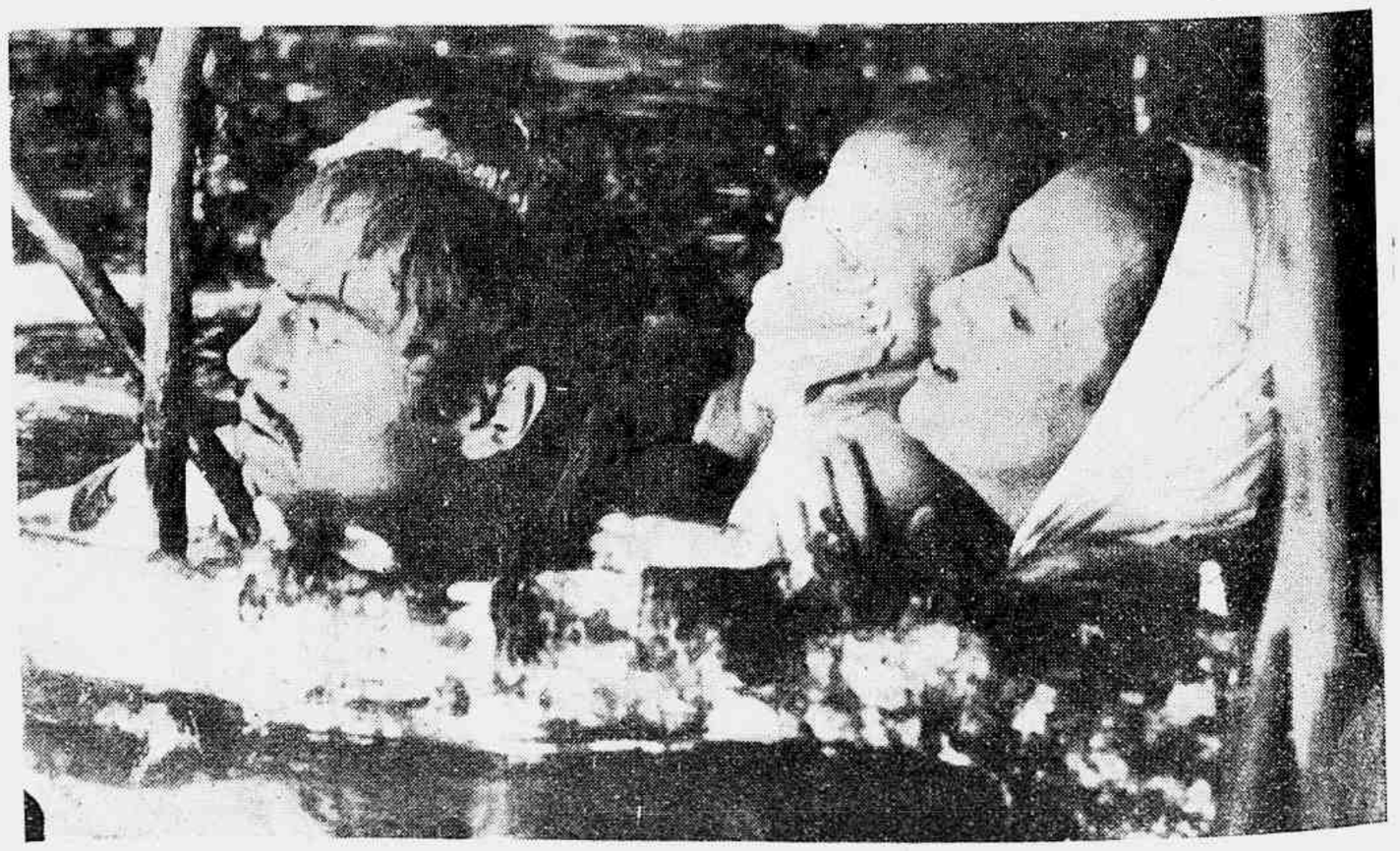
Visitaram o Rio, êste ano, o sr. Antônio Villar, a sra. Eleanor Parker e a sra. Mariella Lotti. Todos foram muito bem recebidos e deixaram ótima impressão entre os fans.

Y asi pasan los dias... enquanto 1949 se aproxima. Alguns filmes de valor, a julgar pelas críticas estrangeiras, talvez sejam lançados até o fim dêste ano. Mas — sabe-se lá por que — o exibidores preferem guardá-los, como está acontecendo com "O Proscrito", esquecido nas prateleiras da United há mais de dois anos. E' possível, também, que aconteça muita coisa importante até 49. E é possível que tenha acontecido algo que deixamos de mencionar, mas a culpa é que também somos sêres humanos — e um cronista também tem o direito de esquecer...

Que ninguém fique aborrecido conosco, é o que desejamos. E que caprichem mais os produtores nacionais em suas próximas películas, olhando mais para a qualidade do que para a quantidade. E fazemos votos que a tão apregoada "nova fase" e os "passos à frente" do cinema brasileiro apareçam realmente no ano vindouro...

★

PEDRO ARMENDARIZ e MARIA ELENA MARQUES, interpretaram "A Pérola"



Conto de **JOÃO LUSO** ★ Ilustração de **A. PACHECO**

O Aleijadinho da Rua Sete

QUEM se não lembra do aleijadinho que vendia bilhetes de loteria na rua Sete de Setembro? Toda a gente o conhecia e simpatizava com êle. Além do mais, tinha uma fisionomia tão alegre... Por isso, o seu infortúnio quase não inspirava compaixão. Se êle assim se resignava, parecia até contente da sorte que Deus lhe dera, como haviam os outros de lamentá-lo? De certo a maior parte dos transeuntes, sãos embora e escorreitos, se não consideravam tão ditosos como êsse estropiado que estacionava num vão de porta, mal erguido e todo torto, a sorrir e a oferecer os seus bilhetes... Contudo, a ninguém passava pela cabeça responder-lhe com um "não" sêco e impiedoso, ou irritar-se quando êle, arrastando-se, de quatro, atravancava a calçada. E assim Lourenço, com a sua enfermidade e a sua jovialidade, gozava, na vida, dum privilégio raríssimo, único talvez: não metia pena nem causava inveja. Era um felizardo!

— Então, não vai hoje um bilhetinho, meu senhor? O aleijadinho dá sorte...

E dava. Pelo menos, arranjara essa fama. Entre a sua clientela, havia supersticiosos que atravessariam a cidade inteira para não comprar a outro, só a êle. Não importava que a experiência falhasse uma, dez vêzes, anos seguidos... Longe de se desiludirem do estranho poder de Lourenço, continuavam, cada vez com maior esperança e convicção, a esperar "a sua vez". Sim, estava claro, o azar era deles; e quem lho podia, mais dia ou menos, tirar senão Lourenço, que justamente era mascote? Mas não só dêsses maníacos se compunha a vasta freguesia de Lourenço. Havia também os que se lhe mantinham fiéis por hábito, simplesmente, como frequentavam um barbeiro, um café, um engraxate; os generosos que, acima de tudo, obedeciam à boa intenção de o ajudar a viver; outras categorias ainda e os casuais, os avulsos que, por influência do sorriso e da voz de Lourenço, ao cabo dum momento de hesitação, de luta íntima, seduzidos, quebrando talvez um propósito sagrado, puxavam de repelão a carteira, exclamavam:

— Homem, deixe ver!

Não faltava quem, dando-se ares de conhecer a vida íntima do aleijado, afirmasse que êle fazia rapidamente fortuna. Histórias... Coisas que se contam, até de mendigos. Lá porque dum ou outro se verificou terem enchido o seu pé de meia, hão de ficar todos podres de ricos! Desde que algum se torne mais conhecido no centro da cidade e mereça um pouco mais da caridade pública, logo corre a seu respeito a lenda de pôr dinheiro no banco, possuir avenidas ou mandar tudo para a terra. Povo murmurador... Não, Lourenço não enriquecia nem sequer juntava. Em primeiro lugar, a comissão dos bilhetes era irrisória; com o excesso de concorrentes — e principalmente por causa da criançada que trabalhava quase de graça — cada vez os patrões se mostravam menos liberais; e pouco lhe adiantavam as grandes loterias, do meio ou do fim do ano, porque então a percentagem baixava ainda. Depois, se êle fosse sozinho em casa... Ah, se êle fosse sozinho, realmente, podia amealhar... A questão é que mantinha duas irmãs, uma delas viúva, com filhos pequenos. Seis bôcas a sustentar, e aluguel da casa, e roupa, e calçado... Por mais bilhetes que vendesse, como havia de passar, êle já de si tão torto, da cêpa torta?

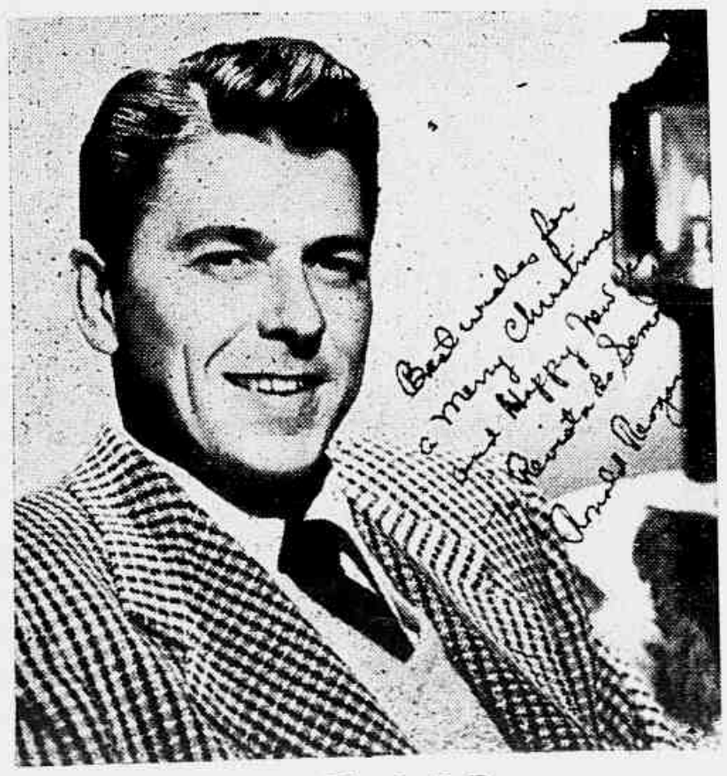
Entretanto, não se queixava. Nada lhe perturbaria o natural contentamento. Nunca o seu apêlo aos transeuntes assumia a feição de lamúria, ou mesmo de solicitação. Era antes um convite, um convite gracioso, com o seu quê de promessa e de tentação. Não se queixava também por uma questão de pudor, de orgulho. Perfeitamente, e então? Lourenço, no fundo — e no bom sentido, note-se, — era orgulhoso. Tanto assim que, se alguma dama, penalizada mas sem coragem de desembolsar o preço do bilhete, pretendia compensá-lo com um níquel, Lourenço baixava os olhos, acenava que não com a cabeça, sorrindo mas recusando formalmente; e cavalheiro de mãos largas que lhe mandasse guardar os miúdos do trôco recebia, em tom modesto mas firme, qualquer resposta dêste gênero:

— Não, meu senhor, muito obrigado... Negócio é negócio!!

Ora, naquele sábado, vésperas de Natal, desde manhã chovia sem cessar. Já na sexta-feira e na quinta, as coisas tinham corrido a Lourenço bem pouco favoravelmente... A crise! Mas, no sábado, pior ainda. Pela calçada, escapava-se, encolhida nos impermeáveis ou abrigada sob os guarda-chuvas, uma multidão aborrecida e desatenta. Debalde Lourenço — contra o seu costume — erguia a voz, apregoando os três "últimos". Nenhuma cabeça se voltava, ninguém o ouvia. E aquêles últimos, que por sinal eram os primeiros do dia, desesperadoramente lhe iam ficando na mão... Nem êle se lembrava de Natal assim. Trovoadas, aguaceiros de vir tudo abaixo, nada mais natural. Retirava-se então lá para dentro e, acocorado ao fundo da escada, aguardava tranquilamente que a rebordosa passasse. Como, de fato, logo passava. Agora aquêle tempinho, aquêle chuviscar teimoso, morrinhento, infindável — em dezembro, era a primeira vez! Transigindo ainda mais com os seus hábitos de discrição e dignidade, passou a anunciar, gritando, os finais dos bilhetes, e não pelo número, mas pelo bicho: — Olha o gato,

(Continua na página 82)

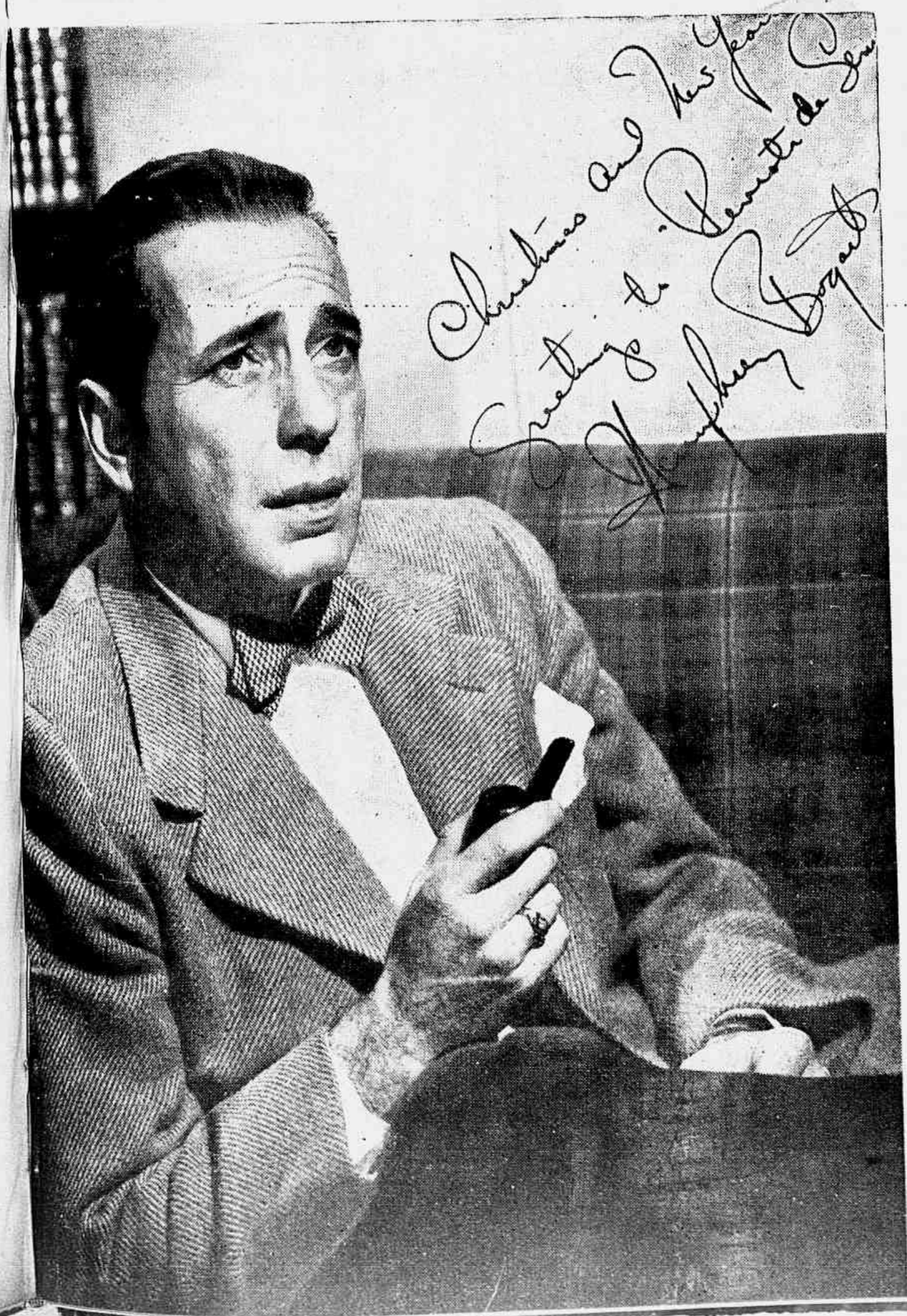
BOAS-FESTAS DE HOLLYWOOD



OS "astros" e "estrêlas" da capital do cinema, a estonteante Hollywood, não se esquecem da REVISTA DA SEMANA e todos os anos nos enviam suas saudações de Natal e Ano Bom. E' uma gentileza que muito nos desvanece e prova que, por mais altas que estejam essas divindades no firmamento estrelado da Sétima Arte, sempre se lembram dos mortais que vivem na face da terra. Para nossos leitores a cortesia das rainhas da tela e dos reis das "cameras" têm muito valor, pois que, mandando-nos suas mais recentes e artisticas fotografias, proporcionam aos leitores a oportunidade de possuirem excelentes elementos para seus albuns. Se o mundo inteiro vibrasse nos encantamentos dêsse intercâmbio gentil como sucede com as deidades de Hollywood, com certeza êste planeta não viveria nas eternas complicações de guerras frias e quentes, gozando todo mundo de paz e prosperidade, de alegre Natal e boas entradas de Ano Novo, tanto em português, como em inglês ou escandinavo. Às soberanas de Hollywood e aos "bonitões" dos seus estúdios, os agradecimentos e retribuições da REVISTA DA SEMANA.

Merry Christmas to "Revista de Semana"
Deanna Durbin

To "Revista de Semana"
Sincere good wishes
for the coming year
Juliet Smith


Christmas and New Year
Greetings to "Revista de Semana"
Humphrey Bogart

"Revista de Semana"
Very Kindest Regards
Merry Christmas
and Happy New Year
Errol Flynn

FESTAS
— Coitado do papai! Com êsse calor, fantasiar-se de Papai Noel...
— Quatro vasos iguais?... Essa gente só dá de festas o artigo do dia?!
— Há muito otário nesse mundo. No ano passado recolhi 60 pares de sapatos!
O pau dágua: — Será que o Papai Noel me trouxe outra Eufrosina?!!!
Papai Noel: — Onde vou arranjar uma bomba atômica para essa gurizada?!

CONSTRUINDO A CAPITAL DO MUNDO

Plano Zeckendorf, prevendo um conjunto de edifícios novos, com teatros, escritórios, residências, avenidas, para não comprometer a sede da U.N.

DENTRO dos proximos meses a séde permanente das Nações Unidas começará a ter forma no lado oriental de Manhattan, na tumultuosa Nova York.

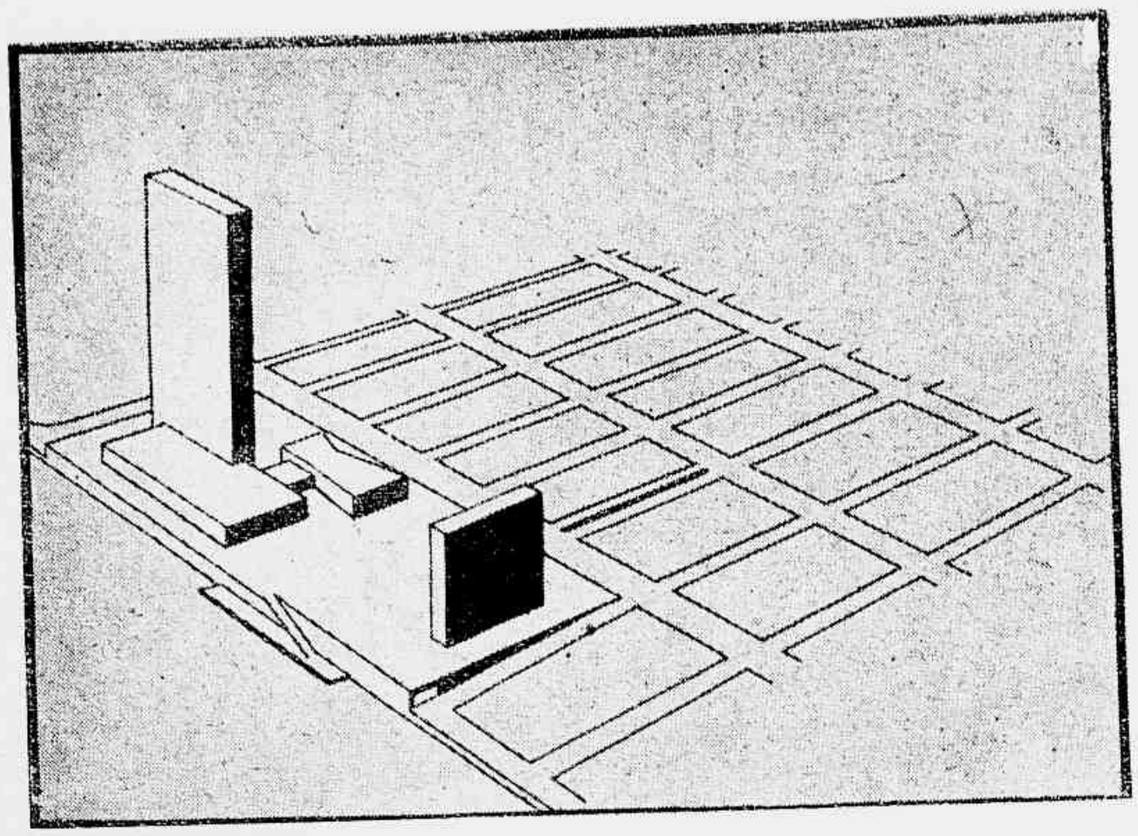
Numa área de setenta acres de terreno ocupado por velhos edificios de habitação coletiva, com uma população eclética e de aspectos suburbanos, onde também funcionavam fábricas de cerveja e pululavam suarentos homens de rudes trabalhos, centenas de operários deram início à ingente tarefa de demolir pardieiros e sobradões vetustos, removendo depois destroços e terra na prévia preparação das bases para ali erguer-se a mais importante obra de arquitetura de nossos tempos.

Segundo os cálculos, já pelas alturas do verão de 1950, o primeiro edificio do conjunto que formará a séde da U. N., grande construção de 39 andares, deverá estar pronta para alojar o secretariado das nações.

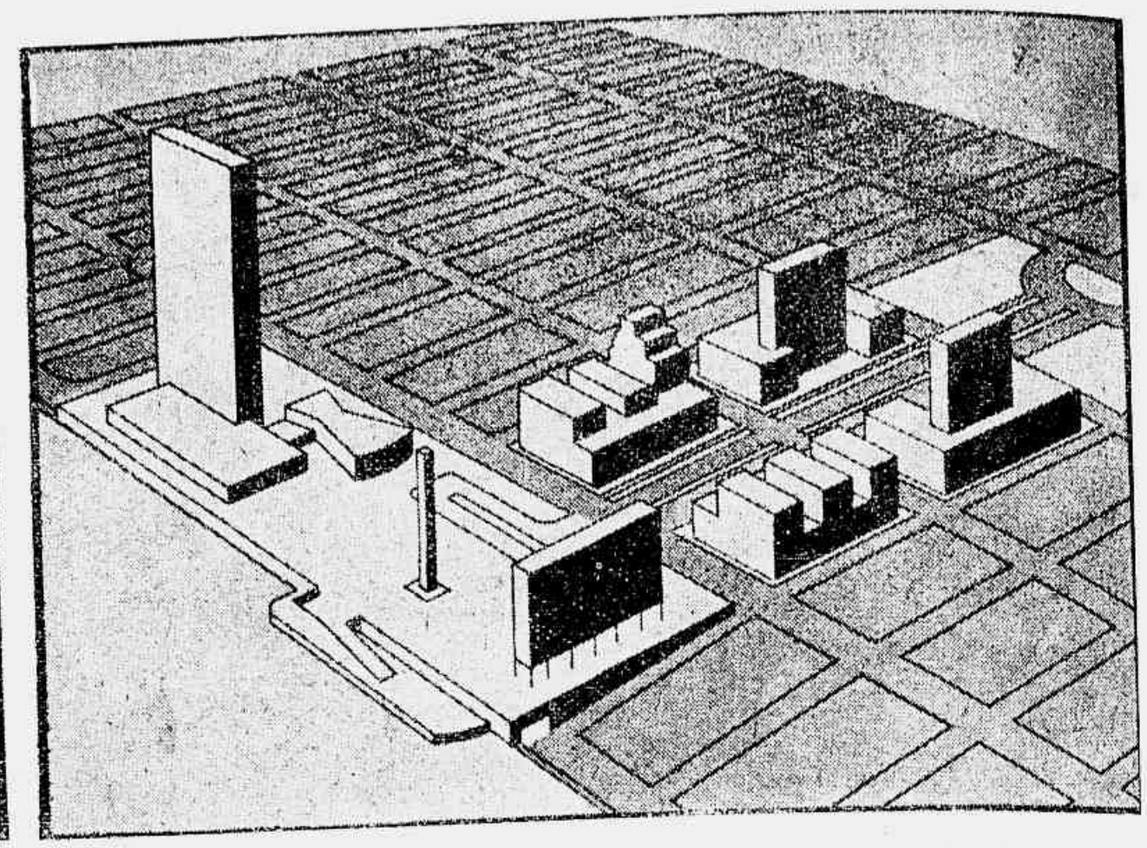
Nos planos originais analisados na primavera de 1947, foi imaginada a construção de monumental centro arquitetônico com modernos arranha-céus espaçosos e majestáticos equipados com o que houvesse de mais perfeito e científico em confôrto e eficiência. Os orçamentos para o plano iam de 100 a 125 milhões de dólares, ou seja, em moeda brasileira, ao cambio, de então, mais de 2 milhões e 500 mil contos de réis.

Mas, diante dos problemas da inflação e em face de um mundo com fracas reservas de numerário, aquêle primitivo plano foi reduzido a uns modestos 65 milhões de dólares.

Contudo, mesmo com as adaptações para diminuir a despesa da gigantesca construção, o desenho básico da obra permaneceu integral. Na parte mais ao sul da área já conquistada, que é limitada pela East River, Primeira Avenida, ruas 42 e 48, será erguido o edificio do Secretáriado. Seguindo-se ao mesmo e com face para o rio, será elevado o edifício para as delegações, e, ao centro do terreno, ficará o terceiro prédio destinado às Assembléias. No edifício médio ficarão alojadas as delegações e todos os seus membros e adidos especializados. Gigantosca e moderníssima garage subterrânea será construida sob êsses edifícios com capacidade para 1.500 carros. A antiga



O plano da Municipalidade era para que, no terreno contíguo à sede das Nações Unidas, nada se construísse, no momento



O Instituto Americano de Arquitetos apresentou projeto para modernizar-se a área vizinha da sede da U.N. em sentido menos monumental

"Housing Authority" que se erguia no fim da rua 42 e que foi atingida pela nova planta, será integrada no plano e ali funcionará a biblioteca das Nações Unidas.

Essa majestosa massa de edifícios a Século XX que o mundo ergue pela paz universal, oferecerá ao espectador uma visão deslumbrante, semelhando gigantesca cidade de vidros. O edifício principal será o do Secretariado com seus dois lados de leste e oeste parecendo duas enormes muralhas de vidraças em virtude de suas 5.400 janelas separadas pelas faixas de alumínio em belíssima disposição arquitetônica. Ali serão instalados restaurantes e terraços para delícia dos senhores delegados, descansando o espírito com as deslumbrantes vistas sôbre as águas do rio, e relembrando a figura do imortal Franklin D. Roosevelt, pois ali passa um trecho de via pública com o seu nome.

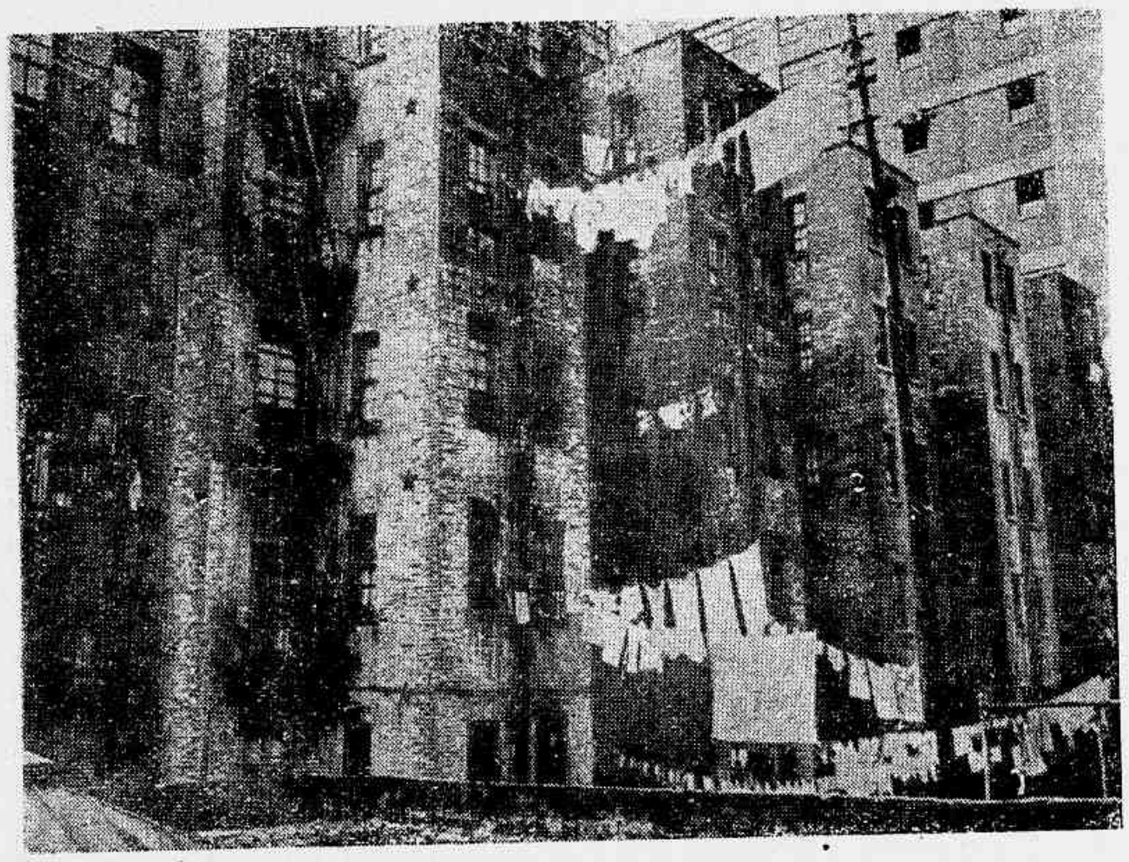
No edifício da Assembléia vão ser empregados vidrarias de grande efeito e aço purissimo, tendo seu salão a capacidade para comportar mil espectadores bem acomodados em confortáveis poltronas. Todos os três edifícios têm interconexão e serão dotados de ar refrigerado. Apesar da economia feita em relação ao plano primitivo, a planta atual manteve a beleza e tôda a originalidade da anterior. Grandes pátios e terraços, com piscinas e fontes, bem como uma encantadora fileira de jardins ao longo do East River dará magnitude e dignidade ao conjunto. A cidade de Nova York dispenderá 23 milhões de dólares com variados melhoramentos em tôda a vizinhança. Um tunel será construido sob a Primeira Avenida e ao longo da área das Nações Unidas, afim de que seja desviado o trafego e não se ouça o ruído dos automóveis. Pequenos parques, arborização, rampas e aterros serão realizados pela cidade afim de dar à vizinhança melhor aspecto, de forma que nada comprometa a beleza dêsse Centro Politico do Mundo.

Para que tudo seja realizado com sucesso, engenheiros e técnicos idealizaram uma série de construções contiguas à área dos três edificios da U. N. Assim, três planos foram examinados: o da Cidade de Nova York, o sugerido por William Zeckendorf e, por último o plano do Instituto Americano de Arquitetos. Executadas as obras de aformoseamento e de belíssimas construções das areas vizinhas do "Centro do Mundo", conforme vemos nas maquetes aqui publicadas, Nova York passará a ser a cidade lider em grandiosidades urbanísticas de feição ultra moderna.

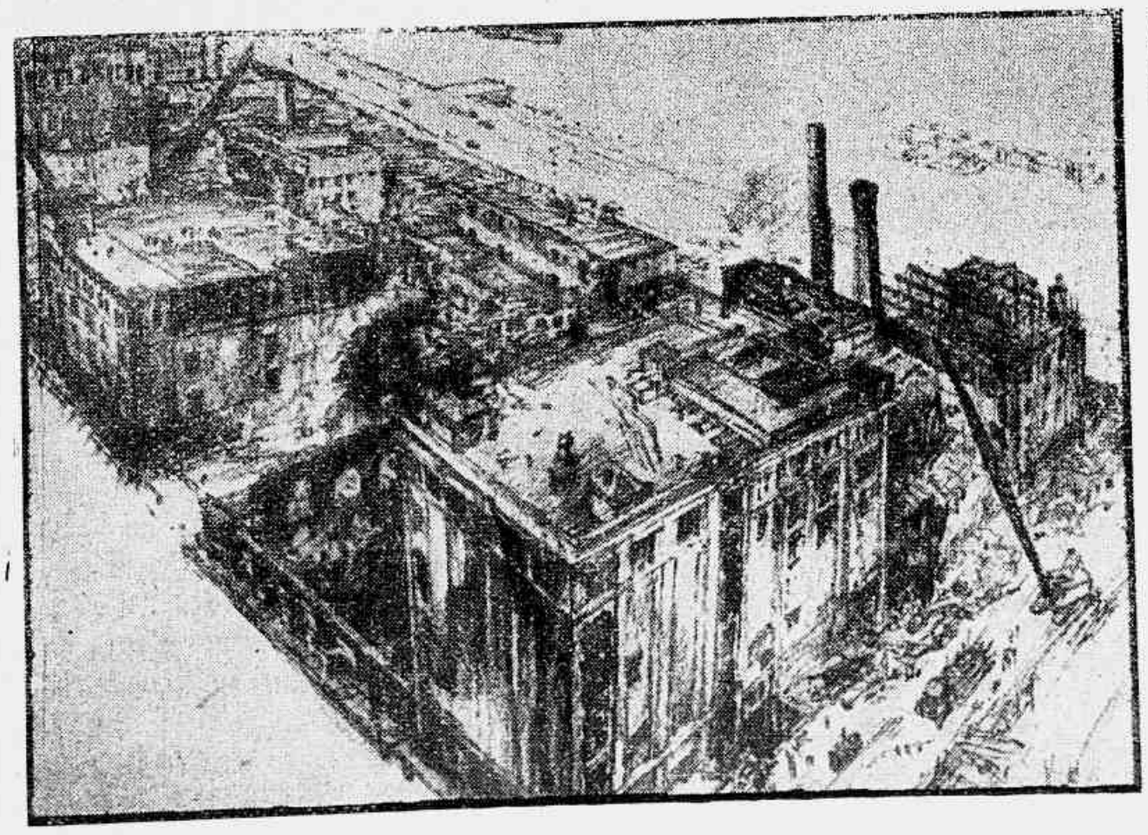
Para nós, brasileiros, é motivo de orgulho o sabermos que nossa pátria se fez representar por um dos mais famosos arquitetos do continente, o hoje mundialmente conhecido Oscar Niemeyer. Onze arquitetos tomaram parte na confecção dos planos, formando o Comitê das Nações Unidas, designados pelos govêrnos dos seguintes paises: Estados Unidos, Australia, Belgica, Brasil, Canadá, China, França, Suécia, Rússia, Inglaterra e Uruguai.

Baseado nas novas teorias arquitetônicas, êsse plano se carateriza pelo aproveitamento lógico do solo, permitindo, dentro das exigências do programa a distribuição clara e harmoniosa de todos os seus elementos.

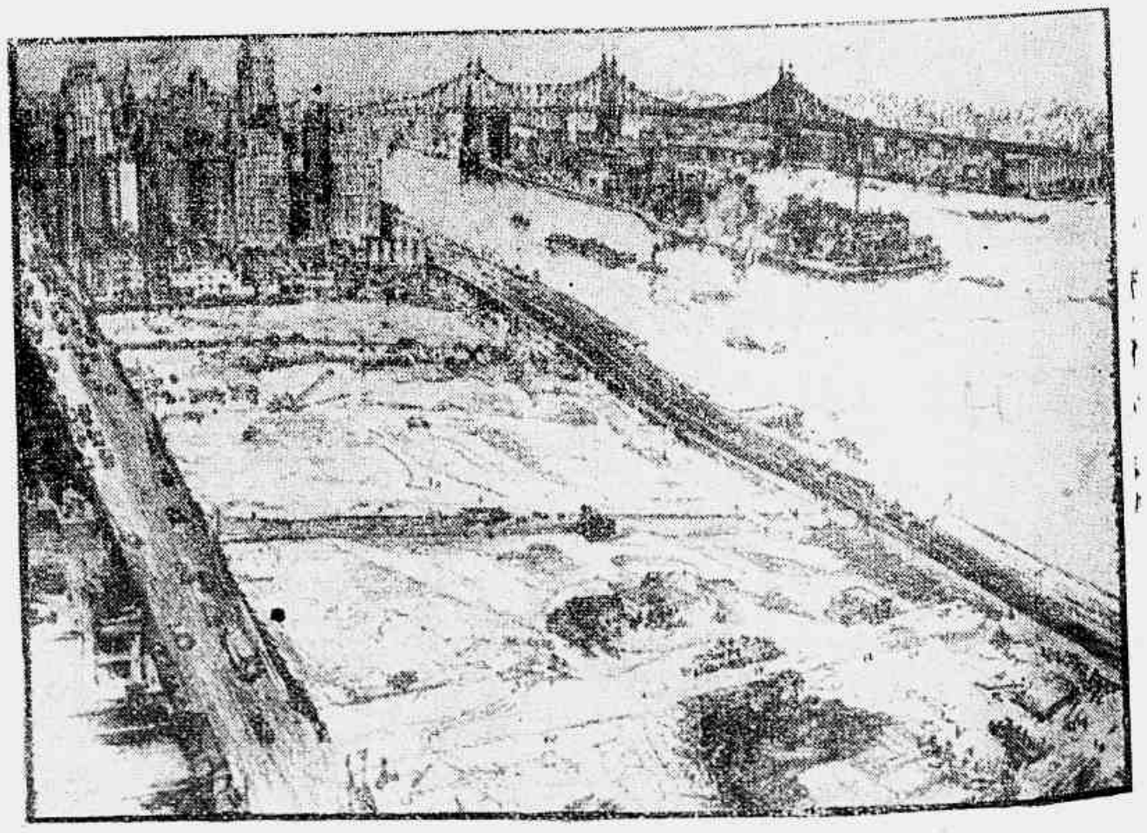
Todos os engenheiros intervieram no plano definitivo, de maneira que, de acôrdo com a deliberação do Comité de Arquitetos, não haverá autor individual do projeto aprovado e executado, devendo ficar no anonimato afim de que todos apareçam como co-autores numa obra de solidariedade e colaboração igual e harmônica. Faz-se preciso dizer, porém, que coube ao representante do Brasil, Oscar Niemeyer já famoso por tantas obras de valor inigavel, como o edificio do nosso Ministério da Educação, classificação em primeiro lugar para a edificação das Nações Unidas. Daí em diante, todos os seus colegas se aliaram à grandiosa obra, que, para vaidade nossa, teve como base as idéias arquitetônicas do nosso patrício.



Se a municipalidade de Nova York não procurar modernizar as vizinhanças do local da sede da O.N.U. vistas como esta se defrontarão com o novo trecho



Em julho de 1947, menos de quatro meses depois de escolhido o local, cinquenta velhos edifícios começaram a ser demolidos com grande rapidez



Em outubro de 1948 já estavam todos os prédios demolidos e seus destroços transportados para longe, ou vendidos, preparando-se o terreno

Uma visão impressionante do que será, em futuro próximo, o conjunto arquitetônico da sede das Nações Unidas, em Nova York

Vista da área de Nova York, na ilha de Manhattan, à margem do Hudson, que foi desapropriada para no terreno ser erguida a sede das Nações Unidas (abril de 1947)

PÓ DE ARROZ
SANTAL
O PERFUME MISTERIOSO DA FLORESTA
ROGER & GALLET
PARIS · RIO

SÔBRE DOIS SONETOS

(Continuação da página 21)

nunca investigou as origens da obra de Raimundo. A segunda forma do "Mal Secreto" consta em número de "O Nosso Distrito", de 1883, folha editada na cidade paulista de França, pelos jornalistas lusitanos Cesar Ribeiro e Gaspar Silva, êste, compadre do poeta. "O Nosso Distrito" teve, portanto, a honra de estampar os versos ainda inéditos.

Eis o primeiro "Mal Secreto", datado de 1881, consoante apareceu em "O Boemio":

Se em muita fronte que parece calma
Se em muito olhar que límpido parece,
se pudesse notar, ler se pudesse,
tudo o que n'alma existe e vive n'alma!

Entre essa paz fictícia que se espalma
no rosto, a inveja, raro, transparece;
ela que à glória se envaidece,
e que às alheias lágrimas se acalma!

Alma, vítima dessa enfermidade!
Mal sabes que à dos outros sendo adversa,
Tu és adversa à própria felicidade!

A inveja, os risos todos te desperta;
menos ódio mereces que piedade,
porque és mais insensata que perversa.

Quem não enxerga aí, nos quatorze versos, a gênese do outro soneto? Há palavras que, na transposição, mudança nenhuma sofrem empregadas com igual sentido em ambos, como "parece", "alma", "existe", "rosto", "inveja", "piedade".

Se se cotejarem os versos acima e os das quadrinhas do italiano, observar-se-á a nenhuma relação entre as duas produções. E, se a concepção está no primeiro soneto, como admitir o plágio no segundo? O outro soneto, assás conhecido, aparece assim, tanto na única edição das "Sinfonias", como nas "Poesias", seleção definitiva. E' a forma conhecida e imortal do "Mal Secreto"...

"Se a cólera que espuma, a dor que mora
n'alma, e destroi cada ilusão que nasce,
tudo o que punge, tudo o que devora
o coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,
ver através da máscara da face,
quanta gente, talvez, que inveja agora
nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
guarda um atrôs, recôndito inimigo,
como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
cuja aventura única consiste
em parecer aos outros venturosa.

E Antônio Constantino prossegue:
"Alinhem-se os versos de idêntico sentido nas duas formas, e achar-se-ão mais convincentes ainda, os elementos confirmadores de haver sido o "Mal Secreto" de inspiração sua, sòmente.

E, depois de cotejar estrofe a estrofe, escreve o biógrafo de Raimundo: "Armou-se grande barulho e gastou-se muita tinta para forçar a prova da existência do plágio sem base.

Leiam-se as quadrinhas de Metastasio, tal como figuram na peça "Giuseppe Riconosciuto", da edição "Opere", de Trieste, 1857:

"Se a ciascun l'interno affanno
Si leggesse in fronte scritto,
quanti mai che invida fanno
ci farobbero pistá...

Si vedria che, i lor nemice
hanno in seno; e si reduce
nel parere a nei felice
ogni lor felicita"...

Nem imitação e de supôr no caso, ante a existência do primeiro soneto. O que houve foi mera coincidência, porque Raimundo não carecia de recursos menos lícitos. A essa coincidência, se apegaram, como disse Amadeu Amaral, aludindo ao assunto, "os eternos catadores impotentes de nugas da obra alheia, os eternos chicanistas do alheio merecimento para por taxa no renome de nosso poeta e até para indigitar impertinentemente não sei que furos na couraça rija da sua inteireza moral. Dupla injustiça, forrada de uma tolice".

Contudo, ainda se encontram na obra de Raimundo versos da mesma nota pessimista que gerou o "Mal Secreto", os quais confirmam que a idéia principal sempre andou latente em seu espírito, como, por exemplo, "O misantropo" que, no conceito de Ronald de Carvalho, "é um fruto amargo, vindo da árvore da ciência, com aquêle travor da maçã paradisíaca, misto de ensinamentos e perigos".

NOS BASTIDORES FEMININOS

JESUS NASCEU... (Pôse de Virginia Mayo, da R.K.O. Rádio e Samuel Goldwyn)

PAPAI-NOEL está às nossas portas... Você já escreveu a sua cartinha ou será que prefere uma surpresa? De qualquer forma você sabe que pode contar com a benevolência de Papai-Noel. Você tem a certeza de que êle não faltará e que deixará nos seus sapatos tudo aquilo com que você sonhou o ano inteiro. Papai-Noel vai ser bastante "camarada"... Depois da sua chegada, você poderá ostentar, radiante e feliz, todos os presentes que êle haja trazido e, naturalmente, você exibirá aos seus amigos tôda a sua felicidade, o que aliás, acho muitíssimo justo. No entanto, gostaria que no meio de tudo isso, você pensasse um pouco também naqueles que não receberão a visita de Papai-Noel: crianças ou adultos que sabem que não devem pedir porque nada podem esperar!... E' para êles que eu peço a sua atenção. Você que tem tanto e que tanto irá receber, poderá ajudar a encher de alegria o vazio de tantos corações infelizes... Será até divertido! Você e algumas amigas que se encontram na situação em que você se encontra, poderiam organizar uma festinha para as crianças pobres da redondeza. Ao redor de uma árvore que encheria de espanto os seus tristes olhinhos, estariam os presentes com os quais êles nunca haviam sonhado... Ou então, você poderia pedir emprestado o carro do papai, para ir você mesmo fazer as visitas que Papai-Noel não irá fazer. Peça ao "seu" Papai-Noel, um cheque para as despesas... Talvez as suas amigas possam fazer o mesmo, e, assim, vocês serão recebidas com entusiasmo e alegria por onde quer que passem. Isto dará a você a certeza de haver espalhado um pouco de esperança e de felicidade; isto fará com que você possas ostentar além da sua beleza, da sua graça e da sua elegância, a satisfação de ter feito alguma cousa em ebenefício dos seus semelhantes. Levar a um coração desiludido um pouco de ilusão; levar a um lar miserável um pouco de confôrto; levar à uma criança triste um pouco de alegria, são cousas que a colocarão acima das futilidades e do egoismo daqueles que só se preocupam com o próprio bem-estar.

À DIREITA: Dois elegantes modelos, um em sêda branca, blusa com nervuras e taxas douradas. Saia "godet"; o outro, também em sêda branca, tem gola e cinto bordados com lantejoulas, que também são salpicadas na blusa

À ESQUERDA: Notável Modêlo de Lucien Lelong em cetim côr de chumbo. Grupo de rosas na cintura. Um ombro descoberto, luvas longas em cetim preto. **À DIREITA:** Elegantissimo êste modêlo em sêda branca, bolero de franjas "maravilha". Saia com pregas terminando justa. O outro é uma sugestão em pesada sêda preta, "corpete" e mangas em finissima renda também de côr preta

A Consoada

Faça dessa noite uma noite de alegria para a família. Mesmo que você a passe em casa, o que seria mais interessante, a sua elegância não deverá ser prejudicada. E' sabido que muita gente se prepara ùnicamente quando deve sair, o que é um êrro. Nessa noite, principalmente, vista-se com elegância e faça com que ao seu redor tenha a alegria das cousas belas. Para a sua consoada, selecionamos êstes modelos de grande elegância.

No alto da página: Uma saia de sêda preta, "godet" de um lado, caindo em "cascata". Blusa branca com transpasse. Margaridas na cintura. O segundo modêlo é em original estampado preto e branco, "godet" na saia, forrado de tafetá preto, também caindo em "cascata"

AO ALTO, à esquerda: De Martha Hyer e Jacqueline White, da RKO, modêlo em organdi branco, grande decote, saia muito ampla com barra de crina e modêlo em gaze "chiffon" de corpo longo tudo em "ruches". À DIREITA: Para êsse dia, Schiaparelli criou êste modêlo com corpete de tafetá, saia de tulle" o babado de renda. EM BAIXO: Já Prescila Lane, dá preferência a um modêlo de renda, com decote descobrindo os ombros e gola ao seu redor. Corpete justo, saia "godet" mangas compridas com laços de veludo. Fita estreita também de veludo ao redor do pescoço

★

O vestido para a formatura, é sempre um problema, pois, nêsse dia a jovem que se forma quer, e com razão, aparecer bem bonita e elegante. Para ajudá-la, escolhemos êstes modelos onde a elegância e o bom-gôsto andam de mãos dadas

★

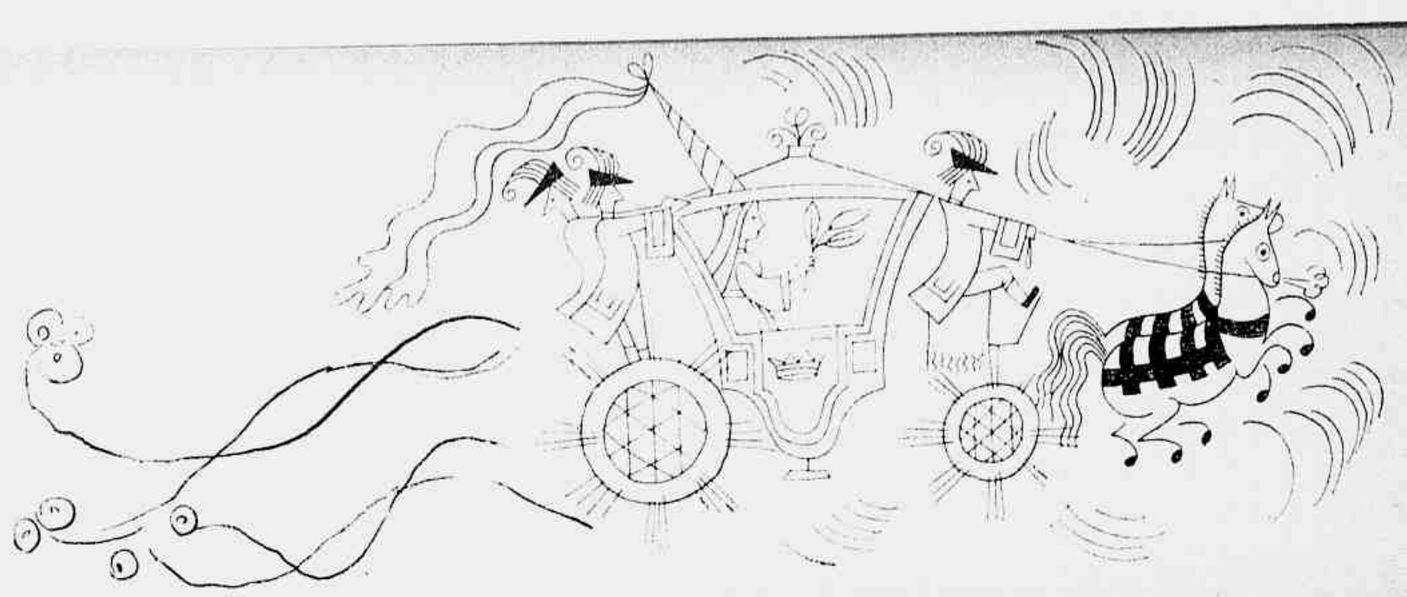
PARA A SUA

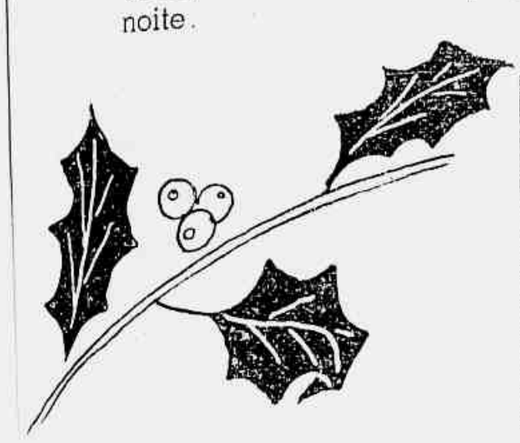
AO ALTO: Adrian Booth, da Republic, oferece a primeira sugestão. Trata-se de um vestido de "tulle" branco, com corpete franzido, saia muito farta com um babado só na frente. Faixa drapeada de cetim azul arrematada atrás, conforme se pode ver na gravura ao lado, por belíssimo "apanhado" de flores em tons claros. **EM BAIXO:** De Schiaparelli, modêlo em tafetá lavrado, com grande gola drapeada. Finalmente, em traço, à direita, um elegante modêlo em tafetá branco, simples e elegante

Formatura

PARA ESPERAR
Papá Noel

AQUI, camisolas e "robes" de grande "chic", para esperar por Papai Noel. O "velho" poderá se encantar de tal modo pela sua elegância qque acabará deixando nos seus sapatos todo o conteúdo do seu precioso saco. Escolha, portanto, o seu modêlo e prepare-se para a alegre noite.

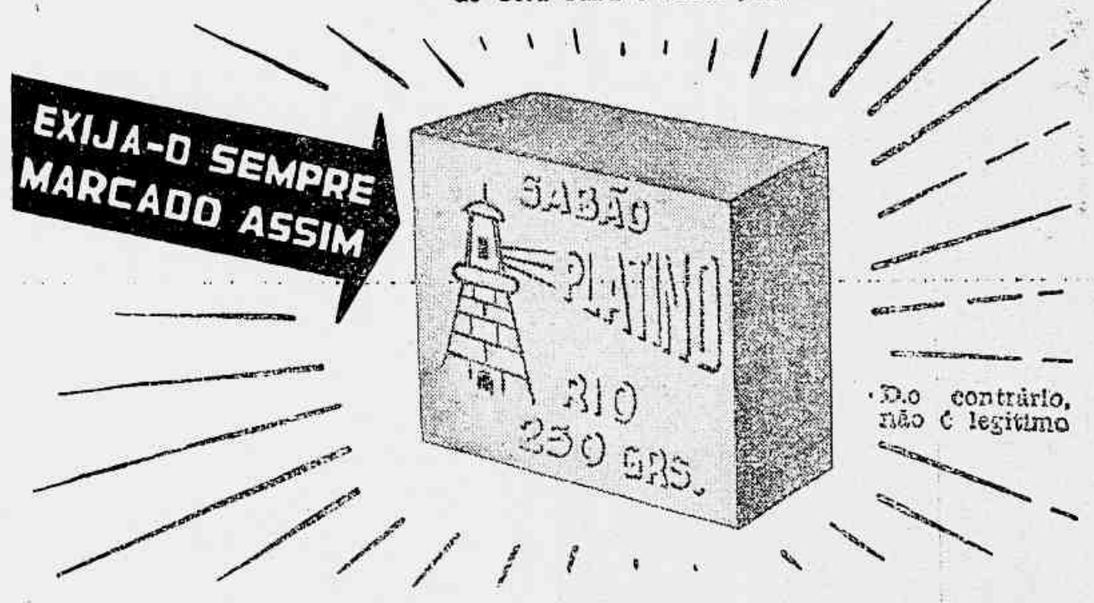




PENTEADOS MODERNOS
Para os dias de festa

E' grande a influência do penteado na beleza feminina. Traços perfeitos e um **make-up** impecável poderão ser prejudicados por um penteado inadequado. Escôlha nestas páginas o penteado que mais se adapte ao seu tipo físico, levando também em conta a **toillete** que vai usar. Se possível, faça uma experiência antes de chegar o dia, evitando assim qualquer possível decepção.

E' o que afirmam milhões de donas de casa em todo o Brasil por haverem encontrado no SABÃO PLATINO qualidades excepcionais, algo diferente que supera tudo quanto se possa desejar e exigir de um grande e maravilhoso SABÃO. As roupas mais limpas e cheirosas; maior eficiência e rendimento nas lavagens a par da pureza absoluta que lhe emprestam os óleos vegetais de que é fabricado, fizeram de PLATINO o mais falado e usado SABÃO do Brasil. Mas convém não esquecer de que tudo o que é BOM e se torna FAMOSO passa a ser imitado. Por isso, ao comprar SABÃO PLATINO, do mesmo fabricante de Cera Tabu e Pasta Joia,



ATENÇÃO! SENHORAS DO INTERIOR ATENÇÃO!
Se na cidade onde mora o seu fornecedor não tiver **SABÃO PLATINO**, peça diretamente à fábrica uma caixa de 16 pedaços, de 250 grs. cada, por apenas Cr$ 40,00 pelo REEMBOLSO POSTAL

COUPON DE PEDIDOS

Queiram enviar-me ..... do famoso SABÃO PLATINO

Nome .....

Rua ..... **Nº** .....

Cidade ou localidade .....

.....

SEM MAIS DESPESAS

Recorte e remeta êste coupon diretamente para
CARLOS PEREIRA, INDÚSTRIAS QUÍMICAS S/A
Caixa Postal 216 — Rio de Janeiro

O Parlamento e o famoso "Big-Ben", vistos de uma das modernas pontes sôbre o Tâmisa

COM OS INGLÊSES EM SUA CASA

VISÃO GERAL DA MAIOR CIDADE DO MUNDO ★ COMO SE VIVE ATUALMENTE EM LONDRES ★ A CITY E OUTROS CENTROS LONDRINOS ★ A VELHA DAMA DE THREADNEEDLE STREET ★ A TÔRRE DE LONDRES ★ PICCADILLY CIRCUS E WESTMINSTER ★ O FAMOSO MERCADO JUDAICO DE MIDDLESSEX STREET ★ SOHO, A EUROPA DENTRO DE LONDRES ★ SE QUISER IR À INGLATERRA...

Reportagem de **NELSON VAINER**
(Enviado especial de **"REVISTA DA SEMANA"** à Europa)

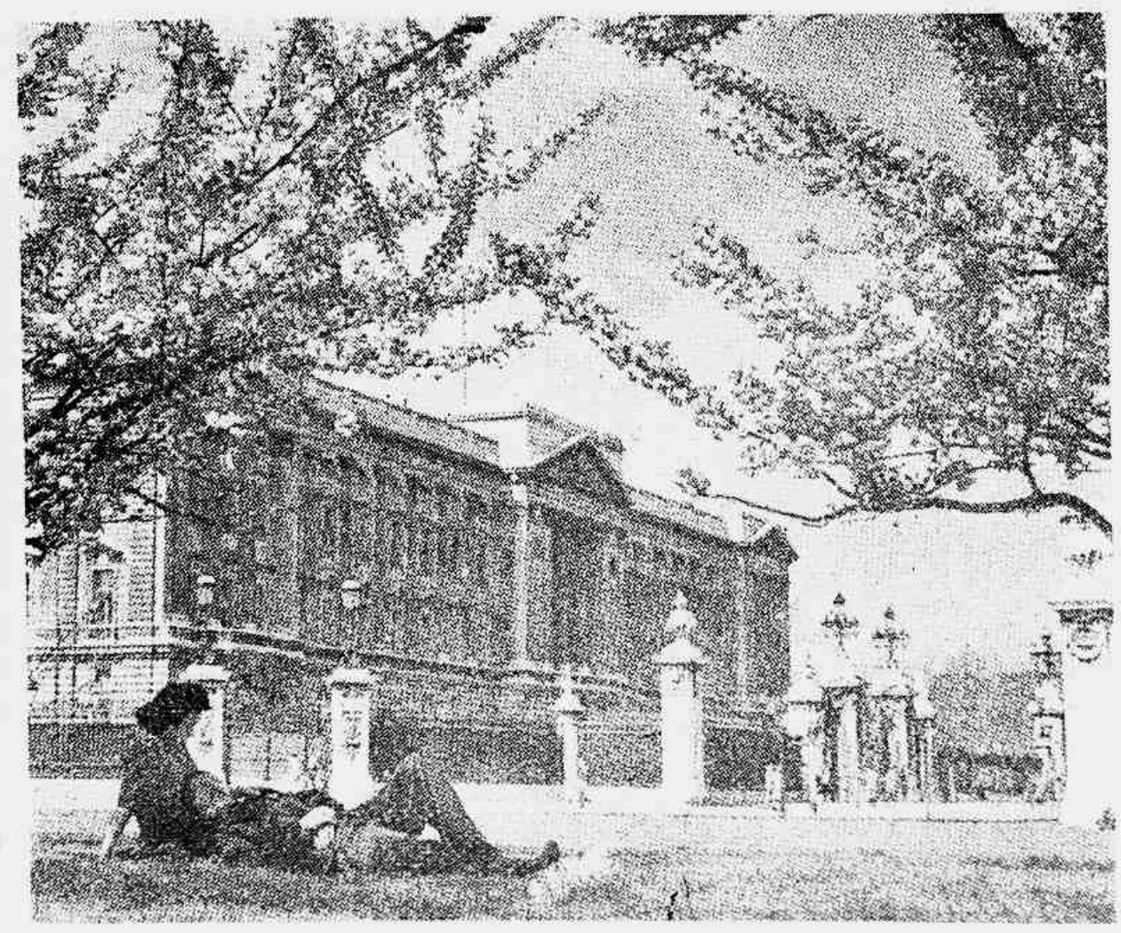
Fotos da TRAVEL ASSOCIATION, de Londres, especial para a "REVISTA DA SEMANA", com exclusividade para todo o Brasil

Londres, setembro (Pelo "Bandeirante" da Panair do Brasil) — Depois de uma hora e quinze minutos de vôo, o Constelation chega de Paris a Londres, *Lânden,* consoante a pronúncia dos inglêses, Londres de mistério e neblina, de tradições seculares e clubes excêntricos, de Buckingham Palace e Trafalgar Square, da abadia de Westminster e do Parlamento, da Câmara dos Lordes e da Câmara dos Comuns, do Govêrno de Sua Majestade Britânica e dos inúmeros ministérios, de Downing Street e de Scotland Yard. — Londres, Capital das Ilhas Britânicas. Londres, a maior cidade do mundo!

Se vista de cima, do Bandeirante que atravessa os ares qual uma flecha, Londres não parece ter fim, como ela se afigura aos seus habitantes? Federação de múltiplas cidades distintas em uma só verdadeira, encerrando cêrca de dez milhões de almas, a velha cidade de Churchill é tão grande que jámais será conhecida nem pelos inglêses e muito menos pelos estrangeiros.

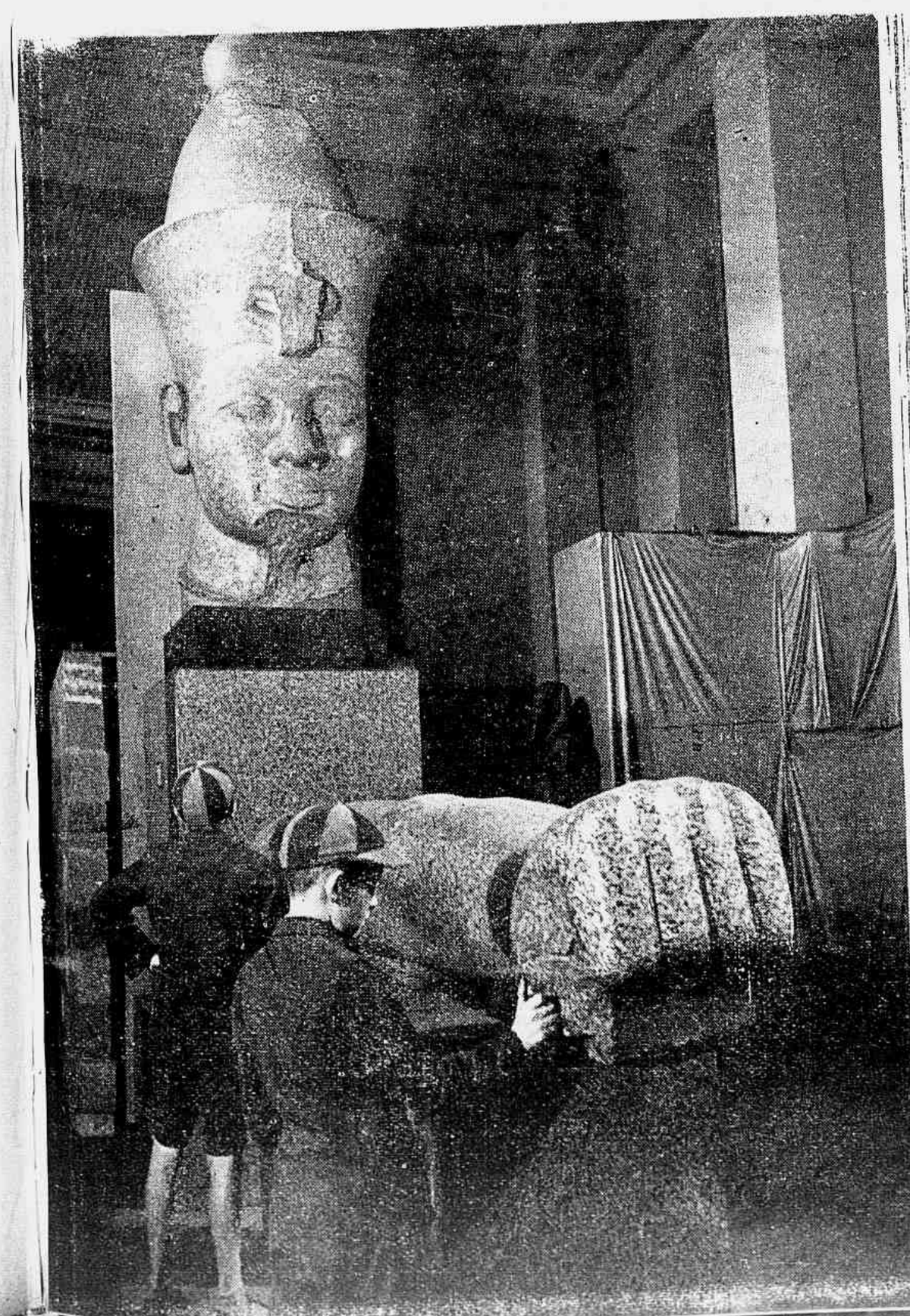
A primeira coisa que mais impressiona em Londres, é a sua grandeza. Grandeza em tudo: nas praças, nas longas avenidas, nos vastos parques, nos monumentos e nos edifícios sombrios, nas pontes sôbre o Tamisa, nas docas que atingem a cem quilômetros de extensão, nas fábricas e usinas, nas igrejas, templos, catedrais, torres e castelos, nos teatros, museus, galerias de arte e, sobretudo, na educação e boa vontade do povo inglês.

Grande terra e grande povo, onde cada qual mede as palavras que pronuncia e não fala alto, onde as crianças brincam e não gritam, onde os cachorros não la-



Uma rua e um homem famosos: Downing Street, 10 e o homem que salvou a Europa — Winston Churchill. — Para fazer jús à democracia reinante na Inglaterra, êste casal de namorados, como milhares outros, descansa sôbre a relva em frente ao Buckingham Palace, onde reside Sua Majestade Britânica. — Um policial londrino, sempre bem disposto e prestes a servir aqueles que o procuram

O monumento da rainha Boadiceia, que invadiu Londres no ano 61 da nossa era, massacrando milhares de romanos, ocupantes da Grã-Bretanha. — A coluna de Nelson dominou Trafalgar Square, uma das mais belas praças do mundo. — Dois escolares examinam um dos milenários monumentos do Egito, existentes no Museu Britânico. — O leão britânico vela a Galeria Nacional de Pintura



Uma benfeitora, colhendo esmolas para surdos e mudos. Para chamar a atenção do público, enfeita suas vestes com centenas de botões de madrepérola

Um guarda da velha e famosa Tôrre de Londres, em seus trajes de côres vistosas e tradicionais, conhecido pela alcunha de "Beefeater", que quer dizer comedor de bife...

tem, os automóveis não ousinam a onde, apesar do inimaginavel movimento de veículos e transeuntes que transformam Londres em um super-formigueiro humano, não se registram desastres de graves consequências.

Fora de Londres, em nenhuma outra cidade do mundo reina tanta ordem. Dir-se-ia que a famosa proclamação de Nelson, dirigida aos marinheiros na batalha naval de Trafalgar, continua sendo o slogan do povo britânico: "England expects every man to do his duty", e todos os inglêses cumprem hoje o seu dever, quer na guerra, quer na paz, pois, si assim não fosse, as hordas nazistas teriam invadido as ilhas britânicas, cujas costas se lhes tornaram inexpugnáveis, nem poderiam fazer face às tremendas dificuldades do após-guerra, soerguendo-se galhardamente enquanto os seus vizinhos se debatem na mais horrível decadência...

Se fora do seu país o inglês é um pessimo cartão de visita da sua pátria, falando somente inglês, não se misturando com o povo, portando-se com egoismo e dando impressão de ser o dono do mundo, não se deve julgar por êle o povo que êle representa. Em sua casa o inglês é completamente diferente, revelando-se uma surprêsa para todos aquêles que não simpatizavam com os britânicos devido a leitura de livros e artigos contra êles. Então, começa-se a admirá-los profundamente, como os estima André Maurois, que com êles conviveu durante muitos anos e que revelou recentemente a grandeza da Grã-Bretanha em sua obra "História da Inglaterra".

E como não admirar um povo que recebe os estrangeiros com tôda a amabilidade possivel e com um eterno sorriso nos lábios? Como não admirá-los por serem profundamente corretos, lamentando quando não podem ser úteis e agradecendo mesmo quando lhe prestam um serviço? "Sorry" e "Thank you", são as duas palavras que mais se ouvem em Londres, e nelas não há a menor sombra de falsidade.

Nenhum indício de câmbio negro, essa terrivel epidêmia que grassa no mundo inteiro, corrompendo e corroendo a França, a Rússia, a Itália e tantos outros grandes países que se mostram impotentes para acabar com essa peste. Se o inglês não recebe mais do que um ovo por semana, um copo de leite três vêzes por semana, meio quilo de açucar por mês, meio quilo de carne por semana, um terno e um par de sapatos por ano, então compreende que não há e que não deve haver outra alternativa, até as coisas melhorarem. Nada mais lhe resta que enfrentar a situação com resignação digna de um homem que tem confiança em si próprio e na sua pátria. E, apesar das inúmeras restrições, não se vive mal na Inglaterra.

O perfeito racionamento pode não satisfazer plenamente o povo, mas ninguém passa fome. Sendo as crianças o futuro da nação, o govêrno não poupa esforços para que tenham de tudo, do bêrço à adolescência. Com efeito, não lhes falta boa alimentação, agasalhos, institutos de ensino, parques de recreações.

E, como são corretos êsses difamados inglêses! Um caso entre mil: O autor desta reportagem entrou certa vez numa loja de Regent Street, em pleno coração de Londres, e pediu uma camisa.

— Quanto custa? — perguntou.
— Duas libras e dez shilings, senhor.
— E é de boa qualidade?
— Não senhor, não é lá grande coisa.
— Tem melhor?
— Não senhor, "sorry"...

Assim são os inglêses, incapazes de mentir ou enganar. Se o leitor for um dia a Londres, depois de visitar outras cidads europeias, então verificará quanto isso significa quando se viaja pelo mundo. Se esquecer algum pacote no ônibus, no Underground, numa loja, num teatro, cinema, etc., não se preocupe. Ninguém tocará no seu embrulho, que será guardado para ser entregue ao legitimo dono.

Se morar numa pensão, evite de trancar

Uma velha vendedora de flôres em Piccadilly Circus, nos degraus que rodeiam o monumento de Eros. Os inglêses chamam essas velhinhas de "Flower-girls"

Os taxis, em Londres, são ante-diluvianos, o que não impede que sejam perfeitos. O trânsito é ótimamente organizado e os motorneiros extremamente delicados e corretos

a porta à chave, pois ninguém entrará no seu quarto quando estiver ausente. Não leve a mal quando um conhecido seu ou vizinho de quarto vai saudá-lo com um simples "Hullo" ou "How do you do-", sem apertar a sua mão. Os inglêses dão a mão somente quando são apresentados. Não fale alto, não grite, e fale somente o que for necessário. E não se esqueça de conservar sempre a direita, porque os veículos, ao contrário dos demais países, conservam sempre a esquerda, sendo indicado em cada esquina ou curva: KEEP LEFT.

Jámais diga "não" quando um inglês lhe oferecer uma chavena de chá. Êste é o minimum vital dos inglêses, a sua cerimônia religiosa. O inglês o toma a cada instante, como o americano mastiga o chiclet, nas estações das estradas de ferro, nos teatros, cinemas, bares, restaurantes, nos escritórios dos magnatas da City, em plena via pública êsse precioso líquido é tão necessário ao inglês como o pão nosso de cada dia.

Você gostará dos edifícios cinzentos de Londres, de suas ruas e Road's envoltas na bruma, dos ônibus de dois andares forrados com anúncios de um vermelho berrante. Sendo a cidade sombria e brumosa, os inglêses adoram o vermelho. Vermelhas e pretas são as fardas dos guardas e militares, vermelhos são anúncios luminosos sôbre as fachadas dos grandes magasines, vermelhos os cartazes das casas comerciais, vermelha a pintura no interior dos bares e restaurantes.

Você gostará dos edifícios e templos seculares, dos monumentos que rememoram os grandes feitos dos filhos da Grã-Bretanha. Você gostará da grandeza que se nota em todos os cantos e, sobretudo, do ambiente familiar em que vive êsse povo conservador e tradicional, que não se deixa levar pela onda ultra-modernista que varre assustadoramente a superfície da terra. Fechadas as lojas às seis horas, acaba o grande movimento na cidade. O chefe da família volta ao lar que êle adora acima de tudo. Nas horas de lazer, cuida do seu pequeno jardim no fundo da casa, e com que perícia! Os inglêses adoram a vida ao ar livre e tôda a sorte de esporte. Os parques, — como são grandes e bonitos os parques londrinos! — estão sempre repletos de homens de tôdas as classes sociais e tôdas as idades, mulheres e crianças. Verdadeiros tapetes multicores, enfeitados com árvores seculares, flôres e plantas exóticas, os parque também abrigam milhares de aves especialmente trazidas de várias partes do globo e que ali se aclimataram.

A CITY

"The City" é o centro da cidade, o lugar onde Londres nasceu. Ali se encontram inúmeros edifícios antigos, testemunhos vivos dos tempos idos: O Banco da Inglaterra, os Lloyds de Londres, o Royal Exchange, o Mension House, a Torre de Londres, a catedral de São Paulo, o monumento que simboliza o grande incêndio que destruiu a Capital britânica, em 1667.

O que o mundo inteiro conhece pelo nome de Banco da Inglaterra, os inglêses, donos do "sense of humour", chamam de "Old lady of threadneedle Street", isto é, a velha dama da rua Threadneedle. Fortaleza do dinheiro, êle abriga todo o ouro da Grã-Bretanha, sendo poderosamente defendido contra qualquer ataque; todos os "gangsters" do mundo, reunidos, não conseguiriam invadir essa inexpugnavel cidadela de dinheiro, que é vigiada dia e noite por dezenas de soldados e guardas sob o comando de um ou mais oficiais.

O Royal Exchange foi fundado no tempo da rainha Elisabeth, por um certo Thomas Gresham, que expôs à soberana as finalidades da emprêsa. A rainha aprovou a idéia e Gresham, para manifestar a sua gratidão, batizou o seu grande empreendimento com o nome de Royal Exchange, que foi destruido três vêzes pelos grandes incêndios que devastaram Londres em várias épocas.

E já que falamos em incêndios, não podemos deixar de dizer algo sôbre o grande flagelo que destruiu Londres em 1.667.

Naquela época, dois flagelos castigaram horrivelmente o povo de Londres: a peste, em 1665 e o terrível incêndio, dois anos depois. O primeiro liquidou mais de 100.000 pessoas, ou seja, a quinta parte da população total: o segundo destruiu, em quatro dias, 13.000 prédios e 90 igrejas.

Mas, se "há males que vêm para o bem", pode-se dizer que dos escombros deixados pelo fogo surgiu uma nova Londres, com inovações e melhoramentos da época.

Data, desde o grande incêndio, a organização de companhias de seguro contra o fogo. Tôdas essas grandes companhias possuem seus próprios corpos de bombeiros. Os edifícios assegurados são assinalados por placas e, quando irrompe um incêndio, os bombeiros da companhia saem imediatamente para o local do sinistro. Se, porém, não encontram a placa da companhia no prédio em chamas, isto é, se o prédio não é assegurado, os bombeiros se retiram incontinente, abandonando o edifício sinistrado ao seu triste fadario. "Esta casa não é nossa", dizem os que poderiam salvá-la. É, pois, uma boa lição para aqueles que trepidam em por a sua casa no seguro contra o fôgo...

No centro de "The City", um grande monumento simboliza o sinistro de 1667. E' uma coluna de 60 metros de altura, encimado por uma espécie de vaso doirado, donde escapa uma chama de fogo. Para subir ao cume, torna-se necessário galgar 345 degráus, o que é recompensado com a magnífica visão de Londres, vista de cima. Tôda a extensão das docas, as maiores do mundo, os pontos carecteristicos da cidade, enfim, tôdas as maravilhas da Capital britânica desfilam perante os olhos do visitante. Os inglêses, cuidadosos em tudo, também pensaram nos que sofrem da atração do abismo e, também, nos que vivem pensando em suicídio. Assim, cercaram de altas grades de ferro o cimo da coluna, para onde se dirigem os curiosos...

E' na City que se acha a soberba catedral de São Paulo. E' a terceira com o mesmo nome: a primeira era saxônica, a segunda, normanda.

Obra de Sir Christopher Wren, estilo renascença, a sua construção foi iniciada em 1670, e durou trinta anos. Tem 157 metros de longitude por 75 de largura e 111 de altura. A sua magnífica cúpola se eleva a 110 metros, e, segundo viajantes experimentados, ela é mais linda que a de São Paulo, de Roma. A torre do norte tem dez sinos comuns. Na do sul, se encontra o maior sino da Inglaterra, que pesa 17 toneladas!

Na cripta da catedral de São Paulo, se encontram os túmulos dos maiores homens da Grã-Bretanha, entre os quais se destacam: o do Lord Nelson, vencedor de Trafalgar, o de Welington, herói de Waterloo, o do arquiteto que construiu a catedral, os dos almirantes Jellicoe e Beatty, que se distinguiram na primeira guerra mundial.

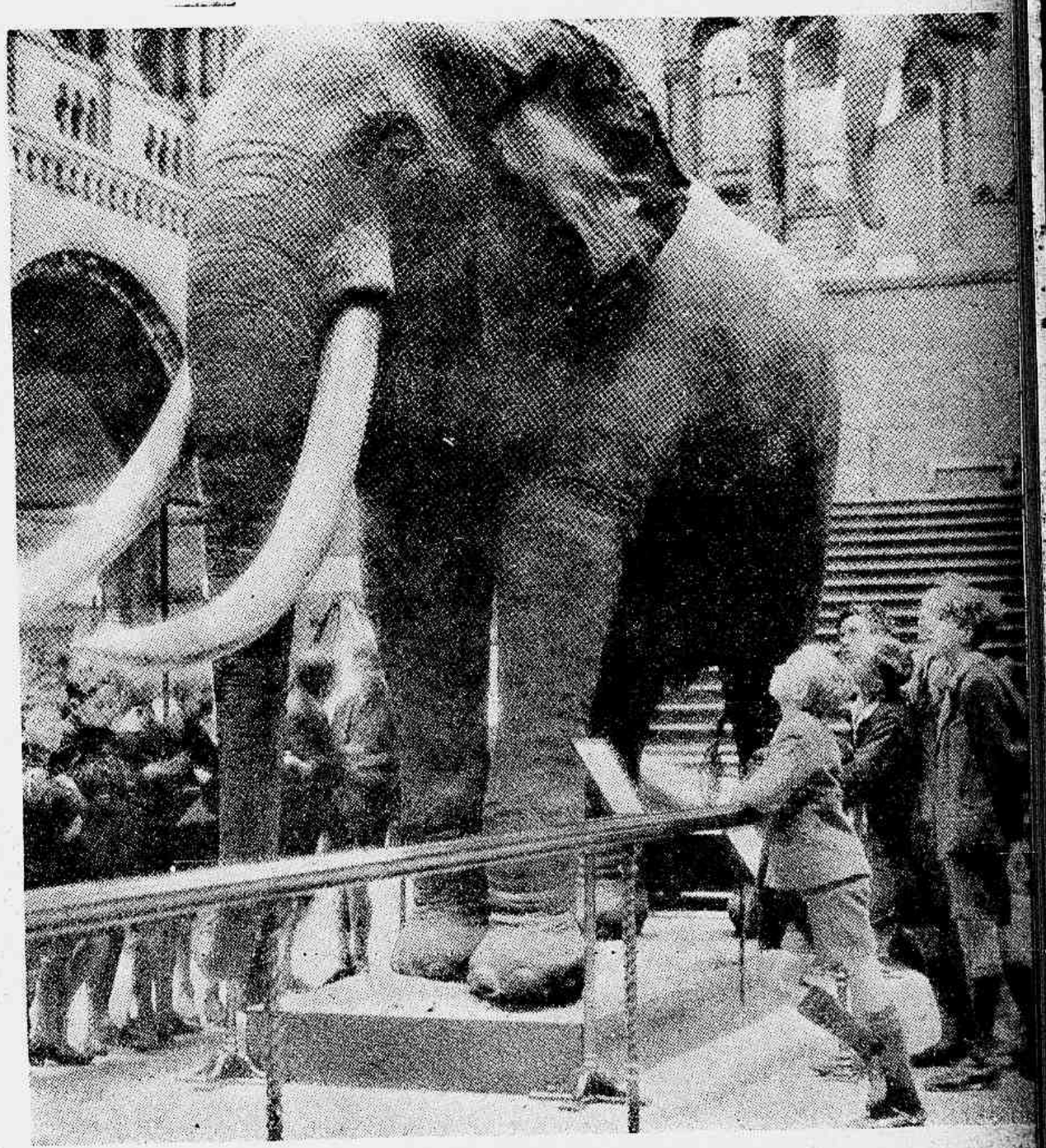
Merece especial menção a Middlesex Sreet, mercado judaico famoso em tôda a Inglaterra. Todos os domingos, pela manhã, começa o mercado. Alí se encontra de tudo. Um mundo de roupas feitas, bugigangas, objetos antigos, sapatos, bijuterias, comestiveis, frutas, "fun heiren unguedenken", como costumam dizer os semitas, o que não tem tradução em qualquer outra língua, mas que quer dizer de tudo que pode ser visto e lembrado. Os mercadores judeus, de todos os países do mundo, de tôdas as idades e de todos os tipos, o transportarão a várias regiões da terra, donde trouxeram estigmatizado no rôsto e no traje um pedaço do pais de origem. Salienta-se, entre êles, o tipo de judeu oriental, de Alexandria, por exemplo, o que vende tapete e outros objetos orientais.

Pouco adiante, o bairro judaico de Londres. Na Aldgate High Street, uma soberba sinagoga se eleva para o infinito. Algumas lojas de judeus levam inscrições hebráicas e a "estrêla" de David. E' claro que êsse bairro se caracteriza, como em tôda parte, pelo comércio e pela indústria, sempre prósperas, sempre em grande movimento.

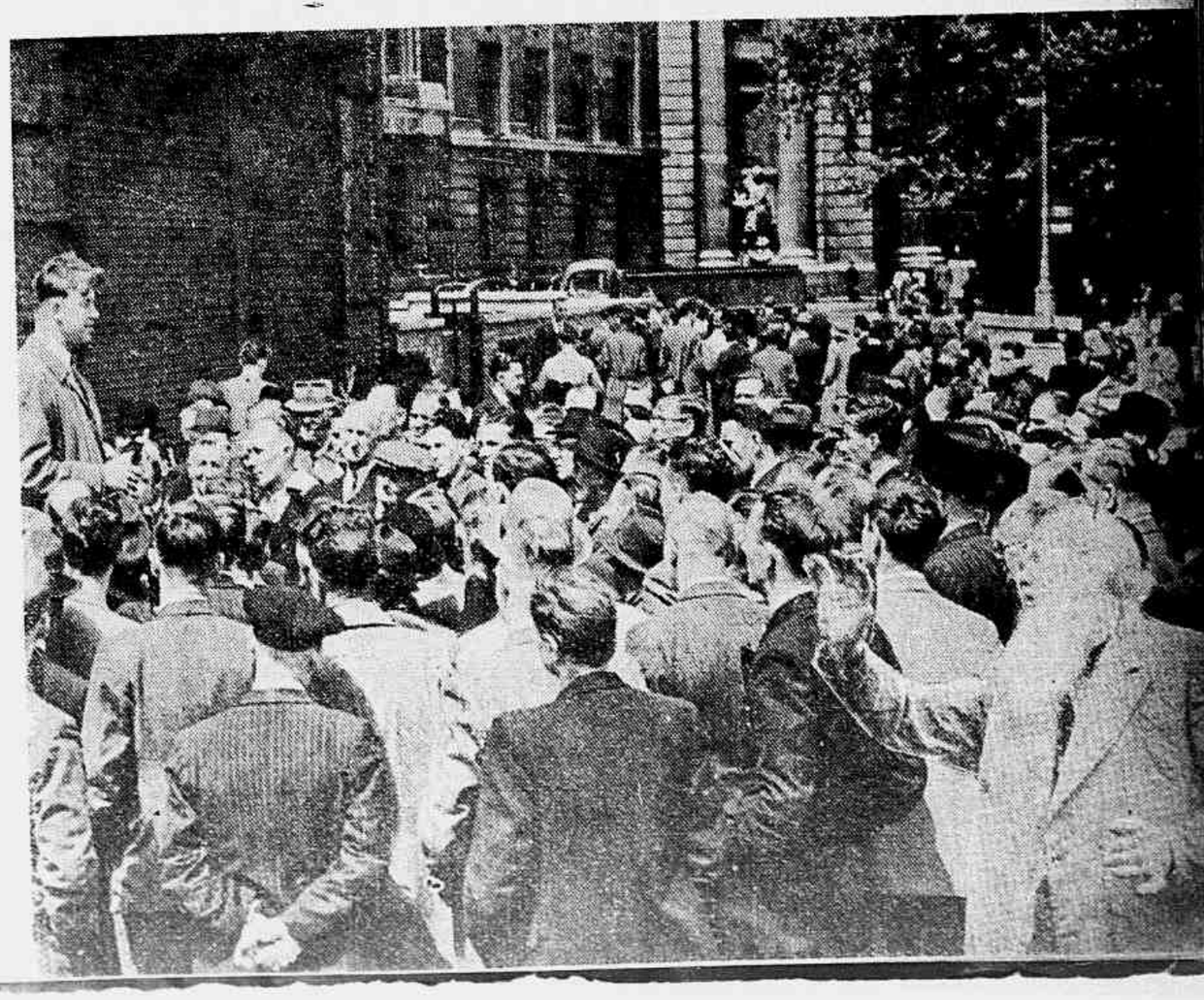
Tôda City é um verdadeiro formigueiro humano. Dia e noite o movimento ali não para. Grandes cafés, bares e restaurantes, teatros, cinemas, vendedores, jornaleiros, operários... Tudo envolto na densa neblina que penetra em todos os cantos...

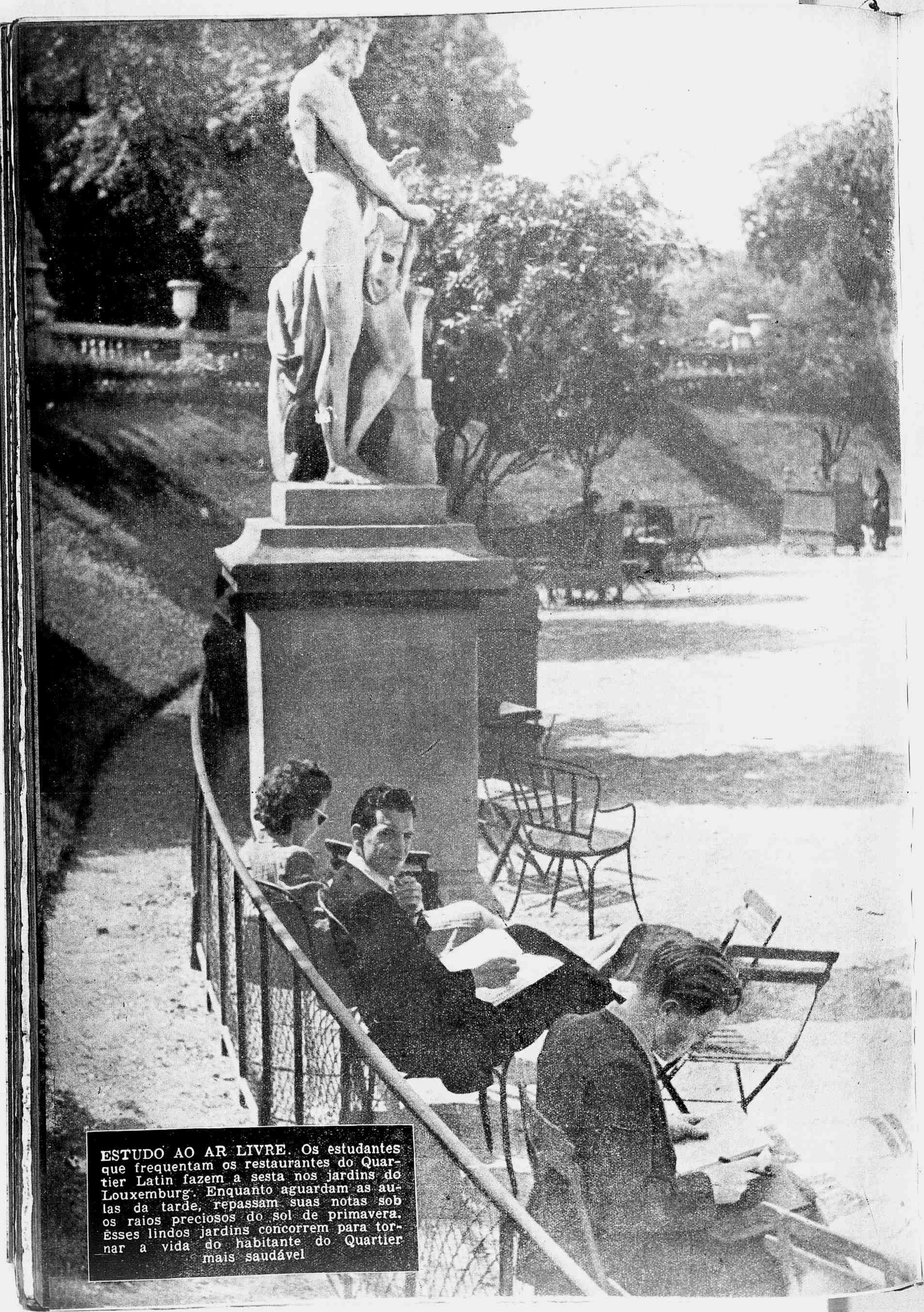
(Continua na pág. 87)

Vendedoras de galinhas "Kocher" e já depenadas, no famoso mercado judaico de Middlesex Street



Escolares em visita ao Museu de História Natural, em South Kensington. Em baixo — Um dos famosos comícios no Hyde Park, onde o povo tem direito de falar contra quem quer que seja, mesmo contra o seu soberano...





ESTUDO AO AR LIVRE. Os estudantes que frequentam os restaurantes do Quartier Latin fazem a sesta nos jardins do Louxemburg. Enquanto aguardam as aulas da tarde, repassam suas notas sob os raios preciosos do sol de primavera. Êsses lindos jardins concorrem para tornar a vida do habitante do Quartier mais saudável

À esquerda — APROXIMAÇÃO DE RAÇAS — O Quartier Latin é uma pequena república onde confraternizam-se tôdas as raças. Os negros e amarelos, procedentes das diversas partes da União Francêsa, são numerosos. O francês, como via de regra, o europeu, não tem preconceito de raça. Ao fundo aparece o Pantheon. À direita — AS TRADIÇÕES DE PARIS — Montmartre é provàvelmente o bairro mais tradicional de Paris. Situado na colina mais elevada da cidade, tornou-se célebre como centro dos pintores e da vida boêmia. Aí existe tradicionalmente uma "república livre". A gravura mostra o "presidente" dessa república na cerimônia do "batismo do bébé", que se repete anualmente desde os tempos de Henrique IV

TOURNANT DECISIVO NA FRANÇA

Por **CELSO FURTADO**

(Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

UM amigo que viera de Londres "tomar um banho de luz" em Paris, fez-me um dia esta observação:

— E' difícil crer que essa gente descenda dos homens que fizeram a Grande Revolução.

A decepção dos primeiros momentos é comum entre as pessoas que visitam a França. O extraordinário prestígio da cultura francêsa faz surgir no espírito do homem médio de todos os países ocidentais uma prefiguração em que se superpõem elementos idealizados que nem sempre encontram correspondência na realidade. E é realmente universal êsse prestígio cultural. Em cada povo êle se manifesta à maneira própria: na Inglaterra através do desejo universal do inglês médio de conhecer os "encantos de Paris": na Itália pelo espírito de rivalidade com que os peninsulares contrapõem aos tesouros de arte francêses, Florença, e Roma: na Europa central e balcânica pela pretenção dos intelectuais de se apresentarem como filhos culturais da França. Nem mesmo a Rússia soviética é estranha a essa fascinação. Pude comprová-lo um dia em que fui apresentado a um estudante russo, em Praga, quando saíamos do teatro. Acabávamos de assistir a um magnífico espectáculo de ballet dado por elementos vindos de Moscou. O jovem russo não escondia sua vaidade e logo quis saber se em nossos países era tão finalmente cultivada essa maravilhosa arte. Respondi que não. Êle quis então saber se já havíamos visto algo comparável àquilo. Respondi que sim, em Paris.

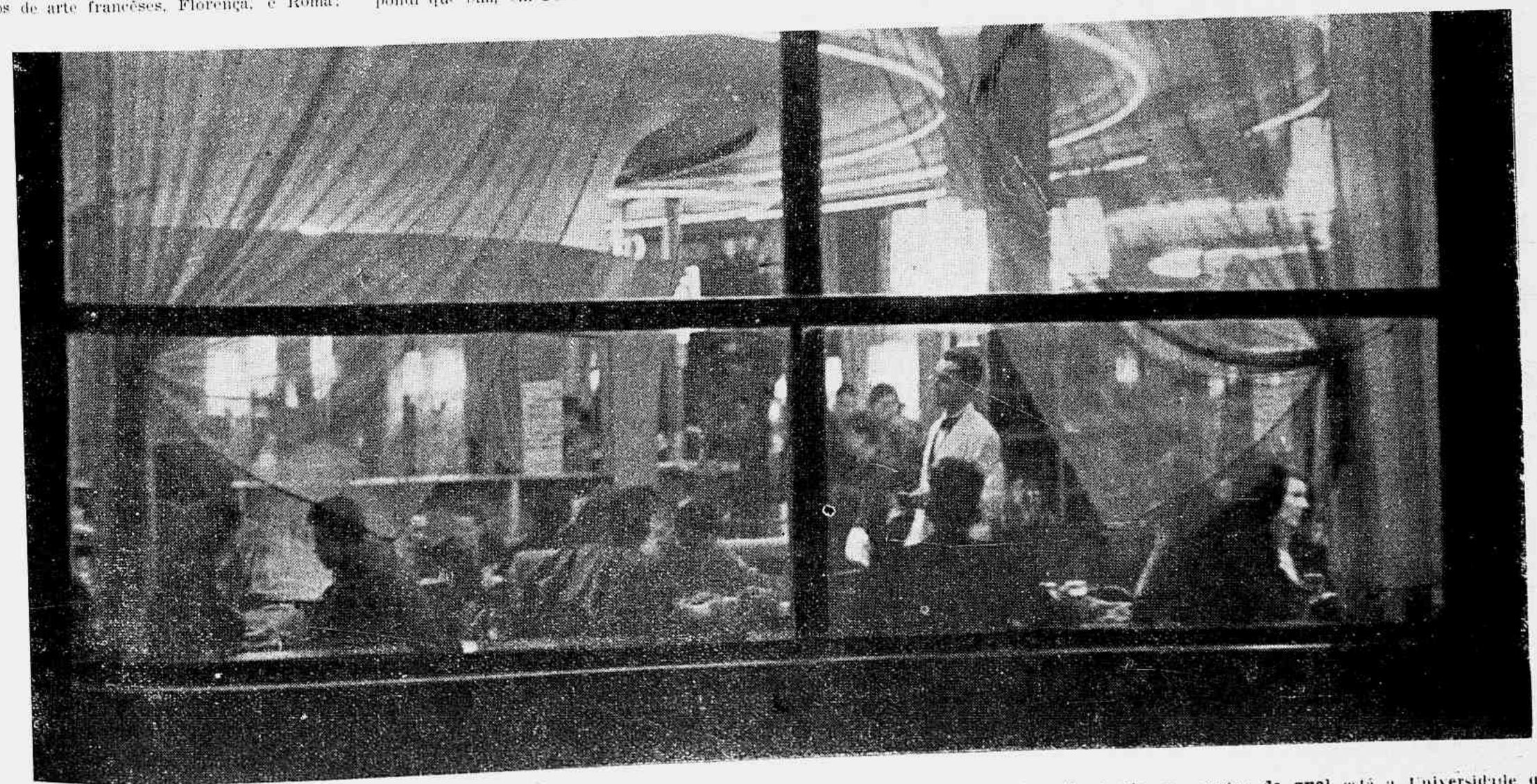
— Bem, Paris é Paris, comentou êle com um ar de convencimento.

Êsse universal prestígio é responsável pelas primeiras decepções que sofre o estrangeiro em França. A ocorrência ainda é mais acentuada entre as pessoas de uma forma ou outra influênciadas pela "medida" americana. O hábito do sensacionalismo embota-nos de tal maneira a sensibilidade que já não nos é possível deixar de exigir das coisas uma primeira impressão forte. Aquilo que exige um contacto mais íntimo e mais demorado para ser conhecido e apreciado, quase nos escapa. O turista que atravessa a Europa de auto-ônibus ou viaja de avião da América para Paris, está de alguma forma incapacitado para entrar em contacto com a França.

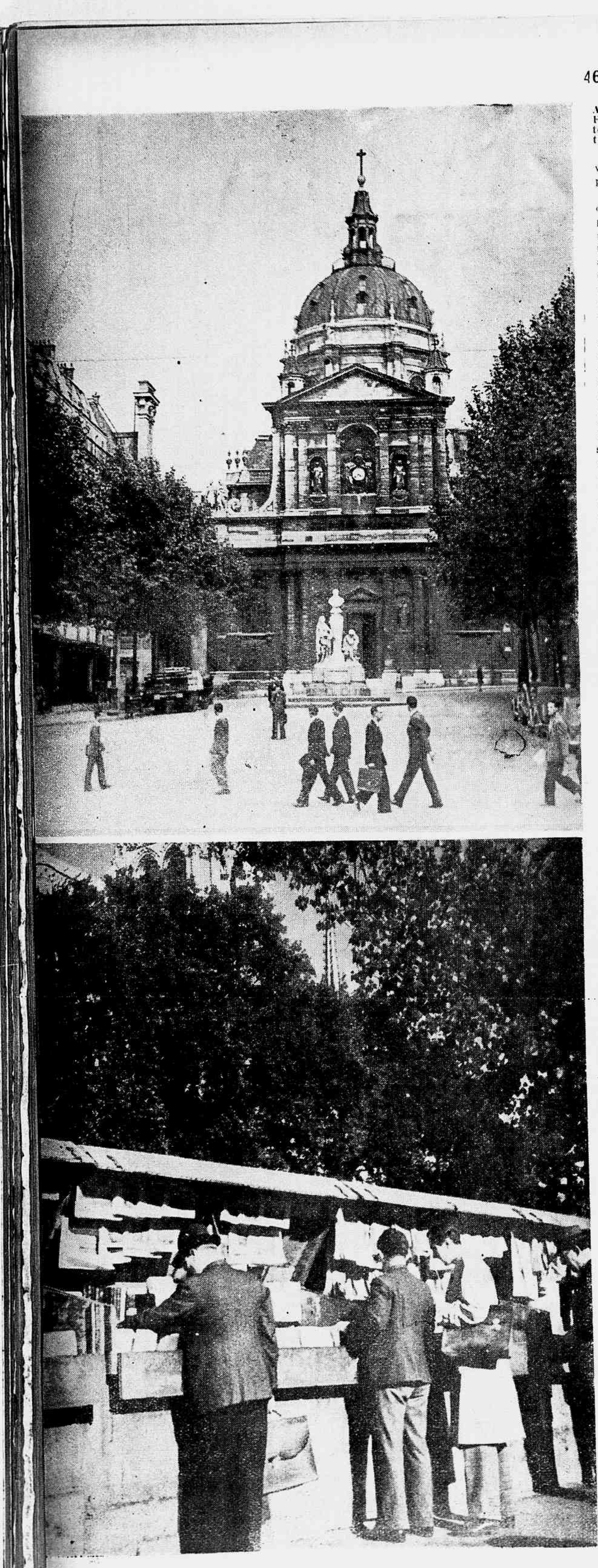
Sendo um grande centro cosmopolita, Paris não deixa de ser uma cidade acima de tudo francêsa. O estrangeiro que vai a Paris procura adaptar-se à cidade. Não nos deparamos alí com essa forma de inversão pela qual uma cidade sacrifica algo de seu caráter específico para tornar-se mais accessível ao estrangeiro que nela vai gastar o seu dinheiro. Creio que a França é o único país do mundo em que os turistas de tôdas as proveniências sentem orgulho em demonstrar que falam quatro palavras da língua da terra.

SIMPLICIDADE DO PROBLEMA DA FRANÇA

Muitas pessoas se perguntam que atitude tomam os francêses em face dos gra-



OS CAFÊS DO QUARTIER LATIN — Os estudantes que de tôda a França e de muitos países se dirigem para o Quartier Latin, no centro do qual está a Universidade de Paris constituem uma comunidade semi-autônoma. Sua vida se reparte entre a Universidade, seu quarto e os cafés. Estes últimos constituem o centro da vida social



A SORBONNE — O Vasto edifício da Sorbonne abriga a Faculdade de Letras e a Faculdade de Ciências. Ao centro está a capela que se vê na foto. Seu pátio central tem sido utilizado para representação de peças do teatro grego, que se tenta reconstituir em sua fisionomia original. Em face à capela, o busto ao fundador do Positivismo

ves momentos que vive presentemente sua pátria.

Há uma grande aparência de normalidade na França. Uma grande parte da população de Paris esforça-se por ignorar a gravidade dos acontecimentos que subvertem o país. E não são apenas as classes abastadas, as velhas famílias tradicionais que se mantêm nessa atitude de quase sonambulismo. O saudosismo é uma atitude de espírito extremamente espalhada entre a classe média francêsa.

O problema da França é de uma dura simplicidade: o país foi profundamente empobrecido pela guerra: seus capitais no exterior foram quase totalmente liquidados: os capitais fixos dentro do país foram em boa parte destruidos durante a guerra ou roubados pelos alemães; as fontes de materias primas no exterior não estão menos comprometidas. Em face desse empobrecimento, urgia que o país aumentasse sua produção e reduzisse suas despesas internas de consumo. Um certo aumento da produção foi conseguido na fase que se seguiu à liberação, isto é, enquanto houve um mínimo de união nacional. A redução no consumo interno que teria de traduzir-se necessariamente num abaixamento do nível de vida de uma grande parte da população, foi conseguida indereta e desordenadamente através da inflação. Um tal processo não podia deixar de provocar um extremo descontentamento entre as classes detendoras de rendas fixas e assalariadas, as mais profundamente atingidas.

A união do povo francês, condição essencial para o aumento da produção nacional e revitalização do país, afigura-se hoje mais distante e difícil que há quatro anos, no momento da liberação. A classe operária francêsa diz-se espoliada porque é conservada alheia à direção do Estado. Entre o govêrno e a classe trabalhadora existe uma atitude permanente de extrema hostilidade. Não se trata de uma simples oposição parlamentar, mais ou menos formal e mais ou menos necessária à saúde das instituições democráticas. Trata-se de uma guerra permanente: os obreiros afirmam por um lado que o govêrno exige deles todo o pêso do sacrifício necessário ao soerguimento econômico do país; as classes dirigentes, por outro lado, acusam os trabalhadores de sabotarem impatrioticamente a obra de reconstrução nacional. O diálogo dia a dia se torna mais acerbo, uma fórmula conciliatória mais remota e um desfecho violento mais fatal.

A situação presente da França apresenta todos os sintomas de gestação de uma guerra civil. O descontentamento é profundo em tôdas as classes. Seria difícil dizer se êsse descontentamento é maior na classe média ou entre o operariado.

No que concerne a êste último o fenômeno se apresenta como uma grande decepção. A Resistência e a Liberação haviam permitido o florescimento de muitas ilusões. Após grandes sacrifícios tudo é apresentado como um malôgro. O govêrno francês não parece ter sido bom psicólogo reduzindo a classe obreira pelo jôgo político a essa posição em que lhe resta apenas o travo amargo da decepção.

Para a classe média francêsa os horizontes não se afiguram mais promissores. A França, como a velha Austria e até certo ponto a Alemanha de 1918, sofre de uma inflação de elites intelectuais. Essas nações representaram por muito tempo o papel de mentores da Europa e era natural que assumissem o encargo do preparo das elites dirigentes de um grande número de países. O prestígio político e cultural da França fazia de Paris o centro de tratamento das classes dirigentes de numerosos países da Europa, do norte africano e do Oriente Próximo. Daí decorriam incontáveis oportunidades para os jovens intelectuais francêses dentro e fora de seu país. Para as elites econômicas e técnicas francêsas de hoje a situação é outro tanto grave. As possibilidades de empreendimento são extremamente reduzidas. As nacionalizações trazem um sério problema psicológico àquêles elementos que foram educados e adestrados para agir nos quadros de uma economia individualista. O desejo de emigrar para os países novos é uma ilusão que tem nesses setores um papel compensador.

Ao lado do desejo de emigrar há duas outras formas de comportamento que são sintomáticas do estado de inquietação dos setores mais ativos da classe média francêsa: é o desvia para certas filosofias que pretendem justificar qualquer atitude moral e a tendência para a arregimentação política. A facilidade com que De Gaulle pôde arregimentar os quadros de uma organização política voltada para o combate, nos meios da melhor burguesia francêsa, sôbre ser um sintoma de regressão do individualismo que caracterizava essa classe, é principalmente uma manifestação da profunda inquietação que está larvando os seus membros.

IMPERTINENTE NORMALIDADE

A existência dêsses poderosos elementos de desagregação não significa que o conjunto da vida francêsa tenha perdido em nossos dias seu ritmo natural e específico. Paris continua a ser o grande centro de trabalho intelectual e atividade criadora de sempre. Há mesmo um traço de impertinência na normalidade com que muita coisa continua a se processar em Paris. As universidades funcionam dentro do seu ritmo próprio, quase alheias aos solavancos que na rua põem em perigo a coisa pública. No dia em que de chôfre foram retirados da circulação os bilhetes de cinco mil francos — acontecimento que transtornou inteiramente a vida de Paris — entrei na Faculdade para assistir a uma aula de economia monetária: o professor de dentro de sua imponente beca rubro-negra, esmiuçava requintadamente as conseqências das manipulações monetárias de Philippe, I'Hardi...

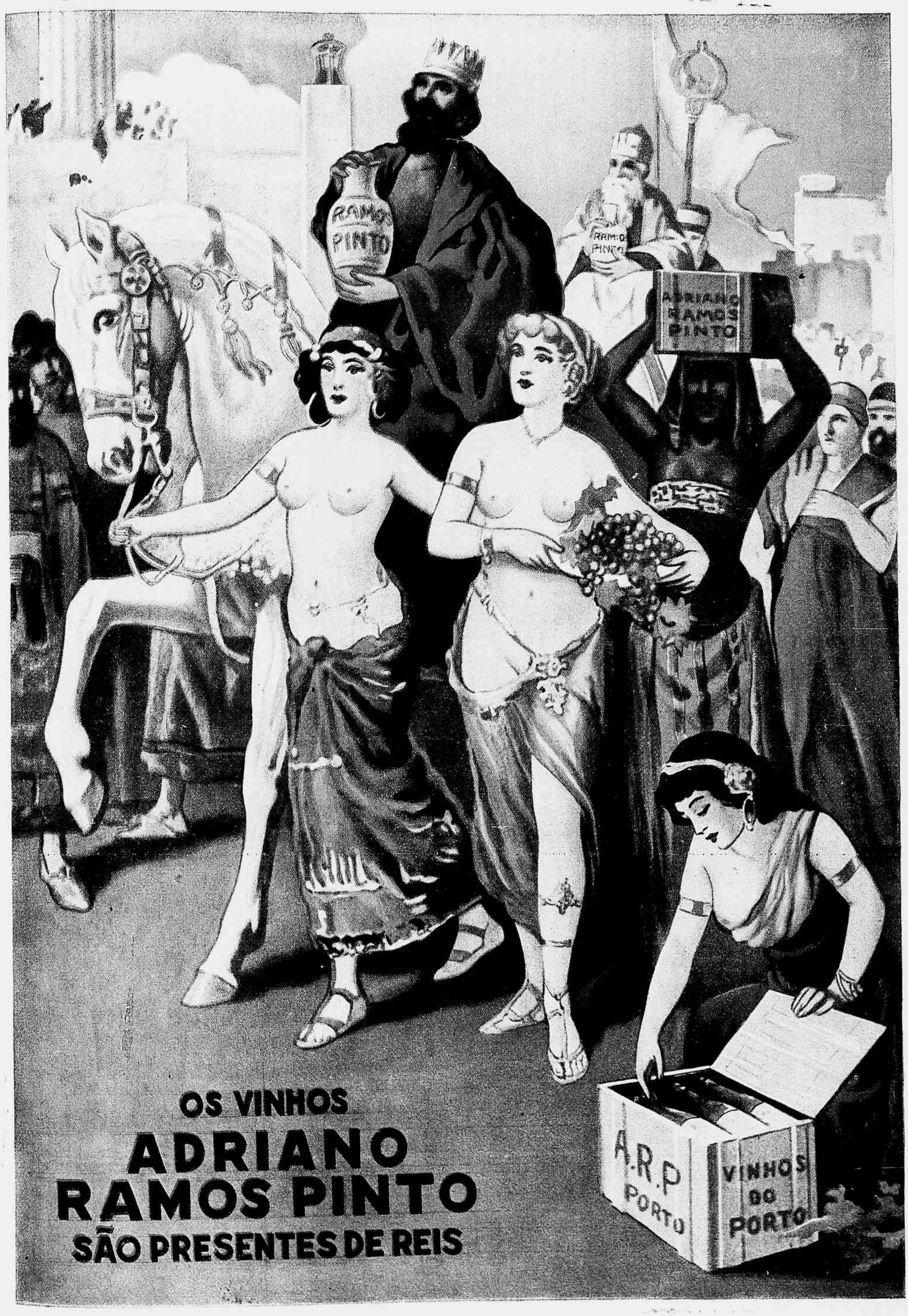
Êsse alheiamento proposital em que grande parte dos meios universitários se mantem vis-à-vis dos problemas cruciais do momento, parece ser uma continuação da postura que ditos meios assumiram nos anos da ocupação estrangeira. A inteligência universitária francêsa parece ter-se então submetido a uma auto-sensura, refugiando-se mais e mais na erudição livresca e estéril. Neste momento, em face de problemas que por sua gravidade causam vertigem ao estudioso, numerosos homens de pensamento, particularmente nos institutos de ciências sociais. — Faculdade de Direito, Instituto de Estudos Políticos — refugia-se na erudição pura e virtuosística. E' natural, em face disso, que boa parte dos jovens universitários procure fora, nos partidos e nas organizações voltadas para a ação, os instrumentos com que enfrentar os problemas do dia presente.

RESISTIRÁ A CIVILIZAÇÃO FRANCÊSA?

Uma pergunta que muitos nos fazemos é até que ponto Paris e a velha civilização francêsa resistirão ao impacto de uma revolução que cada dia parece mais inevitável. Consideremos, por exemplo, o pensamento francês, essencialmente multiforme. A que condições sociais está ligada a florescência dêsse pensamento? E essa extraordinária riqueza que são as publicações periódicas em Paris, onde tôdas as nuances do pensamento criador ou crítico são cultivadas, resistirá ela a uma forma qualquer de arregimentação? Nada é mais exemplificador da riqueza diversificadora do pensamento francês que as nuances que ali assumem, por exemplo, o pensamento católico ou marxista. Veja-se em duas revistas como *L'Esprit* e *La Pensée* o extraordinário gráu de autonômia do pensamento francês, mesmo naqueles setôres onde os elementos irracionais pesam significativamente. A crítica francêsa, por seu turno, é concisa e direta. Necessita, destarte, de um elevado gráu de autonomia.

(Continua na pág. 76)

OS LIVREIROS DO CAIS DO SENA — Da Praça da Concórdia à ilha de São Luiz as margens do Sena estão cobertas dêsses pitorescos livreiros. Livros velhos e modernos, cartas e mapas antigos, gravuras, reproduções aí se encontram sem nenhuma ordem. Milhares de pessoas frequentam diàriamente êsses livreiros a céu aberto


RAMOS PINTO
ADRIANO RAMOS PINTO
A.R.P PORTO
VINHOS DO PORTO
OS VINHOS
ADRIANO
RAMOS PINTO
SÃO PRESENTES DE REIS

O NATAL DE UM LADRÃO

ESPERAVA que aquêle **negócio** rendesse muito, pois o sr. Félix, o velho solteirão em cuja casa acabava de me introduzir, passa por ter consagrado trinta anos a adornar de boas coisas o seu gabinete. Qualquer nababo ou milionário pode dar-se o luxo de colecionar; mas, o sr. Félix, pessoa de modesta fortuna, devia ter feito uma escolha cuidadosa. Só deveria tem comprado coisas de valor. E todas elas estavam dispostas dentro de lindas e pequenas vitrinas, com as respectivas etiquetas e defendidas por fechaduras, que eu teria podido abrir com um alfinete de cabelo.

A vitrina superior continha amuletos, mas disso eu nada entendo. A segunda, vinte ou trinta camafeus, sôbre os quais eu projetava a luz da minha lanterna surda. Examinei cinco ou seis deles antes de os meter na maleta; reconheci Europa e o Touro; Ganimedes e a Águia; Agavé levando a cabeça de Penteu; Icaro com as suas asas partidas, caindo de cabeça para o mar, aí representado por uma linha ondulada... Todas essas jóias eram de um valor inestimável.

Na terceira vitrina, havia uma esmeralda desmontada, digna de um resgate real; um broche com duas ametistas e um colar de pérolas negras. Tudo isso me demonstrava claramente que tinha de me haver com um artista que não amontoava coisas ao acaso, na sua coleção. "Que pena — pensava — ver-me na necessidade de dar um desgôsto a um homem tão inteligente!".

A quarta vitrina era reservada às miniaturas, quase todas orladas de diamantes. A quinta guardava as tabaqueiras: tabaqueiras de ouro, ostentando monogramas reais; tabaqueiras de concha de tartaruga e ouro; tabaqueiras de esmalte azul, incrustadas de diamantes. Duas destas, ao caírem juntas na maleta chocaram-se. Êste ligeiro ruído fez-me estremecer, e detive-me um momento a olhar para trás.

A janela continuava aberta, tal como eu a tinha deixado. Fora, na noite calma e gelada, a neve dos telhados brilhava à luz clara do luar. Mas, embora não houvesse vento, a corrente de ar, que entrava pela janela aberta, havia avivado uma pequena chama na lareira, onde, três minutos antes, mal se via luzir o carvão. No andar de baixo, nalgum salão afastado, os violinos tocavam uma valsa e um violoncelo marcava o compasso, pois o sr. Félix dava uma festa de Natal.

Não perdi muito tempo escutando e observando o local: comecei o trabalho e peguei noutra tabaqueira. No momento em que esta caía na maleta, a música ressoou um pouquinho mais forte; uma das portas se abriu, e um homenzinho rechonchudo, de casaca, apareceu no umbral.

— Oh, lá! — exclamou com um ligeiro estremecimento de surprêsa. — Não, não, meu amigo; o senhor enganou-se na sala.

Sem me dar tempo a que pudesse dominar os nervos, dirigira-se à janela fechando-a.

— O melhor que o senhor tem a fazer é não se mexer — disse. — Poderemos conversar. Há criados na escadaria, e se o senhor tentasse sair por onde entrou, encontraria três polícias, que mandei vir, para assegurar a ordem à entrada. Mas, agora que os meus convidados já entraram, devem estar precisamente aqui por baixo de nós e tenho um apito para os chamar. Tenho também um revólver.

Num abrir e fechar de olhos, tinha ido a um armário e pegara na arma.

— E está carregado — acrescentou, sempre com a mesma voz, fria e indiferente, na qual, passada a primeira exclamação de surprêsa, eu não tinha podido distinguir nenhum sinal de espanto.

— Pois bem, seja; falemos — disse eu.

Avançou para a lareira, mas deteve-se ao ouvir a minha voz, e, voltando-se vivamente:

— Eh! Dir-se-ia que é um perfeito cavalheiro!

Pousou o revólver sôbre a chaminé, tirou de um cêsto um pedaço de papel, chegou-o ao fogo e julgou do seu dever acender as luzes de um antigo candelabro, que adornava a parte superior da lareira. Havia ali cinco velas e êle acendeu-as todas.

Até então não tínhamos tido outra luz senão a claridade, bem distante, que vinha do corredor; mas à luz daquelas velas, pude ver que o meu interlocutor era um velho, de cara rapada, cabelos brancos e muito bem vestido. Como a princípio só o vira de perfil, as enormes dimensões do seu nariz tinham-me surpreendido. Porém, agora, verificava que a sua cabeça era suficientemente forte para manter as proporções e tirar-lhe todo o aspecto de caricatura. Os seus ombros largos eram suporte digno daquela volumosa cabeça. E enquanto êle se mantinha encostado à chaminé, pude ver que, apesar do peito arqueado e do busto de atleta, não era isento de certa delicadeza de atrativos, quase femininos. Naquela atitude, fez-me pensar num matador que tinha visto diante de um touro numa praça de Sevilha. Por trás deles, a luz da lareira desenhava, claramente, o contôrno das suas pernas nervosas. Tinha no braço esquerdo um sobretudo e na mão uma claque fechada, apoiada contra o peito. Ao cerrar a janela e ao pegar o revólver, bem como ao acender as velas, só se servira da mão direita.

— Será o senhor um cavalheiro? — tornou a perguntar.

— Sim; e então? — respondi-lhe nervosamente.

— O senhor é certamente daqueles que associam o cavalheirismo à moralidade...

— Até certo ponto... — disse. — Além disso, todo mundo pensa assim.

— Seja como for, não tenho pretensões ao título de **gentleman** — respondi. — Mas o senhor se engana se julga que não recebi nenhuma educação. Fui aluno de Oxford, embora não tivesse obtido todos os graus...

— Ah! — disse, inclinando a cabeça. — E foram as cartas que...?

— De maneira alguma! — repliquei, vivamente. — Reconheço que as aparências são contra mim; mas as cartas nunca me atraíram. Na realidade, o que me deitou a perder foi um cavalo.

Êle fez um gesto de assentimento.

— De maneira que o senhor — retorquiu êle — embora não tenha a pretensão de ser um **gentleman**, reconhece também que há certa relação entre a educação e a conduta da vida... Ah! Oxford! Se não me engano os estudantes estão, neste momento, no grande vestíbulo, a celebrar o Natal, escutando o **Glória**, de Pergolése.

— Essa recordação me é penosa — disse eu. — Pode acreditar, quer isso lhe seja agradável ou não.

— E, além de tudo, o senhor é um sentimental! — exclamou o senhor Félix, cujos olhos brilhavam. — Ótimo! Tenho uma tarefa para o senhor... mas disso falaremos depois. Deixe-me apenas dizer-lhe que me apareceu aqui como que caído do céu, mesmo na hora. Vejo que até agora tenho dado demasiada importância à minha coleção, visto que há outros que a cobiçam mais do que eu... Por exemplo, essa tabaqueira que o senhor tem aí na mão... em determinado momento da sua história, valia por si só cêrca de duzentos milhões...

Comecei a pensar que tinha de me haver com um louco.

— Ou, melhor ainda, — corrigiu: — os duzentos milhões representavam o valor de uma pitada do rapé que ela continha. Abra-a com cuidado, peço-lhe, e nela verá autêntico tabaco de cheirar, que ateou uma guerra entre a França e a Áustria. Como diz Virgílio? Sim. **Si motus animorum atque haec certamina tanta Pulveris exigui jacto.** Sim, mas no meu exemplo verá que a pitada do tabaco foi realmente a causa. Ora, ouça, senhor: O embaixador da Áustria recusou-se, numa tarde, a cheirar o conteúdo dessa tabaqueira, e eu ouso afirmar que, três semanas depois, êle teria dado milhões para ter a honra de introduzir nela a ponta dos dedos. Repare na coroa imperial que a ornamenta e que, rodeada de abelhas, dir-se-ia estar aí para ilustrar a advertência de Virgílio. Comprei êsse objeto pela módica quantia de seis ducados, mas o seu valor aumentará, atingindo provavelmente uma dezena de milhares de francos na altura da minha morte, e êsses dez mil francos servirão, de certa maneira, para o meu monumento.

— O seu monumento?

Teve um novo gesto de assentimento.

— A seu tempo, me ouvirá falar disso, pois vejo que sabe escutar. O senhor tem qualidades, e mesmo mais do que as que julga. Quanto a mim, sou um sentimental como o senhor. Por isso, nunca quis casar-me... mas agora não dispondo do tempo necessário para lhe expor os meus pontos de vista, pois, segundo ouço, parece que o baile está no fim, e os meus convidados vão impacientar-se...

Calou-se, aproximou-se de mim... e agarrou-me vigorosamente pela gola do casaco.

Êsse movimento, que por nada eu esperava, fez-me cambalear. Retrocedi um passo, fechando instintivamente os punhos, mas percebi que a sua mão se afrouxava, sentindo, logo a seguir, uma série de pequeninos toques no pescoço, como se o senhor Félix estivesse entretido a tocar piano sôbre a minha nuca. Ouvia-o rir-se, e antes que pudesse adivinhar o que se passava, êle afastou-se, tendo na mão um coelho branco.

— Um velho truque, não é verdade? E' tão simples!

Abriu a claque, meteu dentro o coelho, tornou a meter a mão, e de lá tirou os dois coelhos brancos.

— Tudo isto vai divertir os meus jovens convidados! Estudei muito prestidigitação nos meus momentos de ócio.

Pôs os coelhos no chão e dirigiu-se de novo para o armário.

— O senhor é exatamente a pessoa que me fazia falta — disse — e vou lhe dar oportunidade de ganhar a sua ceia.

Abriu o armário e tirou uma grande capa vermelha, guarnecida de arminho.

— Eu mesmo pensava em vesti-la — disse, mostrando-ma, — mas...

Deteve-se ao ver que o meu rosto tomava uma expressão lastimosa, e desatou a rir, de uma maneira que me deu vontade de lhe deitar as mãos ao pescoço.

— Meu caro senhor — exclamou — compreendo-o perfeitamente. Pura associação de idéias com o Supremo Tribunal, não é assim? Pura analogia fortuita, pois isto não é toga de juiz, mas, muito simplesmente o traje do Papai Noel. E aqui tem agora a sua cabeleira encimada pela sagrada coroa e também a barba enorme, maravilhosamente orvalhada de prata.

Fez brilhar todos êsses objetos à luz da lua que entrava pela janela, voltando-se depois para mim.

— Vista depressa! — ordenou. — E aqui tem também as botas.

Tirou do armário um par de botas em que tinha cuidadosamente colado pedaços de algodão, para simular a neve.

— Felizmente são bastante altas — disse — de outra forma, como o traje é demasiadamente curto para o senhor, as pernas lhe ficariam à mostra.

Recuou um passo para apreciar se tudo aquilo me assentava bem.

— Há castigos e castigos — disse eu — e espero que, qualquer que seja a sua intenção, me levará em conta êste de me vestir de Pierrot.

— Ah! Garanto-lhe que que vai interessar-se pelo seu papel dentro em pouco — respondeu êle, esfregando as mãos.

Depois refletiu um minuto.

— O Papai Noel devia descer pela chaminé — prosseguiu, olhando para a lareira. — Estaria mais de acôrdo com a tradição. Esta chaminé comunica com a de baixo, e creio que o senhor não é gordo demais para não poder passar por ela; mas não tenho certeza se o meu mordomo a tenha mandado limpar recentemente. Evitar-lhe-ei, pois, a chaminé.

Nos salões, a música deixara de tocar. O sr. Félix pegou nos seus coelhos, tornou a metê-los na

Conto de
A. T. QUILLER COUCH

Ilustração de
ARMANDO MOURA

★

claque, que fechou com um movimento rápido e sêco, pum! os coelhos eclipsaram-se.

— Desculpe-me — disse eu, enquanto êle me acompanhava até a porta; — mas essas várias coisas que eu tinha metido aí na maleta...

— Sim! E' bom trazê-las, pois pode ser que tenhamos de distribuir lá em baixo alguns presentes.

Saímos do gabinete e chegamos a uma galeria, que dominava um grande **hall**, todo êle iluminado e decorado de hera, musgo e balões venezianos. Um grande lustre fazia rebrilhar os seus inúmeros prismas e ao pé da escadaria estavam dois criados com bandejas cobertas de doces e pastéis.

Êles criados muito bem educados, pois, ao me verem vestido daquela maneira, não manifestaram a menor surprêsa.

Um deles, ao avistar-nos pousou a bandeja e abriu-nos a porta, que se encontrava à direita da escadaria. Vi-me então, à entrada de uma ampla sala deslumbrante de luz e no fundo da qual se descobria o pano de bôca de um pequeno teatro. Diz-se que a velocidade da luz é maior do que a do som; não estou muito certo disso, pois seria capaz de jurar que ouvi o ruido alegre de mil vozes infantis, que enchiam a sala, antes de me sentir deslumbrado pela luz ofuscante que nela havia.

A sala regorgitava de crianças. Havia lá centenas delas. Algumas, quase sem fôrça para dançar, tinham-se atirado para cima dos bancos dispostos por toda a volta da sala. Mas a maior parte estava estendida em macas ou apoiadas em muletas. Outras tinham as mãos cruzadas sôbre o peito e eram cegas. Não tenho a pretensão de gostar de crianças, mas, quando descobri que quase todas as que se encontravam em casa do sr. Félix eram aleijadas, enfêrmas ou cegas, então senti no fundo do meu velho coração uma piedade imensa.

De todo o caso, foram os olhos cegos os únicos que me pareceram misericordiosos, quando o sr. Félix convidava o Papai Noel a segui-lo até o palco do pequeno teatro, por entre a dupla fileira das crianças. Oh! Oh! Foi o primeiro grito que elas soltaram no momento em que eu apareci à porta; e ouvi êsse oh! espalhar-se e multiplicar-se sem cessar, enquanto atravessava a sala cujo chão encerado refletia os meus passos como um espêlho.

Sempre precedido pelo sr. Félix, subi ao palco por um pequeno corredor, todo enfeitado de bandeiras. O meu companheiro, com um sinal da sua claque, deu ordem à orquestra para começar a bem conhecida marcha **A fine old English Gentleman** anunciando a minha chegada; ou, se preferis, a do Papai Noel.

Depois daquele trecho de música, avançou até o proscênio e apresentou-me: explicou que me tinha encontrado vagueando pelas dependências da casa, ocupado a esvaziar gavetas à procura de presentes para dar aos seus pequenos convidados. Cinco ou seis vêzes se interrompeu para passar as mãos pela minha barba e retirar de lá bombons e pirilampos que atirava para o meio da assembléia.

A princípio as crianças mostravam-se espantadas e admiravam-se de que o dono da casa não se importasse de sujar assim tão belo e luzidio pavimento. Mas, logo uma garotinha mais ousada debruçou-se, apanhou um pirilampo e gritou, deliciada, que, efetivamente, era um pirilampo verdadeiro. Aquilo foi o sinal para uma barafunda indescritível. O sr. Félix continuava a falar, aparentando não perceber nada; mas a sua mão, cada vez mais ágil, passava e repassava pela minha barba, e os pirilampos choviam, em torrentes, sôbre a sala. Vi vários pequenos apanhá-los para os levar aos seus irmãozinhos ou irmãzinhas cegas, pondo-lhes, às vêzes, nas mãos para que verificassem que eram pirilampos autênticos.

O sr. Félix percebeu isto e a catadupa das suas palavras cessou, de repente, como se fosse interrompida mecânicamente...

— Sou um sentimental! — disse, para mim.

Mas ninguém o ouviu, pois, naquele momento, os pirilampos saltitavam por toda parte, e as crianças soltavam gritos de alegria. O tumulto tinha atingido o auge; mas o sr. Félix atraiu de novo a atenção geral, agarrando-me pelo pescoço — como fizera, momentos antes, no gabinete — e, oh! prodigio! tirou de lá dois coelhos brancos. Atirou-os para dentro da claque, que tinha aberto, com um movimento do polegar. Um segundo mais tarde, soprando-lhe em cima, o chapéu tornava a se fechar, e os dois coelhos tinham-se evaporado... Tornou a abrir a claque, com um gesto de assombro, e, franzindo os sobrancelhas, tirou de dentro muitas fitas de várias côres: vermelhas, brancas, verdes, azuis, amarelas, nas quais havia baralhos amarrados. E, enquanto as fitas iam saindo do chapéu, o sr. Félix atirava ao ar as cartas, que, depois de formar um fole debaixo do lustre, tornavam a cair, juntas.

— Isso é para o senhor! — disse-me, exibindo uma enorme couve, que saía da claque prêsa à ponta das fitas.

Arremessou tudo aquilo para o centro da sala, e, agarrando na minha maleta meteu-a debaixo da capa, para logo tornar a apresentá-la transbordando de bonecos, trombones, trombetas, árvores de Natal, caixas de soldados, etc.

— Agora é a vez do Papai Noel! — gritou com toda a fôrça. — Deixai passar o Papai Noel!

A febre da festa tinha-se apoderado de mim, e, descendo do palco, pus-me a distribuir o conteúdo da maleta, à direita e à esquerda. Esgotei-a antes de ter percorrido a têrça parte da sala, pois distribuia com ambas as mãos e, quando uma criança cega se punha a palpar um brinquedo, ou o deixava cair, dava-lhe outro até que o seu sorriso me satisfizesse completamente.

(Continua na pág. 88)

FESTEJE NATAL e ano Bom COM VINHOS

Boas FESTAS

Velhos mestres holandêses — "Festa do Dia de Reis" — Jan Steen — Tela com 51 x 63 ½ polegadas. Pintura de 1662. Propriedade de senhora J. C. Arnhem, Holanda

REABREM-SE OS MUSEUS DA HOLANDA

A "RONDA NOTURNA" DE REMBRANDT E OUTRAS MARAVILHAS DA PINTURA PODEM SER DE NOVO ADMIRADAS À LUZ DO DIA

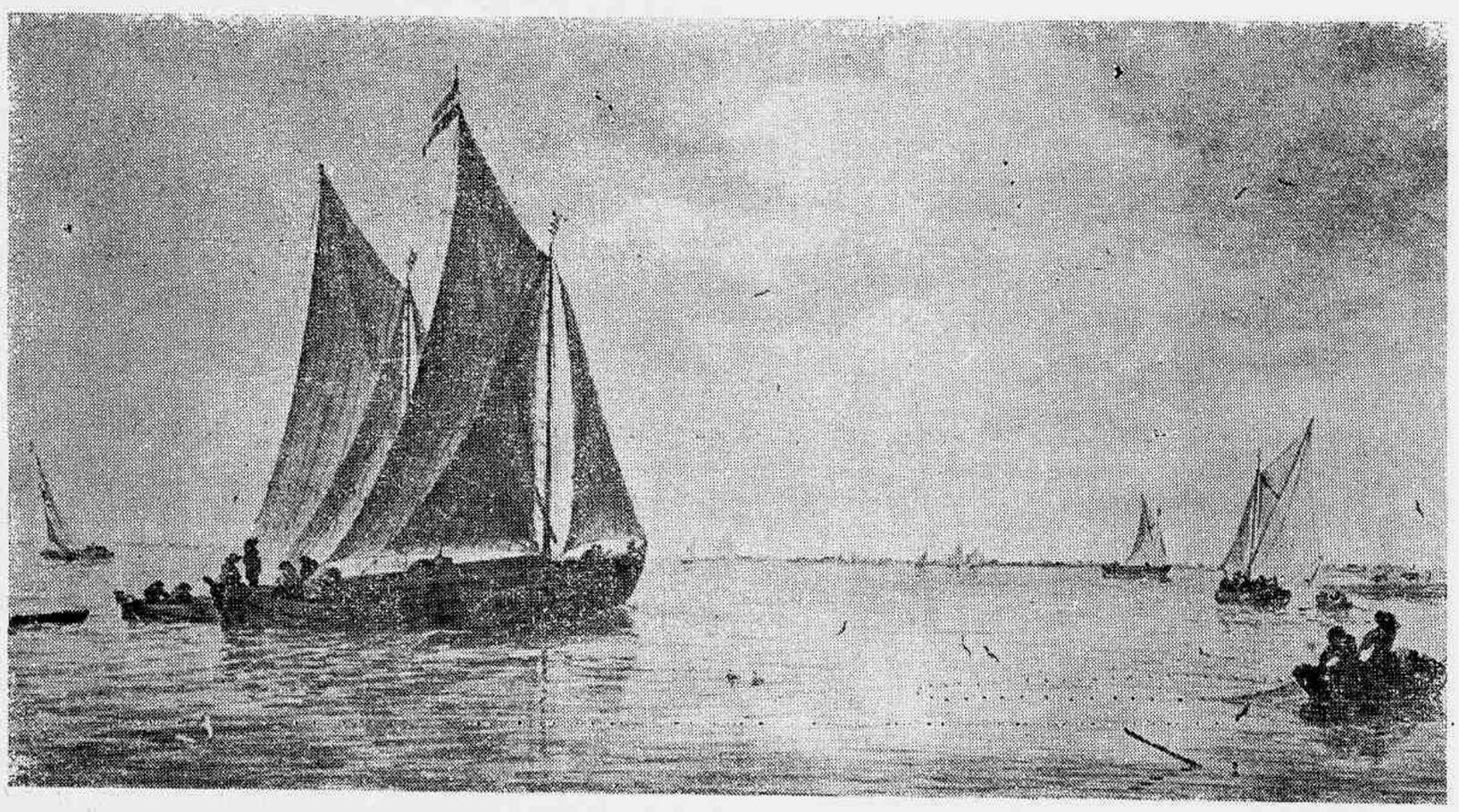
De novo podem os holandêses, e naturalmente todos aqueles que visitam os Países Baixos, contemplar com silenciosa admiração no Rijksmuseum de Amsterdam, a famosa "Ronda Noturna" de Rembrandt, após ter ficado "debaixo da terra" durante todo o período da ocupação alemã.

Em suas caminhadas pelas grutas da província de Limburgo, foram muitos os soldados aliados que tiveram ocasião de contemplá-la na exposição denominada "O Regresso dos Mestres". Posteriormente, a comissão de curadores encarregada dos quadros sugeriu ao Conselho Municipal de Amsterdam fazer restaurar essa obra, o que foi logo aceito pelo prefeito e pelos conselheiros. E o período começou a sua tarefa sob os olhares vigilantes de vários pintores de renome. Transferiu as pinturas para novas telas e isso feito retirou a maior parte da capa de verniz. O que apareceu de sob a capa de poeira já não era a antiga "Ronda Noturna", com seu fundo de mistério e seu engenhoso jôgo de luzes e sombras, mas sim um quadro novo. Continua sendo, não resta dúvida, o fruto maravilhoso do pincel de Rembrandt, dêsse príncipe dos pintores, mas já não é mais a "Ronda Noturna".

A história se repete, mas nêste caso em sentido contrário. A "Ronda Noturna", pintada em 1642, representou o momento culminante, e ao mesmo tempo crítico, da vida de Rembrandt. O artista, nessa época com trinta e seis anos, havia alcançado o cimo da glória. A encomenda de pintar a companhia de milicianos do capitão Banning Cock, que comemorava seu aniversário não podia ser feita a ninguém mais. Rembrandt entregou um de seus maiores trabalhos caindo, porém, em desagrado. Aqueles que o encarregaram do quadro, não ficaram satisfeitos, pois era maior a vaidade do que a apreciação da arte. Queriam seus próprios retratos, uma pintura em que cada um dêles fôsse fàcilmente reconhecido sem ligar aos deta-

"Cabeça de Mulher", gravura em "crayon" de Demarteau, em exposição na Biblioteca Nacional de Paris

"Entêrro", de Rembrandt, "crayon", em exposição na Biblioteca Nacional de Paris



Velhos mestres holandêses — Salomão Van Ruysdael — Cena de rio com seus barcos — Tela com 14 ½ x 21 ¼ pol. Pintados cêrca de 1660. Propriedade de Mr. e Mrs. D. Birnbaum, Nova York

Litografia de H. Dammier (1834) em exposição na Biblioteca Nacional de Paris. (Foto S. I. I.)

lhes ricos em luz e sombra. Os cem florins de honorários lhe foram entregues de má vontade. Desde êsse momento Rembrandt começou a caminhar pela estrada do declínio social e econômico, para jamais voltar a gozar de prestígio e popularidade até o fim de seus dias.

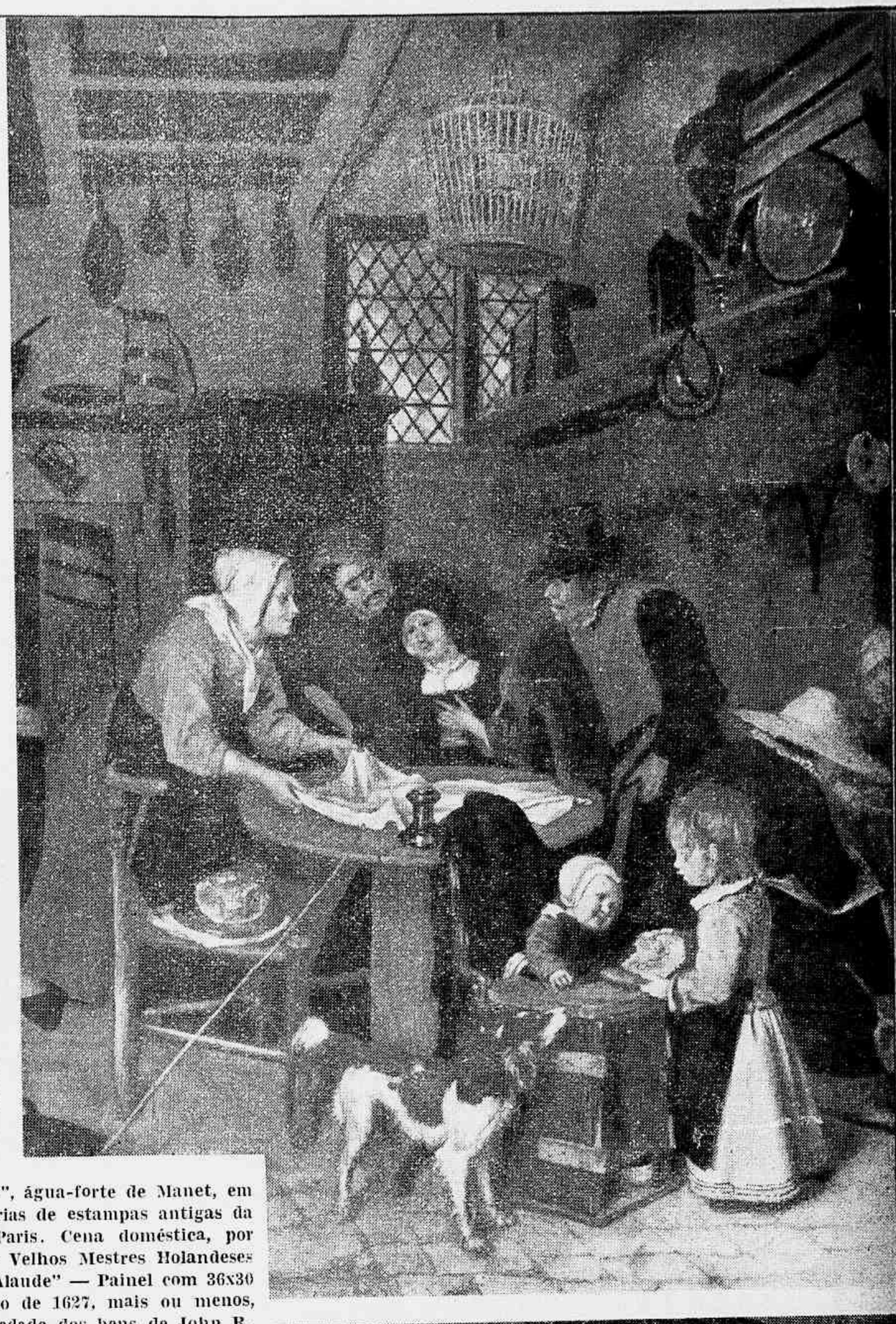
Com o correr dos tempos a obra de Rembrandt foi se valorizando. O pó que foi se acumulando sôbre a tela parecia haver dado mais idade a todo o quadro e tornado mais dominante o fundo misterioso, tornando as figuras menos pronunciadas. A suave luz crepuscular dos anos deixou sua aureola sôbre a "Ronda Noturna". Acontecendo o mesmo que com outras obras de Rembrandt, esta ficou mais bela com o tempo. Tal como acontece com a porcelana da China, o "azul" de Delft e as catedrais góticas.

Agora tudo isso sofreu uma brusca mudança. Ao ser removida a capa de poeira e verniz, o crepúsculo vespertino transformou-se em brilhante luz diurna. O véu de mistério que cobria o fundo, desapareceu para dar lugar à tôda sorte de vagas figuras que sùbitamente se apresentam diante de nossos olhos. A imagem principal do quadro, o tenente Ruytenburg, que antes vestia roupagens de um amarelo escuro, revela agora vestido quase de branco. O punhal que a jovem carregava em suas mãos, é na realidade uma pistola. Tôda sorte de imagens que nos eram desconhecidas se nos apresentam repentinamente, surgindo da obscuridade. O que era considerado demasiado escuro por aqueles que encomendaram o quadro, se nos parece demasiado claro.

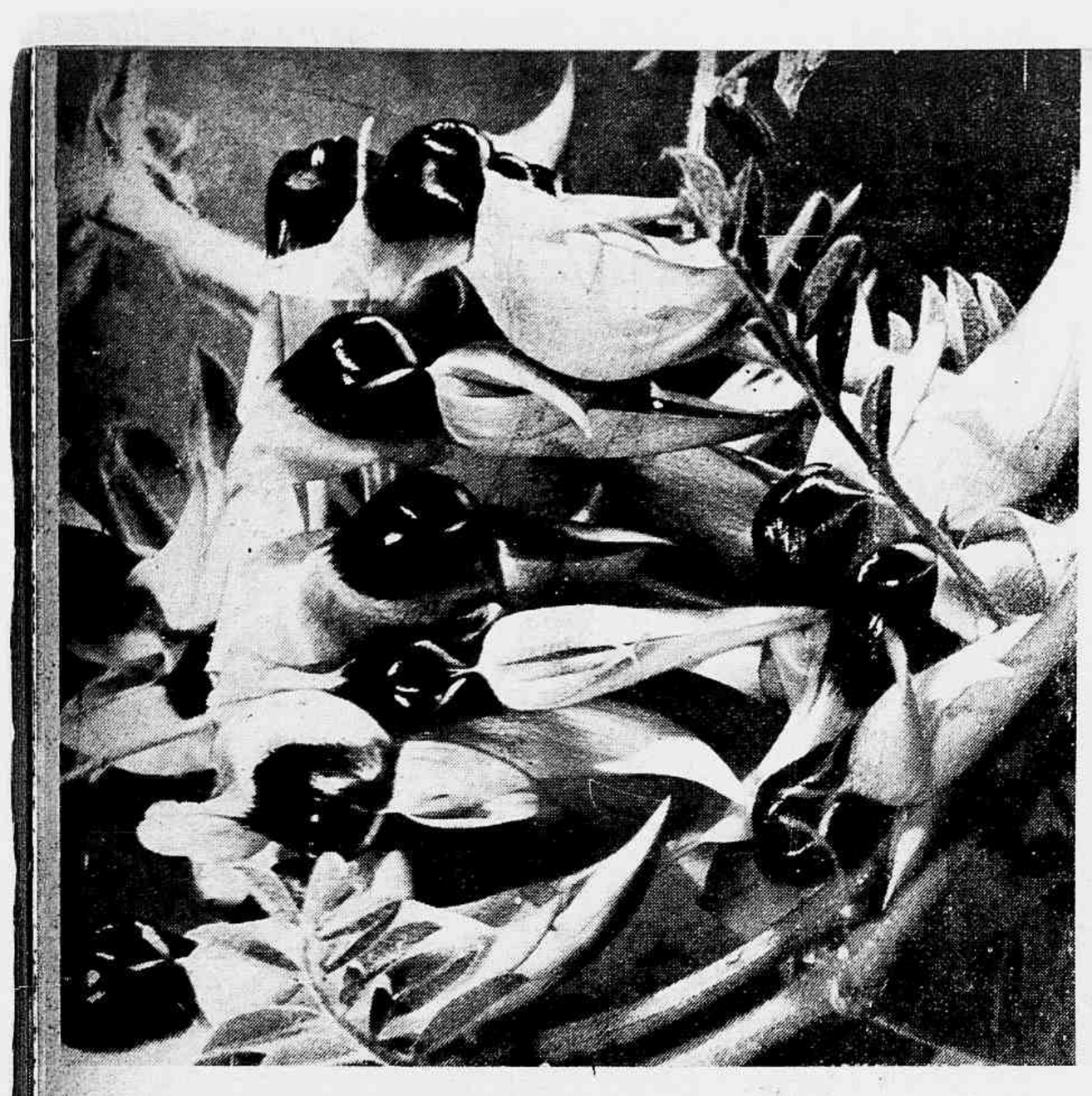
Não obstante, não devemos apreciar esta mudança de um ângulo pessimista. O que a "Ronda Noturna" perdeu em ambiente da época e em intimidade, é compensada em parte pelo que ganhou em perspectiva e côr. Há maior profundidade no quadro e agora, para captar-se melhor o conjunto, é necessário que fiquemos a maior distância. A imagem se tornou mais ampla. Partes que eram negras apresentam-se agora em um ligeiro azul e o sujo que se acumulou durante séculos — a última restauração data aproximadamente de 1750 — trocou os tons verdes para azuis. Não obstante, a obra mostra os delicados matizes verdes, cinzas e azuis que caracterizam os outros trabalhos de Rembrandt.

Não se terminou ainda a restauração, e se não surgirem dificuldades imprevistas, o responsável, sr. Mertens, declarou acreditar que o trabalho estará concluido na próxima primavera.

A antiga "Ronda Noturna" foi perdida irremediàvelmente. No presente, se desejamos recordá-la, nos é possivel ver e admirar no Rijksmuseum de Amsterdam uma "Ronda Noturna" à luz do dia". Mas alguma coisa perdeu-se: alguma coisa que pertencia a Rembrandt e à Holanda.



Ao alto — O "Guitarrista", água-forte de Manet, em exposição numa das galerias de estampas antigas da Biblioteca Nacional de Paris. Cena doméstica, por Jan Steen. Em baixo — Velhos Mestres Holandeses — "O Jovial Tocador de Alaude" — Painel com 36x30 poleg. — Pintura do ano de 1627, mais ou menos, por Frans Hals — Propriedade dos bens de John R. Thompson, Chicago. Velhos Mestres Holandêses — "Depois do Trabalho do Dia" — Adriaen Van Ostade — Tela com 14 ½ x 15 ¾ poleg. — Propriedade de Schaeffer Galleries, Nova York. Pintura possivelmete executada entre 1650 e 1660



À esquerda — Aqui vemos um exemplar da família das orquidáceas (Dendrobium speciosum), encontrada na Costa Oriental do Continente Australiano. Cresce profusamente entre as rochas e nas fendas dos penhascos. À direita — Vemos nesta foto a "Clianthus Speciosus", variedade das "Poa" que vegeta prolificamente em quase tôda a Austrália. Foi colhida, pela primeira vez, na Ilha Rose Mary, por Dampier, nas proximidades de Broome (Austrália Ocidental) em 1669. Muito espalhada nas áreas desertas, forma um verdadeiro tapete no chão

AUSTRÁLIA, PARAÍSO DOS BOTÂNICOS

TREZE MIL DIFERENTES ESPÉCIMES DE PLANTAS QUE DÃO FLÔRES ★ ALGUMAS DAS MARAVILHAS FLORAIS AUSTRALIANAS

Por **C. A. GARDNER** (Botânico do Govêrno Ocidental Australiano)
(Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

A Austrália é afamada por sua riqueza floral, tanto no número de suas espécies quanto na variedade infinita de formas e côres de suas flôres. Tem nada menos de treze mil diferentes espécimes de plantas que dão flôres. Poucos países podem se jactar de possuir tão grande riqueza de côres e predominância de azul, e tão notável diversidade de formas. E a maior riqueza está na Austrália Ocidental. A flora australiana inclui naquela zona plantas tropicais e temperadas, no total aproximado de 7.500, que faz delas uma das mais ricas floras do mundo, pois inclui pelo menos metade das famílias conhecidas de plantas florescentes. Dêsse grande número, uma percentagem excepcionalmente alta acha-se no sudoeste do estado, e restringe-se estritamente à essa área.

O interêsse dessa flora reside principalmente no fato de ser o território da Austrália Ocidental uma região primitiva que por séculos não sofreu a intrusão de plantas forasteiras, o que permitiu que sua vegetação progredisse pacificamente sem intervenção humana, até o advento da agricultura extensiva. O mesmo não se pode dizer de muitas partes da terra, pois as plantas, tais como os animais, estão constantemente em pé de guerra. Lutam principalmente pela posse do solo, e muitas vêzes são os invasores de outros países que dão os melhores colonos. A maioria dos países sofreu essas invasões, mas o sudoeste da Austrália permaneceu como entidade separada. Limitado pelo largo oceano e pelo deserto do interior, que já foi um mar, permitiu que sua vida vegetal progredisse sem interrupção. Nessa área, berço da flora do continente, e geològicamente sua porção mais antiga, a flora primitiva criou vagorosamente novas formas, além das antigas — formas apropriadas às condições particulares da região, capazes de resistir a solo pobre, colinas pedregosas e calcinadas, e charnecas arenosas. E justamente nessa situação que as vemos hoje mais ricamente desenvolvidas.

À esquerda — Eis um outro exemplar da margarida branca da Austrália (Olearia teretifolia). À direita — Alguns exemplares da "Malalenca trichophylla", muito encontrada ao sudoeste da Austrália

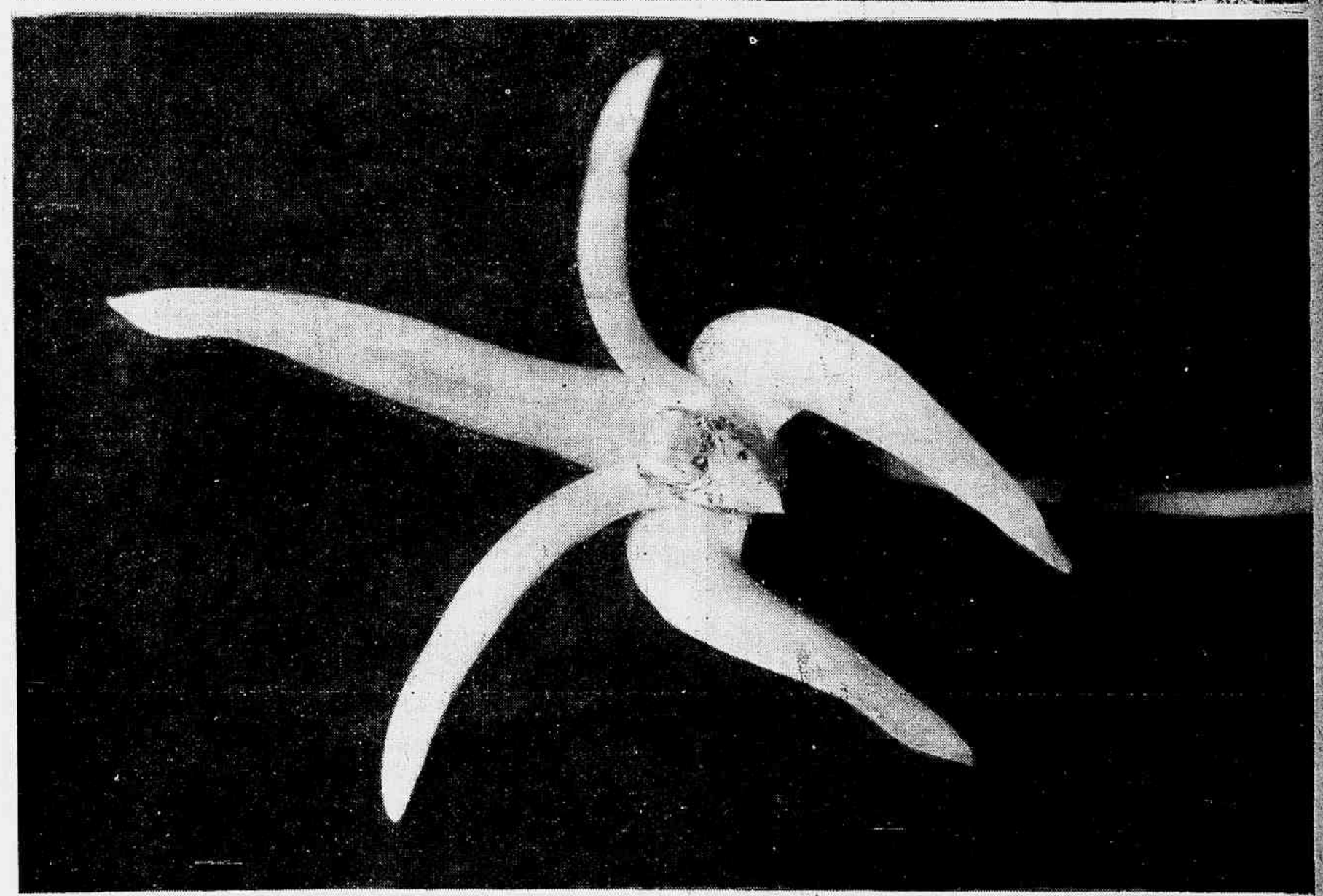
Ramagem de flôres em Melbourne, na Austrália

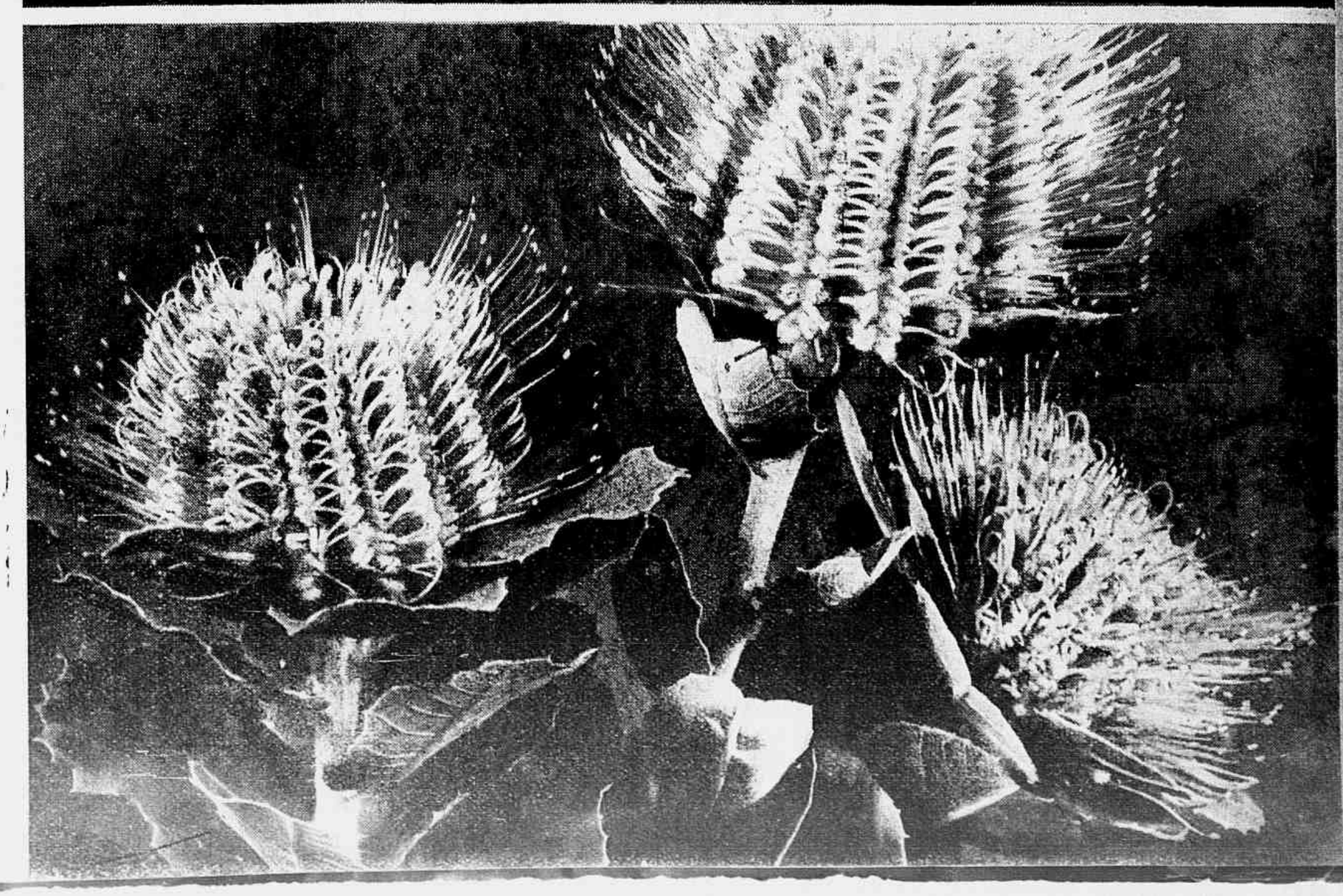
Como exemplos dessa flora peculiar e primitiva, temos os "black boys" e "árvores de erva", plantas estranhas da família dos lírios. Junto com a palmeira chamada Zamia, cobrem hoje a paisagem, nas formas que possuíam séculos antes do homem povoar a terra, quando os dinossauros se espojavam no lodo. Outros vegetais derivados de plantas primitivas são as espécies estranhas e quase sobrenaturais conhecidas como "patas de canguru" e parentes da abrotea; a "árvore de Natal" que chameja tão intensamente nas paisagens estivais — paradoxo vegetal tão estranho quão formoso; a notável orquídea "rhizantella", que leva uma existência totalmente subterrânea; as "plantas-cobertores" ou "rabos de cordeiro" cobertas até nas flôres de lá purpúrea ou branca; a curiosa "planta-jarro", câmara mortuária vegetal para insetos e animaiszinhos incautos, que são levados a destruição para essa verdadeira panela, prisão cônica onde são mortos e digeridos; e as "flôres-plumas" cuja estrutura intrincada figura entre as mais lindas de tôdas as flôres. E tôda essa flora derivada adaptou-se tão bem ao habitat primitivo que resiste aos frequentes incêndios de matas e chega mesmo a desafiar o arado. Seu poder de reprodução, no tocante à resistência das sementes apenas, torna-a tão apta a sobreviver que talvez algum dia torne a dominar a paisagem, quando o progresso humano declinar.

Essa flora interessante é também de grande valor para o homem, sem se falar na proteção evidente que traz ao solo. Em áreas mais secas do país, o pastor conta com a mulga, a pastagem e outras plantas, para sua volta a áreas onde a cultura é impossível. As florestas da Austrália Ocidental são bem conhecidas pela qualidade das principais madeiras que fornecem e como é comum nas áreas sujeitas a secas periódicas, as árvores e arbusto produtores de óleo e tanino ocupam lugar de destaque. Entre êles, temos o sândalo local, que não é inferior à famosa madeira de Misore, e a vasta riqueza das árvores "Mallet", cuja casca é extremamente rica em tanino. Há também valiosas plantas produtoras de resina e goma, até agora pouco conhecidas, assim como numerosas espécies das quais se extraem produtos preciosos para a química e medicina. E' uma pena que não tenhamos cuidado de aprender dos nativos o modo por que usam muitas plantas, já que sem dúvida havia, e ainda há, muitas plantas de valor terapêutico usadas por êles para sua várias indisposições. A cheirosa boronia produz um perfume valioso, que é bem conhecido de todo o mundo civilizado, e sem dúvida há muitas outras plantas aromáticas que sòmente aguardam exploração.

Êsses fatos, aliados à singularidade da flora entre as outras da terra, trouxeram botânicos aqui nos primeiros tempos para estudar no local a notável vida vegetal, e hoje o número de visitantes botânicos pouco diminuiu. Desde a época de Dampier, o primeiro inglês que visitou a Nova Holanda, nossos conhecimentos aumentaram gradualmente, e novas espécies ainda estão sendo descobertas. Dampier, em 1697, já notara estranhos tipos de plantas. Vira o azul assombroso de uma espécie que traz seu nome e o escarlate vivo de uma planta que imortaliza o nome de Sturt; fizera observações acêrca dos curiosos eucaliptos com a sua exsudação de quina e os espécimes que mandou foram os primeiros a alcançar a Europa.

A Austrália tem uma dívida de gratidão para com o segundo visitante botânico, Sir Joseph Banks, que acompanhou o famoso capitão James Cook na sua viagem aos mares do sul — pois foi largamente responsável pela colonização dêste continente. O nome daquele que foi apelidado "Pai da Austrália" está convenientemente perpetuado pela espécie "banksia", comum a todos os recantos do continente australiano. E assim foi com outros botânicos, exploradores e agrimensores, cujos nomes estão para sempre lembrados.





Ao alto — Um outro exemplar da "Banksia coccinea". As suas flôres apresentam um forte contraste de côres escarlate e prateado. Em baixo — Vemos na foto, a planta de flôres pendulifoliadas da Austrália, a "Dendrobium speciosum"

Da esquerda para a direita — O "Retrato de Santa Clara", obra do pintor Simone Martini, que se encontra em Assis. Uma cabeça do Cristo esculpida na madeira que se encontra no Santuário de São Damião. Uma pintura do Giotto reproduzindo São Francisco na Basílica Menor dedicada ao santo

ASSIS, CIDADE DO SILÊNCIO E DA MEDITAÇÃO

Por **GINO PALMISANO**

NÃO apresentarei esta cidade da Umbria sob o seu aspecto geográfico ou histórico, pois que essas características podem ser encontradas em qualquer enciclopédia ou livro de geografia política referente à Itália.

Apresentá-la-ei, sim, esta cidade de planta alongada e de ruas estreitas, tortuosas e quase sempre em declive, solitárias e silenciosas, de aspecto vetusto, amenizadas por jardins suspensos, na sua verdadeira e única atração constituída por uma obra de arte estritamente natural que, sem dúvida, deixa seus visitantes fascinados pela atmosfera divina que nela reina, voltada que está para um sonho ideal.

Falar de Assis sem mencionar São Francisco, seria falar de uma coisa amorfa. Parece até que o Santo haja absorvido nesse conjunto de território ora plano, ora acidentado, aquela sua natureza contemplativa que o aproxima de Deus e o faz viver em Deus.

Esta é a sensação experimentada por aquêles que visitam Assis.

Poderia parecer um paradoxo, mas todos aquêles que tiveram possibilidades de visitar São Pedro em Roma e a dupla Basílica erguida sôbre a tumba do Santo em Assis, poderão afirmar que, a despeito da profusão e preciosidades da primeira, não há têrmo de comparação com a última no que diz respeito ao triunfo de um místico fascínio que faz fremir os corações e dobrar os joelhos.

Assis é uma pequenina cidade.

O distrito inteiro mede apenas 196,93km2, mas quantos homem ilustres reuniram-se neste oásis de paz! Torriti de Roma, Cimabue e Giotto de Florença, Giunta de Piza e outros, toda a renovada pintura italiana que criou o mais valioso conjunto pictórico da arte medieval peninsular.

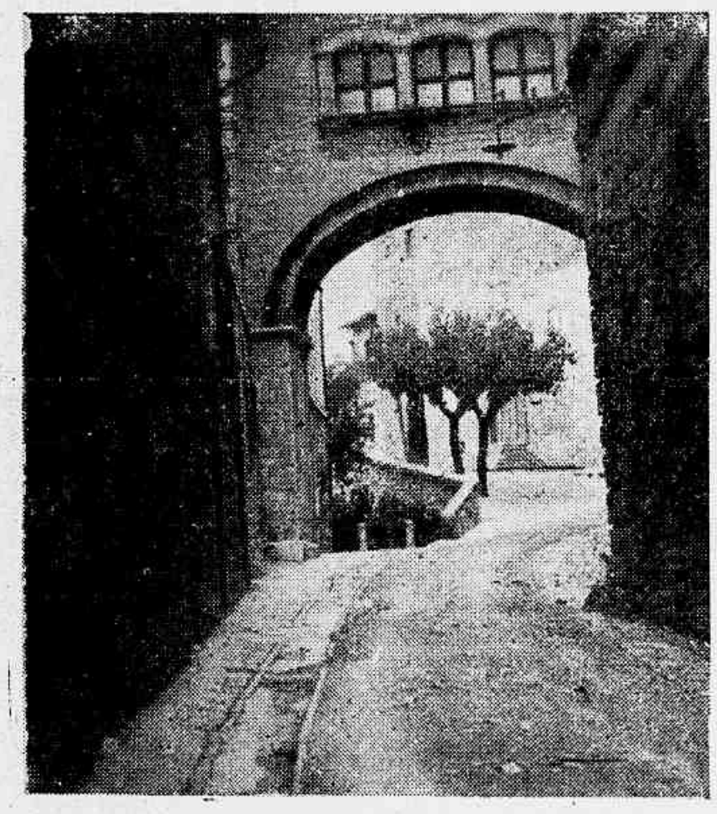
Compreendem melhor, aquêles que tiveram o ensejo de visitar Assis, o "Hino do Irmão Sol", escrito por São Francisco êste breve e grandioso cântico ao Criador, através de suas criações: o sol, a lua, as estrêlas, o vento, os fenômenos atmosféricos, a água, o fogo, a terra e a morte, todo êle expresso numa forma ingênua e popular, algo que oscila entre o sentido religioso da natureza e a religião da beleza, algo, em suma, de novo, oriundo de um coração profundamente sensível às belezas naturais, vencido pelo fascínio místico que inegavelmente paira sôbre Assis.

Afastada, pela posição topográfica, das relações comerciais muito desenvolvidas (a estação ferroviária dista 4 quilômetros da cidade), Assis é quase uma ermida acolhedora de mentes cansadas, de corações abatidos, e de todos aquêles que sentem necessidade de pensar com calma; uma fonte de auroras douradas e de crepúsculos incandescentes na qual as almas verdadeiramente sensíveis transfiguram — ousarei dizer — a natureza e cantam com inaudita potência o poema do sol moribundo que doura os ângulos obscuros e ansiosos desta doce e pitoresca cidade da Umbria.

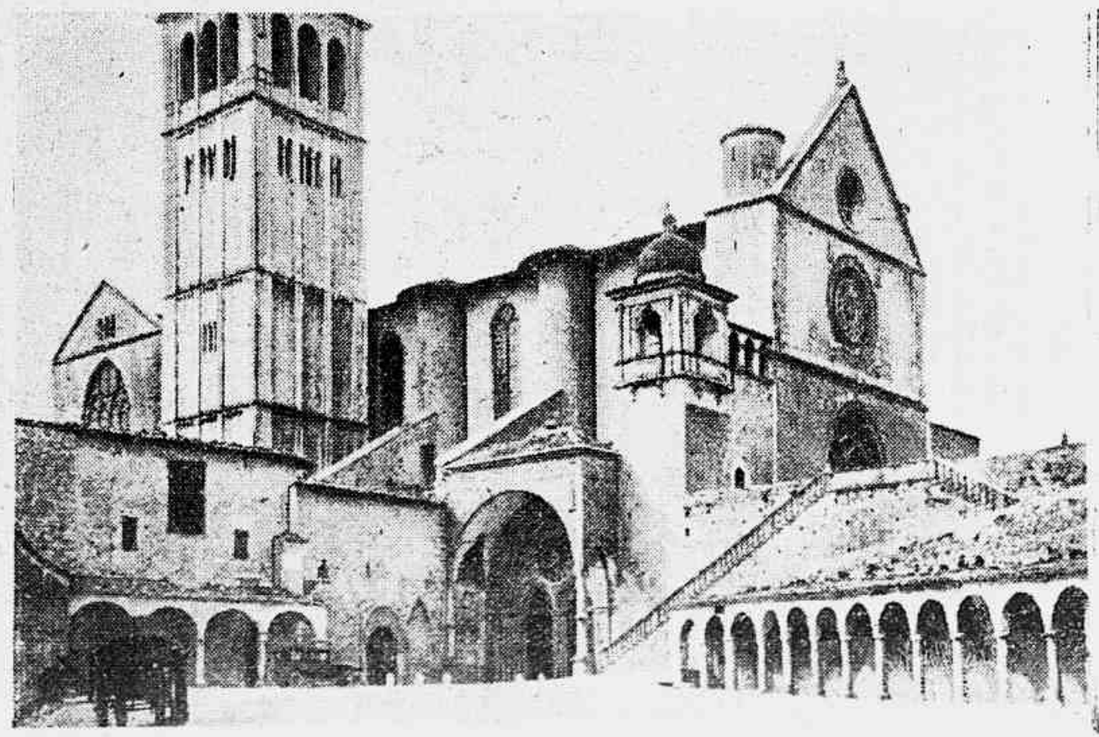
As vicissitudes históricas de todos os tempos que começaram na batalha de Trasimeno contra Anibal, a sua destruição por Totila no ano 545, as lutas contínuas durante a Idade Média, sacudida de um lado para outro, além das lutas internas e a despovoação que a cidade sofreu em consequência dessas desolações, não a fizeram, porém, perder aquelas características congênitas de cidade equilibrada, sincera e pura.

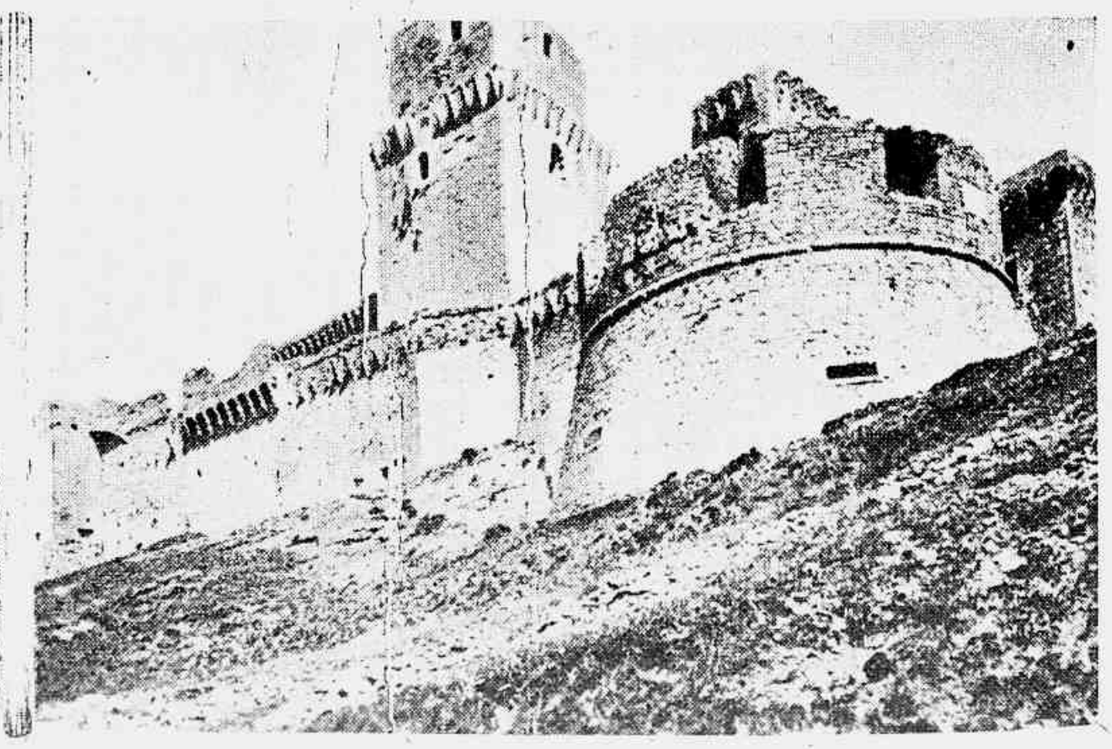
Difícil escolher entre seus inúmeros monumentos um ponto, um quadro que se possa citar como a sua obra-prima de arte plástica. Cada um de seus ângulos tem sabedoria, luminosidade, átomos de beleza que a tornam rara e prodigiosa.

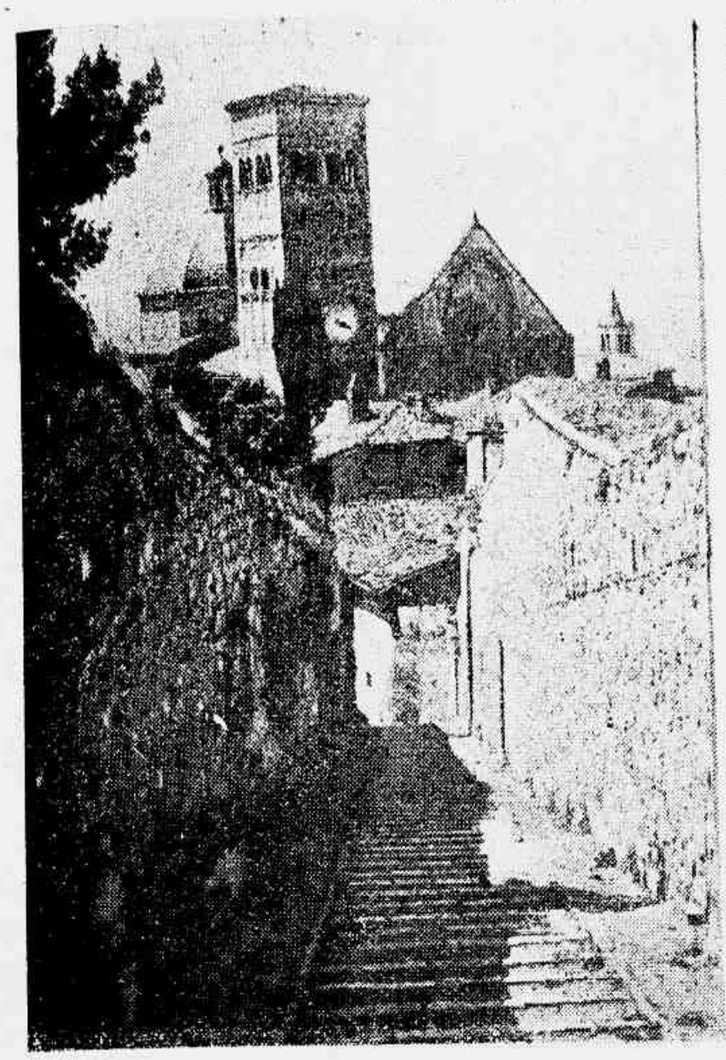
A porta de San Giacomo, a Via Raffaello Rossi, a Rocca, a Roccheta, a casa dos mestres Comacini, as avenidas antigas, as casas medievais, o Convento dos Carceres, as centenas de fontes, criam o triunfo da arquitetura e da perspectiva, apresentando uma sábia e habilidosa realidade constituída de escorços, marcos, luzes e sombras que fazem de Assis centro da peregrinação em busca de uma potência indefinível que é a paz do espírito, que acaricia com as suas cúpulas, com as suas estradas ervosas; as suas janelas nessa perspectiva que foge numa fila de casas; em todas as estatuetas, todas as decorações simples de uma fachada de igreja, e que introduz nos segredos para assimilar a atmosfera seráfica de que se cerca.



Ao alto — Cada um de seus ângulos tem sabedoria, luminosidade, atimos de beleza que a tornam rara e prodigiosa. Em baixo — A Basílica de São Francisco. A roca maior







Da esquerda para a direita — Assis, cidade de ruas estreitas, tortuosas e quase sempre em declive... Claustro do Convento dos Cárceres onde os franciscanos se reunem para a meditação. São Francisco de Assis circundado por uma natureza horripilante de desmoronamento e precipícios pregando a favor de um pequeno campônio sedento...

Como procurei dar a entender, mais que com os olhos, deve-se visitar Assis, com o coração. Pouco ou nada lhe resta do período bárbaro e escassas são as menções históricas que a lembram disputada arduamente por gregos e godos e mais tarde ocupada pelos longobardos.

Somente depois do ano mil começa a cidade a reflorescer, especialmente com pequenas construções de índole sacra.

Sôbre isso, não mencionarei a arte vidreira que culmina na grande janela absidal de autoria de Giovanni Bonino de Assis, considerada a obra-prima do gênero do século XIV italiano; não falarei do cálice de esmalte translúcido doado pelo Papa Nicolô IV à Basílica Franciscana, o mais antigo exemplar datado, nem da ourivesaria conquanto reste pouca coisa dentre o que há de mais belo e raro que a Idade Média nos legou. Creio que, arrolando os frescos da Basílica Inferior deixados por Giotto e seus alunos ter-se-á concentrado no espírito o ambiente que paira sôbre Assis, ambiente que prescindiu de um buril másculo e dominador, e foi inspirado na justiça, no amor divino, num langor de doce melancolia, na beleza que convida a percorrer (observando os seus panoramas) os sonhos azuis da juventude, os sonhos dos adolescentes enamorados, que se fitam através de longos cílios e sentem uma mágica melodia produzida pelo vento que vai de encontro à vegetação dos prados e das construções antigas.

Giotto, o "Ilustrador Ideal" da vida de São Francisco (que é um pouco a vida de Assis), faz sentir a verdejante prosa do "fioretti" e o latim musical de Tommaso da Celano.

Giotto, candidamente, na sua grandiosidade que eterniza para os olhos as grandes histórias repletas de contemplação e de fervor, apresenta o Santo quando, embevecido por aquela que "Con Cristo pianse in su la Crocce", atira seus trajes mundanos ao pai indignado enquanto o bispo, compreendendo aquêle amor, cobre a sua nudez com as vestes humildes do jardineiro; representa o Papa Inocêncio III que sonha o irmãozinho descalço cingido com um liso cordão a sustentar galhardamente a periclitante Basílica de São João de Latrão; expõe o Santo dos Pobres quando, envolvido em sua humanidade, é acolhido pelo Pontífice do qual recebe a Bula de Aprovação da Ordem, "Primo Sigillo a Sua Religione"; mostra São Francisco exorcismando com um gesto breve os demônios enfurecidos sôbre as muralhas de Arezzo e as legiões negras e vorazes obscurecendo o sol com vôos estridentes de fuga; exibe o Santo altivo, sem orgulho, na sua própria fé; pinta-o celebrando o Natal de Jesus em Greccio num presépio escavado numa caverna, adorando o "Menino" milagrosamente aparecido na mangedoura; retrata-o circundado por uma natureza horripilante de desmoronamentos e precipícios pregando a favor de um pequeno campônio sedento que se curva a beber da fonte surgida milagrosamente na rocha viva da Verna ou onde o vemos exultante na paisagem primaveril azulada quando o doce asceta fala de Deus aos pássaros, a gaivota, andorinhas, codornizes, pombas. Policrômico conjunto que fervilha ao pé de uma árvore perfilada com graça mística contra o índigo puro do céu.

Assis conserva ainda na distância do tempo o maravilhoso poema celestial que Giotto imortalizou na igreja inferior com a sua expressão comovida e precisa, ampla e lúcida.

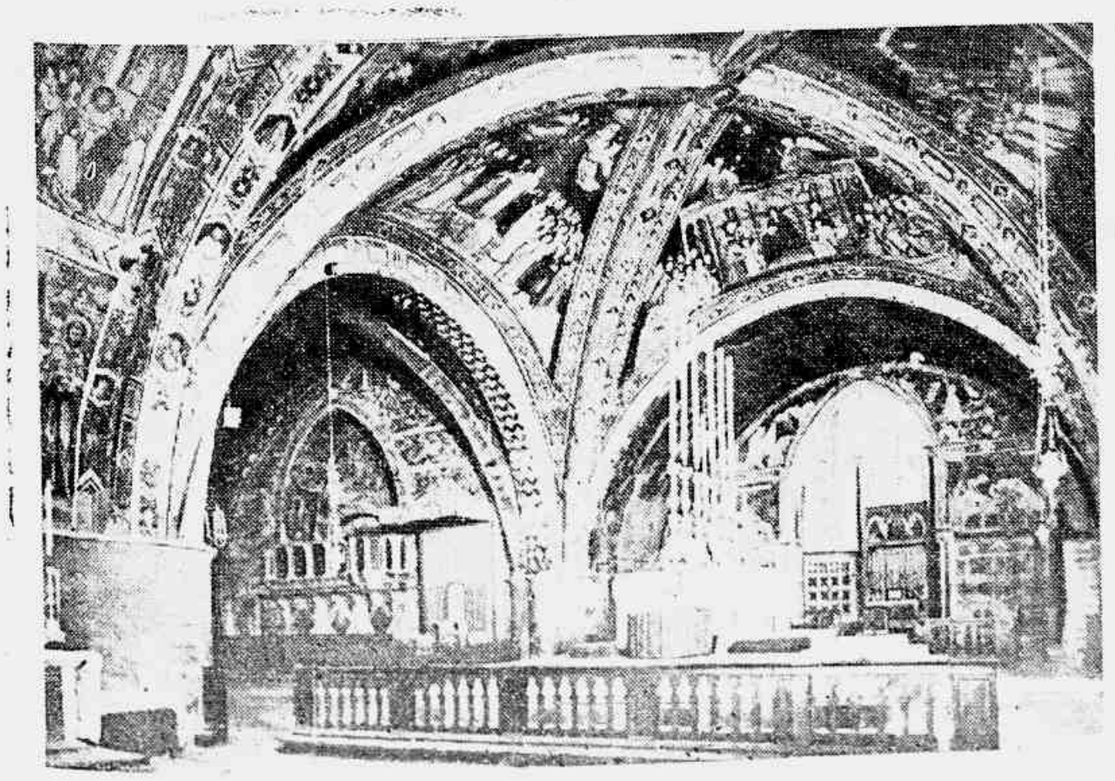
Desejaria falar sôbre a Igreja de São Damião, restaurada por São Francisco e que tão importante parte tomou na história do movimento franciscano; igrejinha suburbana de tetos a duas águas com raras e pequenas janelas e portas sobriamente decoradas; desejaria falar da Igreja de Santa Maria dos Anjos, de São Rufino, de São Pedro, enfim, da Igreja de Santa Clara, feita nos moldes da Basílica superior de São Francisco, pois que todas elas formam um escrínio ao hálito animador de bondade e piedade infundido pelo Santo Protetor.

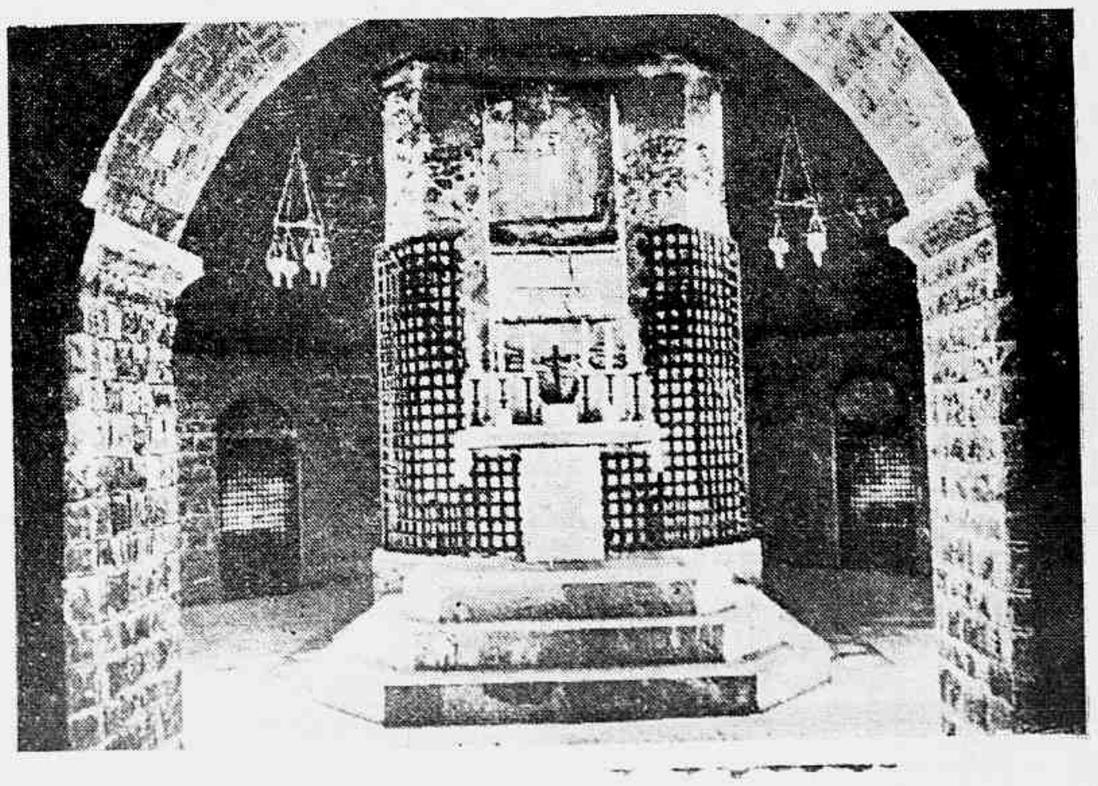
Não sei se minhas pobres e poucas palavras foram capazes de apresentar na sua exata clareza e dignamente a Assis que observa o ridente e terrível carroussel do mundo.

Assis vive à sombra das tôrres de suas igrejas, das suas árvores e reflete a crença e todos os ideais de uma época. Parece que Deus e a natureza criaram-na com tanta exaltação de amor e com profundo êxtase de paz a fim de oferecer consolação às vítimas da dor, da desventura e robustecer o espírito de todos os sacudidos pelo embate dos acontecimentos e todas as guerras do mundo.

Esta criação mostra-se, portanto, ainda mais profunda, mais atraente, mais piedosa, porque acompanha há séculos os filhos de Deus com o seu silêncio, com o verde de suas colinas, com o azul do seu céu sob o qual se distinguem ruínas antigas. Suas casas amarelas ou côr de rosa e o vulto escuro e reto dos ciprestes fazem entrever uma cena idílico-romântica, pois que nela as transparências vaporosas do ar, o encanto lendário da vegetação, a irrealidade de sonho que embala os que se entregam à essa atmosfera argêntea e experimentam a emoção de uma idílica transfiguração afloram aos corações, sem possibilidades de engano, os dois sentimentos mais fortes: amor e piedade.

À direita — O Papa Inocêncio III que sonha com o irmãozinho descalço cingido com um liso cordão a sustentar galhardamente a periclitante Basílica de São João de Latrão... Em baixo — O interior da Igreja de São Francisco. A tumba de São Francisco





MATERNIDADE

ARNALDO DE MORAES

Para as futuras maãesinhas...

UMA INSTITUIÇÃO A SERVIÇO DAS SENHORAS SOB O MAIOR CONFÔRTO E TÉCNICA MODERNA

Assistência técnica do
PROF. ARNALDO DE MORAES

Parto com assistência médica e internamento por 7 dias — Cr$ 2.000,00.

Operações ginecológicas, tumores do ventre, tumores do seio, tratamento de moléstias de senhoras. Tratamento dos tumores pelos Raios-X e pelo Radium.

Diagnóstico do câncer. Tratamento da esterilidade.

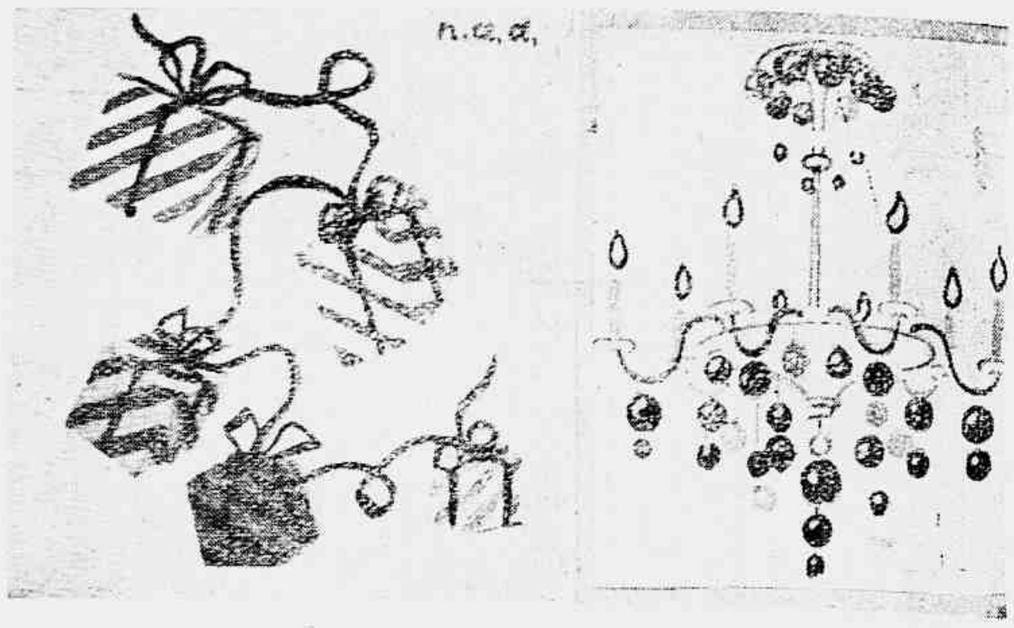
ACEITAM-SE DOENTES DE MÉDICOS ESTRANHOS À MATERNIDADE PARA PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS

MATERNIDADE
ARNALDO DE MORAES

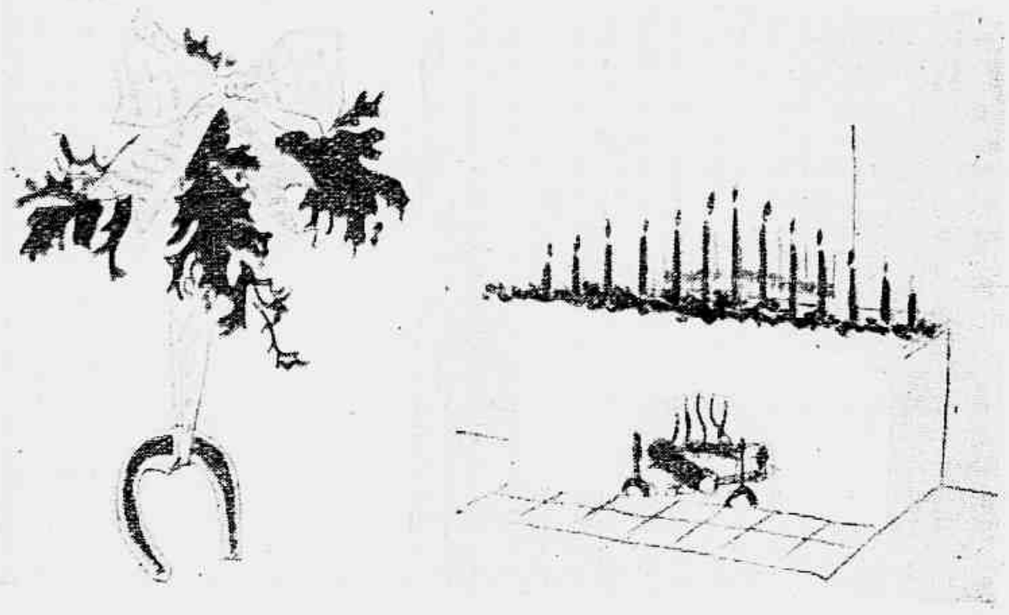
RUA CONSTANTE RAMOS 173
COPACABANA

Decoração de Natal

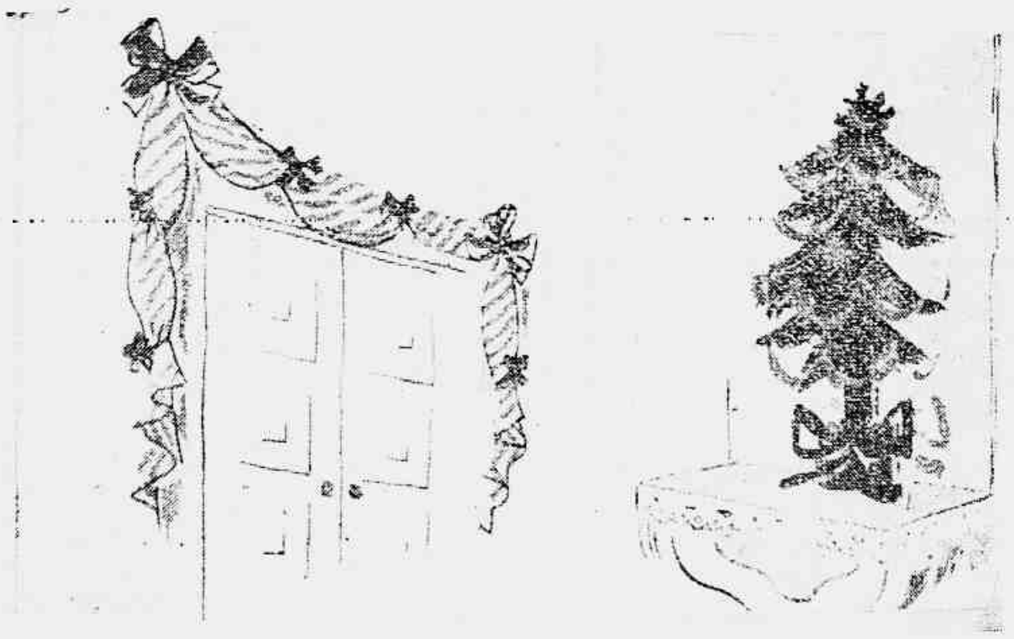
Com a sua engenhosidade não será difícil executar estas sugestões e mesmo tirar delas novas idéias para enfeitar sua casa no dia de Natal



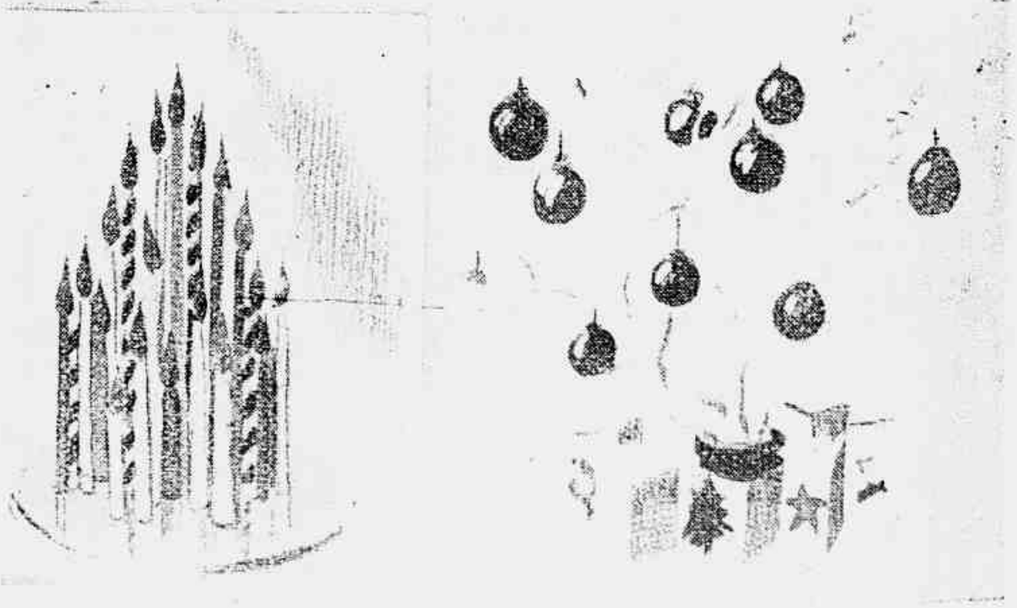
1 Todos os presentes destinados à mesma familia poderão ser presos com a mesma fita. Bolsas multicores poderão ser colocadas no lustre da sala, pois, darão um grande efeito decorativo.



2 Uma ferradura pendurada na parede por meio de laços de fita e ramos de pinheiro. Sôbre a lareira, velas de todos os tamanhos e côres, ramos de pinheiro, toros pintados em ouro e prata.

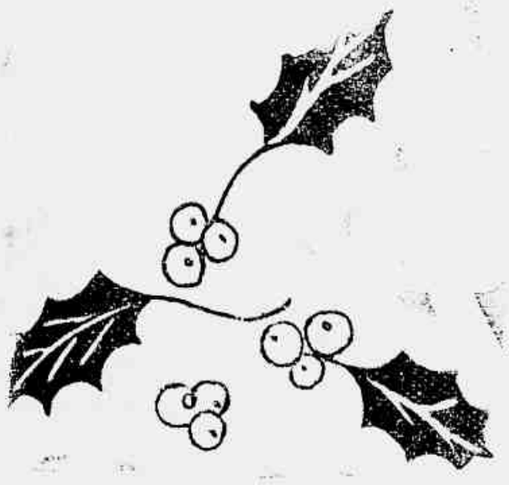


3 Enfeite a porta com uma guirlanda de "voil" vermelho e branco com laços de fita verde mar. Cole no espêlho esta árvore de pano e a enfeite com fitas e estrêlas.



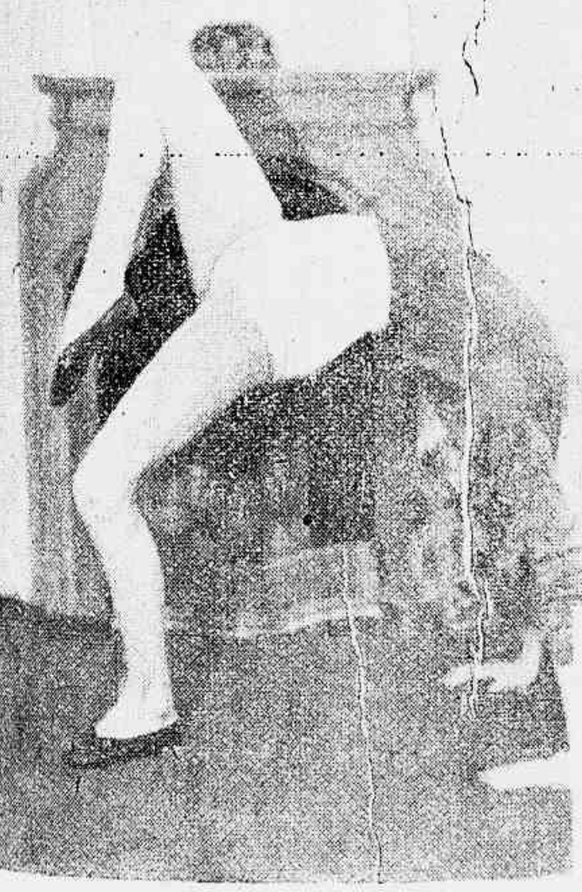
4 Sôbre o espêlho redondo do centro de mesa, coloque velas multicores de vários tamanhos. Um "bouquet" de Natal, formado por bolas de diversas côres, troncos pintados a prata.

POR meio da ginástica, pode-se manter a figura sempre jovem. E' necessário que os exercícios sejam bons e que exista, por parte de quem os pratica, boa vontade e persistência. Nesta página apresentamos alguns exercícios que lhe ajudarão a manter um porte ereto.



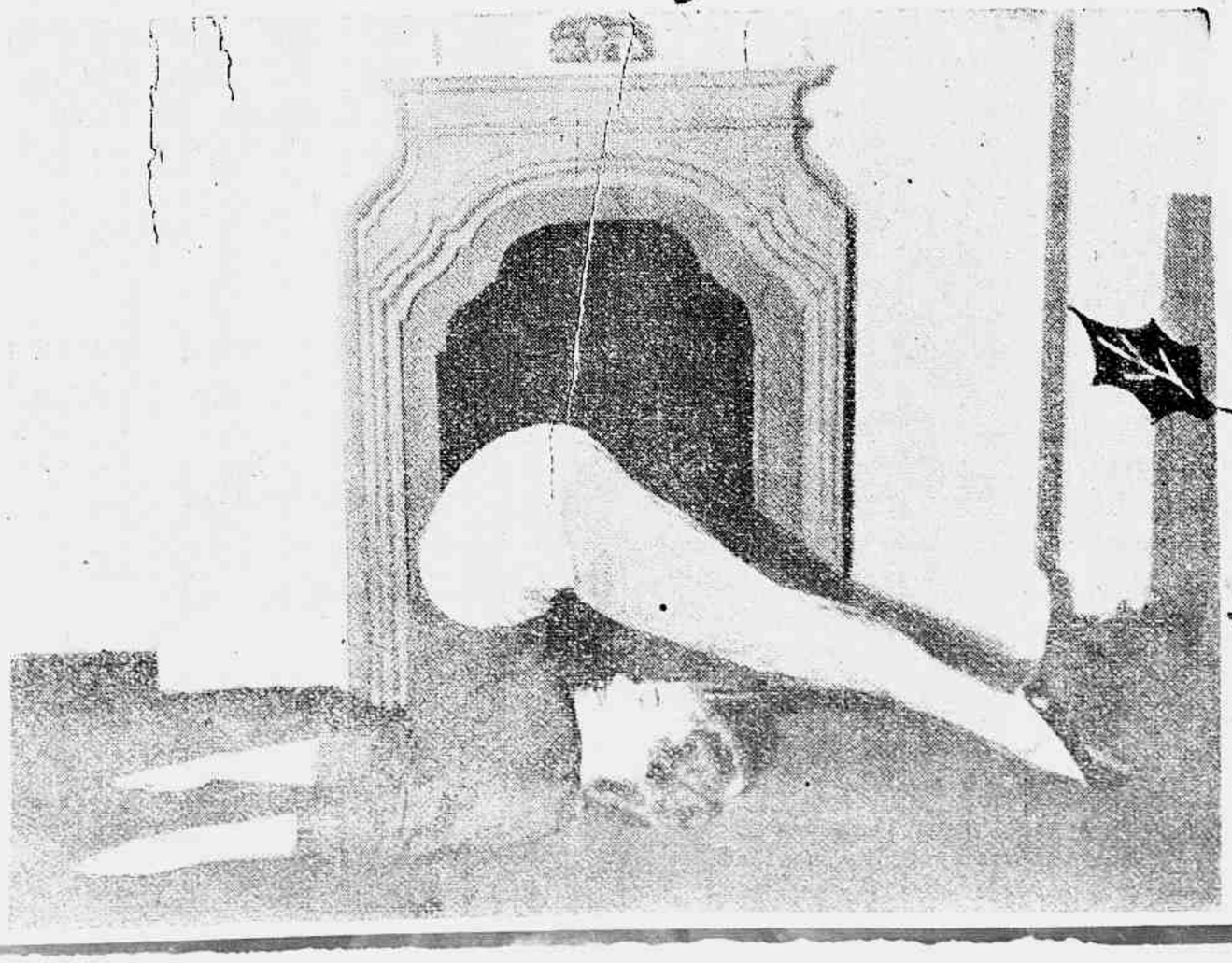
1 De pés juntos, inclinar-se apoiando as mãos sôbre o encôsto de uma cadeira, encolher os omoplatas e "afundar" as costas

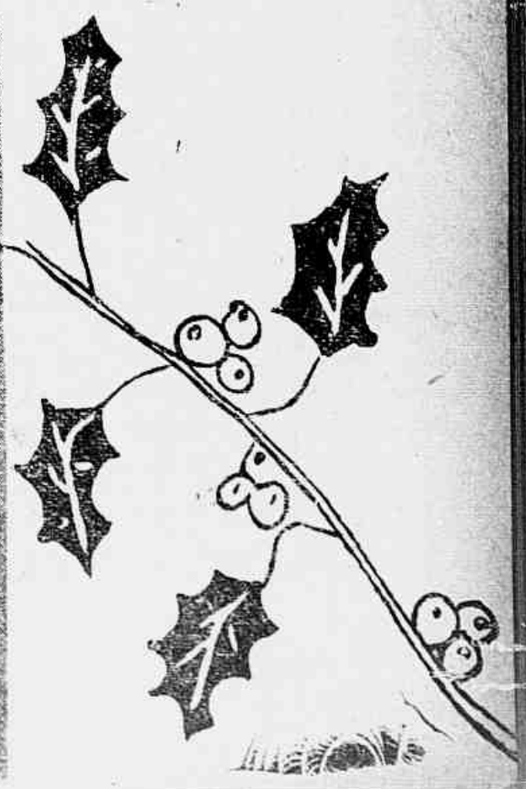
2 Deitada no chão, levantar-se com o auxílio dos pés e das mãos, formando um arco. Procure levantar uma perna e um braço



3 Deitada no chão, braços estendidos, palmas viradas para baixo, levantar vagarosamente as pernas até tocar o chão com as pontas dos pés

Elegância NÃO TEM IDADE



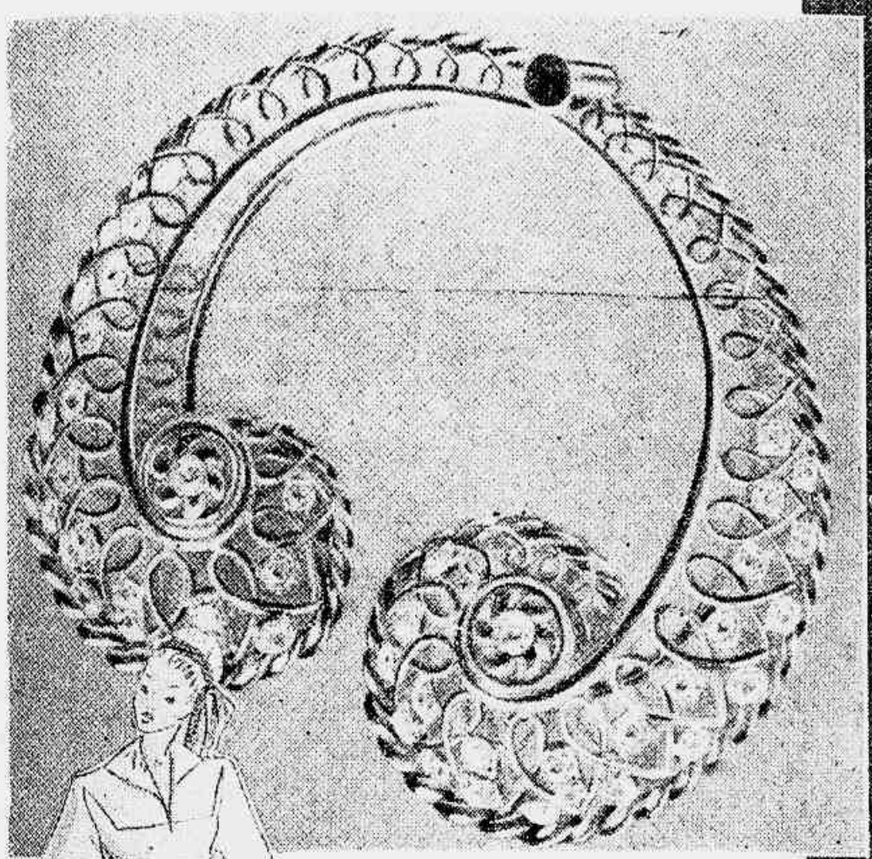


Chapéus

De Paris, aqui estampamos as últimas criações em chapéus para a próxima estação, modelos variados, elegantes e para todos os gostos.

Ao alto da página: De Gilbert Orcel, grande chapéu de palha, estilo **mandarin**, véu no mesmo tom. "Toque" em **pailletés** e **aigrettes**. **À direita:** Ainda de Gilbert Orcel, modêlo em palha preta com véu salpicado de borboletas de cetim. **À esquerda:** "Toque" de flôres, de Schiaparelli. **Em baixo:** Rose Valois apresenta êste formidável chapéu em preto, com plumas de avestruz

DETALHES E NOVIDADES



Originalíssimo êste colar de ouro e pedras

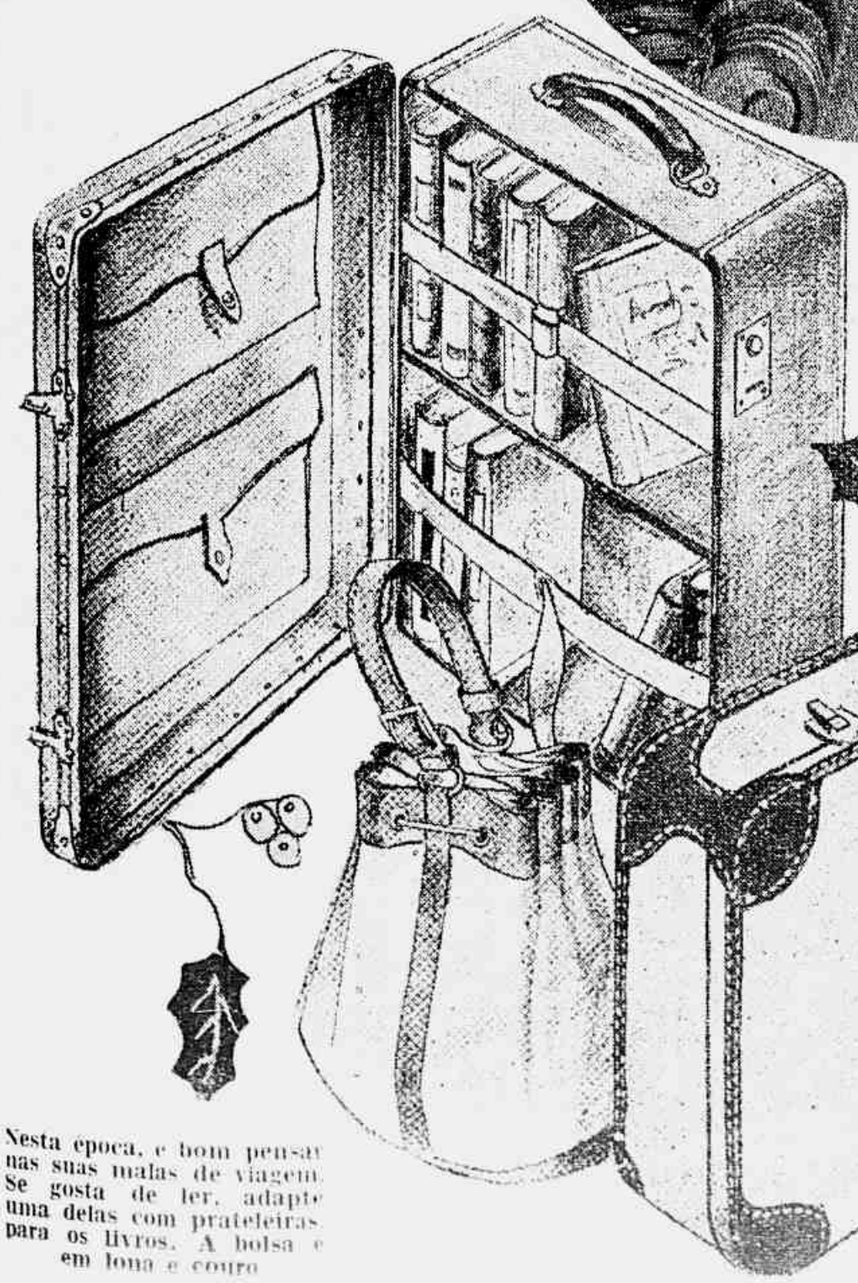
Para usar com um vestido preto, maravilhoso "tôque" de "aigrettes" rosa

Elegante traje para esporte. Calças de linho azulão; blusão amarelo

Modelinho em fustão branco com enfeites vermelhos para meninas de três a cinco anos

Sandálias douradas para completar a elegância de sua "toillete"

Para o seu traje esportivo originais sandálias esportivas em pelica branca



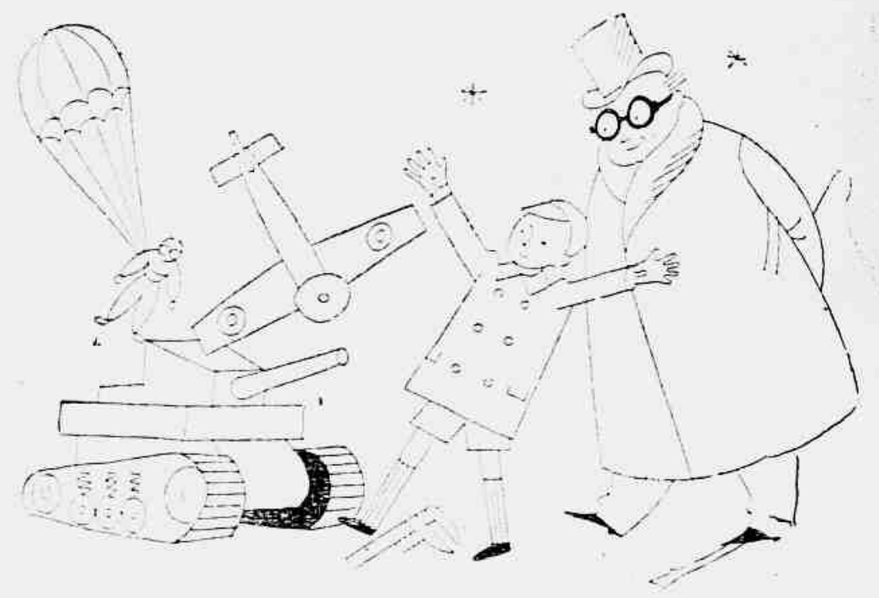
Nesta época, é bom pensar nas suas malas de viagem. Se gosta de ler, adapte uma delas com prateleiras para os livros. A bolsa é em lona e couro

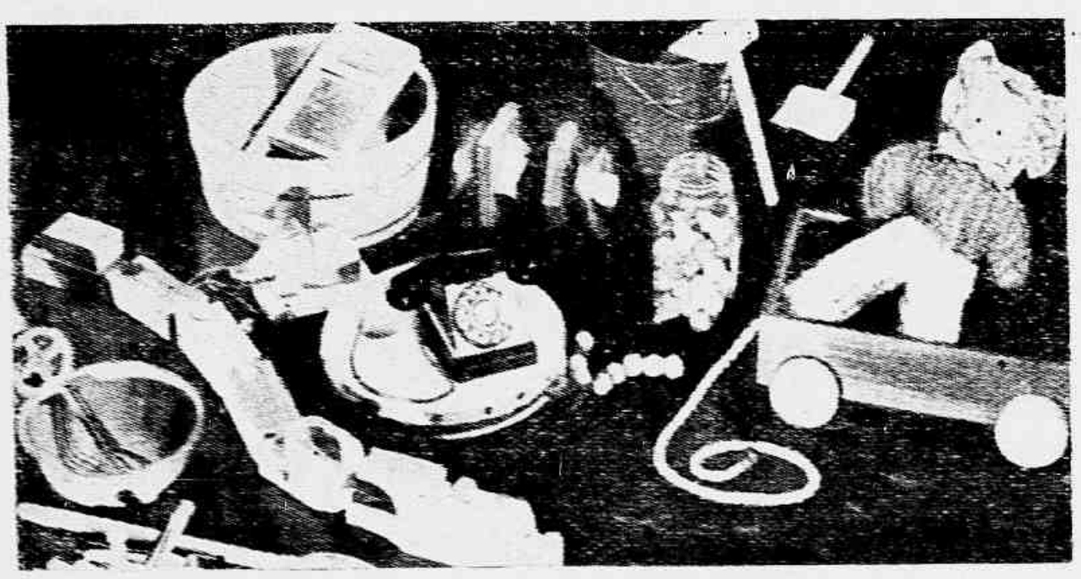
MÃES : FILHOS

De ANAMARIA CÉLIA

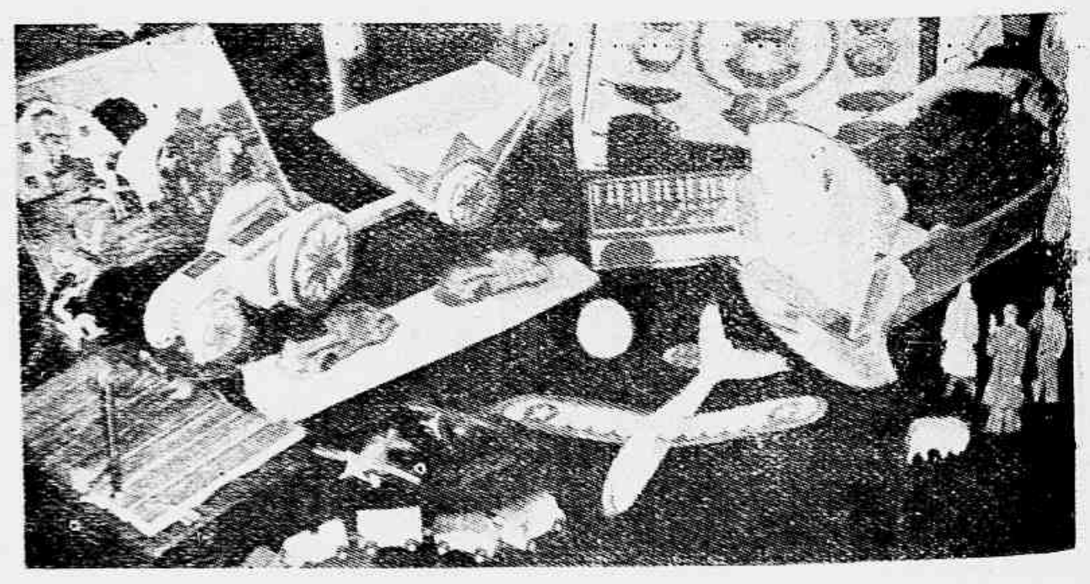
Rosalind Russel, da RKO, lê para o seu filhinho Lance, uma história de Natal enquanto esperam por Papai-Noel

BRINQUEDO ADEQUADO E' preciso saber escolher um brinquedo para cada criança; um brinquedo que realmente agrade e consiga despertar nela algum interêsse. Muitos pais compram presentes para os filhos baseando-se no próprio gôsto, e se decepcionam depois quando a reação da criança não é aquela que esperavam. Esquecem que devem procurar agradar às crianças e não a si próprios e, para isso, deveriam antes sondar, observar e estudar as suas preferências. E' para ajudar os pais, agora que "Papai Noel" deve chegar, que apresentamos algumas observações e sugestões a respeito. Assim, o brinquedo adequado é aquêle que: 1º) Dá à criança a oportunidade de "fazer" alguma coisa; desenvolve a sua imaginação, habilidade e engenhosidade; oferece variedade e pode ser usado de diferentes maneiras, de acôrdo com a mentalidade de cada criança. 2º) Oferece oportunidades para a expressão das emoções infantis e demonstração da sua maneira de sentir em relação às coisas. 3º) Estimula e provoca o interêsse e capacidade da própria criança. 4º) E' apropriado à idade da criança. O seu manejo não é tão fácil que possa aborrecê-la nem tão difícil que possa desencorajá-la. 5º) E' prático para a sua casa e para o seu bolso. Um brinquedo que não pode ser usado por falta de espaço em casa, é um brinquedo inútil. Os brinquedos mais caros são mais duráveis, mais uma razão também porque devem ser interessantes. 6º) Não oferece perigo algum à criança. Pontas afiadas ou substâncias que possam fazer mal quando levadas à bôca, devem ser evitadas.

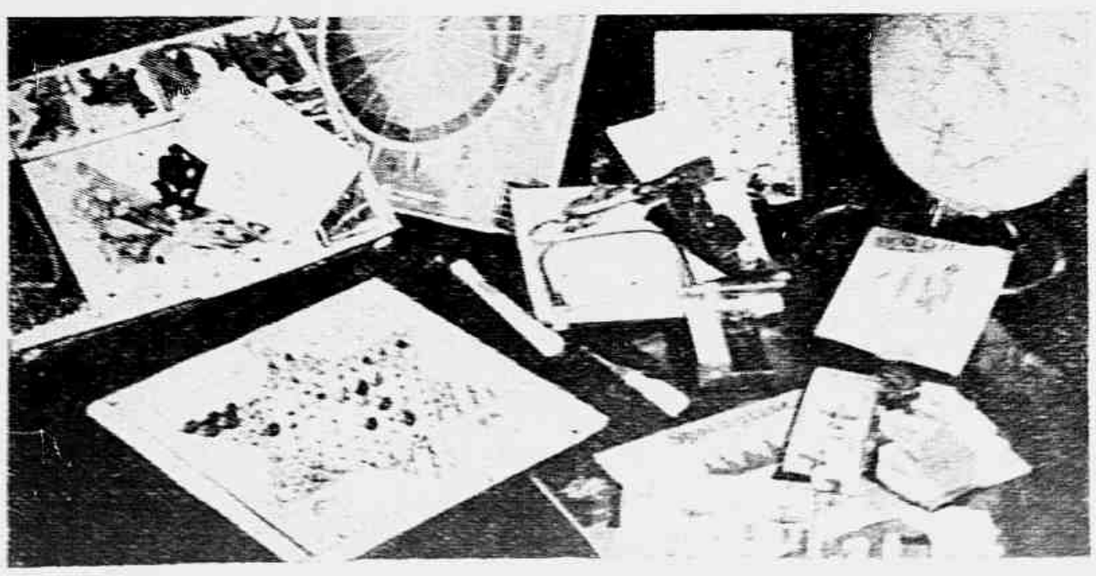




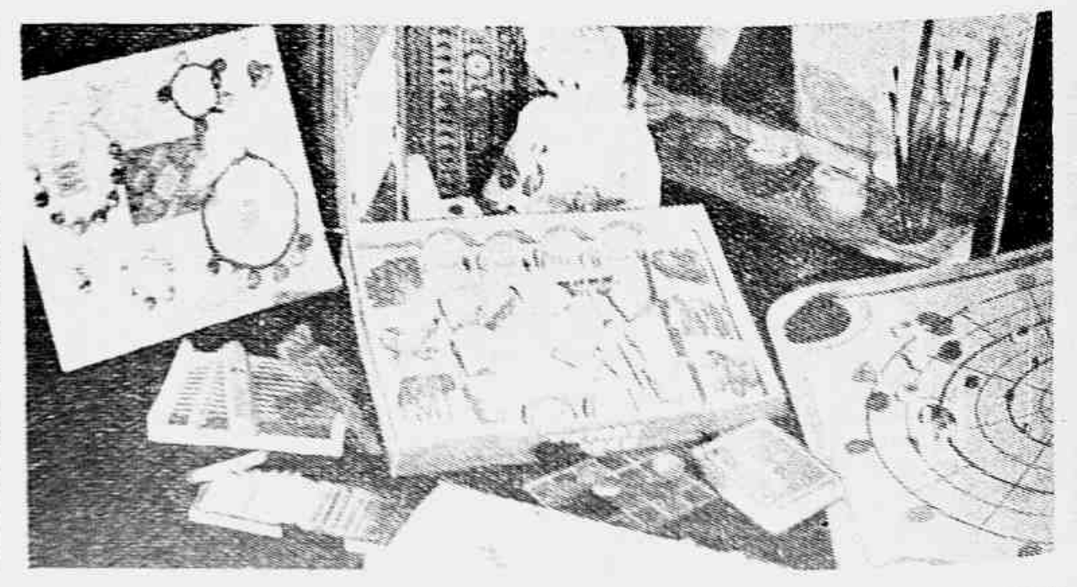
1 Para os pequeninos existem bichos, bolas e bonecos macios. Um pouco mais tarde, antes dos quatro anos, as crianças preferem miniaturas dos objetos domésticos, pois gostam de imitar as mamães. Telefones, pequenas tinas para lavar roupa, são também bem recebidos. Não esqueçam também os carros de puxar, trens etc.



2 Entre os quatro e os seis elas ainda gostam de trens, carros, aviões e bolas. As bonecas deverão ter roupas de mudar e uma cama para dormir. Caixas de música, serviços de chá ou café, livros com gravuras coloridas, são também aconselháveis; pequeninos móveis, miniaturas de utensílios domésticos, também agradarão.



3 Qualquer criança, dos seis aos nove anos, gosta de jogos. Jogos de armar, de dominó, corridas, enfim, qualquer espécie de jôgo. Os meninos provàvelmente gostarão de armar aviões e as meninas ainda gostarão de bonecas. Também lápis de cor e aquarelas proporcionam à criança momentos de satisfação.



4 Entre os nove e doze anos as crianças já podem brincar com jogos mais difíceis, que requerem habilidade manual ou mental. Nessa idade, tanto os meninos quanto as meninas deverão ganhar ferramentas de boa qualidade que lhe permita fazer trabalhos em madeira. A modelagem em cêra ou argila, estojos de pintura, são também indicados.

As mais recentes criações francêsas em "maillots" aqui estão. Observem a originalidade que marca quase todos os trajes de banho aqui apresentados, e observem também a variedade de detalhes que contribuem para aumentar mais o encanto dessas minúsculas peças.

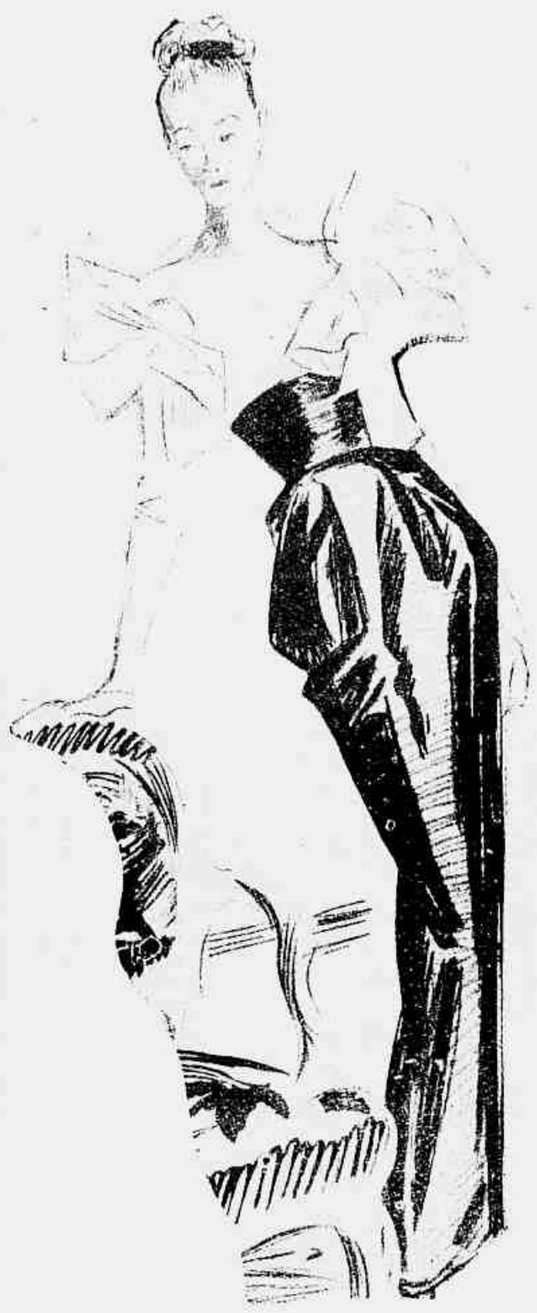
"Maillots"

"Reveillon"

Aqui estão dois maravilhosos e atraentes modelos em organdi branco, um com grandes flôres pintadas, e outro com flôres pequenas bordadas, ambos guarnecidos com veludo azul turquesa

AO ALTO: Modêlo de Balenciaga em sêda estampada. Drapeado lateral na blusa, descobrindo inteiramente um ombro. Grande "pouff" de um lado. À ESQUERDA: Modêlo de Jean Patou em cetim preto. A saia é muito justa, abrindo-se em baixo, em "godet" forrado de cetim amarelo em ruche"

A DIREITA: Elegantíssimo êste modêlo de Lelong em "tulle" lilás, decote amplo, saia bem farta, com grandes babados verticais, mais curta na frente. **EM BAIXO:** Modêlo de Christian Dior em tafetá preto e organdi branco. Grandes laços sôbre os ombros



De Balenciaga, modêlo em "tulle" preto. Mangas e pequeno "toque" ricamente bordados em "strass"

Para o seu **reveillon** elegante em casa ou mesmo numa alegre **boite** apresentamos aqui algumas sugestivas e interessantes criações que Paris nos envia

"Jeunes-filles"

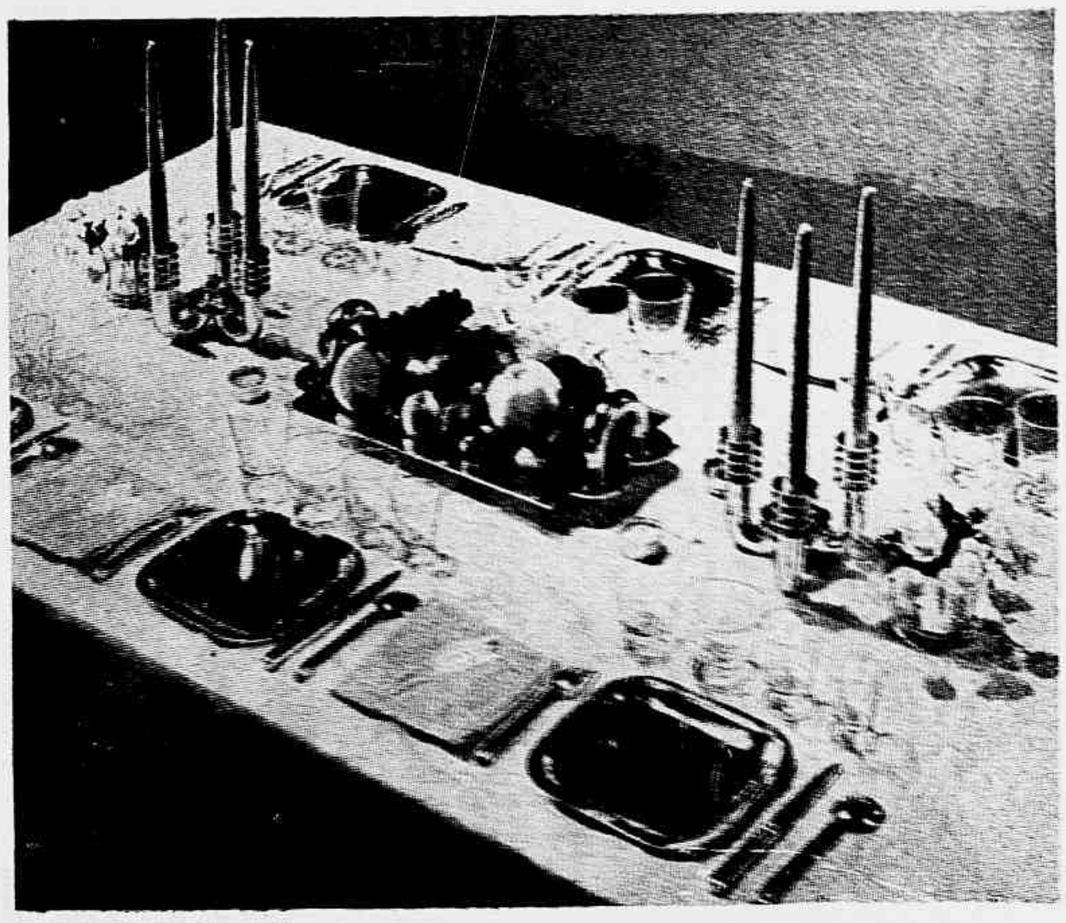
Germaine Leconte e Jane Reguy sugerem êstes dois modelos, o primeiro em organdi branco e o segundo em sêda estampada

Uma elegantíssima sugestão em cetim rosa com estampados em preto e cinza

PARA a alegre noite de Natal ou as festas de São Silvestre, sugerimos êstes graciosos e juvenis modelos que estampamos nestas duas páginas. São modelos encantadores que realçarão a sua beleza juvenil e graça encantadora. Os modelos aqui apresentados são de fácil execução e as fazendas empregadas são as que exigem as tendências da moda atual.

Nesta página, ao alto, temos: De Maggy Rouff, modêlo em cetim; corpo longo, flôres de "tulle" ao redor dos quadris. Êste outro modêlo é em cetim, detalhe "princesa". Uma linda criação de Jacques Heim. À ESQUERDA, temos um modêlo em tafetá, de Lucien Lelong. Grande laço no ombro esquerdo. Saia franzida, bem longa. À DIREITA: Dois modelos de Jean Dessés. O primeiro, com corpete preto, saia de renda preta, sôbre fundo rosa. O segundo é em "tulle" preto, saia formada por dois babados, salpicados de lantejoulas pretas

Lindíssima, esta criação de Jacques Fath, em sêda estampada, ornado com fitas e laços de veludo preto



Mesa de Natal moderna

PERU RECHEIADO COM CASTANHAS

Ingredientes: — 1 peru e o figado; 250 grs. de toucinho; 100 grs. de manteiga; 1 quilo de carne de porco guisada; 50 castanhas grandes assadas edescascadas; 8 cebolinhas, sal, salsa.

Preparação: — Tratado e temperado o peru, enche-se com um recheio preparado do seguinte modo: socam-se as castanhas, põem-se numa caçarola e juntam-se-lhe pouco a pouco a carne de porco e o figado anteriormente passados na máquina, as cebolinhas e a salsa picada, o mais fino possível. Em seguida, cobre-se tudo com tiras de toucinho que se atam com um fio grosso. Feito isto, coloca-se o peru sôbre uma grelha, põe-se esta dentro de uma assadeira grande e leva-se ao forno quente para assar, tendo-se o cuidado de virá-lo de todos os lados para assar por igual. No momento de servir, dispõe-se numa travessa, guarnecida com raminhos de agrião. Serve-se com o môlho recolhido na assadeira, o qual será levado à mesa numa molheira.

PUDIM DE NOZES

Ingredientes: — 1/2 quilo de açucar; 500 grs. de nozes; 1 colher, das de chá, de essência de baunilha, 12 gemas, «glacé» de chocolate.

Preparação: — Tomam-se as nozes, descascam-se e passam-se na máquina de carne. A parte, põe-se um pires de açucar numa caçarola com um pouco d'água e leva-se ao fogo para fazer uma calda em ponto de fio . Quando estiver pronta, juntam-se-lhe as nozes, mexendo-se sempre até aparecer o fundo da caçarola. Retira-se do fogo e deixa-se esfriar. Unta-se uma fôrma com manteiga e, com a massa de nozes, forram-se bem o fundo e os lados da mesa, reservando-se, porém, uma certa porção da massa para se colocar por cima depois que se encher primeiro com um recheio feito da seguinte maneira: põe-se o açucar restante numa caçarola com um pouco d'água e leva-se ao fogo. Quando tomar o ponto de fio, acrescentam-se-lhe as gemas e a essência, mexendo-se continuamente até ficar no ponto de doce de côco. Retira-se, deixa-se esfriar um pouco e coloca-se êste recheio no meio da fôrma. Cobre-se com a massa de nozes que se reservou e leva-se para assar em forno regularmente quente. Para que saia bem da fôrma, mergulha-se esta ligeiramente em água fervendo. Põe-se num prato e cobre-se com glacê de chocolate.

BOLO DE NATAL

Êste bolo compõe-se de três bolos de tamanhos e côres diferentes. O primeiro é escuro, o segundo branco, o terceiro amarelo. Depois de assados, colocam-se um em cima do outro e ligam-se com um «glacé» de frutas. Depois cobrem-se com «glacé» branco e enfeitam-se com ramagens de «glacé» verde pôsto na máquina de confeitar e cachinhos de cereja «confitis».

BOLO ESCURO

Ingredientes: 500 grs. de farinha de trigo, 500 grs. de açucar, 500 grs. de chocolate em pó, 1 colher, das de chá, de fermento 100 grs. de cidra, 4 ovos, 1 cálice de vinho.

Preparação: — Batem-se bem a manteiga com açucar e juntam-se aos poucos os ovos, um a um, e o chocolate. Em seguida adiciona-se a farinha peneirada com o fermento e depois o vinho. Mistura-se tudo e acrescenta-se a cidra cortada em pedacinhos. Mexe-se e põe-se numa fôrma untada e forrada com papel. Assa-se em forno regularmente quente.

BOLO BRANCO

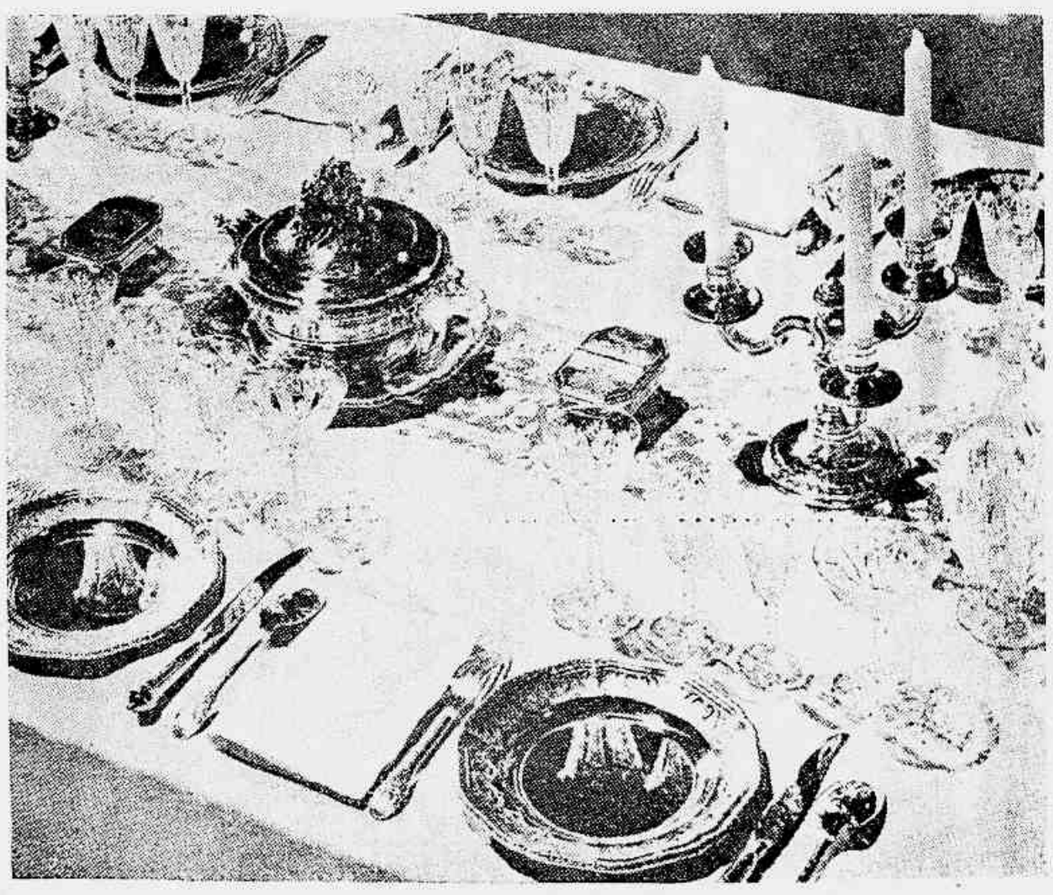
Ingredientes: — 280 grs. de farinha de trigo, 315 grs. de açucar, 350 grs. de manteiga, 7 claras, 100 grs. de amêndoas descascadas, 2 colheres, das de chá, de fermento.

Preparação: — Bate-se a manteiga com o açucar e depois juntam-se-lhes as claras em neve e a farinha peneirada três vêzes com o fermento. Mistura-se tudo e acrescentam-se as amêndoas peladas e passadas na máquina de moer carne. Mexe-se e depois despeja-se numa fôrma untada com manteiga. Assa-se em forno regularmente quente.

BOLO AMARÈLO

Ingredientes: — 280 grs. de farinha de trigo, 315 grs. de açucar, 350 grs. de manteiga, 100 grs. de passas, 7 gemas, 2 colheres, das de chá, de fermento.

Preparação: — E' a mesma da receita do bolo branco, apenas empregando-se gemas em vez de claras e passas em vez de amêndoas.



Mesa de Natal, antiga

★

CONSELHO ÚTEIS

Quando se quiser preparar um peru, mata-se de vespera e em seguida pendura-se pelos pés, devendo deixá-lo nessa posição o tempo necessário para que perca todo o sangue afim de que a carne depois de assada, fique branca.

Depois de limpo, prendem-se as asas para cima unindo-as com um fio grosso. Dá-se-lhe um talho um pouco abaixo da mitra e por aí se enfiam as pernas.

Coloca-se então o peru num alguidar contendo uma garrafa de vinagre, uma de vinho branco e quatro d'água, deixando-se ficar nesse molho até o dia seguinte, tendo-se o cuidado de virá-lo de vez em quando para que tome bem os temperos.

★

Existem vegetais que não deveriam ser cozidos, pois que, com a cocção perdem muit odas suas vitaminas. Nesse caso estão as cenouras e os nabos, os quais poderiam ser comidos crús, uma vez ralados.

Natal!

Símbolo da Religião
Tradição da Família

DEPOIS DOS CULTOS RELIGIOSOS
OS FESTEJOS NATALÍCIOS SE EVIDENCIAM
NAS MESAS PREPARADAS
COM ESMERO E COM FARTURA.

O COMPLEMENTO DE SUA MESA
SERÁ O SABOROSO
BÔLO DE NATAL
COM A INSUPERAVEL

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

BÔLO DE NATAL

- 500 grs. de açúcar
- 400 grs. de manteiga
- 350 grs. farinha de trigo
- 150 grs. Maizena Duryea
- 12 gemas e 6 claras
- 1 cálice grande de cognac
- 1 cálice grande vinho do Porto
- 250 grs. amendoas moidas
- 250 grs. passas sem caroço
- 4 paus de chocolate
- 150 grs. doce de laranja ou cidra
- 1 colher, das de sopa, de canela.

Bate-se a manteiga com açúcar, as gemas batem-se separadamente, juntam-se as claras batidas em neve, bate-se ainda um pouco e mistura-se com a manteiga e açúcar, e os demais ingredientes, sendo que o chocolate deverá ser derretido em 1 xicara de leite.

Assa-se em 3 formas lisas e bem untadas de manteiga. Quando pronto, recheia-se com uma geléia de damasco e cobre-se todo com suspiro feito com 4 claras e 8 colheres de açúcar e polvilha-se com amendoas e nozes torradas, moidas, enfeitando-se em cima com nozes.

Meio século duma noite de glória

Por **ARNAULD DE CORBIE**

A PROPÓSITO DO MEIO CENTENÁRIO DA ESTRÉIA DA FAMOSA PEÇA DE EDMOND ROSTAND, "CYRANO DE BERGERAC", DECORRIDO EM DEZEMBRO DO ANO PASSADO, ARNAULD DE CORBIE PUBLICOU RECENTEMENTE EM "ÓPERA" A ADMIRÁVEL PÁGINA DE EVOCAÇÃO QUE DAMOS A SEGUIR, COM ALGUMAS LEMBRANÇAS INÉDITAS SÔBRE O GRANDE ATOR COQUELIN AINÉ

Traduzido especialmente para "REVISTA DA SEMANA" por HERMAN LIMA

Edmond Rostand, num dos seus últimos retratos

NAQUELA noite de 27 de dezembro de 1897, o "tout-Paris" das estréias — Deus sabe como êle resplandescia naqueles tempos felizes! — se esmagava no teatro da Porta Saint-Martin. Pela décima vez, depois de nove chamadas sucessivas, a pesada cortina vermelha acabava de cair lentamente, como a contragôsto. A última réplica do quinto ato pusera de pé toda a sala delirante. O público se abraçava, se congratulava, chorava, ria. As ovações, os aplausos, as aclamações rebentavam em salvas cerradas, rompiam em vagas frenéticas e compunham aquela gritaria, aquela confusão indescritível com que se exprime o ímpeto unânime de milhares de corações, marca autêntica do triunfo.

Ratificando oficialmente, no decorrer do quarto ato, o julgamento do público, da crítica, da imprensa e em breve de toda a França, o sr. Cochery, ministro da Fazenda, representando o presidente da República, entregara ao autor da peça — um jovem poeta de vinte e nove anos — a cruz da Legião de Honra.

Nos bastidores, pálido de emoção, o novo cavalheiro se viu literalmente assaltado por uma inumerável multidão de amigos, conhecidos e desconhecidos, que lhe queriam dar a "acoolade". Da bôca de Emile Faguet, que, abrindo caminho a fôrça de cotovelos, se esgueirara até a primeira fila, êle ouviu, no tumulto, cair esta fulgurante homenagem:

— Ah! Monsieur, como lhe sou grato por viver!

Os outros críticos, aliás, embocaram à porfia a trombeta da vitória, e as fanfarras da fama logo proclamavam ao mundo que devia inscrever-se entre os grandes acontecimentos da história da arte dramática a inolvidável estréia de "Cyrano de Bergerac", comédia heróica, em cinco atos, em verso, de Edmond Rostand.

Faz portanto cinquenta anos justos que êsses fatos se desenrolaram.

Sem dúvida não se deixará, duma maneira ou de outra, de sublinhar tal aniversário e de louvar, como é devido, a gloriosa vitalidade de "Cyrano": depois dum meio século de sucesso ininterrupto, a peça se mantém como no primeiro dia, e o teatro de Paris ou de província que anuncie êsse título prestigioso está certo de recusar público.

Mas não seria justo esquecer aquêle que, desde a criação, se identificou tão bem com o herói que encarnava em cena que o autor, à frente da edição de "Cyrano de Bergerac", inscreveu esta homenagem:

"À alma de Cyrano é que eu desejaria dedicar êste poema. Entretanto, desde que ela passou para você, Coquelin, é a você que o dedico."

O momento nos parece asado para lembrar sôbre o célebre autor algumas reminiscências inéditas, colhidas num maço de cartas amarelecidas raiadas pelo cursivo ágil de "Coq", como o chamavam seus íntimos.

★

Sabe-se que os dois irmãos Coquelin, Constant e Ernest, eram originários de Boulogne-sur-Mer. Quando os dois entraram na Comédie-Française, perderam os nomes próprios. Para distingui-los, dizia-se: Coquelin ainé, Coquelin cadet. O que permitiu a Barbey d'Aurevilly escrever um dia, a tinta roxa, em tôrno duma dupla fotografia representando-o em duas pôses diferentes, esta dedicatória magnífica: "Ao sr. Ernest Coquelin que não é o caçula de ninguém. Que estas duas imagens vos digam duas vêzes que vos aprecio como quatro".

A glória que, muito rapidamente, lhes concedeu seus sorrisos e seus favores, não lhes fez jamais esquecer os amigos da mocidade, e Constant, o criador de "Cyrano", manteve uma correspondência muito assídua e digna de nota com um industrial bolonhês, apaixonado pelo teatro, o sr. Huret-Lagache, que tinha sido um dos primeiros a encorajá-lo nos seus começos.

Toda a vida o sr. Huret se conservou o confidente do comediante, que ora lhe pede montar o cenário duma pequena peça a dois personagens, um inglês e uma francesa, ora que lhe arranje "uma criada excelente", ora que se encarregue duma delicada missão junto à velha madame Coquelin.

Em 1865 Coquelin vai se casar e se trata de marcar a data da cerimônia.

"Quero pedir-te um favor — escreve o noivo ao amigo. — E' dizer a mamãe que é preciso absolutamente que o casamento se realize a 4 de janeiro. A 8 vou repetir o "Anfitrião", para o dia 15, aniversário do nascimento de Molière, e quero ter pelo menos quatro dias livres antes de retomar meu cabresto... Assim, terás que pleitear isto: minha mãe te objetará que não pode ausentar-se no dia de Reis. Tu lhe responderás que meu casamento é tão sério quanto isso e que no teatro é preciso aproveitar um momento de liberdade de parte a parte... Meu caro Eugênio, conto com uma brilhante peroração!"...

A argumentação de madame Coquelin era de pêso se nos lembrarmos de que a excelente senhora, desde a morte do marido, presidia sozinha os destinos de importante padaria-confeitaria familiar: a fabricação e a venda dos bolinhos da Epifânia precisavam de sua presença e dos seus cuidados...

Contudo, o embaixador extraordinário soube ser tão eloquente que foi a tese de Coquelin que triunfou...

"Um dia, a imprensa anunciou que monsieur Coquelin ainé acabava de deslocar o tornozelo e que êsse infortúnio o manteria sem dúvida afastado da cena durante algumas semanas.

Felizmente, veio logo uma carta tranquilizar o fiel amigo bolonhês:

"Esta noite vou representar "Anfitrião", portanto estás vendo que não há razão para te inquietares mais. Todavia, é preciso que saibas por que milagre já estou de pé. O acidente me aconteceu terça-feira, ao descer a escada de casa. Sexta-feira, ao meio-dia, ainda não podia pôr o pé no chão, quando chega um gendarme mandado pelo seu comandante, que me escreveu mais ou menos isto: "Monsieur, os jornais me dão notícias do que lhe aconteceu. O senhor me deu muitas vêzes tanto prazer que não posso deixar de lhe ser agradável. Mando-lhe um dos meus gendarmes que o porá bom em poucos dias". O gendarme põe-se à obra, me faz massagem durante uma hora. Mesma operação ontem e, depois, ando sem coxear e como se não tivesse acontecido nada. Êsse gendarme não é senão um consertador de ossos que trabalha para Velpeau, Nélaton, Trousseau e todos os primeiros médicos de Paris."..

Alguns meses mais tarde, Coquelin confia ao amigo que tem "a esperança de ser pai em breve".

"Trabalho sempre como um forçado — acrescenta êle, — "Cavo" de maneira feroz neste momento e faz um calor!... Conto sempre representar "O estouvado" em junho. Ficarei encantado por me desembaraçar dêste formidável estudo: mil e duzentos versos, nada menos do que isto e numa peça que dura apenas duas horas. Credo que será de matar, mas é preciso acabar com todos os grandes papéis do antigo repertório para não ter mais que me ocupar senão com criações vindouras e o horizonte está carregado delas... Ah! meu caro amigo, quantas batalhas a travar! Quantas fortalezas a tomar e, se eu não desfalecer, quantos sucessos a conquistar!

"Ontem à noite representamos "O cravo branco", de Alphonse Daudet, o jovem autor de "Ameixas". A peça teve muito êxito. Meu papel, além de ser o mais curto, era o pior: pois foi o que fez mais efeito. Eu estava vestido de tal modo!!! Haverias de gostar! Um pequeno "voyou" republicano: a peça é de 93."

Enfim, o bebê tão esperado nasceu: Jean, que criará, ao lado do pai, Ragueneau, em "Cyrano". Coquelin não cabe em si de alegria. Trabalha sempre com paixão. Leva a peito seus deveres de chefe de família e não consente mais em ir à província por um "cachet" inferior a mil e duzentos francos. "Creio — escreve êle — que isso os vale bem, pois, segundo os jornais, dão três mil e quinhentos francos a Patti, sozinha".

A Comédie-Française não tem, aliás, senão porque se louvar com o seu talentoso societário: dá salas à cunha.

"O sucesso do "Leão amoroso" é o maior sucesso que já tivemos algum dia no Teatro Francês. Ponsard distanciou Augier como renda! As receitas são de quase seis mil francos todas as noites. Se isto continua, obteremos belos dividendos no fim do ano!..."

E, no entanto, quem, entre nossos contemporâneos, conhece ainda os heróis do drama de Ponsard?

Em troca, Monsieur de Bergerac, sempre vivo, dotado vida sem cessar renovada como a da águia, permanece como a garantia mais segura da glória de Coquelin. Êste último, chegado ao cimo da fama, não tinha hesitação em proclamar com justos motivos:

"Cyrano" foi a mais bela criação de minha carreira e a maior alegria de minha existência..."

Coquelin ainé, numa famosa caricatura de Rafael Bordallo Pinheiro, publicada nos Pontos nos ii. de 1887

ORAÇÃO DO NATAL

O sr. Aloysio de Castro é, sempre superiormente, homem de ciência, orador, poeta e músico. Em todas as suas obras, e por singular que, no primeiro momento, possa parecer tal aliança, se acusam o sábio, o idealista e o artista. Há ainda a acrescentar a êsses atributos um essencial, acendrado sentimento religioso. E eis o que sobretudo domina nesta página.

ENQUANTO pela noite silente palpitavam no céu as remotas estrêlas, uma voz falou: Pai Supremo, se a ti podem chegar todas as preces, ainda os balbucios e as oblações dos peitos mais obscuros, dá que hoje, nas hosanas do Natal, te falemos com verdade e coração só de amor.

Em ti, no remanso da tua graça, todos nesta data se recolhem, os que te consultamos na oração de cada noite e os que, largados de si mesmos, vivem no frio da descrença ou no horror da impiedade. Tu és de todos, porque Pai; e vela em todos a tua proteção.

Para cantar tua festa todos os lares se abram, o chão colmado de flores, de flores afestoados os tetos e as paredes. Vem, Senhor, desce-te das alturas ao razo onde assistimos, senta-te aqui ao nosso convite e aceita o manjar da nossa casa pobríssima, porque a tua realeza se goza da humildade, e era humilde a lapinha de Belém.

Quanto é nosso, só a ti o devemos. Tudo é tua criação, ó Deus munificente: do nada nos edificaste, e todos os dias, hora por hora e minuto por minuto, em bênçãos, mercês e obséquios, choves sôbre nós as pérolas do teu cofre. Quem germina o grão, quem abre o cálice às flores, quem perfuma as balsas e enfolha os arvoredos e enrelva os campos e loureja as searas e madurece os vinhedos e branqueia os linhos e doura o trigo dos trigais? Quem lavra o favo das abelhas, quem afina o canto aos pássaros, quem prospera os rebanhos, quem desentranha a rocha em águas cristalinas? Quem sopra a vela ao nauta, e no alto dos mares desaltera as ondas e enfreia os furacões revoltos? Quem gira os mundos no espaço?

Tudo é a tua mão onipotente, criadora e dadivosa, tudo reges, as coisas e os corações, em tudo a tua lei e o teu mistério

Em duas venturas marcaste ao homem o caminho, para nos dois modos o experimentares na virtude, e só tu sabes o que vai no abscôndito de cada um.

Êste é o pobre, busca as migas do pão que sobra aos outros, veste a roupeta andrajosa e dorme no tabuado. Êste o rico, entre delícias e faustos estadeia a mais lustrosa pompa.

Um, na miséria, muitas vêzes desespera de ti, outro, na abundância, nem mais de ti se recorda.

Mas um dia chega em que todos são iguais e logo te buscam, porque de nenhum desabriste a mão.

Pai de misericórdia! Para o teu desvêlo e tua providência, nossa incúria. De ti nos vem o pão, de ti a saúde; matas a nossa fome, espertas o lume à nossa lareira, e médico vigilas solícito para que se nos aplaque o respirar arquejante, quando as artérias nos arfam no fogo da febre. E nós? Frouxidão e negligência.

Mas hoje, que entre louçanias em tudo se espelha e revela o testemunho da tua Presença, abre o sacrario do peito à oblata de teus filhos e vem a nós, que enfim nos gozamos de ver-te e adorar-te.

Pai altíssimo! Edulcora o amargoso cálice das provações e há piedade das nossas ânsias, amarguras, aflições e agonias, tira-nos o aturdimento das nossas dúvidas e inquietações, o desassossêgo dos pavores, desentorpece-nos e reergue-nos das nossas tibiezas e deliquios, refreia-nos os assomos da impaciência, os arrebatamentos, as arrogâncias e os frenesis da nossa soberba

Desafoga-nos o coração sobressaltado, forma-nos no dever, modera-nos o ânimo na conformidade e na esperança, esforça nossas almas, sobe-nos a fronte ao alto, lá onde luzem os astros.

Ao esvaído de fôrças, os olhos cansados de chorar, não falte o teu bálsamo, que demude em pérolas de candor o fio das doloridas lágrimas.

Desata-nos das paixões que nos preiam, engrazados em grilhões de ferro, despe-nos das jactâncias e vanglórias e faz-nos, entrados em razão, respirar em ti lenidade e paciência, para quando a noite vier adormecermos em paz. No espírito do sacrifício e da renúncia revigora-nos o da perfeição, para como ensinaste pela bôca do que falou por ti, só com o bem triunfarmos do mal.

Vem, vem, Pai celestial, e reina, e tua luz purifique as coisas e abençoe o nosso trabalho. Lavre em nós teu puro amor e por êle se movam à reconciliação e à mútua benevolência os apartados pelas rivalidades, discórdias, invejas e coisas do mundo. Mal do obdurado e revel, que guarde ódios ante a tua mansidão.

Bendito sejas e rebendito, Jesus, Pai de doçura, no teu Natal, louvada a tua grandeza na eternidade dos séculos. Adentra em nós, ó Pai, o teu espírito, unge-nos com o teu alento, e vive-nos hoje e sempre, renascidos e redintegrados, em ti e em tua glória, na vida dos tempos. **Calou-se a voz. Repontava ao longe o primeiro claror da alva e a luz do amanhecer, como ósculo de Deus na face da terra, trouxe aos homens um dia melhor.**

Pianos e Músicas

O piano, êsse "harmonioso e belo instrumento", tornara-se um "traste indispensável a uma casa", nos dois conceitos da época de sua divulgação no Recife.

Poucas mudanças de famílias de certo nível social não ofereceriam aos vizinhos o corriqueiro espetáculo do transporte do piano, entre outros móveis conduzidos sem aparato. Com o piano, não. Vinham os oito carregadores especialistas com seus coletes ou manés-joões, com seus pés no chão, com suas rodilhas. E dali a pouco saía o precioso instrumento às cabeças dos oito pretos ou mulatos, no ritmo conhecido de suas cantigas:

Zomba, minha negra,
Zomba, meu sinhô.

Fosse um Pleyel ou um Herz, um Wolf ou Debains, dos anúncios de jornais, lá se ia o piano de D. Sinhá ou de Yayazinha para um novo pouso residencial, quando, ao contrário, num dia festivo, não era trazido da Alfândega ou da Casa Prealle, novinho em fôlha.

Ter um piano! Sonho de moça ou de madurona. Não raro, seria de aluguel. Em tempos idos, um "para menino aprender" fôra oferecido por 80$000. Longe ainda a época dos "clubes" em voga nos começos dêste século. Os capitalistas e os remediados, êstes com sacrifícios, adquiriam pianos novos para as mulheres, as filhas, as afilhadas. E logo vinham dar-lhes lições os professores Cláudio da Gama, Euclides Fonseca, d. Marocas Vaz, Cláudio Leal, d. Teresa Diniz, sem aludir a outros, de exercício profissional mais remoto, como aquela Mademoiselle Zoé Pompeu, de fama na cidade, anunciando-se em seu sobrado da Rua Nova II-D, ensinando piano a 10$000 e cantorias a 18$000 mensais. Essa mestra fôra por sinal dispensada de um orfanato, onde ganhava 5$000, por economia, alegando o seu dispensador que "menina enjeitada não tem luxo de tocar piano".

Mas o piano ia ensejando proventos. Entre outros, o sr. Gustavo Wintheimer afinava êsses instrumentos. Madame Marinangeli, cantora de ópera, ao se incendiar o Teatro Santa Isabel, ficara-se por aqui a ensinar canto e piano. O francês Adolphe Bourgeois, além de piano, dava lições de rabeca, rabecão, flauta e era mestre de orquestra e igualmente afinador.

O número de pianos crescia assombrosamente. Ninguém que haja participado do quotidiano recifense, por voltas de 1900, se esquecerá dos pianos a tocarem durante o dia, nas ruas da Boa Vista ou nos arrabaldes, em exercícios de aprendizagem, em escalas de agilidade, ou em trechos de principiante assás conhecidos, e às tardes ou às noites em "morceaux" credenciadores de interpretação segura ou de valsas e polcas em moda. Percorriam-se aquelas ruas como que tendo por companheiros êsses sons pianísticos, ora vindo de uma casa térrea, ora de um sobrado, ora de um palacete. Quando uma composição caía no goto da cidade era fatal ouvirmo-la numa espécie de sequência pelos quarteirões da Soledade ou da rua do Hospício, quando não fosse do Aragão, da Matriz, do Pátio de Santa Cruz.

Até 1870 ainda vinham da Europa e da Côrte as músicas tocadas pelas nossas conterrâneas. Mas não chegavam para quem as queriam. E, por outro lado, os nossos pobres músicistas não logravam imprimir suas criações. No Rio, a "panelinha" dos favorecidos pelo renome da Capital era um báluarte... Compositor da província!... Que se contentassem em dar cópias manuscritas às alunas e admiradoras. Rompendo êsse empecilho, o sr. Antônio José de Azevedo, funda no Recife a "Primeira casa de imprimir músicas", à rua Nova nº 11. Imprimiria não somente "peças" nacionais como estrangeiras, e estabelecia esta tabela de edições e preços:

Os assinantes mensais de duas peças pagariam no Recife 8$ e nas outras Províncias 10$. Os de três peças por mês: no Recife 10$ e fora 12$000. Por ano havia abates.

E a Grande Imprensa Nacional de Música iniciara suas edições com "Anneta", polca brilhante do maestro I. Smoltz; "Minerva", outra polca brilhante do maestro Colás Filho; "Uma lágrima", mazurca sem nome de autor; "La grande duchesse", polca do Circo Equestre, e uma outra polca que hoje estaria em pleno êxito: "Chico Diabo", quando na onda de credulidade ingênua, a envolver o mundo descrente nas realidades, até os defuntos vão voltando em carne e osso...

Essa "Primeira casa de imprimir músicas em Pernambuco" cujo reclamo tanto se destacava nos jornais de antanho, iniciava uma longa série de lançamentos. Em nenhuma estante de piano faltavam músicas do sr. Azevedo e sua loja da rua Nova, é fácil imaginá-la, era visitada diariamente por aquelas damas de saias tufadas pelas anquinhas e mocinhas de faixas nas cinturas à procura da valsa "Minha Rainha", cuja melodia mais tarde aproveitariam para o "Tim-tim por tim-tim", com os versos de

Bela estação das flores
Bela estação de amôres

ou a polca "Olha o urso!" (como os "ursos" são velhos!), quando não fôra um arranjo da opereta "Amor molhado".

Sucediam-se as edições e quem consulte a relação delas verá não somente a prosperidade do sr. A. J. Azevedo em seu cometimento, mas, também, terá uma perspectiva social do Recife de então pelos títulos de algumas das composições. Idêntico panorama de "novidades recifenses" ter-se-á folheando velhos albuns de piano onde já figuram músicas impressas por Eduardo Paiva, sucessor do Azevedo, e Prealle & C., à rua Nova 59, num dos prédios demolidos para abertura da rua da Palma.

Vejamos essas músicas que refletem o Recife de outrora: "Noite do Paço", "Banhos dos Arrecifes", "Prado Pernambucano", "Belezas do Recife", "Calouros em folia", "José Mariano", "Quem me fala" (o telefone!), "Bonde a vapor", "Viva a República", "Tribofe no prado", "A flor dos arrabaldes", "Tem vis-a-vis?", "Banhos de Olinda", "Barca de vapor", "Na Maxambomba"... E quantas outras! Sem falar nos nomes saborosos, maliciosos, irônicos: "Cresça e apareça", "Cochicho", "Mas a sorte não o quis", "Flor da Capunga", "Ha novidade na casa", "Pois não", "Sinhá", "Bem poderá ser minha"... Um rol imenso e delicioso de flagrantes na vida da cidade através de suas músicas de piano. Sem esquecer aquela "Minha esperança", em que se dizia:

(Continua na pág. 85)

De **MÁRIO SETTE** (Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**) Ilustração de **FERNANDO PEREIRA**

HISTÓRIA E LENDA DO BOLO DE NATAL

De **IGNEZ MARIZ**

(Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

★

LA pelo ano 783 da éra cristã o atual condado de Kent era um reino autônomo da Inglaterra, prerrogativa que só veio a perder algum tempo depois. Alí nasceu, naquela época, o príncipe Egbert (ou Aethelberg) que sucedeu a seu pai, o pusilânime Hermanrico.

Bateu-se Egbert pelo título e conseguiu ser *Bretwalda* (chefe supremo da Heptarquia Ânglo-Saxônia) isto é, alcançou o alto pôsto de cabeça de um govêrno compôsto de sete monarquias unidas.

Graças às simpatias que o jovem rei nutria pela religião de sua mulher, a princesa cristã Berta, filha de Charibert, rei de Paris, pôde o cristianismo se introduzir entre os saxões durante o seu reinado. Faleceu Egbert aos cinquenta e seis anos de idade. Ao sentir a aproximação da morte redigiu do próprio punho as primeiras leis escritas a que se submeteu o seu povo.

Em tôrno da pessoa dêsse príncipe teceu a imaginação popular diversas lendas, sendo a mais encantadora a que procura explicar as origens do *Plum-pudding*, o bolo clássico do Natal.

A versão dessa história, que conhecemos há muitos anos, diz mais ou menos assim: Era uma vez um rei de Kent que numa véspera de Natal se perdeu na floresta, durante uma caçada e, quase morto de fome, foi bater à choupana de um pastor. O homem era pobre e nenhuma iguaria fina possuía, para oferecer ao seu rei e senhor, mas resolveu dar-lhe um pouco de tudo que ainda pôde encontrar em sua humilde despensa. Alí havia meia garrafa de vinho, um pedaço de sebo, mel, farinha e uvas sêcas. Misturou tudo o guardião de carneiros, levou a massa ao fôrno e, duas horas depois, apresentava ao hóspede inesperado uma ceia que considerou frugal. Mas Egbert, apreciando muito a estranha mistura, declarou que dali em diante aquêle quitute maravilhoso não devia faltar em sua mesa. Nesse mesmo instante, dizem, o bolo que se tornaria universalmente conhecido, recebeu o nome de *plum-pudding*.

Essa lenda chegou ao Brasil através de Portugal. E Phileas Gilbert, uma autoridade em culinária francêsa, nos oferece do episódio versão quase idêntica, embora contestando-a formalmente. Escreveu mestre Gilbert sôbre o assunto o curioso artigo que passamos a transcrever, em tradução livre:

O "PLUM-PUDDING" NÃO É DE ORIGEM INGLÊSA!

"O sangrento *roast-beef*, a famosa *turtle-soup* e o conhecidíssimo *plum-pudding* são geralmente considerados glórias gastronômicas da Inglaterra.

Noutros países a presença dêsse bolo à mesa indica abastança e refinamento, mas na Grã-Bretanha é quitute popularíssimo, que tanto aparece na mesa do pobre como na do rico, na do nobre como na do plebeu. E' prato que a tradição inglêsa tornou indispensável na ceia de Natal de todos os cidadãos.

Êsse bolo é confeccionado pelos britânicos há muitos séculos, e se um francês lhes disser que êles não sabem comer bem, hão de responder que, em compensação, não somos nós os inventores da gulodice mais conhecida e apreciada em todo o mundo.

Carême, entretanto, vulgarizou a receita com o título de "pudim-franco-inglês", o que equivale a uma contestação de nacionalidade.

Noutros tempos, somente os restaurantes parisienses frequentados por cidadãos inglêses ostentavam *plum-pudding* nos seus cardápios. Hoje, porém, o indigesto bolo poderá ser encontrado em qualquer parte, graças ao entusiasmo que as modas de além-Mancha despertam vez por outra entre nós.

A história, ou melhor, a lenda do *plum-pudding*, tem talvez a mesma idade que na França possui a da "Galinha à la Marengo". E se um estrangeiro, ao pisar território britânico, se atrever a externar dúvidas sôbre as origens inglêsas do tal bolo, é capaz de apanhar. Dezenas de punhos fechados se levantarão diante do seu nariz, ameaçadoramente. O inglês não admite que se toque nas suas glórias nacionais... mesmo que estas glórias sejam apenas gratronômicas. Tem razão.

Entretanto, vem sendo provado há muitos anos que êsse quitute britânico nada mais é do que um descendente direto do *faro*, bolo bretão, e que, portanto, é de origem bem francêsa. Sabemos que, com esta declaração, estamos desferindo rude golpe no orgulho insular, mas outras provas, além dessas, se acumulam para demonstrar que o *plum-pudding* não é de origem inglêsa.

"Os pasteleiros da Grécia parecem ter subtraído aos britânicos a glória da descoberta do *plum-pudding* (escreve M. Bourdeau na sua "Histoire de l' Alimentation"). Um estudo cuidadoso da culinária grega fez-nos efetivamente descobrir um bolo composto de frutas, gordura, mel e farinha. Trata-se, não resta dúvida, do "avô" ou do "bisavô" do pudim inglês, e foi descrito por Christophane na narração que fez do banquete de núpcias do príncipe Argyen Caranus. O nome dado ao pudim grego era *strept*".

Portanto, que os inglêses não inventaram o *plum-pudding* não sou eu quem está dizendo: é a História.

Mas, vamos à lenda, a inevitável fantasia que sempre aparece para poetizar as coisas mais vulgares. Dizem que êsse bolo foi confeccionado pela primeira vez durante uma caçada do rei de Kent, Egbert (ou Aethelberg) antes da fundação da Heptarquia, sendo a receita fruto de mero acaso, mas tendo ficado, desde então, inscrita sôbre a bíblia gastronômica dos inglêses. Achava-se o rei perdido na floresta com os seus homens d'armas e quase sem víveres de espécie alguma, quando um dos nobres da comitiva teve a idéia (aqui a lend aatinge o climax!) de juntar os restos de passas, mel e farinha que ainda havia nas matalotagens. Isso feito, misturou tudo com uma garrafa de vinho e um pedaço de sebo, única matéria gordurosa possível de arranjar naquela conjuntura. Depois de bem batida, foi a massa cozinhar sôbre um fogo de bétulas e duas horas depois era oferecida ao rei, que achou o bolo excelente e declarou desejar vê-lo todos os dias em sua mesa.

Foi assim, protegido pelo favor real, que o *plum-pudding* se naturalizou inglês.

A lenda é muito engraçadinha para ser contada às crianças britânicas, mas um historiador só poderá sorrir diante de uma receita de bolo cuja confecção parece ter sido presidida pelas fadas do bosque...

Jacqueline White, da RKO, como tôda boa dona de casa, gosta ela mesma de preparar os seus quitutes de natal

Está provado que não é na Inglaterra que devemos procurar as origens do *plum-pudding*, mas na Grécia ou na França. São seus ancestrais o *strept* grego ou o *faro* céltico, bolo sem o qual nenhuma festa é completa em nossa velha província da Bretanha, e cuja composição demonstra ser o pudim inglês apenas imitação.

Assim, leitores, eis uma crença abalada, uma lenda esvanecida, uma glória desmoronada e um orgulho nacional mortalmente ferido. A Cozinha Francêsa poderia reivindicar para o seu ativo a receita do popular *entremets* inglês. Somos, porém, milionários de iguarias apetitosas e mais uma, menos uma, não nos fará diferença: podemos nos dar à generosidade de não aprofundar o estudo dêste assunto e deixar aos britânicos a doce ilusão de que são "os tais", em matéria de pudim...

Mas afinal de contas, que vem a ser *plum-pudding?*

A fórmula é complexa pela fartura de matérias, porém fácil na maneira de executar. Ingredientes: 250 gramas de sebo retirado do rim do boi, 125grs.de farinha de trigo, 100grs. de passas de Smyrna, de Corintho e de Málaga, sem sementes, 100grs. de casca de laranja e de limão, cristalizados, 50 grs. de cidra, 125 grs. de miolo de pão, 125grs. de açucar mascavo, 6 ovos, 10grs. de sal, uns dentinhos de cravo, algumas pitadas de canela, um pouco de noz-moscada e 1 copo grande de rum.

Modo de fazer: Corte o sebo em pedaços minúsculos, junte-lhe a farinha, as passas, o miolo de pão, as cascas de laranja, limão e cidra cortadas em quadradinhos, o açucar, os ovos, os pós aromáticos e por fim o rum. Bata tudo muito bem durante algum tempo, com uma colher de páu. Conseguirá com êsse trabalho a mais estranha mistura que olhos humanos já viram. Um verdadeiro caos! Despeje depois a massa em cima de um guardanapo embebido em gordura e polvilhado de farinha, amarre fortemente as pontas, largue a bola dentro de uma vasilha com água fervendo e deixe-a cozinhar durante quatro horas seguidas, tendo o cuidado de juntar água quente de vez em quando, à proporção que a da vasilha vai secando.

Depois do tempo recomendado retire o pano e coloque o bolo num prato polvilhado de açucar branco. Despeje por cima, copiosamente, rum da Jamaica e toque fogo.

Só então a dona da casa poderá abrir a porta da sala de jantar e anunciar aos convidados que está pronto o *plum-pudding* inglês... que afinal nem é inglês nem nada!

Se em vez do incendiário rum você preferir o aveludado *sabayon*, tênuemente perfumado com algumas gôtas de *kirsch* venerável, muito bem. Eu, entretanto, daria preferência a uma taça de *brandy-butter*, que em bom francês quer dizer — manteiga batida com açúcar e misturada a uma boa dose de conhaque legítimo.

E aí está, senhores, o *plum-pudding*, o autêntico, segundo nos informa Alfred Suzanne, inolvidável mestre, autor do livro "La Cuisine Anglaise. Naturalmente esta fórmula está muito melhorada. Não podia mesmo ser igual à do bom rei Egbert, aquêle, que tinha o costume de se perder nas florestas durante caçadas memoráveis..."

PHILEAS GILBERT.

VERSÃO INGLÊSA DO "PLUM-PUDDING"

Receita copiada da Enciclopédia Britânica:

"A *King's empire recipe*, para o pudim de Natal, contém os seguintes ingredientes, devendo ser as medidas consideradas padrão: 2 1/2 libras (1 quilo e 133 gramas) de passas de Corinto: 2 1/2 libras (1 k. 133grs.) de passas "Sultana"; 2 1/2 libras (1 k.k133 grs.) de passas comuns, sem as sementes; 3/4 de libra (340 grs.) de maçã cortada miudinho; 2 1/2 libras (1 k. 133 grs.) de miolo de pão; 2 1/2 libras (1 k. 133 grs.) de sebo de boi; 1 libra (453 grs.) de cascas de frutas cristalizadas; 1 libra e 1/4 (566 grs.) de farinha de trigo; 1 libra e 1/4 (566 grs.) de açucar Demerara; 10 ovos; 1 onça (28 grs.) de canela em pó; 3/4 de onça (21 grs.) de cravo em pó; 3/4 de onça (21 grs.) de nóz-moscada em pó; 1/2 colher de chá de especiária para pudim; 1/2 *gill* (1/16 de litro) de conhaque; 1 *gill* (1/8 de litro) de rum e 1 *quart* (1 litro, 136 grs.) de cerveja velha. *Maneira de fazer*: Corte o sebo miudinho, adicione a farinha de trigo, o miolo de pão, a fruta fresca e as cristalizadas, cortadas em quadradinhos, as especiárias, o açucar e os ovos. Misture bem e acrescente os líquidos, batendo sempre. Detalhe importante: deixe a massa inchar até o dia seguinte. Deposite-a então numa fôrma que deverá ficar cheia até às bordas e amarre um pano sôbre a mesma, tendo o cuidado de deixar espaço para o bolo crescer. Coloque a fôrma, assim preparada, dentro de uma panela com água fervendo e deixe a massa cozinhar durante seis horas, no mínimo. Isto feito pendure o pudim em lugar fresco e ventilado, durante algum tempo e, antes de servi-lo, torne a cozinhá-lo por espaço de duas horas mais. Antes de amarrar o pano sôbre a fôrma escalde-o n'água fervendo, esprema-o bem e povilhe-o com farinha de trigo".

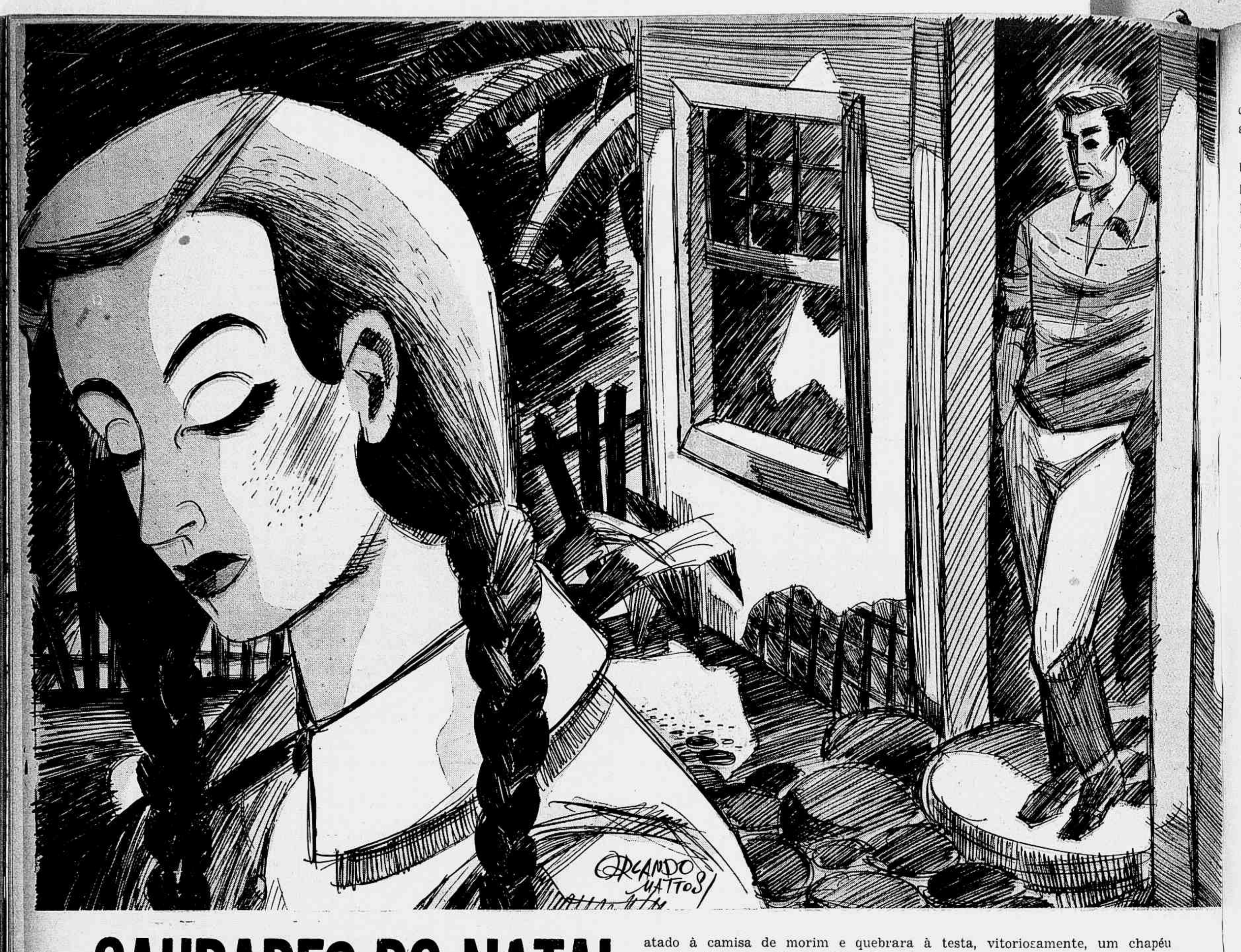
As medidas dêsse bolo devem ter sido imaginadas para um batalhão. Família nenhuma (pelo menos brasileira) teria resistência suficiente para ingerir 1 quilo e mais 133 gramas de sebo durante uma só refeição. Que horror!

No cinema temos apreciado muitas vêzes a cena do ateamento de fogo ao rum do *plum-pudding*, mas a Enciclopédia Britânica não fala nesse pormenor.

VERSÃO PORTUGUÊSA DO "PLUM-PUDDING"

"Tomam-se 500 gramas de passas de uva, a que se tiram as grainhas, 6 ovos batidos, meio copo de boa

(Continua na página 88)



SAUDADES DO NATAL

Conto de **VALDOMIRO SILVEIRA** ★ Ilust. de **O. MATOS**

JÁ estava posta a mesa da merenda. Ia chegando a hora da missa do galo; todos os filhos e filhas haviam chegado, menos a Doninha. E o velho não teve mão em si, que não dissesse:

— Também a gente nem pode contar direito com aquêles dois: mo' que andam noivando a vida inteira: é um derretimento em demasiado que tem p'r'o outro. A gente cuida que 'tão nalgum trabalho macota, nalguma jurema louca, vá ver: 'tão combersando bem sossegado...

Tinha razão o velho: dês que a Doninha pôs na cabeça doirada o véu de flores de laranjeira, quase não botava o pé fora de casa.

Alguns novidadeiros diziam que aquilo era feito do Valério, que, por muito lhe querer, não a queria andeja nem muito vista; outros murmuravam que era tudo ciumagem louca da mocinha clara, que não tinha vontade de saber que o marido ficava só, naquele mambembe soturno, onde havia umas roxas desencaminhadeiras dos homens casados.

Nem isto, nem aquilo. O Valério e a Doninha não gostavam de separar-se, nem de estar constrangida, entre estranhos. Bastava-lhes o tempo (e grande tempo) em que a sorte os apartou na vida, quando êles (Deus bem o sabe!) haviam nascido um para o outro, e de coração se amavam desde a idade mais tenra. Bem o podia contar, se falasse, aquêle jardim cheio de flores, na vila, que viu o primeiro beijo, — tão ardente! — que o Valério deu na face da sua querida, numa comoção viva e alegre, sendo ela quase menina ainda. E a areia dos areões, que ficava trançada dos dois nomes, ao abrir do dia e ao escurecer da tarde, porque êle, indo campear e voltando, não desejava outro descanso nem maior alegria que estar pensando nela. E as curruíras das capoeiras, que então voavam espaventadas, de moita a moita, ouvindo a forte voz que êle soltava ao cantar as modas de amor que lhe fazia.

Apareceram, afinal. E houve, junto à mera, um enlêvo:

— Não é que a minha filha 'tá cada vez mais sacudida?

— E mais corada!

— E mais bonita!

— E c'um rico vestido de xadrez dêsses finos!

Tudo era verdade: surgira a Doninha vestida de chita nova, quando as outras irmãs estavam de riscado, muito risonha, muito fresca, muito feliz. O Valério machucava um parelho de brim de algodão trançado, tinha um lenço de ramos atado à camisa de morim e quebrara à testa, vitoriosamente, um chapéu côr de leite com café. Também lhe pagaram algum dizimo:

— Muito vale quem pode! E' usar camisa branca, e sua burjaca, e seu lenço cheio de histórias, e seu brim das Minas! Isso é que é um gôsto!

Mas êle respondia sacudindo os ombros, atirando de si toda a vaidade, num largo meneio de modéstia venturosa:

— Qual nada! Petas da vida!

Assentaram-se todos. As pamonhas de queijo ainda lançavam fumos esbranquiçados, e ostentavam, a cada banda das travessas, a irregularidade e a esquisitice de seus laços verdes. As batatas cozidas, que iam passando para o prato de cada um, mostravam o coração roxo e quente, embora enxuto. Os pires de curau alinhavam-se em duas longas filas, polvilhados de canela moída, anunciando os nomes dos presentes. A canjica de amendoim e leite rescendia no mistério das terrinas fechadas por então. O arroz-doce e o furrundum pareciam esconder-se entre os mais pratos, e as pobres das talhadas, que serviam entre folhagens de bananeiras e de pitangas, sumiram como por encanto.

A velha contou que tinha alfanjado um vinho de laranja e um licor de baunilha, às carreiras, mal e mal; e que a pinga de craguatá saíra uma coisa por demais, de boa. Para o vinho e o licor houve canecas de louça: mas a pinga, para ser bem aproveitada e saboreada, teve por purunguinhas de cuietê. E foi preciso, depois, muito doce e café meio amargo por cima, senão tudo aquilo brigava, sendo bebida cada qual mais trepadeira...

O Valério, a par com a Doninha, recordava-lhe:

— ...A noite 'tava uma prata, de crara. Nós fumos juntos, c'a sua mãe, naquela egrejica do arraial, onde paravam umas freiras, entremos e ajoelhemos. Eu olhava p'r'o presépio e p'ra você, e — Deus que me perdoe! — não achava Nossa Senhora mais fermosa que você. Rezei, pois não rezei? — mas porém foi só por nós dois e p'ra nós dois, que nunca não achei nada que mais valesse de que isso, numa egreja. Despois, levantemos e saímos, e inda cheguemos perto do presépio, d'aonde eu tirei um galho pequetito de

Valdomiro Silveira — todas as autoridades o atestam — foi um criador, um precursor nas Letras brasileiras. Os seus contos paulistas, de incomparável êxito, determinaram o aparecimento de numerosos cultores do gênero regional. E uma rara virtude engrandece, nobilita a obra do autor de "Os caboclos" e de "Nas serras e nas furnas": o devoto amor à língua portuguêsa, o qual, permitindo-lhe fidelidade e perfeito caráter no linguajar dos personagens, o fazia manter, no seu estilo de autor, com o pensamento sempre elevado, a forma sempre pura.

cambará do vermelho. E a noite 'tava uma prata, de crara. Você não se alembra?

Ela bem que se lembrava! Foram-lhe passando diante dos olhos, como um belo sonho, as meninas de uma escola, todas de branco; o alampadario de prata, onde uma luz amarela e mortiça tremia e tremia; as tribunas e o púlpito, cobertos de panos alvos, de que pendiam laçadas de fitas encarnadas e côr de rosa, e fôlhas de trapoeiraba com florzinhas muito azuais, e cachos de parasitas de flor amarela, e frutas de pindaíba e galhos de pula-pula. Ouvia bem, cria estar ouvindo, agora, a voz leve e quase sussurrada das freiras, que se não viam. Cuidava sentir nas faces, como naquele Natal de outrora, o tocar de uma asa de andorinha, a que passou por ela, estonteada e medrosa, logo que caíra em joelhos e principiava a sua oração.

E o Valério continuava:

— Despois nós fizemo um assustado na minha casa. A sala ficou tiba de povo. Moça, mal comparando, havia que nem formiga; e moço apareceu ver um bando de sabitus assim que acaba de chover. Você 'tava c'um vestido da côr de sua bôca, dêsse feitio côr de sangue, e engraçadinha feito a pomba vevúia, quando sai da mata-virge p'ra estrada, e senta no chão e levanta a cabeça e amostra o peito quaji brasino. Eu dancei com você, mas porém uma coisa de nada, porque andava muito avexado e soronga das mãos, nas horas que pegava nas suas. Você não se alembra?

Ela bem que se lembrava! O baile era da última hora, a poder de sanfona. Só mais tarde, no amiudar dos galos, é que uma serenata entrou na sala, pedindo Natal, já pedindo Ano-Bom, e até pedindo Reis, e levou, dêsse momento ao amanhecer, a tocar muitas músicas de dança. Ainda agora lhe parecia escutar uma toada longínqua, longínqua e enternecida, de certa quadrilha que o correr dos anos não pudera tirar-lhe de memória e dos ouvidos. E o seu vestido era da côr do pavão do mato.

E o Valério falava ainda:

— Prove agora dêste sossego. Você não comeu nem um sonho. Despois, no clarear, você foi p'ra sua casa, e eu ainda fui junto, muito tempo, c'os olhos, só de guaiais. P'ra mim, aquilo era uma tirania, eu ter que ficar ali, sem a sua companhia, sem alívio e, a bem dizer, sem consôlo. Inda vi bater a porteira que fechava o caminho p'ra sua casa, e o meu coração também bateu muito rijo: a porteira abriu e o meu coração ficou fechado. Você foi subindo o morro; inda vi o seu bulto no meio da poeira, lá em riba; a derradeira luz da lua e a primeira luz do sol é que fizeram você desaparcer naquela contra-vertente. Você não se alembra?

Ela bem que se lembrava! De instante a instante, ao subir daquele morro, voltava-se, e, de cada vez que se voltava, lá o adivinhava encostado à porta, esquecido de tudo, olhando, ao menos, o rumo por onde ela ia. Teve tamanho nó na garganta, ao virar do espigão, deixando para trás a vila, que por um és-não-és não se pôs a soluçar. As codornas piaram tristemente no campo molhado; e diante dela, como tristes por igual, as canoinhas voaram com todo o vagar, de asas trêmulas e cauda recurvada para as costas.

Na mesa, entretanto, fazia-se alto rumor. E as palavras encontravam-se no ar, resposta:

— Não gosta de bolo de arroz, antão? Pois olhe que nossa tia nunca deixou de fazer êle nos pagodes que dava. E nossa tia era carioca da gema!

— Diz que o milho dá pinga também especial: será verdade?

— O Andronico 'rranjou hoje uma estúcia lá na morada dele, e todos 'tão contando que a coisa não ficou das piores. Inté tem um maquinismo que fala como gente!

— Tome outra golada da bonilha, que é licor da velharia e dá sustância de devera!

A criançada reunira-se no quintal, armara uma grande roda, e andava aos giros compassados, cantando:

Surupango da vingança,
Toda a gente passarão...

As vozes pareciam alongar-se, por fracas na continuação do brinquedo, mas alteavam-se outra vez, quando o estribilho tornava:

Surupango da vingança,
Toda a gente passarão...

O Valério curvara-se para a Doninha, falava-lhe quase ao ouvido, que nem um namorado à namorada:

— Como eu lhe queira bem, Doninha! E, ansim mesmo, apesar que era tão seu e você tão minha, andemos cada qual p'r'o seu lado, tanto tempo! E eu tive tanta sodade! tal e qual 'tou tendo, agora, daquela noite de Natal abençoada...

Ergueu-se, porém, saiu à porta. Como saísse, outros se levantaram de pronto. Com pouco, no terreiro, formou-se uma grazinada, uma gritaria, um rir de todo o jeito. A Doninha acercou-se do Valério, amorosa e comovida. Houve curiosidade e perguntas, sôbre o que era, sôbre o que não era; e houve logo respostas:

— E' o Valério! E' o Valério!

— Mas o que é que aconteceu?

Risos abafados, segredar confuso e rápido.

— Mas o que é que aconteceu?

— 'tá chorando...

Tournant Decisivo

(Continuação da pag. 48)

E que dizer dessa extraordinária literatura filosófica, poderoso instrumento de libertação da alma francesa?

Se nos elevamos até o plano da criação artística, deparamo-nos com o fóco mais sensível da cultura francesa. Tomemos um exemplo das artes clássicas e um outro das artes modernas. O teatro continua a ser um dos centros de gravitação da vida intelectual francesa. E no mundo teatral cumpre destacar a Comédie Française pelo seu valor educacional. Se por um lado [illegible] uma grande escola de formação permanente de novos elementos dentro do melhor espírito do teatro clássico francês, por outro lado a Comédia desempenha um importante papel na formação do público. Suas duas grandes salas — uma junto ao Luxemburgo, outra no Palais Royal — encenam regularmente, todos os anos, o melhor teatro francês, clássico e romântico. De Molière a Rostand, os melhores autores são integralmente repetidos em suas melhores peças. É um espetáculo encantador assistir às representações de Molière pela tarde. Essas sessões da Comédia se dirigem principalmente às crianças e jovens das escolas primárias e liceus. As salas e corredores se enchem do riso alegre da mocidade. Molière tem seu papel na educação das novas gerações.

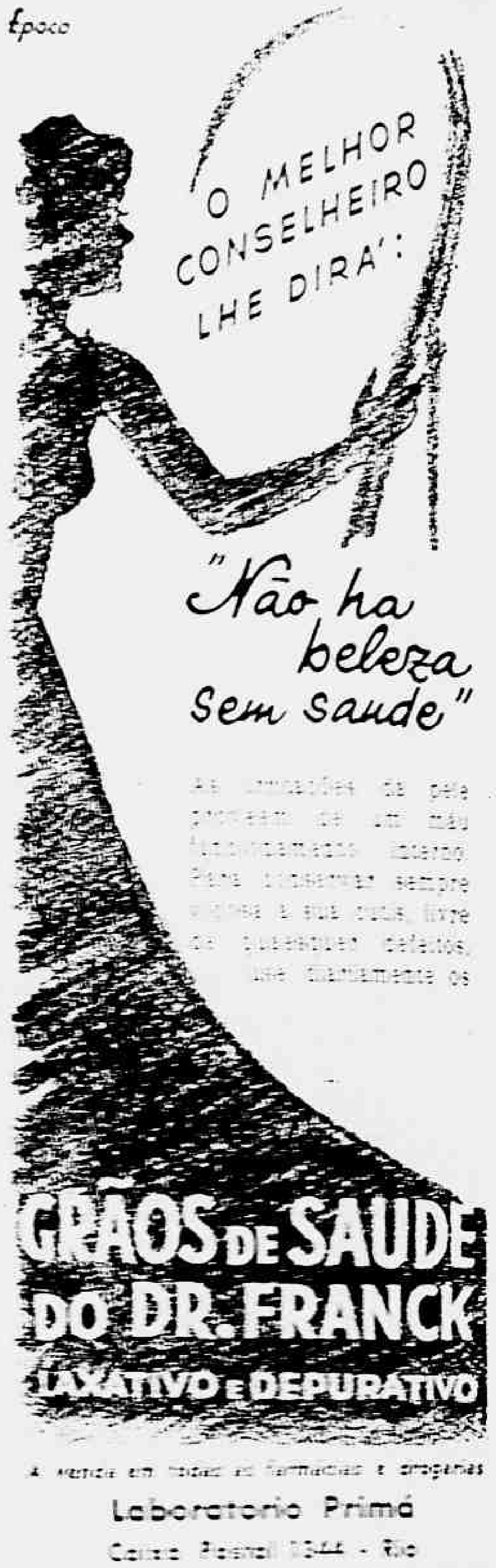
Já no terreno das inovações dêste século, podemos citar outro exemplo dessa extraordinária fôrça criadora na Radiodiffusion Française. O rádio é hoje na França uma grande instituição cultural-recreativa dirigida pelo Estado. As irradiações são feitas com um número limitado de programas simultâneos. Esses programas se dirigem a públicos de diferentes gostos. O rádio é mais movimentado que um jornal, mais acessível que uma universidade e mais variado que uma sala de diversões. A inexistência de anúncios possibilita uma grande ampliação dos programas [illegible]. Mas o que impõe o Rádio francês à nossa admiração é a seriedade na elaboração dos programas culturais e o bom gôsto das emissões populares. A música popular francesa é extremamente prestigiada. A reunião dos [illegible] é [illegible] permanentemente, conservando-se, porém, para a minoria de gôsto mais refinado a preferência de uma cadeia de emissões. O programa diário — hora de cultura francesa — orientado por mestres da Sorbonne, consegue manter-se no nível de interesse do público médio. A Radiodiffusion possui ainda uma cadeia de orquestras nas principais cidades da França e irradia ou retransmite todos os grandes concertos ou festivais que se realizam na Europa. Quem ouve por um período de tempo mais ou menos longo o rádio na França, pode apreciar o valor extraordinário — certamente maior que o da imprensa — desse instrumento para elevação do nível cultural das massas.

[illegible]

Essa apreciação sumária de alguns aspectos da vida francesa nos dias de hoje, conduz necessariamente a uma conclusão de ordem geral. "Para onde vai a França?" — eis uma questão que preocupa os franceses de todas as orientações. As respostas são numerosas e necessariamente divergentes. É grande o número de franceses, naturalmente dos meios intelectuais, que se voltam para uma Federação da Europa Ocidental. [illegible]

[illegible]

[illegible]



METROPOLE

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

OPERA NAS SEGUINTES CARTEIRAS:

VIDA, INCÊNDIO, TRANSPORTES (MARÍTIMOS E TERRESTRES), AUTOMÓVEIS, ACIDENTES PESSOAIS E ACIDENTES DO TRABALHO

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DA UNIÃO

NOVOS ESCRITÓRIOS

(SEDE PRÓPRIA)

RUA DA ASSEMBLÉIA, 51-A 10.° e 11.° and.

Filial do Distrito Federal

AVENIDA RIO BRANCO, 110 1.°

Tinja seu CABÊLO com
ORF-LÉNE Liquido
É um produto do AMÉRICO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Editora Paulo de Azevedo Ltda.
LIVREIROS E EDITORES
Artigos de Papelaria e Material Escolar
RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 166
S. PAULO
292, Rua Libero Badaró
BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO LTDA.
Sucessora de L. B. DE ALMEIDA & CIA.
RUA DOS ARCOS N.os 28-42
Fundição de ferro e outros metais — Oficinas mecânicas em geral — Fogões a gás e lenha marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório — CADEIRAS para DENTISTA Almeida Pinho — CADEIRAS para BARBEIRO — BANCOS PARA JARDIM e BENGALEIROS de ferro fundido em ornatos — Importadores de chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras - T - U - e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira
TELEFONES { Armazem: 22-0409 — 22-1718 — 22-2748 — 22-1584
Escritório Técnico: 42-4675
Contabilidade: 22-1342 — 22-2549

DERMOFLORA
Sabonete antisséptico, preparado exclusivamente com plantas medicinais, indicado nas irritações da pele, comichões, frieiras, eczemas etc. Produto da FLORA MEDICINAL — Fórmula do DR. MONTEIRO DA SILVA, Licenciado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública
J. MONTEIRO DA SILVA & CIA.
RUA SETE DE SETEMBRO, 195 — RIO DE JANEIRO — D. F.
À venda em tôdas as Farmácias e Drogarias

Sapataria SIMPATIA
Mudou-se para
AV. RIO BRANCO, 180
COM NOVAS INSTALAÇÕES
Tel: 32-5753

CASA OLIVEIRA LEITE
O MAIOR MERCADO DE LOUÇAS, CRISTAIS E UTENSÍLIOS PARA COZINHA — ATACADO E VAREJO
32 — PRAÇA MONTE CASTELO — 32
(Antigo Largo do Rosário)

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

Infrações higiênicas contra a infancia

DR. SABÓIA RIBEIRO

NÃO poucos erros, vindos de longe, atingem ainda hoje a criança, que é mister advertir e corrigir — erros grosseiros uns, violentos outros, toleráveis poucos, mas todos, afinal, erros. Podemos classificá-los — sujeira e falta de asseio, alguns; erros, propriamente, de elementar higiene, êsses; erros, antes, de técnica do aleitamento, aquêles; simples descuidos, enfim, outros.

Vejamo-los.

CHUPETA — O hábito instintivo de a criança sugar os dedos e morder os objetos que lhe chegam ao alcance, para muitos, é que levou à prática de se lhe dar objetos de borracha e a chupeta. As mãos poderiam estar sujas, a criança também nessas condições pode adquirir o hábito de roer unhas, etc. Na prática, porém, o que se vê é outra coisa: nem a chupeta e tais objetos primam pelo asseio (muita vez são vistos pelo chão, ou expostos inclusive às moscas, à poeira), nem êles lhe são dados quando se vislumbrou qualquer tendência à sucção dos dedos por parte da criança; antes, para que fiquem "bonitos", com a chupeta na bôca. E lha dão, não raro, logo nas primeiras horas após o nascimento.

Muitas vêzes, a chupeta é instituida para **iludir** a criança do estado de fome. A criança chora porque está com fome; dão-lhe a chupeta, ela se cala. Com o aumento da secreção salivar, que ela provoca, a criança tem a ilusão de que está deglutindo, e com isso criam-lhe o hábito. A criança, desde então, não passará mais sem a chupeta.

Está claro que numa ou noutra hipótese a coisa não está certa. No primeiro caso, não há proteção higiênica da criança, e no outro o que há a fazer é mesmo dar o alimento, se a criança está com fome. Como quer que seja, é absolutamente indispensável que se tenha com a chupeta o maior cuidado em face das possíveis poluições, trazendo-a ao abrigo das contaminações e tendo-a, nos intervalos, guardada sob tampa.

Já se quis atribuir a ela uma ação favorável sôbre o aumento da secreção gástrica, mas a verdade é que esta é função da excitação dos alimentos chegados ao estômago. Demais, o excesso de saliva deglutida, com o uso da chupeta, torna o suco gástrico muito ralo e a digestão do leite menos pronta, e por outro lado o fermento que nela existe é perfeitamente suprido pelo suco pancreático.

Acusa-se-lhe, ainda, de fazer que a criança engula muito ar, fator de dilatação do delicado estômago dos bebês.

Alguns mestres ensinam que a chupeta é também capaz de tornar a criança protusa, isto é, com a bôca-de-chupar-ovo, na expressão pinturesca do povo.

Enfim, não a defende qualquer pró decisivo que compense tantos e tamanhos e péssimos inconvenientes.

O BEIJO — Nos Estados Unidos é comum o ver-se escrito, nos babadouros das crianças e golinhas de suas roupas, esta frase: "kiss me not", que quer dizer "não me beije".

O beijo pode transmitir a própria sífilis, a erisipela, o furúnculo, a tuberculose. Compreende-se que isso aconteça na criança com tanto mais facilidade, porquanto a pele de suas faces é muito delicada e permite a penetração dos micróbios com grande facilidade. De outra parte, já foi lembrado quanto se acham diminuidas as defesas naturais, em certas crianças, máxime nas distróficas e nas exsudativas.

POEIRAS, ETC. As poeiras são causa de muita tuberculose. Resistente o micróbio e lançado ao solo, com as secreções, estas, ressecadas e reduzidas a fragmentos mínimos, passam a fazer parte de seus elementos constitutivos, tornando-as infectante para o indivíduo e particularmente a criança. Pode-se fazer uma idéia do grau de educação de uma pessoa tanto que esta escarra no chão sem dar-se conta do que está fazendo. O germe da tuberculose resiste à ação da luz solar direta durante 10 dias; imagine-se noutras condições. Na ocasião que se varre uma casa é dever afastar as crianças. As mucosas do aparêlho respiratório e digestivo da criança são muitíssimo suscetíveis à penetração do germe no seu organismo. Aliás, os próprios logradouros públicos não deveriam ser varridos em horas de movimento; a legislação devia olhar isso, que anula muitos esforços da própria saúde pública.

Logo se entende que, varrido um aposento, é sempre necessário franqueá-lo à livre ventilação, por alguns minutos, antes que a êles volvam as crianças.

FALTA DE SOL; AERAÇÃO INSUFICIENTE — As crianças não devem ser criadas como flores de estufa, debaixo da escuridão e de muito resguardo, no interior de quartos fechados. As crianças precisam de respirar um ar puro e constantemente renovado, e não que se lhes crie uma ambiência artificial, no interior de aposentos abafados, jamais se permitindo que ponham à prova a sua capacidade de auto-regulação térmica em face das mudanças da temperatura exterior. Ao contrário, essa capacidade deve ser experimentada, desde as primeiras semanas, com as naturais cautelas, mas progressivamente. Vida ao ar livre, nas manhãs primaveris e nos dias claros e frescos, sob o sol brando. Em aposentos abertos, como nos outros dias, naqueles em que chova ou mesmo faça frio.

E' êsse o chamado "método de enrijamento", tantas vêzes preconizado em certos estados de doenças das crianças, como adenopatia tráqueo-brônquica, asmas, etc. Não esquecer que as crianças que vivem muito enclausuradas são as mais sujeitas às doenças do aparêlho respiratório, porque têm as suas resistências, por assim dizer, embotadas. Resfriam-se a toda hora. De resto, o sol é o grande inimigo do raquitismo — o que passa, já hoje, como verdadeiro axioma, entre os cultores da especialidade. E onde não há raquitismo há menos bronco-pneumonias, com as suas graves complicações, inclusive a própria meningite. A tendência aos resfriados, da criança, cura-se com as vitaminas, a alimentação vigorosa, e não com demasia de agasalho.

ROUPAS — E' um grandíssimo êrro trazerem as crianças em dias quentes com roupas menos leves. Não menor êrro trazerem encartuchadas, então os pés em lãs e espêssa touca, aquelas ainda de colo, envoltas em muitas dobras de flanela. E' sabido que o aparêlho regulador da temperatura dos bebês funciona um pouco precariamente. Mas desde que a temperatura exterior ascenda em volta de 37º, e nós outros demos de suar, aquelas flanelas já se não justificam mais em cima da criancinha. Se com o bebê, nos primeiros meses, não se justifica o excesso de agasalho, muito menos passado o primeiro semestre.

Todos os especialistas estão de acôrdo em reconhecer o grande papel do calor na produção das perturbações digestivas dos bebês, atingindo-as, sobretudo, se a alimentação é pelo leite animal. E' que sob o seu influxo é aumentada a virulência dos germes e, outrossim, são favorecidas as fermentações intestinais.

A chamada "doença estival" não é outra coisa senão as perturbações digestivas de toda a ordem desencadeadas por êste fator. Em suma, os dias quentes exigem, para o bebê, vestes antes leves... ajudadas, duas vêzes no dia, de banho na temperatura de 32 a 33 graus (abaixo um pouco da temperatura normal do corpo), durante uns dez minutos.

CUIDADOS INSUFICIENTES COM A MAMADEIRA E O BICO — A mamadeira requer um trato apurado. Trazê-la, sempre, ao abrigo das moscas e das poeiras. Escolher um tipo que se preste a um bom e fácil asseio, isto é, que não apresente muitas reentrâncias, onde possam concretar-se detritos do leite. Demais, que possua uma graduação permitindo medir o alimento, e assim orientar o aleitamento conforme o pêso e a idade do bebê e, igualmente, em muitas eventualidades, saber informar o médico com alguma precisão acêrca da verdadeira alimentação quantitativa do bebê.

Quanto ao bico, conveniente seria fervê-lo sempre antes de usá-lo, lavando-o após cada mamada. Comumente, porém, bastará lavá-lo após cada mamada e escaldá-lo na ocasião de empregá-lo, fazendo-lhe a fervura só uma ou duas vêzes no dia. Durante o intervalo das mamadas é conveniente trazê-lo imerso na água bicarbonatada (1 colher de sobremesa num copo de água), ao abrigo das poeiras e das moscas.

AS MÃOS DO BEBÊ — Todo mundo sabe o hábito verdadeiramente instintivo das crianças, de levarem as mãozinhas à bôca, por tudo. Qualquer fragmento de coisa, que lhe cai entre os dedos, vai logo, levado pela mãozinha, à bôca. E' dêsse jeito que algumas verminoses entram no organismo das criancinhas, quando não o fazem pelos alimentos, ou pelo leite poluido pelas moscas.

E' dever, por isso, das mães conservá-las sempre asseadas. Não se deveria transigir com os bebês, na idade em que gatinham, deixando-os arrastar-se sôbre o solo, como tanto ainda se vê. O que é aconselhável é que se prenda o guri dentro dum cercado de madeira desmontável, que de resto poderá ser construido por qualquer carpinteiro, tendo uma área compatível com os seus fins (2x3 metros é uma boa média), armado num recanto agradável da casa, no jardim ou varanda, feita a impermeabilização do solo por um oleado, por exemplo. Aí o bebê poderá traquinar à vontade, entretido com os brinquedos que a mãe lhe der, a qual poderá, assim, cuidar de outros misteres, despreocupada dêle, e êle dela, se bem foi disciplinado nesse sentido.

OUTROS INIMIGOS DA CRIANÇA — As moscas, o abuso de doces, bombons guloseimas (estrangando-se-lhe o apetite), o uso exclusivo do leite acima do 3.º mês (causa de anemia da criança), brincar com animais (assim muitos adquirem doenças), etc.

MÚSICA

MÚSICA PINTADA — QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO — O PASSATEMPO DE HOB — A SINFONIA DOMÉSTICA E OS ESTUDOS EM FORMA DE PERA

De **ROBERTO LYRA FILHO**

(Especial para a **"REVISTA DA SEMANÁ"**)

HÁ muito tempo os músicos vêm fazendo incursões no terreno das outras artes. Assim, os românticos pretenderam "narrar", musicalmente, longas histórias, em seus poemas sinfônicos que, para serem bem entendidos, exigem frequentes consultas ao programa onde geralmente são transcritas longas explicações. Por exemplo: a música "descreve" a vida de uma família, com pitorescas imitações dos episódios da vida doméstica — é a Sinfonia Doméstica de Richard Strauss. Essa mistura de música com literatura — uma música meio manca, que necessita apoiar-se nas muletas de um texto esclarecedor, pode ser tentada de forma menos direta. O compositor, em certos casos, limita-se a dar uma "impressão musical" de uma paisagem, uma pessoa, um sentimento. Assim, Debussy, nos seus prelúdios, por exemplo, **sugerirá** ao ouvinte, com ritmos, melodias, todos os recursos musicais, as colinas de Anacapri, passos na neve, velas enfunadas, etc., sem pretender encontrar em cada som o equivalente direto de côres, linhas ou palavras.

Essas noções românticas ou impressionistas sucumbiram, hoje, diante das reivindicações da música pura, uma reação contra a mistura da música com a literatura e a pintura que se extremou, provocando os protestos de Mário de Andrade. Em um de seus monumentais estudos o brasileiro caçoou dos adeptos de música pura, música puramente som, que não tem ligação direta ou indireta de espécie alguma com emoção humana, quadro, história, música pura, sinônimo de fria combinação de sons. Mário de Andrade, num daqueles seus ímpetos característicos, acusou essa música de "granfina" — o têrmo usado foi, mesmo, êste — pois até os títulos influem... Sim, é inegável que quando o compositor escreve "Pavane pour une Infante Défunte" êsse título não pode deixar de ter influência na apreciação da obra pelo ouvinte, por mais "pura" que seja a música. Assim, Mário de Andrade reagia contra os exageros da música pura, como Satie reagira contra os exageros do impressionismo. Na época em que se dava títulos quilométricos às obras — exemplo: "A noite caiu, envolvendo os campos" — Satie pretendia provar que a música não é instrumento para descrições literárias ou sugestões poéticas e zombava dos impressionistas dando às suas obras títulos como "Estudos em forma de pera"...

Richard Strauss, compositor que "pintou" uma sinfonia Doméstica

QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO

Os pintores têm ensaiados alguns contra-ataques "pintando" música... Assim, não faz muito tempo, Walt Disney registrava, em linhas e côres, as "sugestões" de várias obras musicais. Um de seus maiores sucessos foi, justamente, Prelúdio de Fuga de Bach, porque, aí, não pretendeu encontrar desenhos definidos, figuras, concatenação lógica de imagens, mas, captando o ritmo da obra, foi improvisando, em traçado caprichoso e colorido fantástico, imagens fluentes, poderosas, impressionantes. Hob, o pintor que, agora, está oferecendo uma exposição de "música pintada" na Galeria Askanasy, seguiu a mesma orientação. Não procurou dar forma definida às sugestões transmitidas pela música. Limitou-se a oferecer — como êle próprio escreve — "um ritmo, um reflexo do efeito íntimo e elementar da música".

Assim como Mussorgski nos deu a versão musical dos "Quadros de uma exposição", Hob nos dá quadros extraídos das obras musicais... A idéia é interessante. Não quero discutir o valor, como pintura, de cada quadro. Só porque artes se confundem, os críticos não devem entrar em conflito de jurisdição. Portanto, como Hob é pintor, depois de apreciadas suas concepções sôbre a música, entrego-o à análise do crítico de arte da REVISTA DA SEMANA. Qualquer que seja o julgamento, porém, subsistirá o interêsse despertado pela tentativa de "pintar música" que levará os amantes da música, como da pintura, à Galeria Askanasy. E, tanto músicos como pintores, preencherão, de acôrdo com a sua sensibilidade, o original "test" que consta dos cartões distribuídos aos que visitam a exposição: um convite para que cada um diga se acha que o título musical corresponde, realmente, à realização plástica. Não seria mais interessante fornecer, simplesmente, uma lista de títulos sem dar os quadros a que correspondem, pedindo aos visitantes a indicação da tela que dá a "impressão" sugerida pelos nomes? Então, talvez a confusão fizesse com que muitos vissem "Abertura sinfônica" no quadro "Beethoven" e "Mozart" em "Chopin"... Porque, afinal de contas, é impossível discutir com quem se guia exclusivamente pela sensibilidade, porque sempre resta, como último recurso, o argumento: eu "sinto" ou eu "vejo" isso assim. Temos a prova disso na desconcertante resposta de Corot a um aluno que, recebendo do mestre o conselho — "você só deve pintar o que vê" — indagava por que motivo, então, Corot pintava ninfas sob as árvores de um bosque. "Não vejo ninfas", reclamou o discípulo. "Mas eu vejo", retrucou Corot, acrescentando: "Eu vejo! E é quanto basta!".

BANCO DO COMÉRCIO, S. A.

Capital e Reservas ..... Cr$ 91.915.210,10

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875

MATRIZ — Rua do Ouvidor, 93-95 ★ Fone: 43-8966

AGÊNCIAS

DISTRITO FEDERAL
COPACABANA
Av. N. S. Copacabana, 1155
MEIER
Rua Vinte e Quatro de Maio, 1355
S. CRISTÓVÃO
Rua São Luiz Gonzaga, 45
TIJUCA
Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA
Rua Uruguaiana

E. DO RIO DE JANEIRO
NITERÓI
BARRETO (Niterói)
NOVA FRIBURGO

E. DE MINAS GERAIS
ELOY MENDES
ITAJUBÁ
PEDRALVA
POUSO ALEGRE
SILVIANÓPOLIS

E. DE S. PAULO
SÃO PAULO
ARAÇATUBA
FARTURA
GUARARAPES
PIRAJÚ
S. J. RIO PRETO

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio. Correspondentes nas principais praças do país. Seções especializadas para guarda de títulos e valores

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 - 1948

SEDE — RUA 1.º DE MARÇO N.º 66 —
RIO DE JANEIRO — (D. F.)

Taxas de Depósitos

Depósitos sem limite	2% a.a.
Depósitos populares	
Limite de Cr$ 10.000,00	4½% "
Depósitos limitados	
Limite de Cr$ 50.000,00	4% "
Limite de Cr$ 100.000,00	3% "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4% "
Por 12 meses	5% "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3½% "
Por 12 meses	4½% "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3½% "
60 dias	4% "
90 dias	4½% "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)
Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua Primeiro de Março, n.º 66, mais as seguintes: — **Bandeira**, Rua Mariz e Barros, 44; **Botafogo**, Rua Voluntários da Pátria, 449; **Campo Grande**, Rua Campo Grande, 100; **Copacabana** (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1.292; **Glória**, Rua do Catete, 238-A; **Madureira**, Rua Carvalho de Sousa, 299; **Meier**, Avenida Amaro Cavalcanti, 95; **Ramos**, Rua Leopoldina Rego, 78; **São Cristóvão**, Rua Figueira de Melo, 360 (esquina da Rua São Cristóvão); **Saúde**, Rua do Livramento, 63; **Tijuca**, Rua General Roca, 661, e **Tiradentes**, Rua Visconde do Rio Branco, 52.

LITERATURA DE NATAL

EÇA DE QUEIROZ

EÇA DE QUEIROZ, gênio das letras portuguêsas, no seu livro "Cartas de Inglaterra" publicou delicioso comentário intitulado "Literatura de Natal", comparando livros para crianças editados na Inglaterra, França e outros países europeus, com os que eram dados à estampa em Portugal e destinados à petizada na maior data da cristandade.

Mais de meio século rolou através do tempo, desde a crônica de Eça até aos nossos dias. Mas, infelizmente, apesar de muito lido e admirado o imortal escritor português em tôdas as camadas brasileiras, até hoje nenhuma de nossas casas editoras teve a iniciativa de lançar a público livros de Natal para crianças, nos moldes das produções a que se refere o grande Eça.

Nossa literatura evolucionou. Saímos do gongorismo, do lirismo arcádico e dos languorosos serões de nossos avós. Mas, por mais estranho que pareça, nos cursos primários e secundários continuamos a repetir processos de educação intelectual muito próximos daqueles velhos tempos de retórica, de lógica, de latim e bolorentas citações clássicas. Contra êsse ranço que já Eça de Queiroz se erguia audazmente, é que devem nossos escritores e nossas editoras reagir, não com o fito de desmantelar ou comprometer os programas pedagógicos, mas para arejarmos o espírito juvenil com leituras agradáveis e construtivas, pelo menos nas épocas de Natal.

Possuímos escritores da estirpe dêsse imortal Monteiro Lobato, imaginoso como um Aquarone e tantos outros, lamentàvelmente perdidos por êsses recantos do Brasil, com o auxílio dos quais poderíamos criar uma literatura de Natal emancipada e pujante, sem as maçudas e sonolentas ficções de sofrimentos da pobreza sob a neve, com a lareira apagada. Isso não é literatura de Natal para o Brasil. E' preciso começar. E' preciso reagir. Oferecendo nêste número a magistral crônica de Eça de Queiroz, chamamos a atenção de todos os brasileiros de boa vontade, especialmente editores e escritores, para que se institua em nosso país uma Literatura de Natal, eficiente e educativa abrangendo as três etapas da vida infanto-juvenil, da pre-escolar à secundária, não nos limitando apenas a reeditar livros que poderão sair em qualquer outra época do ano, sem nenhuma especialização dedicada à infância e à juventude na grande data do mundo cristão. Que agora o leitor se delicie com essa página saborosa e imortal do famoso beletrista lusitano e medite na justeza de seus conceitos que ainda são aplicáveis aos tempos que correm, pelos menos no que toca ao Brasil:

Uma das coisas encantadoras que nos traz o Natal, são êsses lindos livros para crianças, que constituem a **literatura do Natal.**

Não falo dêsses extraordinários volumes dourados, publicados pelos editores francêses, em encadernações decorativas como fachadas de catedrais, que custam uma fortuna, contêm um texto que nunca ninguém lê, e são oferecidos às crianças, mas realmente servem para obsequiar os papás. Os pobres pequenos nada gozam com êsses monumentos tipográficos; apenas se lhes permite ver de longe as gravuras a aço, sob a fiscalização da mamã, que tem medo que se deteriore a encadernação; e o resplandescente volume orna daí por diante a jardineira da sala, ao lado do candieiro vistoso.

Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus clássicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e gênios — em nada inferior à nossa literatura de homens sisudos. Aqui, apenas o bebê começa a soletrar, possui logo os seus livros especiais: são obras adoráveis, que não contêm mais de dez ou doze páginas, intercaladas de estampas, impressas em tipo enorme, e de um raro gôsto de edição. Ordinàriamente o assunto é uma história, em seis ou sete frases, e decerto menos complicada e dramática que "O Conde de Monte Cristo" ou "Naná"; mas enfim tem os seus personagens, o seu enredo, a sua moral, a sua catástrofe.

Tal é, para dar um exemplo, a lamentável tragédia dos "Três Velhos Sábios de Chester": eram muito velhos e muito sábios; e para discutirem coisas da sua sabedoria, meteram-se dentro de uma barrica, mas um pastor que vinha a correr atrás de uma ovelha, deu um encontrão ao tonel e ficaram de pernas ao ar os três velhos sábios de Chester!

Como estas há milhares: a "Cavalgada de João Gilpin" é uma obra de gênio.

Depois, quando o bebê chega aos seus oito ou nove anos, proporciona-se-lhe outra literatura. Os sábios, a barrica, os trambulhões, já não o interessam; vêm então as histórias de viagens, de caçadas, de naufrágios, de destinos fortes, a salutar crônica do triunfo do esfôrço humano sôbre a resistência da natureza.

Tudo isto é contado numa linguagem simples, pura, clara — e provando sempre que na vida o êxito pertence àqueles que têm energia, disciplina, sangue frio e bondade. Raras vêzes se leva o espírito da criança para o país do maravilhoso: — não há nessas literaturas nem fantasmas, nem milagres, nem cavernas com dragões de escamas de ouro; isto reserva-se para a gente grande. E quando se fala de fadas ou de anjos é de modo que a criança, naturalmente, venha a rir-se dêsse lindo sobrenatural, e a considerá-lo do gênero **bonecos** com os seus próprios carneirinhos de algodão.

O que se faz às vêzes é animar de uma vida fictícia os companheiros inanimados da infância: as bonecas, os polichinelos, os soldados de chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existência de uma boneca honesta e infeliz: ou os sofrimentos por que passou em campanha, numa guerra longínqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta literatura é profunda As privações de soldados vivos não interessariam talvez à criança — mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos e misérias atravessaram aqueles seus amigos, os guerreiros de chumbo, cujas baionetas torcidas ela todos os dias endireita com os dedos: e assim pode ficar depositado num espírito de criança um justo horror da guerra.

As lições morais, que se dão dêste modo, são inumeráveis, e tanto mais fecundas quando saem da ação e da existência dos sêres que ela melhor conhece — os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze anos: popularização da ciência; descrições dramáticas do universo; estudos cativantes do mundo das plantas, do mar, das aves; viagens e descobertas; a história; e, enfim, em livros de imaginação, a vida social apresentada de modo que nem numa realidade muito crua ponha no espírito terno securas de misantropia, nem uma falsa idealização produza uma sentimentalidade mórbida.

E' no Natal, principalmente, que esta literatura floresce. As lojas dos livreiros são então um paraíso. Não há nada mais pitoresco, mais original, mais decorativo que as encadernações inglêsas; e as estampas, as côres leves e aguadas, oferecem quase sempre verdadeiras obras d'arte, de graça e de humor.

Não sei se no Brasil existe isto. Em Portugal nem em tal jamais se ouviu falar. Aparece uma ou outra dessas edições de luxo, de Paris, de que falei, e que constituem

ornatos de sala. A França possui também uma literatura infantil tão rica e útil como a Inglaterra; mas essa, Portugal não a importa; livros para completar a mobília, sim; para educar o espírito, não.

A Bélgica, a Holanda, a Alemanha prodigalizam êstes livros para crianças; na Dinamarca, na Suécia, êles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado. Em Portugal, nada.

Eu às vêzes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal têm as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elysio, Garção, ou outro qualquer dêsses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura.

Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguêsa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portuguêses, só começamos a ser idiotas — quando chegamos à idade da razão. Em pequenos, temos todos uma pontinha de gênio: e estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para só citar países pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideràvelmente entre nós o nível intelectual.

Em lugar disso, apenas a luz do entendimento se abre aos nossos filhos, sepultamo-la sob grossas camadas de latim! Depois do latim acumulamos a retórica! Depois da retórica atulhamo-la de lógica (de lógica, Deus piedoso!). E assim vamos erguendo até aos céus o monumento da camelice.

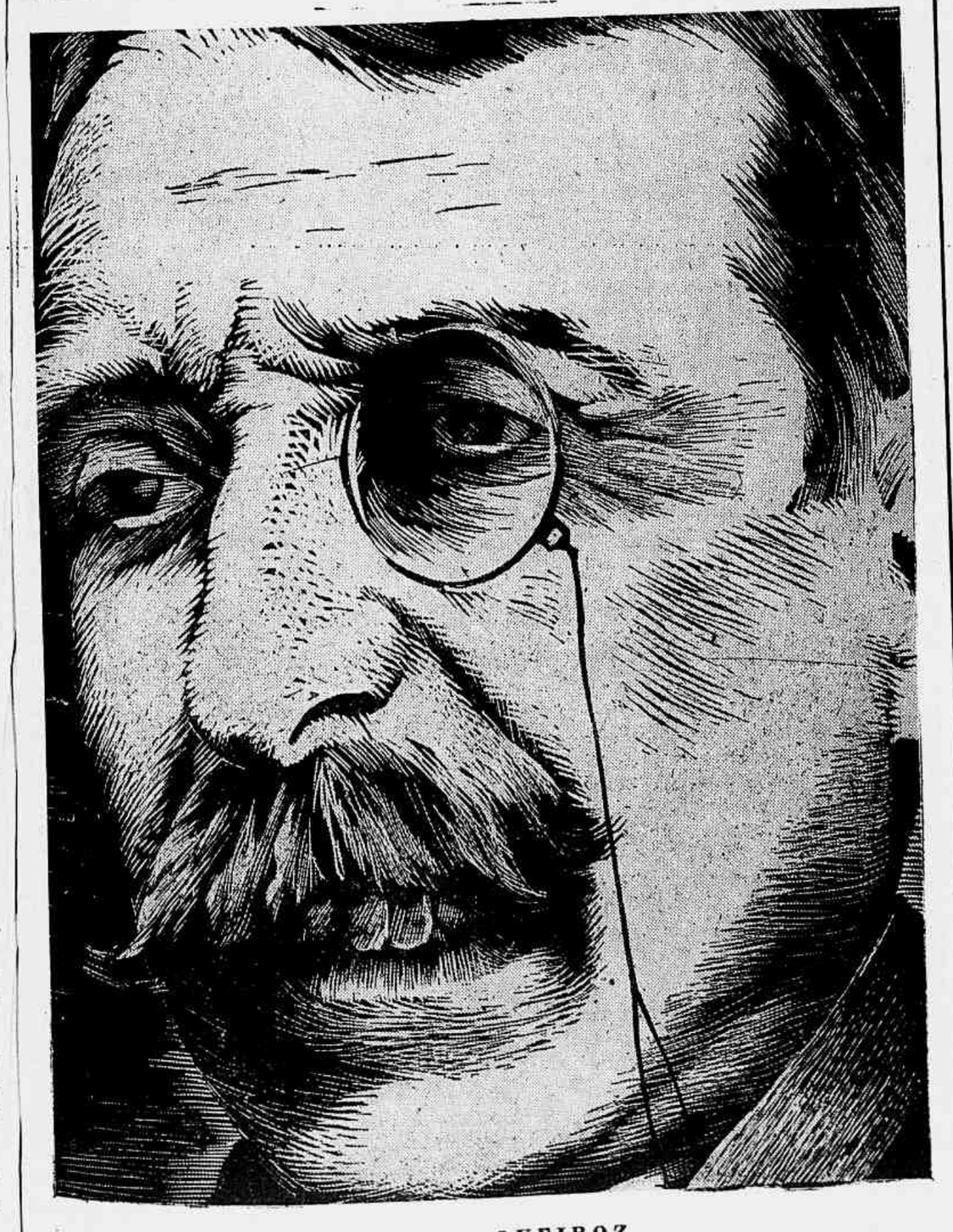
Pois bem: eu tenho a certeza de que uma tal literatura infantil penetraria fàcilmente nos nossos costumes domésticos e teria uma venda proveitosa. Muitas senhoras inteligentes e pobres, se poderiam empregar em escrever essas fáceis histórias: não é necessário o gênio de Zola ou de Tackeray para inventar o caso dos "três velhos sábios de Chester". Há entre nós artistas de lapis fácil e engraçado, que comentariam bem essas aventuras num desenho de simples contôrno, sem sombras e sem relêvo, lavado a côres transparentes... E quantos milhares de crianças se fariam felizes, com êsses bonitos livros — que, para serem populares e se poderem despedaçar sem prejuízo, devem custar menos de um tostão!

Eu bem sei que esta idéia de compôr livros para crianças faria rir Lisboa inteira. Também, não é a Lisboa que eu a ofereço. Lisboa não se ocupa dêstes detalhes.

Lisboa quer coisa superior, quer a bela estrofe lírica, o rico drama em que se morre de paixão ao luar, o **fadinho** ao piano, o saboroso namorado de escada, a endecha plangente, a boa facadinha à meia-noite, o discurso em que se cita o Gólgota, a andaluza de cuia, — enfim, tudo o que o romantismo português inventou de mais nobre. Educar os seus filhos inteligentemente, está decerto abaixo da sua dignidade.

Mas, enfim, se estas linhas animassem aí no Brasil, ou entre a colônia portuguêsa, um escritor, um desenhista e um editor, a prepararem alguns bons livros, bem engraçados, bem alegre, para os bebés — eu teria feito ao império um serviço colossal, que não sei como me poderia ser recompensado.

Uma boa fazenda, de rendimento certo, numa província rica, com casa mobiliada e alguns cavalos na cavalariça, não seria talvez de mais. Se a gratidão do govêrno imperial quisesse juntar a isto, para alfinetes, um ou dois milhões em ouro, eu não os recusaria. E se me não quisessem dar nada, bastar-me-ia então que um só bebé se risse e fôsse alguns minutos feliz. Pensando bem: é esta a recompensa que prefiro".



EÇA DE QUEIROZ

Não seja do "Contra"! Faça o regime E N O — "Sal de Fructa" E N O, laxante e anti-ácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de tôda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

CASA DE SAÚDE DR. BENAION

OPERAÇÕES E PARTOS

A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA

Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e confôrto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem

SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS

Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

A CUBA, AMADA E ODIADA DOS DEUSES

Quando Colón descobriu esta ilha a 28 de outubro de 1492, chamou-a "Juana", mas alguns anos depois Velasquez mudou êste nome em "Fernandina", até que afinal de contas a chamaram "Cuba". Parece que êste nome provém da palavra "Cubagua", o que quer dizer: "lugar onde se acha ouro". Por ter encontrado ouro na ilha, creram que a Cuba era rica em ouro, mas depois resultou que êste metal só se encontrava em pequenas quantidades. Mas antes de ser descoberta por Colón, a Cuba já tinha nome. Os índios chamaram-na então: "a ilha mais amada e mais odiada dos deuses".

Amada: disto dá testemunho claro a fertilidade que faz da ilha um dos países mais abundantes em açucar do mundo, ainda que só tem uma superfície de uns 114.000 quilômetros quadrados. Ceifam-se duas vêzes por ano. Com o açúcar devemos mencionar o tabaco. Os que entendem de charutos sempre preferirão os de Habana. Além disso a Cuba produz café, cacau, ananás, algodão, côco, arroz banana, minerais e petróleo.

Odiada: isto resulta do fato de que êste território, mais que a maioria dos demais países sofre de transtornos atmosféricos como terremotos, trovoadas e furacões; muitas vêzes o ar está carregado de eletricidade. Há de juntar a isso, que o litoral era conhecido por ser um foco de infecção da malária. Graças à drenagem dalguns pântanos, mas sobretudo pela introdução dum consumo geral de quinina na Cuba, esta ilha tem perdido algo da sua má reputação. As autoridades fazem quanto puderem para se cumprirem as prescrições da Comissão muito competente de Malária da antiga Liga das Nações. Esta comissão recomenda a título de profilaxia uma dose diária de 400 mgr. durante todo o tempo que dura a doença e alguns dias depois; para o tratamento, prescreve: a aplicação duma dose diária de 1-1,3 gramas de quinina durante 5-7 dias.

Lá — o mesmo que em tôdas as partes — a malária não continua a ser nenhuma catástrofe inevitável. Contra furacões e terremotos, porém, não se se tem encontrado remédios ainda, de maneira que êstes são ainda o incoveniente desta ilha tão formosa com os seus recifes coralinos, palmares românticos e... charutos excelentes!

RIO ELEGANTE
ALFAIATARIA
SOUZA & CHAPETA LTDA.
EXÍMIO CONTRA-MESTRE H. W. CHAPETA
Corte Londrino
AVENIDA RIO BRANCO, 111-2.º ANDAR — SALA 202 — TEL.: 43-3234

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
TACOS DE 1ª QUALIDADE COLOCAÇÃO ESMERADA
ALBINO MESQUITA & CIA.
Rua D. Manoel, 22 e 26 -- Tel.: 42-1427 — Rio de Janeiro

COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO
Tango Swing Rumba Fox-Trot Valsa Samba Conga Marcha Bolero
Ampliada, com os últimos passos de Bolero, "Swing" e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando a senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio, sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, professor do Clube Militar da Fôça Pública de São Paulo
PREÇO: CR$ 35,00
Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor:
CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

Solda elétrica e a oxigênio - Sistema americano
★
Reparos em caldeiras marítimas e terrestres
★
Montagens e instalações em terra e a bordo
OFICINA MECÂNICA
Reparos Gerais em Navios a Vapor e a Motor
SERAPHIM DOS SANTOS
Rua Pedro Alves, 19 — RIO
Tel.: 43-1729

A VIDA DE FLAUBERT

(Continuação da pág. 18)

parar na morte. A história de Ema Bovary é um retrato realista de uma alma romântica. Ema é filha de um fazendeiro, homem bom, alegre, sensual, excessivamente vaidoso e sem religião. Desde a infância ela fôra criada para viver além dos seus horizontes. "Os frutos do quintal do vizinho são sempre mais saborosos — em imaginação — que os frutos do vosso pomar". Educada num convento, ficou saturada do sutil sainete erótico das lendas pias que tinha licença de ler aos domingos, a título de distração. Voltando do convento para a fazenda, encontra-se outra vez no meio do seu desagradável ambiente e dos seus sonhos românticos. Está ansiosa por deixar os sons, a vista e os cheiros dos estábulos e dos campos, mudar, em suma, de ambiente. Almeja encontrar alguém que lhe possibilite essa mudança. Aparece um jovem: Charles Bovary. Não é nem bom nem mau, nem inteligente nem estúpido. Um simples joão-ninguém, um homem desinteressante. Mas para Ema êle é o Príncipe Encantado, que a salvará do tédio. Casa-se com êle.

Mas, realizado o casamento, ela volta aos seus inquietos sonhos. E' que Bovary não significava para Ema o que Ema sonhava.

E agora surge outro homem — assim o julga Ema — para salvá-la. Léon. Jovem, elegante, romântico. Um rápido instante de êxtase, um breve olhar ao céu além do horizonte, e êle a abandona.

Outra vez a realidade: mais pesada, mais tediosa, mais opressiva que nunca. Os dias se arrastam penosamente. Seus sonhos são agora oprimidos pelo monotonia do tédio.

E então surge o novo amante e Ema se lança em seus braços num abandono completo. "Ela estava penetrando numa região maravilhosa onde tudo seria paixão, êxtase, delírio. Cercava-a uma imensidão de espaço azul; os cumes do romance corruscavam em seus pensamentos e a existência comum parecia muito longe, muito abaixo, nas sombras entre os picos".

Um novo sonho, com seu novo amante (Rodolphe). Viajam juntos, na imaginação, para terras distantes: para a Espanha com seus pandeiros, a Itália com seus céus de anil, ao Oriente com seus minaretes e bazares.

Mas também êste sonho logo termina. Uma discussão com Rodolphe torna a mergulhar Ema numa realidade que agora orça pelo desespêro. Seu mundo real é insuportável, seu mundo romântico está despedaçado e só lhe resta o esquecimento. Ela procura êste esquecimento num frenesi de excitação sensual. Encontra novamente Léon e atira-se-lhe nos braços, desta vez, entretanto, não como amante mas como cortesã. Seu sonho agora já não é escapar da realidade mas de si mesma.

E assim cai de degradação em degradação — de Léon para um tenor de ópera, dêste para um escrevente de cartório. Até seus sonhos cessaram. Sua vida tornou-se uma fuga confusa, desesperada, dominada pelo pânico.

Depois, a escolha final entre a sarjeta e o túmulo. Ema escolhe o túmulo, pois a sarjeta seria mais uma volta à realidade. Mas a morte é aquela viagem temerosa e promissora para além do horizonte, a última grande excursão para a terra do romance.

Ema Bovary permanece romântica até o fim.

IV

Quando Flaubert publicou **Madame Bovary**, os críticos condenaram-no como um leproso moral. O govêrno francês mandou prendê-lo sob a acusação de "impingir ao público literatura pornográfica". Após um tumultuoso processo foi absolvido, mas não deixou de receber uma contundente admoestação verbal do juiz presidente do julgamento. "Somente o público francês conseguiu convencer tanto aos críticos como ao govêrno, que **Madame Bovary** era um transunto sincero da vida e que, em sua fidelidade à verdade, não era mais imoral do que a descrição sincera de uma avalanche.

E Flaubert, indiferente tanto à borrasca de vitupérios como à tempestade de aplausos, deixou-se ficar no abrigo do lar como um monge e, alternadamente, zombou do mundo e o divertiu, levando-o a modificar sua mentalidade. "Sou um satírico, não há dúvida, porém a sátira é o sal que torna a humanidade capaz de suportar a monotonia da vida".

O maior solitário da Europa era como lhe chamavam os amigos. Passava a maior parte do ano em Groisset, só indo a Paris de vez em quando para conversar com George Sand ou jantar com Victor Hugo e com alguns espíritos afins do seu. Sua figura era descomunal; êle tinha uns bigodes de pirata e uns olhos de criança. Conquanto gostasse de uma vez ou outra entrar em contacto com seus semelhantes, gostava ainda mais de ficar em paz. Vivia numa casa comprida e baixa, no Sena, com cinco janelas em seu gabinete de trabalho, no segundo andar. "Para qualquer lado que eu olhe, vejo o céu universal".

Era uma casa velha e sólida, habitada por um homem velho e sólido com hábitos solidamente firmados. Levantava-se regularmente às 10 horas, lia a correspondência e os jornais, fazia uma refeição ligeira às 11, dava um passeio pela margem do rio, voltava às 12,30 e punha-se a trabalhar até as 7 da noite. Então jantava, dava um rápido giro pelo jardim e voltava à sua escrivaninha, para "outro turno de trabalho" que se prolongava até horas mortas da noite.

Vivia quase exclusivamente metido com seus livros. "Um velho misantropo desabrido, diziam os vizinhos. Mas êles não sabiam que aquêle 'homem que odiava sua espécie" sacrificara a maior parte de sua fortuna em benefício de alguns parentes afastados mais necessitados do que êle.

E assim viveu solitário, praticando a caridade sem esperar agradecimentos, escrevendo romances sem aspirar à fama. "Em última análise, um homem vive em suas idéias. Nelas encontra seu único entretenimento e delas recebe sua única recompensa".

E foi em meio a suas idéias (estava trabalhando em seu romance **Bouvard et Pécuchet**) que a morte o tomou pela mão e o levou para novos cenários de maiores obras.

OBRAS IMPORTANTES DE FLAUBERT — Madame Bovary, Salambô, A educação sentimental, A tentação de Santo Antão, Bouvard e Pécuchet.

(Do livro "Vidas de grandes romancistas.)

O ALEIJADINHO DA RUA SETE

(Continuação da página 23)

seu doutor! Hoje dá o gato, seu doutor... E' certo! — De repente, calava-se, cheio de vergonha, com o coração apertado, outro nó aflitivo na garganta. Ficava sem saber... Continuar a esguelar-se, para que? Mas, também, ir entregar as cautelas ao patrão... Além do mais, levava uma descompostura — que o tal patrão sempre tinha um gênio... E ficava desacreditado. Ora, adeus! Quem sabe? Então, não havia um Deus no céu? A essa idéia providencial, enchia-se de coragem, recomeçava, mais alto, repetindo pilhérias profissionais ouvidas a outros — e que êle nunca usara. Enrouquecia, esfalfava-se. De sacrifício em sacrifício, dirigia chalaças às senhoras, aos casais que passavam. Chegou a implorar: "que era para a sua consoada"; quase empregava a terrível palavra "esmola"... E nem assim!

Nisto, armou-se na rua uma balbúrdia infernal. O ar encheu-se de brados de espanto, de terror. A multidão debandava em frenético atropêlo, esmagando-se contra as paredes, enfiando de roldão pelos armazens. Dir-se-ia que toda aquela gente, dum momento para outro, sem mais nem menos, enlouquecera. O aleijado alteou, tanto quanto possível, o busto, numa aflição, tentando firmar-se nas pernas cambas, para espreitar, adivinhar... Mas, no grande claro aberto à sua frente, viu logo o espetáculo pavoroso. Um automóvel que derrapara rodopiava, sem freio, sôbre o asfalto encharcado. Recuou furiosamente contra um poste, rebentando a carrosserie, com grande estrépito de cavacos, vidros pelo ar. O chauffeur retesava inutilmente os braços, no esfôrço de

domar o monstro alucinado. Lourenço ia prudentemente recolher-se... Mas noutra guinada diabólica — e tudo isso enquanto o diabo esfrega um ôlho — o automóvel varou a rua, já galgava a calçada, ameaçando-o deste vez, a êle! Então, o aleijado, num pincho macabro, semelhante ao de um sapo que tentasse desastradamente dar o salto mortal, atirou-se, a toda a fôrça, para trás. Foi se estatelar ao fundo da escada; sentiu na cabeça uma pancada tremenda. Depois, durante um momento — ou uma eternidade — não sentiu mais nada.

Quando voltou a si, começou por avistar, vagamente, confusamente, uma porção de cabeças que sôbre êle se debruçavam, interrogando-o, mais curiosa que comovidamente. Faltava-lhe o ar. Fez um gesto ansioso — que se afastassem, o deixassem respirar. Gradualmente, ia dando conta do que acontecera. "O automóvel, hein?". Apalpava-se, reconhecia-se. Estava vivo, hein? Graças a Deus! Era o principal... Veio-lhe uma sensação ditosa, muito doce, nunca experimentada. Proferia palavras de agradecimento, sorria, explicava àquela boa gente "que não, felizmente, não fôra nada...". Mas, subitamente, lembraram-lhe os bilhetes. Esbugalhou os olhos, agitou os braços, nervosamente, reclamando mais espaço, para se mover, procurar. Já de quatro, girava para um lado e outro, davas voltas de tonto, espreitando, farejando. Alguns curiosos recuavam, curvavam-se para o chão, pesquisando também...

— Quantos eram, quantos? — perguntavam.

— Três! — gemia o pobre Lourenço. — Um inteiro, outro em meios, outro em gasparinhos... Ora, a minha vida!

Um guarda-civil, que acudira, empurrou para fora os últimos renitentes. Êle próprio examinou o chão enlameado. Os bilhetes tinham desaparecido!

Nesse instante e pela primeira vez na vida, Lourenço desanimou. Realmente, era o que lhe faltava! Não, semelhante coisa só a êle podia acontecer! Assim Lourenço, sempre protegido da sorte ou, pelo menos, satisfeito com ela, se considerava — como qualquer outro, à mercê de qualquer contratempo — vítima duma fatalidade especial, nunca vista, única... Pela primeira vez também, desde que começara a entender-se, sentia vontade de praguejar. Mas dominou-se, refletiu. Bom, agora, que mais? Não lhe restava senão ir à loja, contar ao patrão a medonha, calamitosa verdade. O patrão... Com aquêle mau gênio!...

Generosamente, o guarda-civil ofereceu-se para o acompanhar:

— Que diabo, deixe lá... O homem também não o há de comer! E se mostrar qualquer desconfiança... que diabo, cá estou eu, que sirvo de testemunha!

Foram. Lourenço choramingava... Mas o patrão, logo enfurecido, nem o quis ouvir:

— Sim, sim! Acabou-se, não tem dúvida. — E voltando-se para dentro, implacável: — Seu José, debite aí ao Lourenço três inteiros.

Arrimado ao balcão, vacilante sôbre as pernas moles, o aleijado teve um estremecimento de morte. Mal pôde gaguejar:

— Que me de... que me debite? Mas eu... eu não tive culpa...

— Adeus, viola! — interrompeu o cambista. — Então, quem teve culpa? Eu, talvez! Pensas que sou teu pai, não? Estava bem arranjado, se abrisse o precedente! Roubaram-te os bilhetes... Hom'essa! — E brutalíssimo: — Eu lá sei se t'os roubaram?!

O guarda que torcia o bigode, meio enfiado, quis intervir:

— Com licença...

Mas Lourenço, pálido de cêra, os olhos enormes, ferido no seu orgulho e todo êle transfigurado, estendeu o braço trêmulo, barrando-lhe o caminho:

— O patrão tem razão. Sim, eu devo pagar. E hei de pagar, se não morrer antes! Está debitado, não?

— Nem se pergunta! — retrucou o cambista, com um risinho perverso. — E ainda tens crédito. Se quiseres levar mais algum...

O aleijado refletiu um instante, decidiu:

— Não, senhor. Por hoje, chega.

Entretanto, ia aumentando, na febre dos últimos palpites, o movimento da loja. Sujeitos entravam de roldão, atropeladamente, e, sem mesmo fecharem os guarda-chuvas perguntavam se havia êste ou aquêle final. Dois caixeiros, molhando a cada momento o dedo na língua, folheavam os maços de bilhetes, enumeravam, separavam as dezenas reclamadas. Alguns clientes abalavam, descarregando a sua decepção em patadas estrondosas no assoalho. Outros compravam calmamente no bicho. Sôbre o balcão, à esquerda, tilintavam pratas, níqueis de trocos precipitados. Lourenço arrastou-se até um banco, junto à parede, empoleirou-se, ali ficou, imóvel... cismando dolorosamente; e um garoto que se abrigara à porta, com um maço de jornais debaixo do braço, as canelas nuas e respingadas de lama, olhava-o fixamente, dum modo que não traduzia compaixão, nem pasmo, nem simples curiosidade — um modo esquisito, indefinível...

Assim o tempo foi passando. O relógio da agência marcou o limite das vendas. Arrecadaram-se os últimos bilhetes. Os caixeiros fincaram os cotovelos no balcão, esperando; o patrão acendeu um charuto, que logo depois entrou a revirar, remorder entre os lábios, com mal disfarçada impaciência... Lourenço reparou casualmente no garoto, que desviou o olhar, baixando-o para o oleado que lhe envolvia as fôlhas encalhadas. E o tempo passava... Ia já chegando, metendo a cabeça pelas portas, uma freguesia miúda, a indagar do bicho. Uns prosseguiam, outros entravam. A loja enchia-se, os guarda-chuvas gotejavam, inundando todo o chão. Repique de telefone. Enfim! O patrão adaptou o receptor ao ouvido, respirou com alívio, anunciou serenamente o gato.

— O gato! — bradou Lourenço. — E, no seu alvorôço, quase rolou do banco abaixo.

— Que é? Que foi? — interrogaram à volta.

O aleijado, abrindo caminho por entre os joelhos dos presentes, suplicava:

— O número todo! O número!

Na mesma voz tranquila, o cambista, que mantinha o fone colado à orelha, disse o número. Lourenço trepou pelo balcão, desvairado, perdido:

— Era um dos meus bilhetes!... Que me foram debitados!... Que ficaram sendo meus!... Nossa Senhora!

Deu-se então um lance melodramático, inverossímil. O garoto da porta, arremessando-se, furando como uma bala o grupo embasbacado, bradou, entre soluços que o abalavam todo:

— Estão aqui! Fui eu! Perdão, aleijadinho! Estava com fome... Depois, arrependi-me e nem pude ver se os vendia. Não, não me prendam! Toma, aleijadinho, não me deixes prender...

Lourenço, sem saber se o havia de matar ou beijar-lhe as mãos, murmurou maquinalmente:

— Oh, moleque! Moleque desgraçado!

Desatou a soluçar também. O pequeno agachou-se, encolheu-se todo contra êle, refugiando-se nele, com os bilhetes na mão. Abraçaram-se...

E, quer os senhores acreditem, quer não, foi assim que o aleijadinho da rua Sete ganhou a charada do Natal.

As 2 grandes criações da fábrica CYMA

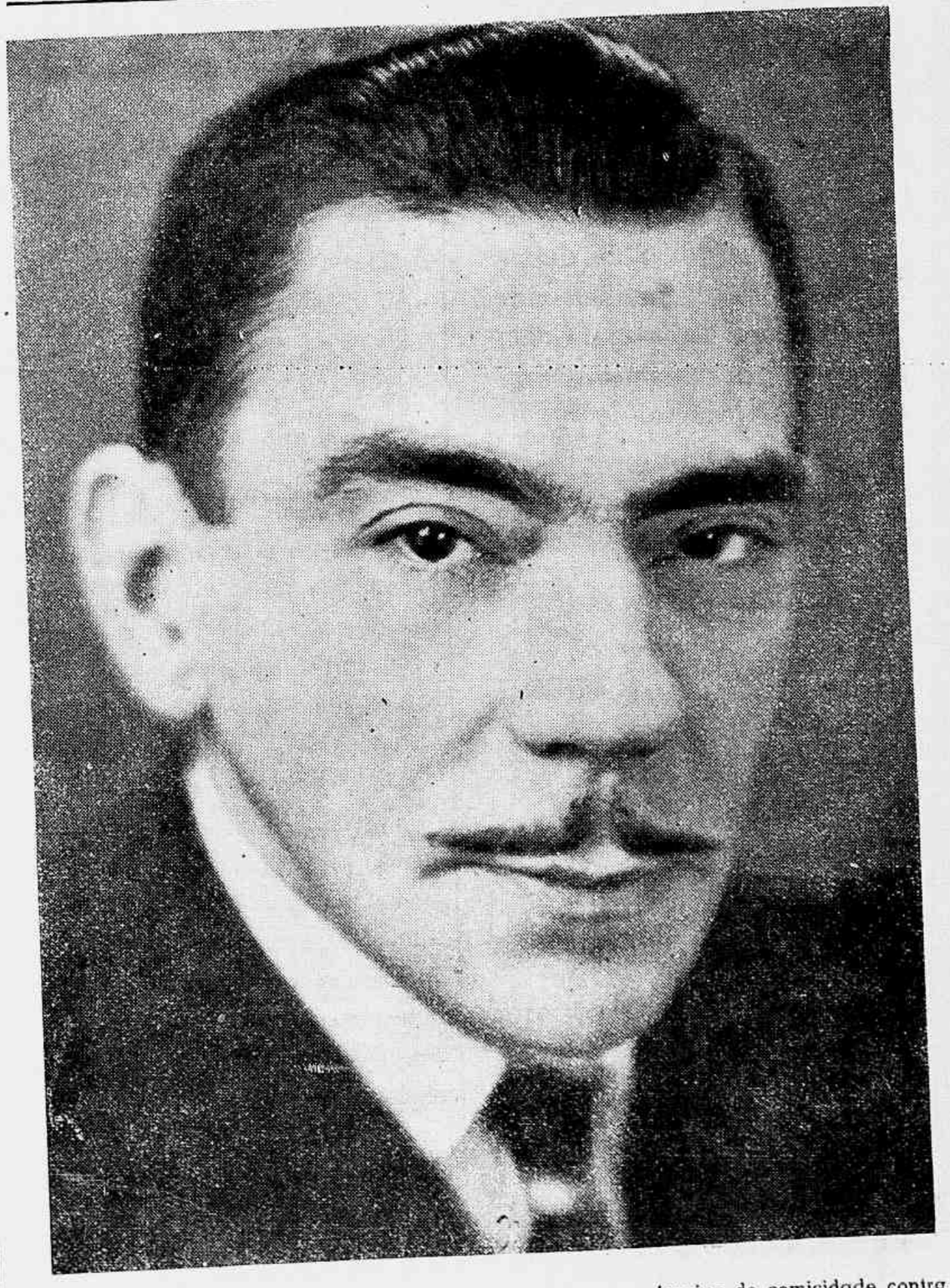
O modelo Automatic

O Relógio das 8 vantagens:

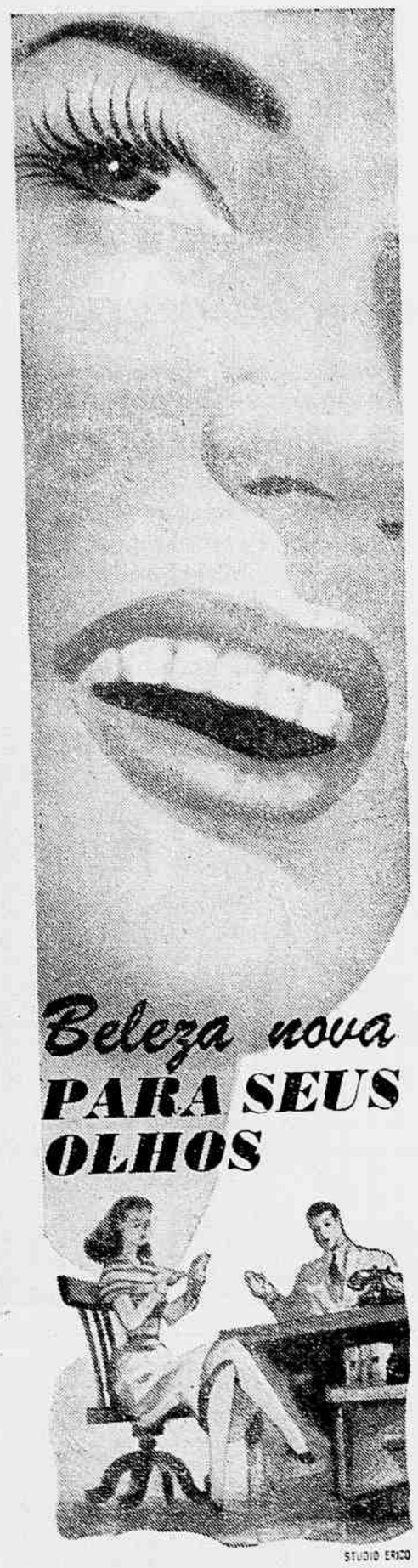
- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Para choques
- Antimagnético
- Vidro inquebrável
- Preciso
- Elegante

e o despertador CYMA

que com uma corda só faz andar a máquina e a campainha



No Serrador Procópio continua o seu enorme sucesso, numa ofensiva de comicidade contra a tristeza nacional. Assistir Procópio é adquirir reservas de alegria contra todos os males



A beleza dos olhos define a vitória da mulher onde quer que ela esteja! Cilion embeleza os olhos escurecendo e recurvando os cílios e impedindo a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE. rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION

embeleza e protege os olhos

Publicidade para a "Revista da Semana"

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

Rua Brigadeiro Tobias, 613
2.º And. Sala 217
Fone: 8-6718

PELAS estradas do CEU

Por ANDRÉ MAX

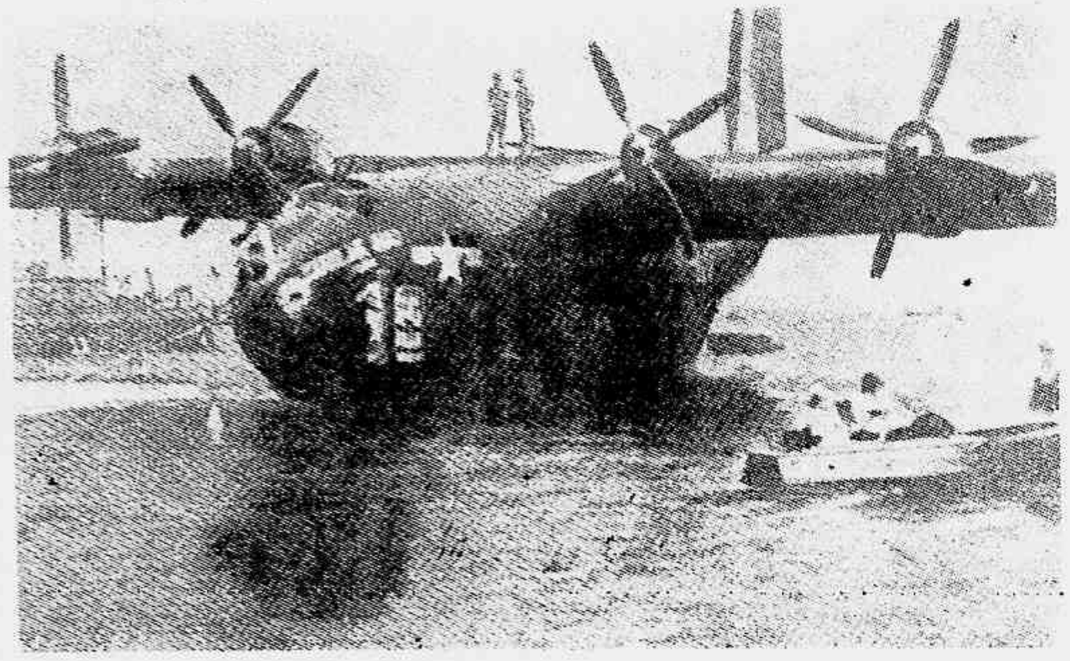
ACABA de ser anunciado pela Fôrça Aérea dos Estados Unidos um conjunto propulsor de avião que desenvolve mais de 4.000 HP por hélice, do mesmo modo que várias centenas de libras de impulso a jacto.

Conhecido como o "Wasp Major-VDT", o novo conjunto propulsor de êmbolo e jacto consta de um motor "Pratt and Whitney Wasp Major" e de um turbocompressor General Electric de descarga variável.

Além de aumentar a fôrça do Wasp Major de 3.500 HP, já o mais poderoso motor de tipo de êmbolo do mundo, o VDT tem características de funcionamento que o tornam um dos mais notáveis conjuntos propulsores inventados nos últimos tempos. O seu consumo de combustível é baixo, tanto em cruzeiro como nas decolagens.

O conjunto propulsor VDT é de acentuada importância para os aviões pesados e de longo alcance. Habilita-os a ir mais longe e a voar mais rapidamente e a maior altura. Os aviões podem decolar com maior pêso de carga, combustível ou bombas e subir mais rapidamente. Os bombardeiros propulsionados pelo VDT podem chegar à área do alvo e dele afastar-se a grande velocidade e aproximadamente na altitude de oito milhas.

O primeiro emprêgo do conjunto propulsor VDT será no "Boeing" E-54 da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, mencionado em comunicados anteriores como o B-500.



Grande avião norte-americano pertencente à frota de guerra dos Estados Unidos a beneficiar-se com o novo sistema

A excelência do novo conjunto propulsor está primacialmente no emprêgo efetivo da fôrça dos gases de escape do motor, até o presente largamente desperdiçados, bem como no resfriamento do ar de combustão superalimentado.

O turbocompressor CHM-2 General Electric utiliza os gases de escape quentes do motor de dois modos. O turbocompressor primeiro emprega a fôrça para superalimentar todo o ar de combustão exigido pelo motor. Em seguida descarrega os gases para trás através de um orifício, cujo tamanho varia, para conseguir melhor divisão da fôrça de descarga entre a superalimentação e o impulso a jacto. Assim, a energia do combustível é utilizada, tanto para fornecer fôrça diretamente ao eixo da hélice, como para superalimentar o ar de combustão ou produzir o impulso de jacto.

Além do uso da turbina de descarga variável e do radiador posterior, que o caracteriza, o Wasp Major VDT é também único a outros respeitos. O regulador convencional é utilizado apenas em operação de baixa potência. A fôrça e velocidade do motor são, em sua maior parte, reguladas automaticamente pelos contrôles que aumentam ou restringem a área do tubo de descarga. Isto determina a quantidade da energia de escape extraída pela turbina para superalimentação. A quantidade do ar superalimentado fornecido ao motor, por sua vez, fixa o rendimento de fôrça do Wasp Major. A eliminação de estrangulamento na admissão do ar reduz as perdas na entrada do ar de combustão.

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quéda dos Cabellos

JUVENTUDE

ALEXANDRE

A ESQUINA DA SORTE

VENDERÁ OS BILHETES PREMIADOS DE NATAL E ANO NOVO

Natal — CrS 15.000.000,00 em cinco prêmios

Ano Novo — CrS 3.000.000,00

E lembre-se: E' mais fácil um burro voar, do que a "Esquina da Sorte" falhar

RUA OUVIDOR com 1.º DE MARÇO

PASTAS -- BOLSAS

FÁBRICA

CONCERTOS EM GERAL

Praça da República, 46, 2.º andar — Rio

BIBLIOTECA "DIVERTINSTRUI", UM NOVO ATRATIVO PARA CRIANÇAS

Foi lançada uma nova coleção em momento oportuno.

Trata-se da "Biblioteca Divertinstrui", sob a direção do escritor e jornalista Alvarus de Oliveira.

As suas primeiras obras são: — "Bichinhada", de Leônidas Bastos; "Horas de Leitura", de João Guimarães e "Eu Vou Contar Uma História" e "Pequena História de Uma Grande Vida", obras de Alvarus de Oliveira.

Deve-se destacar pela oportunidade da publicação o livro "Pequena História de Uma Grande Vida", que constitui biografia de Rui Barbosa, para crianças e será o primeiro livro a aparecer, no limiar de 1949 em comemoração ao centenário de nascimento do grande brasileiro.

Pianos e Músicas

(Continuação da pág. 72)

Minha esperança, criança,
Vaga ilusão de um poeta!
.....
Sentir de perto o aroma
Dêsses teus pretos novelos;
Ir nas moitas pernoitar
Nas moitas de teus cabelos.

Piano!... Presente de aniversário a uma filha que faz seus 15 anos.

— Candinha vai ficar radiante! Gostará mais de que de uma jóia.

E o piano chegava de surprêsa, ao canto dos carregadores. Que alegria!

— Mamãe, você é tão boa! E papai adivinha meu desejo!...

À noite abre-se a sala de visitas. Enche-se de parentes e de amiguinhas. Toca-se e dança-se a noite inteira ao som do piano. A Quadrilha dos Rapazes: cada parte tem um nome masculino: Juquinha, Totônio, Chiquinho, Janjão, Zezinho... E um deles, às vêzes, coincidia com o do primo mais querido da aniversariante. Tempo em que os primos valiam duplamente porque no recato severo dos lares fossem os contactos mais tolerados entre moços de sexos diferentes. A valsa "Fingida", o **schotisch** "Sonhos de Noiva", o **pas de quatre** "Mancheia de rosas"... E quem não se recorda, no alvorecer do século, de "Alice", de "Olhos divinos", de "Antes nunca te amasse", de "Valde de la Montagne"... Mesclavam-se às danças as cançonetas: "Menina sem arame não me ame", "Pela janela".

Perto do céu com os passarinhos
Habito um quarto alegremente
Pela manhã, com mil carinhos,
Vem dar-me o sol um beijo ardente.
Vejo dois olhos frente a mim
Que brilham mais do que uma estrêla
O paraiso eu vejo assim
Pela janela.

Havia a "Noivo em cócegas", a "Tudo o que eu quero mamãe não deixa" (o "abiolado" de hoje), ou a "Fui com a família para a revista"... Todo êsse repertório dos serões antigos, sem prejuízo, é óbvio, das canções em francês e das árias em italiano de óperas em favor no palco do Santa Isabel.

Os pianos, longe ainda dos discos e do rádio, eram tudo numa festa programada ou mesmo de improviso. Costumava-se ir às tardes de domingos ou às noites de qualquer dia, a certos solares recifentes onde as "meninas" da casa com seus manos e visitas "que sabiam tocar ou cantar", realizavam "concertos" ao sabor das predileções e dos pedidos. Havia as associações especializadas em reuniões de música fina, como a "Euterpe" de d. Teresa Diniz, matrona de nome feito na arte musical, com sua côrte de filhos também devotos de Orfeu, um deles a Lisá Diniz, que em menina já merecia de Artur Napoleão um alto elogio. Lisá era maravilhosa no teclado. Carlos e Gastão Diniz não menos se ressaltavam nas suas interpretações. E em tôrno de d. Teresa Diniz uma plêiade esplêndida de jovens de ambos os sexos da alta sociedade numa sincera devoção da Música.

A Sociedade Musical Euterpe numa dessas noites preparara êste programa:

Rossini — Ouverture da Semiramis — 4 mãos — Argentina e Emília Barbosa Viana.

Mezzacappo — Tristesse — romance para bandolim — Olegária Santiago.

Rossini — Barbeiro de Sevilha — cavatina — Elisabet Lundgren.

Marchat — Ciseaux legers — Solo de piano — Adelaide Caspar.

Terschak — Aux deux Alpen — solo de flauta — Rodolfo Arantes.

Brahms — Danses ns. 6 e 4 — trio flauta pianos — Carlos, Lisá e Teresa Diniz.

O órfão — poesia — Gastão Diniz.

2ª parte:

Lack — Invitation a la valse de Weber — 2 pianos — Teresa e Lisá Diniz.

Pinsuti — Tanti cosi — cançoneta — Melle. Maria dos Santos Correia.

Bellenghi — L'abandone — solo violino — Oscar Marinho.

Fierstinau — Rondeau brillant — 2 flautas — Rodolfo Arantes e Carlos Diniz.

Sérgio Sobreira, Raul Morais, Nuno Guedes, Artur Marques, Artur Cabral, Misael Domingues, Laiete Lemos, Alfredo Gama, José Ribas, eram os autores de fama, nessas duas primeiras décadas da centúria que vivemos. Nicolino Milano, entre nós demora por alguns anos, compõe, rege orquestras, dá concertos, ensina. E assiste a um de seus grandes triunfos: "A Capital Federal".

Tempos dos pianos... Que distante vão!... Quem mais os ouve por essas ruas afora da cidade que cresceu?!... Ter-se-ão aristocratizado os poucos que ainda existem, num desdém das músicas populares... apreciadas pelos alto-falantes e nem sempre dignas dêsse culto. Perderam aquela peculiaridade dos toques constantes quase de casa em casa, ora seguros, ora hesitantes, neste "A louca", num outro "Os sinos de Corneville", naquele mais distante "Meu boi não morreu" ou "A vassourinha"... se não a fantasia da "Sonâmbula".

Sem dúvida, muitos deles importunassem os ouvintes. Queixas não faltam entre os antigos. Há uns 70 anos alguém reclamava contra uma pianista da rua do Queimado que levava o dia inteiro a remoer a valsa "Teresa ou Adelaide". Era comum, então, dar-se a composições musicais nomes de mulheres. Outro inseria uns versinhos assim:

DÓ não tens de mim, menina,
Nesse piano a batucar.
Sempre essa escala assassina
Sempre êsse eterno amolar!

REmédio não há? Paciência!
Sôfre o meu destino atroz.
Quase toda esta existência
Nesta tortura feroz.

MIséria! Não me acostume
Busco ler, busco dormir.
No ouvido algodão arrumo
E o piano a me perseguir.

FAço a reflexão... fugindo
Para bem longe, a espairecer?
Talvez? Qual? O piano ouvindo
Sempre, isto é de enlouquecer.

Sol! Quando, rubro, despontas,
Lua de triste palor,
Vês que faz-me andar às tontas
Piano atormentador.

LÁ quando a morte algum dia
(que seja breve) vier
Findará esta agonia
Porém a morte não quer.

SInistra morte! Não queres
Matar-me por tua mão?
Essa tortura preferes
Qual não teve a inquisição.

E por voltas de 1914 ainda um ironista assim se expressava:

Êste piano quando toca
Meu Deus! Que coisa extraordinária!
Espanta até os mosquitos
Da Polícia Sanitária.

CIA. T. JANÉR
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 85-12.º
EDIF. "CITY"
Caixa Postal 960

S. PAULO
Rua Dr. Falcão Filho, 56-12.º
EDIF. "S. MATARAZZO"
Caixa Postal 3643

MARCA REG.

FILIAIS EM: — BELO HORIZONTE, RECIFE, CURITIBA E PORTO ALEGRE

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS

- Papel e celulose
- Máquinas gráficas
- Caldeiras a vapor
- Geradores de eletricidade
- Máquinas operatrizes
- Motores marítimos
- Aços finos suecos "Solors"
- Material cirúrgico "Stille"
- Captação de água
- Exportação
- Importação em geral

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS DA "NATIONAL PAPER & TYPE CO. — N. Y.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

A T E N Ç Ã O

Já está à venda, em tôda a parte a grande edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1949, ao preço de Cr$ 15,00. Pedidos à Cia. Editora Americana, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio, pelo Reembolso Postal ou mediante vale do correio.

Natal dos que sonham
Natal dos que sofrem

"O Natal é uma parada triste"
Álvaro Moreyra

Por EDGAR PROENÇA

MINHA filha ainda está na idade em que uma boneca resume, para as crianças, tôdas as aspirações do mundo. Muitas vêzes ponho-me a observar-lhe o cuidado carinhoso que dispensa às suas "filhinhas". Tôdas elas são batizadas. A Maria Lucia é loira e esbelta; a Zuzu é "Miss Brasil"; a Bisoleta é da côr do chocolate. Moram com todo o conforto dentro de um "arranha-céu" improvisado numa cabine de radio; apanham "carão", se se fazem malcriadas; todos os dias evidem "toilettes" variadas e, à noite, dormem de pijama. São bonecas cheias de grandiosismo, sem lhes faltar o selo alemão de sua madrinha.

"Vesperá de Natal, minha filha, que já não crê nessa historia de que Papai Noel é quem lhe traz presentes, falou-me ao ouvido, em tom decididamente imperativo:

— Ô "seu" Papai Noel, tu já sabes o que eu quero! Eu quero um jôgo completo de varanda e outro de sala.

— Espera, que é isso, já te vais casar? — perguntei-lhe sorrindo.

— Tu não compreendes, papai! É para as minhas bonecas. Olha, vai na "casa" que lá tu encontras.

Esse diálogo, que constituiu um suave episódio na minha vida, teve remate com um beijo quente e ingênuo que a Célia me deu, iluminando de alegria o meu coração de pai.

À noite, quando ela exibia para as suas "filhinhas" os brindes que lhe dei, deparo fronteiro à minha casa, na vila dos Mosqueiro, uma petiza cujo olhar tinha sombras de amarguras. Olhar misecordioso que, nêsse instante, passou, mansamente, sôbre mim, despertando-me não sei de que, mas sobretudo uma infinita piedade. O seu ar melancólico, sua timidez, sua franzina compleição física, refletiam o infortúnio e a desolação que se aninhavam em sua alma ainda em botão.

Sentada no batente, enquanto dentro da casa festejavam a noite com risos e mesa profusa, a pobre órfã cabeceava de sono, vencida pelas fadigas do dia, alarmando-se, de instante a instante, com o tropel da patroa adunca e sinistra que lhe chicoteava a alma com um olhar de fogo e de terror.

Ao que me contaram aquela criança nunca teve pai... porque jamais o conhecera. E a mãe, porque nunca teve marido efetivo, entregou-a à primeira viragó que lhe exploraria as débeis energias, obrigando-a a trabalhos penosos, seviciando-a.

A pequenina, naquele instante, vendo que na noite cristã todos os lares se iluminavam e nêles havia castanhas, figos, nozes; havia brinquedo nos sapatos das outras crianças; e havia felicidade, certamente desejou que as lágrimas rolassem pelas suas faces descoradas. E havia de ter arrancado velhos suspiros do coração, para acreditar que um dia, se Papai Noel, tão amigo de todos os meninos, não lhe pudesse trazer brinquedos e bom-bons, não se esqueceria, certamente, de trazer-lhe, ao menos, a esperança de livra-la daquele carvoeiro onde estrangula, cruelmente, o sonho de uma criança pobre.

Teus ha de nevar-se, Zezé! O teu Papai Noel será o Juiz de Menores, a quem encaminho o teu pedido angustioso.

Pianos e Músicos

(Continuação da pág. 85)

[illegible]

PELO REEMBOLSO POSTAL

CASIMIRAS ★ LASTINHOS ★ TROPICAIS

[illegible]

TEC DOS TELLER S. A.

RIO DE JANEIRO — Avenida [illegible]

Correspondência para: Caixa Postal [illegible] — RIO DE JANEIRO

Com os inglêses em sua casa

(Continuação da pág. 43)

A City foi o lugar preferido dos grandes pensadores do passado. Oliver Goldsmith ali morava lá pelo ano de 1666, Shakespeare e Walter Releigh, como também muitos outros artistas, escritores e homens públicos, alí se encontravam em diversas épocas.

Ainda hoje, a City, com seus quatrocentos mil habitantes e seu grandioso movimento diurno e noturno, constitui o cartão de visita da grande cidade inglêsa.

WESTMINSTER

Westminster é o coração de Londres. Trafalgar Square, o coração de Westminster.

Trafalgar Square é uma das mais belas praças do mundo. A Coluna de Nelson a domina. O monumento erigido em glória do almirante vencedor da batalha de Tráfalgar, é querido a todos os inglêses. E' uma coluna de granito, de 51 metros de altura, encimada pela estátua do herói. No pedestal, quatro imensos leões, dispostos nos quatro pontos cardiais. A praça é imensa, prestando-se ótimamente para manifestações populares.

Dignas de nota são as pombas do Square. A população as alimenta generosamente e elas, reconhecidas, vão buscar o alimento das mãos dos seus benfeitores. E' um espetáculo de uma beleza sem par, vendo a revoada e vertigem dêsses milhares de pombáceos, que forram o monumento do Lorde, os leões, a imensa plataforma...

Ao fundo da praça, a nobre fachada da "National Gallery", isto é, o museu nacional de pintura. Ela possui as obras primas de Michel Angelo, Rafaeli, Boticelli, Rembrandt, Velasquez, Goya, Holbein, Lorrain, Poussin e muitos outros artistas de renome universal. E' claro que os grandes artistas britânicos ocupam na galeria um lugar de destaque.

Do alto da colina, Nelson contempla a magnífica visão de Westminster, onde se destacam o Palácio de Buckingham, a abadia de Westminster, o Parlamento, donde a voz do Govêrno de Sua Majestade Britânica fala para o mundo. Todos os recantos de Westminster têm uma história para contar dos tantos séculos da gloriosa história da Inglaterra.

A TORRE DE LONDRES

A famosa Torre de Londres, conhecida, também pelo nome de "Torre sangrenta", reflete a sua visão nas águas negras do Tamisa.

Sentinela avançada de nove séculos de história, os seus muros presenciaram às maiores e mais belas tragédias da Grã-Bretanha. Ela já serviu de Cidadela, prisão, Palácio Real, Arsenal, Palácio de Justiça e Arquivo, constituindo hoje apenas uma relíquia do passado, uma testemunha dos tempos idos da maior cidade do mundo.

A Torre de Londres foi construida no século XI, por Guilherme da Normandia. Chamavam-no, na primeira fase da sua existência, de "Torre branca". Durante muito tempo, essa torre, como Palácio Real, fôra um lugar de verdadeiro encanto. Passando por várias metamorfoses, acabou sendo transformada em prisão, onde prisioneiros ilustres foram decapitados, o que fez com que "Torre branca" passasse a ser chamada de "Torre sangrenta"...

Dentre as inúmeras vítimas que perderam a vida na célebre torre, figuram os filhos de Eduardo, pretendentes ao trôno do seu tio Ricardo. Foram sufocados e, dois séculos depois, deram pelos seus corpinhos, em baixo de uma escada. O Duque de Clarence, internado na torre, pagou a sua traição, sendo afogado num barril de vinho... Anne Boleyn, mais tarde Catherine Howard, esposa de Henrique VIII, alí foi decapitada. Ao subir ao pátibulo, dirigiu-se aos presentes, exclamando suas últimas palavras: "Obrigado, meu rei. De simples servente da Côrte me fizestes Rainha e, agora, de Rainha, me transformais em Santa". Foi êsse mesmo "barba azul" que ordenou a decapitação de Thomas More, autor da "Utopia". Walter Releigh, que ganhou a simpatia da rainha Elizabeth, por ter estendido a sua capa de veludo sôbre a lama, para que a soberana passasse sem manchar os seus sapatos, também foi encarcerado na torre, onde, depois de 13 anos, também acabou decapitado. Subindo ao patíbulo e percebendo na arquibancada os seus implacáveis inimigos, que vieram assistir à execução, pediu ao carrasco licença para ver o machado. Depois de examinar atentamente o fio da lâmina, virou-se para os causadores da sua desgraça e, com o maior sangue frio dêste mundo, disse, apontando para o machado: — "Eis, meus senhores, um remédio amargo, mas que cura todos os males..."

Atualmente, ainda existem prisioneiros na Torre de Londres, que estão sendo vigiados como um gato vigia um rato... São as jóias da Corôa. Descrevê-las, uma por uma, daria uma reportagem, mas êsse não é o nosso escôpo principal. Não podemos, no entanto, deixar de finalizar a descrição da torre sem anotar a tradição secular que nela é mantida exatamente como nos tempos idos.

A cerimônia dos chaveiros continua a mesma e, depois de tantos séculos, se repete tôdas as noites, depois das dez horas. Fechados todos os portões, o chefe dos guardas, vestido com os trajes seculares e com enorme molho de chaves na mão, dá uma volta pela sombria torre, iluminando o caminho com uma grande vela. Quatro guardas o seguem atrás, examinando as pesadas portas dos corredores. Aproximando-se da sentinela, ouve-se uma voz possante:

— Quem vem?

— Os chaveiros, — responde o chefe dos guardas.

— Que chaveiros?

— Os chaveiros do Rei Jorge.

— Passai em paz, chaveiros do Rei Jorge. Tudo está em ordem.

O chefe dos guardas faz a continência e com tôda a fôrça de seus pulmões, grita:

— Que Deus guarde o Rei Jorge!

— Amem! — ecôa a resposta, enquanto o chefe e seus guardas se retiram.

Está terminada a cerimônia...

AS "GIRLS" DE PICCADILLY CIRCUS

Piccadilly Circus é um dos bairros de maior movimento de Londres. Chamam-no de "Centro do Mundo"... A praça é ornamentada por uma fonte, famosa no mundo inteiro, onde se reunem os namorados. Em seu redor, matronas vendem flôres e os inglêses, dando vasão ao humor que lhes é tão peculiar, apelidaram essas pobres velhinhas de "Girls"...

A praça de Piccadilly é redonda e o movimento assustador. De todos os lados vêm veículos, ônibus de dois andares, gigantescos, pintados de um vermelho berrante e repletos de anúncios. Mulheres elegantíssimas, homens apressados, turistas, colegiais, operários, tipos incríveis, boêmios, se aglomeram em todos os cantos. Vista de cima, essa famosa praça é algo de extraordinário, é tão grandioso que, vendo-a, perdoa-se os que a denominaram "centro do mundo"...

Piccadilly é o lugar de clubes por excelência. Há também inúmeros hoteis e restaurantes famosos. As "boites" e casas de diversões de tôda ordem são inúmeras. Não vamos demorar-nos muito em Piccadilly, pois temos ainda um lugar mais curioso para visitar, e que merece

Pasta Dentifrícia S.S.WHITE
O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

O NATAL DE UM LADRÃO

(Continuação da pág. 49)

Os brinquedos abandonados ficavam no lugar onde tinham caído. Eu estava entusiasmado. Mas estremecia cada vez que, mexendo dentro da maleta, os meu dedos roçavam pelos objetos de ouro e de prata, que se encontravam no fundo. Em breve percebi que já não tinha mais brinquedos e que, pelo menos, dois terços das crianças ainda não tinham recebido nada... Voltei para apanhar os objetos que não tinham agradado às crianças cegas; e, ao fazê-lo, tive medo que elas percebessem a coisa... Mas vi, a tempo, que o sr. Félix, sempre de pé sôbre o palco, me fazia um sinal... E, como num sonho, voltei...

— Perfeitamente! — disse-me, enchendo, de novo, a maleta.

Tornei a começar a minha distribuição. Por três vêzes esvaziei-a... Ah! Quanto não era preciso para encher todas aquelas mãozinhas trêmulas de desejo e de alegria! Mas, consegui, e voltei a fim de receber novas instruções.

Entretanto, o sr. Félix tinha saído do palco e fazia sinal aos músicos, que começaram a tocar um belo trecho de música. O pano desceu e, um segundo depois, tornou a subir, deixando ver um canário, que representava uma rua coberta de neve e ladeada de lojas, com vitrinas magníficas e deslumbrantes.

Então, enquanto a música executava uma marcha alegre, Arlequim entrou em cena com Colombina; pegou-a por um braço e, com um gesto rápido, fê-la rodopiar até a janela de um barbeiro; êle próprio, logo a seguir, entrou de um salto na de um vendedor de peixe. O **clown** apareceu então, pisando a medo como se caminhasse sôbre um chão escorregadio; Pantaleão seguia-o, apoiado à sua bengala, no momento em que, à esquina da rua, apareciam dois policiais, vestidos de salsichas. O **clown** puxou as orelhas de Pantaleão. Pantaleão esbofeteou os polícias e todos, um atrás do outro, desapareceram dentro da loja do peixeiro. O **clown** foi o primeiro a sair, com um grande bacalhau roubado ao comerciante; entregou-o a Pantaleão, que vinha logo atrás, enquanto os polícias perseguiam a ambos. Mas o peixeiro, o último a sair, começou a correr atrás do **clown** que, tendo voltado a passar diante da vitrina, se apoderara de um barril de arenques, que enfiou pela cabeça abaixo do infeliz comerciante. Êste se desembaraçou como pôde, enquanto todos os personagens atiravam uns aos outros os arenques espalhados pelo chão.

As crianças torciam-se, literalmente, de riso. Oh! Que engraçada era aquela pantomima! Foi ela que, segundo o uso, fechou o serão, e realmente, depois de uma pantomima, que melhor pode fazer uma criança senão ir deitar-se e sonhar um lindo sonho, sobretudo se tem os braços carregados de brinquedos?

Cinco minutos depois de ter descido o pano, encontrava-me no **hall**, ao lado do sr. Félix, que se despedia dos convidados. Na rua, os carros estavam à espera. Guardas e criados punham os abrigos nos menores tão ébrios de felicidade que nem pensavam em agradecer ao dono da casa... E as portinholas fechavam-se, e os veículos desapareciam nas sombras da noite.

Quando o último convidado se foi embora, o sr. Félix voltou-se para mim.

— A festa terminou — disse. — Quando eu já não viver, segundo minha vontade, ela repetir-se-á todos os anos no Hospital das Crianças Doentes. Está tudo previsto no meu testamento e êsse será o tal monumento de que parece já lhe falei... Mas durante alguns anos espero ainda que a festa poderá celebrar-se aqui. Mas, ouça: tire êsse manto e essa cabeleira e vá em paz. Gostaria de falar com o senhor um pouco mais; mas estou um tanto cansado, como pode imaginar... Vá embora, pois! Vá em paz!

Fazendo um sinal ao criado para que se retirasse, acompanhou-me até o último degrau da escadaria e, ali, com os pés na neve, apertou-me a mão e, enquanto eu me afastava, fez-me alguns gestos de despedida.

Tinha chegado ao extremo da rua e havia já pôsto o pé na ponte, quando, de repente, me lembrei, com um grande estremecimento, de que as jóias roubadas deviam encontrar-se ainda no fundo da maleta. Parei, encostei-me ao parapeito e abri-a. Meti a mão e tirei... um arenque... As jóias tinham-se convertido em arenques. Tirei-os um a um e fui arrojando-os à água negra, que corria, a vinte pés por baixo. Não; não havia ali objetos de valor. Mas, em todo o caso... No momento em que pegava no último arenque, passeando os meus dedos pelo fundo, senti um objeto duro: era um anel ornado com uma turquesa.

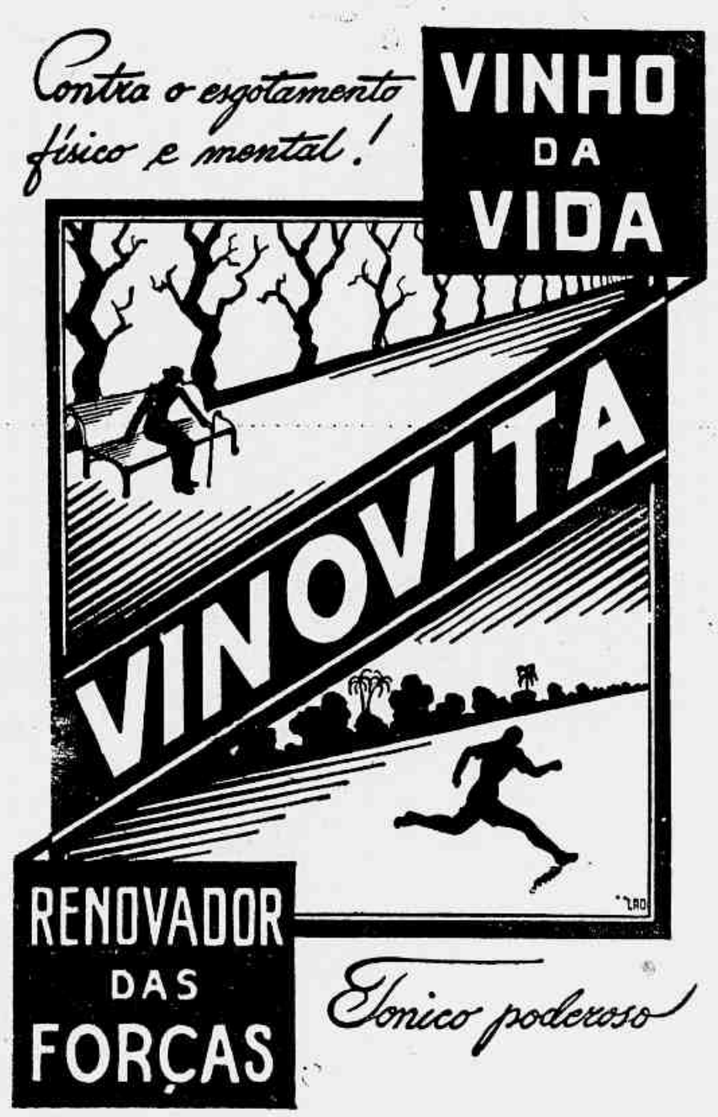
Durante alguns minutos fiquei examinando-o à luz de um lampeão. Meti-o no bolso e logo tornei a pegar nele para o observar de novo...

Por fim, decidi-me e voltei para trás, refazendo todo o caminho até a moradia do sr. Félix.

Êle se encontrava ainda no mesmo lugar, sôbre o último degrau da escadaria, junto ao bordo do passeio, e, por cima, como uma estátua, o criado aguardava que o patrão se dispusesse a entrar.

— Perdoe-me, senhor... — comecei eu, tirando do bolso o anel.

— Tinha-o deixado na maleta de propósito — disse, com voz suave, o sr. Félix. — Ofereço-lhe em paga dos seus bons serviços. Comprei-o por duzentos francos e creio que vale um pouco mais. Todavia, se o senhor prefere o dinheiro, o que é natural na sua situação, tome lá! Aqui tem os duzentos francos; e repito-lhe novamente: vá em paz!



HISTÓRIA E LENDA DO BOLO DE NATAL

(Continuação da pág. 73)

aguardente, 125 gramas de gordura de vaca, 500 gramas de farinha de trigo, 2 copos de leite, 60 gramas de açucar mascavo e a casca de um limão ralada. Mistura-se tudo com miolo de pão na quantidade precisa para lhe dar consistência. Envolve-se a massa num guardanapo e leva-se a cozinhar no vapor, em panela apropriada".

VERSÃO BRASILEIRA DO "PLUM-PUDDING"

Tangida pelos ventos de todos os mares, a receita do *plum-pudding* chegou um dia ao Brasil e aqui sofreu amável transformação, sob as vistas carinhosas de nossas ternas avozinhas. A mulher brasileira não sabe ao certo o que vem a ser *pedigree*, mas sabe confeccionar bolos de maneira muito mais gentil e aristocrática do que as fidalgas pertencentes a linhagens de velhos povos europeus: aquêle hábito de usar sebo na confecção de pudins nos parece de um máu gôsto incrível!

Transcrevemos a seguir uma de nossas mais curiosas receitas do Bolo do Natal.

"*Ingredientes*: 450 grs. de farinha de trigo, torrada no forno e peneirada; 450 grs. de manteiga; 450 grs. de açucar mascavo; 450 grs. de passas de Corinto; 450 grs. de passas comuns, sem as sementes; 110 grs; em pedacinhos, de cidra, laranja e limão cristalizados; 110 grs. de amêndoas (ou castanhas de caju) partidas; 1 xícara grande de conhaque; 1 colher, das de chá, de canela em pó; 1/2 nóz-moscada ralada; 9 ovos. *Modo de fazer*: Bate-se a manteiga até ficar esbranquiçada, junta-se-lhe o açucar, os temperos e os ovos, um a um, batendo sempre, durante dez minutos. Depois acrescentam-se o conhaque, a farinha e os outros ingredientes, mexendo sempre. Fôrma untada com bastante manteiga, forno muito quente".

A moça da família que tiver letra mais bonita escreverá num cartãozinho o dístico famoso: "Glória a Deus nas alturas, paz, na terra, aos homens de boa vontade". Êsse cartão será enfiado numa haste metálica bem limpa e colocado no centro do bolo. E' pormenor de grande efeito decorativo, principalmente se passarmos verniz dourado ou prateado nas bordas do retângulo. Antes disso, porém, precisamos pensar na cobertura do bolo, que exige os seguintes ingredientes: 1 xícara de amêndoas sêcas (ou castanhas de caju); 5 claras de ovos; 15 colheres, das de sopa, de açucar, e 1 colher, das de chá, de água de flor. Das amêndoas ou castanhas do caju sêcas no fogo e socadas (piladas) com a água de flor, obtem-se uma farinha que se aplica por cima do bolo, acrescentando-se os suspiros feitos com as claras batidas em ponto de neve e misturadas com o açucar. Antes de despejar os suspiros manda-se o caçula da casa jogar dentro embrulhinhos de papel impermeável, contendo: 1 moeda, 1 dedal, 1 anel, 1 botão roxo e outro azul. Leva-se então o pudim ao forno, para secar a cobertura. Depois de repartido o bolo, a pessoa que tirar a moeda terá riquezas no Ano Novo, a que receber o dedal só terá trabalhos, o anel anuncia casamento em breve, o botão azul quer dizer que o seu possuidor ficará solteirão e o roxo simboliza viuvez.

Até na confecção de bolos demonstramos tendência irremediável para a gentileza e a poesia. O botão roxo, aparecendo no meio das "sortes" que enriquecem o quitute tradicional, tinge com uns laivos das melancolia característica do nosso povo as alegrias santas daquela noite.

Mas não admira que nossas avós românticas tenham incluído o roxo, símbolo da tristeza, como elemento decorativo do Bolo de Natal. Não é a mulher brasileira "a flor amorosa de três raças tristes?"

maior destaque, por vários motivos. E' "So Ho".

A EUROPA DENTRO DE LONDRES

A poucos passos de Piccadilly Circus, entramos numa rua que nos leva diretamente a "SOHO", o bairro cosmopolita de Londres que, justa razão, é famoso no mundo inteiro como "A Europa dentro de Londres".

O seu nome vem de chinês: "So-Ho". E' o pôrto dos navios perdidos... E' também a maior enciclopedia culinária de todos os tempos... E' um centro que ganha longe de Montmartre, tanto em excentricidades como em perigos...

Em "Soho" há restaurantes, bares e cafés de todos os países do mundo, dirigidos pelos nativos que aqui aportaram ou pelos seus decendentes. Em todos os cantos, mulheres de tôdas as nações, de tôdas as idades, de todos os tipos e de todos os prêços, passeiam à procura de aventuras. Homens de tôdas as raças, de tôdas as côres e idades, tipos incríveis, maurejam por aí. As línguas que ali se ouvem superam a balburdia de Babel. De vez em quando se entende alguma blasfemia legítima russa, portuguesa, italiana. A mendicância sendo proibida em Londres, tem uma escapatoria: não se pode proibir que alguem cante ou toque nalgum instrumento. Então, aparecem às vê-

(Continua na pág. 91)

DRAGO

Nº 21

Por Hogart

FUGINDO DAS BALAS DE RODRIGO E TOSCA, DRAGO E DARBY SÃO SURPREENDIDOS PELO PAMPERO!

SE ESTE VENTO FOR COMO OS CICLONES QUE ASSOLAM OS ESTADOS UNIDOS...

PERTO DO PAMPERO, OS CICLONES NÃO PASSAM DE UM VENTINHO. MAS NÃO SE PREOCUPE! DAQUI A POUCO ESTAREMOS BEM ABRIGADOS.

MAS NÃO VEJO POR AQUI NENHUM ABRIGO, DRAGO! PARA ONDE VAMOS?

PARA UM ESCONDERIJO SECRETO QUE EU TENHO DESDE CRIANÇA.

UM ESCONDERIJO? MAS QUE TEM A TEMER O FILHO DE RODRIGO?

E' UMA HISTÓRIA CURTA E TRISTE. TENHO O ESCONDERIJO DESDE CRIANÇA POR CAUSA DE MAMÃE.

QUE TEVE ELA A VER COM ISSO, DRAGO?

MAMÃE ERA NORTE-AMERICANA, DARBY. COMO VÊ, TEMOS MUITA COISA COMUM. ERA UMA MULHER BOA E MEIGA E ADORVA PAPAI.

MAS RODRIGO ERA HOMEM MAU E VIOLENTO. ERAM FREQUENTES AS BRIGAS ENTRE ÊLES E ESTÁ VISTO QUE MAMÃE LEVAVA SEMPRE DESVANTAGEM

NÃO FORAM POUCAS AS VEZES QUE SAÍ DE CASA, DESGOSTOSO COM O QUE VIA. UM DIA DESCOBRI UMA CAVERNA QUE TINHA SIDO REDUTO DE UMA QUADRILHA DE BANDIDOS. FOI NELA QUE PASSEI AS HORAS MAIS FELIZES DA MINHA JUVENTUDE

MAIS TARDE, MAMÃE CAIU DE CAMA E MORREU. EU, ACABRUNHADO COM O QUE VINHA ACONTECENDO, PASSEI A ODIAR MEU PAE E TUDO QUE ELE REPRESENTAVA.

SE SEU PAI ESTÁ DISPOSTO A MATAR-NOS PARA SE APODERAR DO ÍDOLO, É CLARO QUE NOS SEGUIRÁ, DRAGO.

NÃO, NOS ENCONTRARÁ! A ÚNICA PESSOA QUE SABE ONDE FICA O ESCONDERIJO É TABASCO!

Copr. 1946, N. Y. Post Corp.

3-24-46

ENQUANTO ISSO, EM BELOMBU -

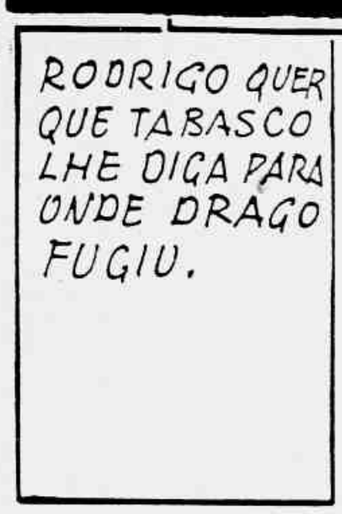
SOCK!

FALE, CÃO! ONDE ESTÁ O DRAGO? PARA ONDE ÊLE FOI?

DRAGO

Nº 22

Por Hogart



Com os inglêses em sua casa

(Continuação da pág. 87)

zes orquestras inteiras, enquanto um deles, com uma sacola na mão, pede um níquel aos transeuntes. Ouvireis em "Soho" as músicas mais esquisitas dêste mundo...

Notáveis são os restaurantes. Cada povo tem ali um representante culinário... O mais famoso é o "LEONIS "QUO VADIS" RESTAURANT", fundado em 1926. Celebridades universais, entre os quais Adolphe Menjou, Grace Moore e outros, além de estadistas, militares, cantores, etc., almoçaram nesse curioso restaurante que exibe nas parêdes as centenas fotografias dessas celebridades, com as devidas dedicatórias e autógrafos das mesmas. Em frente, um moço gordo, de uns vinte e poucos anos, toca numa sanfona canções napolitanas e outras músicas mundialmente conhecidas, enquanto outro, mais velho, recolhe os níqueis. Homens, mulheres, artistas, boemios, pretos, brancos, amarelos, vendedores, jornaleiros, camelots, serpenteiam pelas ruas de "Soho", que é um verdadeiro labirinto. Vimos, numa dessas ruazinhas, um quiosque que é ao mesmo tempo farmácia, confeitaria, papelaria, agência de casamento... Ali se encontram revistas e jornais de todos os países do globo, muito atrasados, é claro. Na janela, que é muito larga, anúncios de casamento: "Viúva, quarenta e poucos anos, de idade, rica, procura homem de mesma idade, sério e inteligente, não importa se pobre". Segue o endereço... (Entre parentesis: se alguém estiver interessado, por aí, poderá escrever ao seguinte endereço: A. Maroni & Son, Soho, Londres). Não é preciso citar o nome da rua, nem o número, todos o conhecem, apesar dos dez milhões de habitantes que habitam Londres...

O STRAND, O PORTO, AS DÓCAS E OUTROS LUGARES

A artéria principal do Strand, é a Fleet Street. Rua da imprensa, nela são localizadas as relações dos maiores órgãos da imprensa britânica, como também as sucursais dos maiores jornais do mundo.

No centro de Holborn, que começa nas vizinhanças da City, uma pequena e obscura ruazinha foi testemunha de dois grandes acontecimentos históricos: o suicidio do poeta adolescente Thomas Chaterton e o aparecimento do primeiro filme.

Noutra rua, Doughty Street, viveu durante muitos anos o sublime autor de Oliver Twist, Charles Dickens.

Holborn, Bllombsbury e St. Marylebone, — três grandes centros que reunem em si só os maiores museus, institutos, hospitais, pensões familiares, parques e diversões. Destacam-se: O Museu Britânico, o Jardim Zoológico e a famosa radioemissora British Broadcasting Corporation a B. B. C. que tão relevantes serviços prestou à humanidade durante a segunda guerra mundial e que completou em 1947 vinte e cinco anos de existência.

O pôrto de Londres é o maior do mundo. Êle se estende ao longo do Tamisa sôbre uma distância de 100 quilômetros! Velhos lobos do mar, marinheiros dos mais longinquos recôncavos da terra, mercadores, vagabundos, desempregados, verdadeiros navios sem leme e sem destino, encontram abrigo nesse Pôrto Seguro que é o formidável pôrto de Londres...

SE QUISER IR A LONDRES...

Se quiser ir a Londres, deverá, como é natural, procurar o cônsul inglês e solicitar um visto. O representante da Grã-Bretanha examinará o seu caso e dirá apenas "sim" ou "não". Se receber o visto, não perderá mais que alguns minutos. Não terá que preencher fórmulas e mais fórmulas, como nos demais consulados, nem terá que prestar depoimentos incríveis. O seu passaporte, sendo recente, válido, portanto, constitui uma garantia, dispensando quaisquer outras formalidades.

Antes de embarcar para a Inglaterra, ouvirá em tôda a parte que as autoridades britânicas, ao desembarcar, são terríveis. Chegando ao aeroporto de Londres, porém, e entrando em contato com os "terríveis", verificará incontinente que êles são as autoridades aduaneiras mais agradáveis do mundo. Mas não tente enganá-los, pois, treinados e sabidos, descobrirão logo o lôgro. Então, nenhuma intervenção poderá livrá-lo da sinuca em que se meteu e terá que sujeitar-se às consequências das leis inglêsas.

As leis britânicas... Nenhum juri, de qualquer outro país, se mostra tão indiferente como o inglês. Findo o processo, o réu ouve, também com o maior sangue frio dêste mundo, a terrível sentença: "O senhor acaba de ser condenado à morte. Dentro de alguns dias, o carrasco porá a corda no seu pescoço e que Deus tenha pena da sua alma".

Está á venda

o

Almanaque Eu Sei Tudo

para 1949

★

Redação:

Rua Visc. de Maranguape, 15 — RIO DE JANEIRO

Tournant Decisivo...

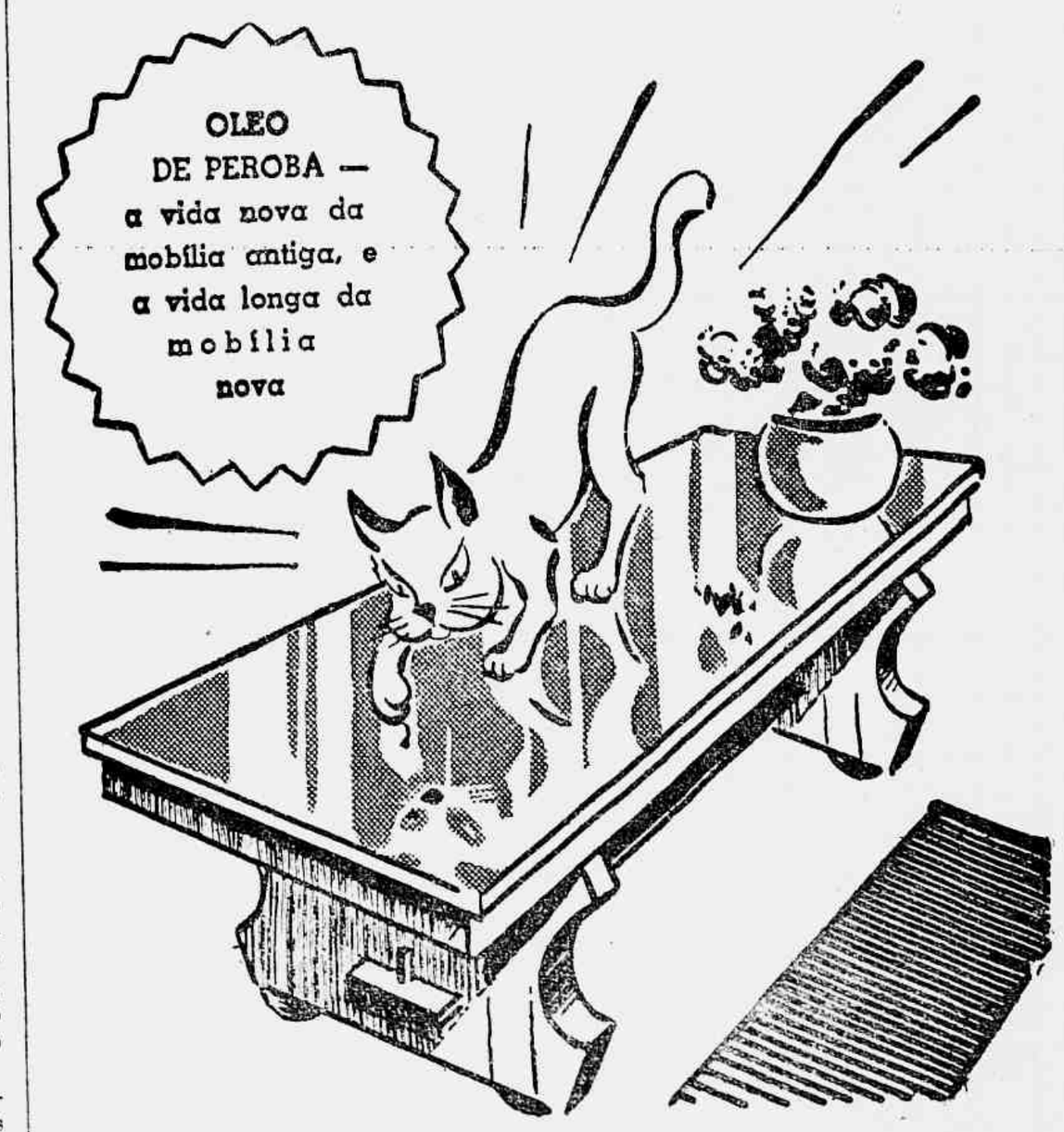
(Continuação da pág. 76)

já quem a chamasse "une civilisation de rentiers". Certa vez em Paris convidei um homem do povo — um "cheminot" habitante de subúrbio — para me visitar no Quartier Latin e levei-o a passear nos jardins de Louxemburg. Êle me fez então esta confissão:

— Jamais eu havia estado aqui...

E certamente não havia estado em nenhum dos outros pontos de Paris que no mundo inteiro são conhecidos. Provavelmente não conhecia o teatro francês, nunca havia lido André Gide ou Paul Valery. Aquêle homem que estava ali a meu lado e seus milhões de irmãos francêses não conheciam a França.

Muito tem ainda a França que expandir-se dentro dela mesma. Até que ponto as linhas puras de sua fachada serão conservadas, é uma pergunta que não tem resposta. A reconstrução da casa terá certamente que atingir os alicerces. Pode-se entretanto confiar na matéria prima, que conservará sempre sua solidez e autenticidade.



Em cima — Pequenos camponeses dos alpes austríacos têm no carneiro sua fonte de riqueza e meio de vida. Em baixo — Já que o sol do amor não mais o aquece, êste alpino pita ao morno sol da primavera, recordando o passado

NA SOLIDÃO DOS ALPES AUSTRIACOS

Texto de HANS SCHAFFELHOFER

NAS geladas culminâncias dos Alpes os homens não têm a loquacidade espontânea dos habitantes dos vales quentes. São mais retraídos, mais sisudos, como que mantendo no fundo do ser o silêncio branco das neves eternas dos píncaros alcantilados de sua terra.

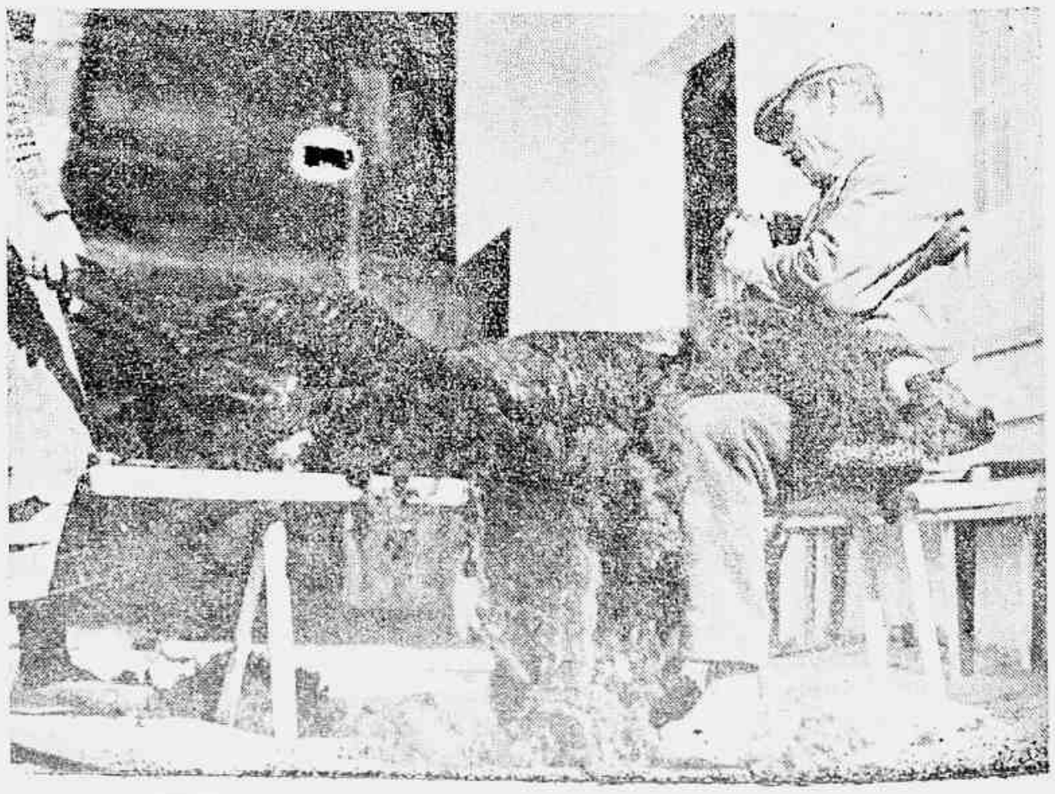
Os seus dias são mais longos e a luz do sol parece embaraçar-se na série de cabeços e lanças nevadas no pontilhado de serras que irrompem do gêlo e apontam para os céus.

De cima, de alturas de dois mil metros, olha o homem para os vales circundantes onde surgem rasteiras as cabanas dos camponeses numa vida quase primitiva e feliz. Nas encostas se erguem as aldeias com suas casas de telheiro em ângulos agudos para deixar escorrer facilmente os acúmulos de neve. De entre o casario destaca-se a capela, muito limpa, com sua tôrre esguia como braços de criança em mãos postas para Deus.

A vida dêsses habitantes alpinos é árdua e difícil. A poesia ambiente não lhes diminui a intensidade do trabalho com os lirismos que despertaria no coração de um latino sob o sol dos trópicos. Mas é todo êsse povo dotado de belos sentimentos de solidariedade e da mais profunda fé nos seus destinos e na felicidade humana.

Dedicados ao culto da colaboração entre si, êles consideram dia de festa o do nascimento de uma criança e festejam o fato como deuses que vissem surgir mais um anjo nas alturas de seu paraíso branco.

A esquerda — Quando chega a primavera, vão os carneiros à tosquia e a vovózinha move a roca nas alegrias de abril. À direita — Carneiros de lã abundante são êstes dos Alpes. Em meados de abril, vão para a tosquia



Ober-Gurgl, a mais alta cidadezinha dos Alpes austríacos, em cujas imediações desceu Piccard

★

Como é contrastante a vida em turbilhão das grandes cidades onde os interêsses humanos em choque constante precipitam ódios e angústias, despertam esperanças e provocam desencantos, com o aspecto tranquilo, sereno e pacífico destas paragens deliciosas! Aqui não há pressa. Tudo decorre numa calma celestial, sem atropelos nem velocidades. O camponês alpino não vive a consultar o relógio ou o calendário. No verão ou no inverno, sua existência segue um curso pacato e feliz, entregue ao trabalho que recebeu de seus antepassados, sem os problemas dos grandes centros, sem as complicações da ganância nutrida pela ansiedade de vencer o semelhante. Apesar de viver numa terra exígua e não muito fértil, o camponês alpino se conforma resignado com as intempéries do seu meio, e se mantêm no maior respeito aos seus semelhantes e a solidarizar-se com os vizinhos e amigos, como se pertencesse a uma só família. E quando cerra os olhos naquele anfiteatro de geleiras eternas, vai, por fim, descansar no campo santo modesto e sagrado onde as cruzes irrompem da neve como flores exóticas de uma seara gelada.

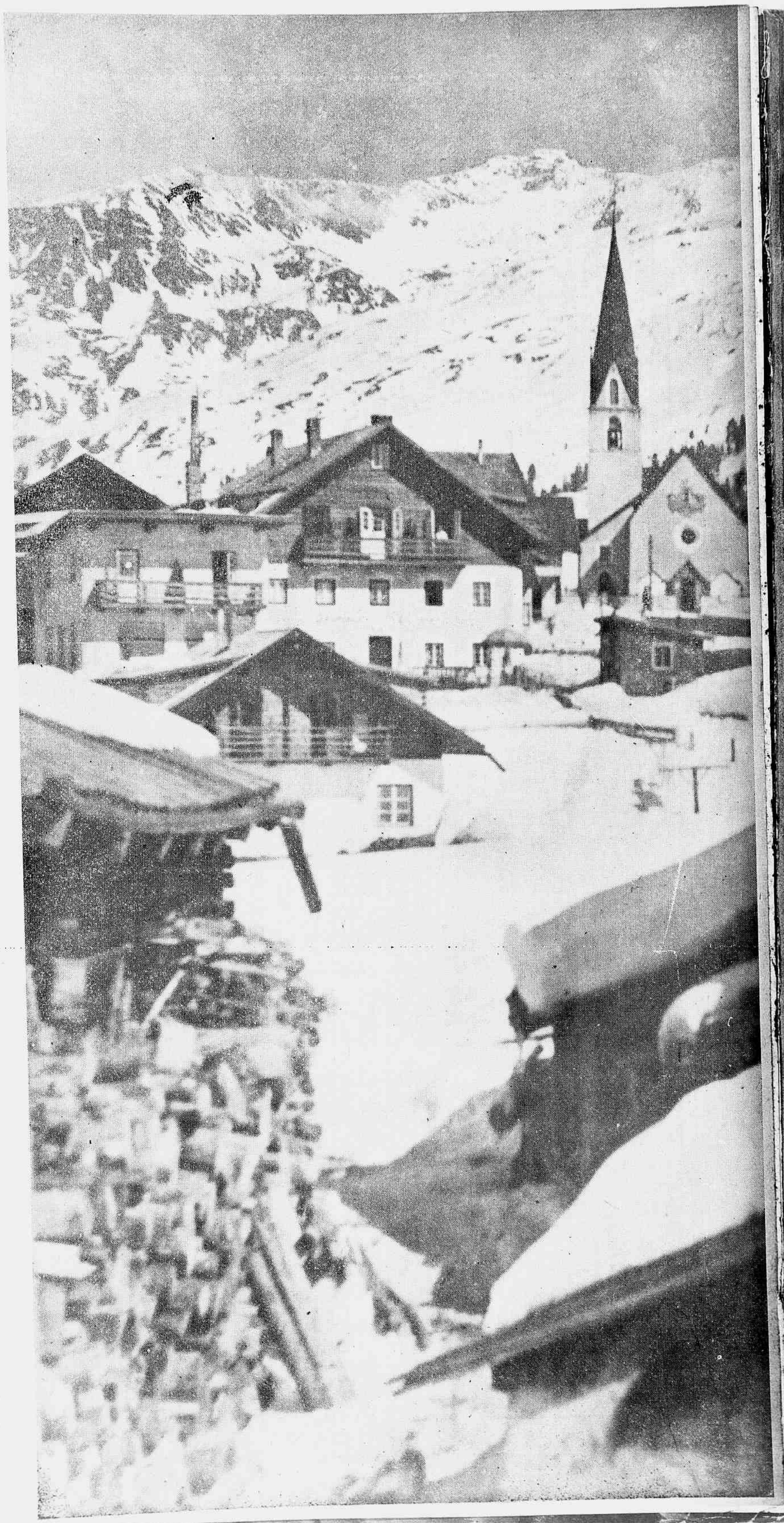
Aqui na terra do "Edelweiss" o homem se submete a leis desconhecidas das regiões planas e cheias de sol náirno e carinhoso. E' êle o produto do meio cercado de montanhas onde ilhas de neve tornam o espetáculo emocionante e grandioso. E é êsse mesmo ambiente de silêncio e calma que faz o homem tornar-se retraído e calado, mas sempre pronto para correr em auxílio do seu vizinho, no mais belo exemplo de solidariedade que se pode ver na terra. A vida de isolamento entre neves eternas, obrigando a duros trabalhos para a conquista do pão, vendo perigos em cada vertente e avalanches em cada inverno, o alpino é um ser digno dos poemas épicos de Hugo e Castro Alves. Amam êles a cortesia e a amizade, que alimentam com carinho, e um aperto de mão vale mais do que juros numa conta de banco.

Fortes e robustos, sabem suportar com heroísmo as mais árduas obrigações da vida e encaram com a mais forte coragem os perigos do meio, e não blasfemam quando açoitados pelos ventos gelantes que fazem parar a vida. Seus nervos de aço e seu coração de ferro são caldeados desde a infância, de forma que, seja diante da neve, seja em meio a tempestades e vendavais, o homem alpino sabe afrontar todos êstes obstáculos com a coragem de guerreiros experimentados nas refregas das batalhas.

O carneiro constitui uma das principais fontes de sua riqueza naquelas montanhas dos Alpes austríacos. Quanto mais carneiros, mais rico é o camponês, e todos que os possuem ficam à espera da primavera, quando, com o sol mais quente, pelos meados de abril, começa a tosquia.

Seguindo os mesmos métodos de antanho, sem os aparelhos de navalha mecânica e movidos a eletricidade, os alpinos austríacos amarram seus carneiros em bancos e os submetem com aplicação de toscos aparelhos de madeira. O resto se faz com uma tesoura primitiva, que, pelos berros do animal, não parecem ser muito afiadas. Cada lavrador possui pequeno rebanho que vai de 17 a 20 cabeças. Obtida a lã, crianças e vovós catam do chão os retracos que ficaram da tosquia, e, tudo bem lavado e sequinho, começa então o trabalho das rocas. Surgem dos fios sedosos paletós, meias, luvas, vestidos. Das mãos das mulheres aparecem suéteres de bonito aspecto. O resto é depois levado para a cidade mais próxima e convertido em dinheiro.

E assim, ano após ano, vêem os alpinos austríacos passar o tempo entre as neves eternas de seu país fantástico e tranquilo, abençoados pela paz das cordilheiras brancas como se estivessem cobertas de asas de anjos; homens e mulheres, velhos e crianças, irmanados por essa unidade de trabalho, a lei sagrada que aproxima os homens solidários no perigo comum, felizes pela ausência de egoísmos, invejas e ambições desumanas, entre os brancos "Edelweiss" e a tosquia de seus carneiros fiéis



Cancioneiro Internacional

BROADCAST

A. MIG[illegible]

MÚSICAS PARA VOCÊ

INFIDELIDADE
(Samba)

Ataulfo Alves e Américo Seixas

Gravação de Ataulfo Alves
e suas pastoras

I

Aquêle que considera
O amor uma quimera
Vive longe do sofrer
Tem sempre os olhos enxutos
Crê no amor de dez minutos
E nelas não devem crer
São falsas na maioria
E quando o homem confia
Em tudo que a mulher diz
Eis a traição consumada
Uma vida desgraçada
Um lar a mais infeliz.

II

Gostei de uma criatura
Sem moral, sem compostura,
Sem coração, sem pudor.
Era dono do negócio
Sem saber que havia um sócio
Na firma do nosso amor.
Felizmente ainda alegra
Saber-se que toda regra
Tem sempre a sua exceção.
Não julgo todas por uma
Pode ser que haja alguma
Com pudor e coração.

★

SOL TROPICAL
Afro-cubano de Sacasas

Sol sol tropical
bajo la palmera que hirió
tu calor en dulce sombra
me hiciste soñar
sol sol tropical
tu que es mi trigueña
encediste de amor
dirás que nunca la puede olvidar.

El rosal que a mi sêr inspiro
fué el besar de sus
labios en flôr
Sol sol tropical
eres de mi vida la dulce canción
que a mi trigueña le quiero cantar.

★

PODE VIR, MEU AMOR
(Valsa)

Ary Barroso

Gravado por Dircinha Batista

Eras toda minha alegria
Eras minha felicidade
eis a verdade
Mas já que os teus olhos
Não são prós meus olhos
Que os meus beijos
Não são prós teus beijos
Podes ir, meu amor.

Eu guardarei
Com emoção
Tua saudade bem no meu coração
E seguirei
O meu caminho
Sem rancor
Pensando em, ti querido
Amor.

POLÍTICA ERRADA

A política posta em prática pela Rádio Nacional, de absorção completa dos valores, convida-nos à reflexão, pelos graves inconvenientes que traz ao desenvolvimento da radiofonia brasileira, por matar o que todos chamamos de concorrência. Absorvendo os nomes de maior evidência no "broadcasting" carioca, além de acercar-se de completa e homogênea equipe redatorial, a P.R.E-8 terá a atenção pública voltada para seus programas, cabendo às suas co-irmãs serem ouvidas em família... Tal fato, que a muitos pode parecer indício de excelente situação financeira, não passa do desejo manifesto de liquidar aquelas que lhe atrapalhavam o caminho, como no caso da Mayrink Veiga. Por sinal, esta últ'ma foi vítima da glutonice da P.R.E-8. A maioria de mairinquianos ingressou no "cast" da Rádio Nacional, levados, na certa, pela melhoria de contrato. Nem sequer Genolino Amado escapou. O responsável pela "Biblioteca do ar" já no próximo mês estará escrevendo para o microfone P.R.E-8.

Mas voltemos ao assunto da absorção de valores. Com seu elenco superlotado, suas despesas aumentadas e a própria renda em ascensão, a Rádio Nacional irá se descurar de seus programas, conforme já se vem notando. Isto atendendo que, com a centralização de cartazes, impossibilita suas co-irmãs de lhe fazerem frente, não temendo, portanto, desprestígio público. E' que os ouvintes, interessados em seus "astros" prediletos, continuarão sintonizando a P.R.E-8. Daí a queda de nível das programações de auditório, em que a farta distribuição de prêmios serve de autêntico pega-moscas... Enfim, como a esperança é a última que morre, aguardemos o novo ano. Talvez estejamos errados nestas considerações. Deus o permita.

RÁDIO-FLASHES

NOVIDADES EM FOCO

Bob Nelson conseguiu licença da P.R.E-8 para excursionar pelo Norte, tendo viajado na semana p.p. com destino a Manaus. O exclusivo da Nacional estará de regresso nos primeiros dias de fevereiro. ★ Urbano Lóes substituiu João Villaret nas apresentações do Teatro de Sonho, programa que traz a assinatura de Amaral Gurgel. A coadjuvá-lo nessa audição está Maria Sampaio. ★ Zezé Fonseca continua sendo assediada pela Tupi e Nacional. A conhecida rádio-atriz exige vinte mil cruzeiros para voltar ao microfone. Enquanto os diretores resolvem, ela vai selecionando os elementos para a sua companhia teatral. ★

Ademar Casé achou preferivel não esperar a inauguração do novo transmissor da Tupi, estreando o seu programa ao microfone dessa emissora, na penúltima semana. Aliás, na P.R.G-3 o "Programa Casé" seguiu o exemplo do de Luis Vassalo, prolongando-se até a noite.

NOTAS QUE LEVAM AO XADREZ

Há composições que nascem predestinadas. A história da mula manca, por exemplo, provocou uma série de crimes, a ponto de seu intérprete desistir de cantá-la. O mesmo está acontecendo com a popular "Escandalosa". Êsse número, além dos tapas e bofetões que já provocou, acaba de servir de "pivot" a uma cena sangrenta ocorrida num dos povoados mineiros. Assim, "Escandalosa" é mais uma composição que vai para o "index" da indiferença pública, em virtude de aborrecimentos que tem proporcionado a seus intérpretes.

FECHADA A BIBLIOTECA DO AR

Genolino Amado, que por duas vêzes levantou o prêmio concedido pela Prefeitura ao melhor programa de sentido educativo cultural, está de malas prontas para deixar a Mayrink Veiga. O consagrado homem de letras, após brilhante atividade ao microfone P.R.A-9, troca-o pelo P.R.E-8. Com isso, cerram-se, em definitivo, as portas daquela interessantissima Biblioteca do Ar, que já nos habituáramos a ouvir. Em compensação, Genolino Amado promete, entre outros, "Crônica da Cidade" e "Livro Aberto". Além dêsses dois programas, o autor de "Olhar sôbre a vida" pretende lançar "Nem tudo está perdido". Isso não o impedirá de prosseguir com a sua "História da Literatura" que a Rádio Roquete Pinto transmite todas as semanas.

SABIA...

...que Carmélia Alves, ora participando dos programas de estúdios da Rádio Mayrink Veiga, foi séria candidata ao concurso instituído pela Cinédia, ao tempo em que Chianca de Garcia rodava "Pureza"?

...que Germano, rádio-ator exclusivo das Associadas, exerceu funções nos escritórios de importante firma, vindo a ser, mais tarde, procurador do chefe da casa?

...que Araci de Almeida, criadora de tantos números de sucesso, é irmã de um pastor protestante, de um livreiro e de um famoso baterista da Rádio Nacional?

...que Henrique Guimarães, presentemente na P.R.C-8, é funcionário de importante emprêsa canadense e já desfrutou a supremacia num dos muitos campeonatos de sinuca?

...que Murilo Caldah, ora afastado das lides radiofônicas, formou uma das mais populares duplas de que se tem notícia no rádio, a dupla Murilo-Lolita França?

ÊLE DIRÁ ADEUS

Jorge Fernandes, segundo se anuncia, está inclinado a dizer adeus ao "broadcasting" carioca. Tanto assim que a Rádio São Paulo o contratou para uma temporada a seu microfone, mostrando-se o intérprete de "Meu limão, meu limoeiro" satisfeitíssimo com o negócio realizado. Jorge parece cansado do rádio carioca, mostrando-se desejoso de permanecer no meio de seus numerosos fãs da terra da garoa. A Nacional, porém, ainda não deu a última palavra, motivo da indecisão do cantor em ficar definitivamente em São Paulo, onde possui público dos mais numerosos.

Jorge Fernandes, intérprete de nossas **melodias folclóricas, vai trocar** o rádio **carioca pelo paulista,** mais uma vez...

SAUDADES DAS VELHAS MELODIAS

Luis Martins, apreciado cronista paulistano, falando a propósito da música brasileira téve a seguinte expressão: "[illegible] coisa gostosa um lundu. Santo Deus! Entretanto, o lundu é coisa irremediavelmente passada, como passadas são as modinhas do tipo daquelas, do Império, que Mário de Andrade colecionou. Por outro lado Ernesto Nazareth não deixou continuadores e é pena".

Ainda do brilhante escritor é êste pedacinho: "Abundam, ultimamente, em nossas estações, as horas da saudade, em que se irradiam, justamente, essas músicas que já não se fazem. E o simples fato de despertarem saudades essas composições que não encontraram sucessores, revela uma decadência de inspiração indiscutível".

Carmélia Alves, simpática "estrêla" da **"constelação" mairynkiana,** disputou com **Solange França um lugar** no concurso **da Cinédia**

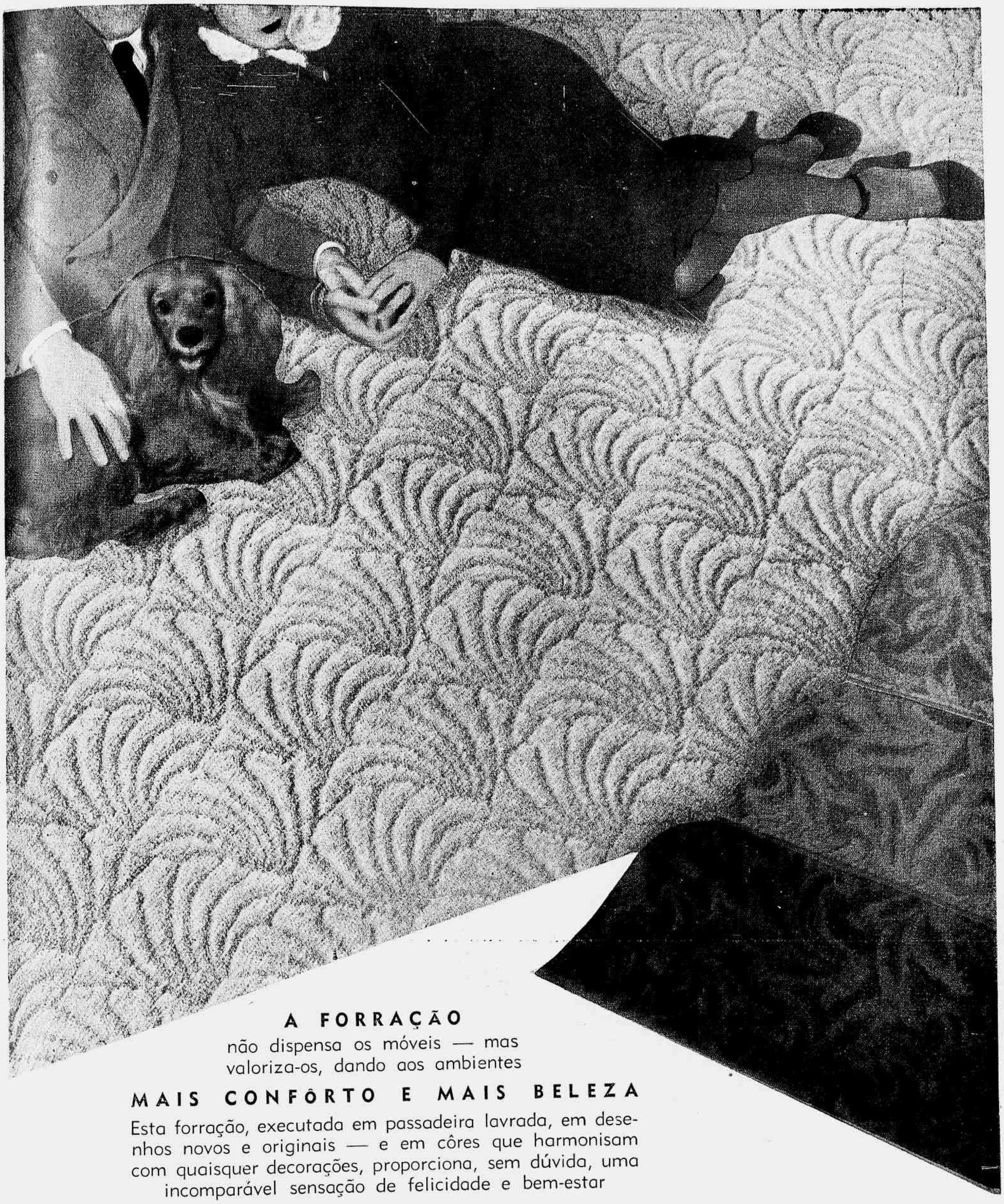
RADIALISTA NO PAL[illegible]

O "Teatro da Carochinha" [illegible] ser estreado no próximo dia 26, no [illegible]stico, revela mais um esfôrço do pessoal [illegible] rádio. Assim é que, reunidos em tôr[illegible] de um ideal, Sadi Cabral, Graziela Ra[illegible] e vários outros se propõem fazer [illegible] para a criançada, encenando, inicial[illegible] "O sítio do pica-pau amarelo", co[illegible] história de Monteiro Lobato. Ness[illegible] será dado ao público apreciar o [illegible] de Graziela Ramalho, vivendo a [illegible] Anastácia, tipo em que a conhecid[illegible] da P.R.E-3 se especializou. A [illegible] está fadada a sucesso, merece[illegible] apoio de todos, uma vez que nos fal[illegible] espetáculos apropriados para as cria[illegible]

DEPOIMENTO

Sérgio D. T. Macedo é uma [illegible] mais completas personalidades int[illegible] de quantas emprestam o seu conc[illegible] nosso rádio. Professor em diferent[illegible] mentos de ensino secundário [illegible] cátedras de História e Sociol[illegible] lista militante, autor de uma [illegible] livros recebidos com geral agra[illegible] produtor exclusivo da P.R.E[illegible] competência para opinar sôbr[illegible] dizem ter os intelectuais pelo [illegible] Sérgio: "Há quem diga que [illegible] tem medo do "broadcasting" [illegible] medo é pura e simplesmente [illegible] lhar. Não acredito. Nenhum [illegible] dadeiramente escritor poderá fa[illegible] dio, porque o verdadeiro escrit[illegible] que tem estilo simples, leve, [illegible] cil, espontâneo. E quem tem [illegible] assim, tem, **ipso facto,** aquilo qu[illegible] se chama de "estilo radiofônico" [illegible] caracteriza justamente pela leve[illegible]

Zé e Zilda, exclusivos das "associadas", estão afiados para o Carnaval. A popular dupla tem gravado um número que promete abafar



A FORRAÇÃO
não dispensa os móveis — mas
valoriza-os, dando aos ambientes
MAIS CONFÔRTO E MAIS BELEZA

Esta forração, executada em passadeira lavrada, em desenhos novos e originais — e em côres que harmonisam com quaisquer decorações, proporciona, sem dúvida, uma incomparável sensação de felicidade e bem-estar

Mobiliários e Decorações

orçamentos e sugestões por decoradores especializados

UM MUNDO DE TAPETES

persas, indianos, francêses, inglêses, portuguêses e nacionais... a preços do outro mundo!

FUNDADA EM 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Satisfação para quem fuma

-orgulho para quem oferece

É um cigarro para homens... e um cigarro que as senhoras aceitam sempre com satisfação. Mistura das mais felizes, HOLLYWOOD é um distintivo de bom gôsto e paladar apurado.

CIGARROS **Hollywood**

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS *Souza Cruz*